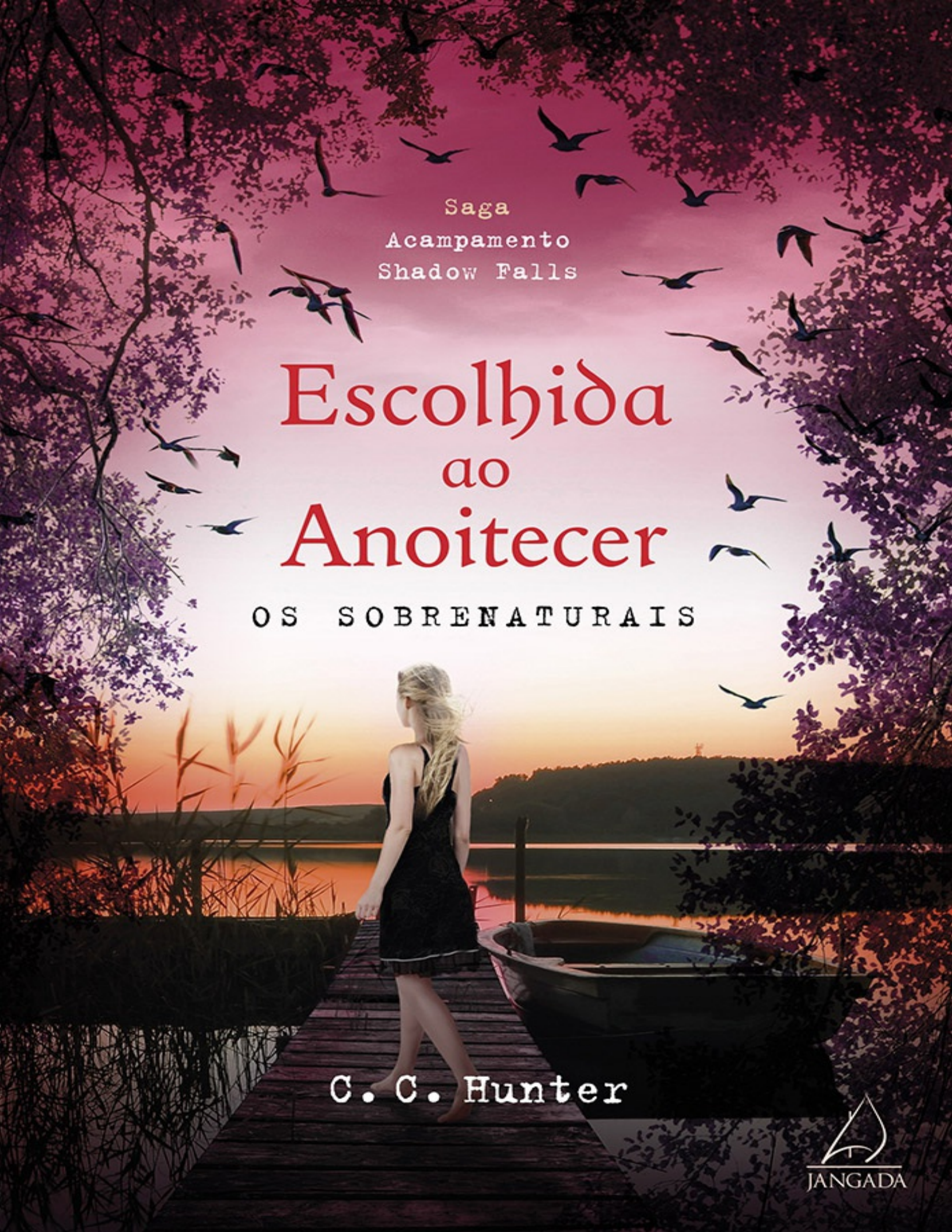




Saga
Acampamento
Shadow Falls

Escolhida ao Anoitecer

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter


JANGADA



ESCOLHIDA AO ANOITECER

C. C. Hunter

ESCOLHIDA AO
ANOITECER
OS SOBRENATURAIS

Tradução:
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: *Chosen at Nightfall*.

Copyright © 2013 Christie Craig.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y.10010.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Estela A. Minas

Editoração eletrônica: Fama Editora

Revisão: Maria Aparecida A. Salmeron e Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H922e

1. ed.

Hunter, C.C.

Escolhida ao anoitecer : os sobrenaturais / C.C. Hunter ; tradução Denise de C. Rocha Delela. — 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2013.

Tradução de: Chosen at Nightfall

ISBN 978-85-64850-54-5

1. ficção norte-americana. I. Delela, Denise de C. Rocha. II. Título.

1ª Edição digital: 2013
eISBN: 978-85-64850-58-3

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORIA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para Val Sturman.

Quando conheci você, a minha vida ficou um pouquinho mais brilhante. Você abriu caminho pela minha vida com passos de dança, um sorriso, uma obsessão por contar histórias e uma palavra carinhosa para qualquer pessoa disposta a ouvir.

Sinto-me honrada e abençoada por chamá-la de amiga.

Sentirei saudades.

Agradecimentos

A Rose Hilliard, minha editora, que me catapultou para o gênero jovens adultos e me ajudou a realizar este fantástico e inacreditável sonho editorial. Você é demais! A minha agente, Kim Lionetti, que me ajudou a enfrentar os altos e baixos da minha carreira e as suas loucas reviravoltas. Foi uma jornada de tirar o fôlego e não vejo a hora de saber aonde ela vai nos levar a seguir. Ao meu marido, Steve Craig, que começou tudo ao dizer: “Se você quer ser escritora, então seja!”. E obrigada por me ajudar a seguir em frente, cozinhando e cuidando da roupa suja. Aliás, amor, os sutiãs não podem ir para a máquina de secar. A Kathleen Adey e Shawna Perigo, por me ajudarem em todas as coisas relacionadas ao ofício de escrever. Vocês duas me fizeram parecer ótima, obrigada. Aos meus fãs: aqueles e-mails que vocês mandaram, os comentários no Facebook e as coisas que postaram no Twitter contribuíram para dar mais alegria a esta alma de escritora. Vocês me mantiveram inspirada. Um enorme obrigada a todos os pais por pagarem pelos livros, de modo que seus filhos adolescentes pudessem mergulhar de cabeça no meu mundo ficcional, e especialmente às mães e aos pais que os levaram aos lançamentos e fizeram questão de me contar quanto os filhos adoram Shadow Falls. Para todos os adultos que confessaram “Eu não sou adolescente, mas adoro a sua série”. E, por fim, mas não menos importante, àqueles escritores pelo mundo afora, com sua incansável determinação para encontrar um lugar ao sol no mundo editorial: com milhares de rejeições nas costas, acreditem quando digo: nunca, nunca desistam do seu sonho.

Sumário

<u>Capa</u>	
<u>Folha de Rosto</u>	
<u>Créditos</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>Agradecimentos</u>	
<u>Capítulo Um</u>	
<u>Capítulo Dois</u>	
<u>Capítulo Três</u>	
<u>Capítulo Quatro</u>	
<u>Capítulo Cinco</u>	
<u>Capítulo Seis</u>	
<u>Capítulo Sete</u>	
<u>Capítulo Oito</u>	
<u>Capítulo Nove</u>	
<u>Capítulo Dez</u>	
<u>Capítulo Onze</u>	
<u>Capítulo Doze</u>	
<u>Capítulo Treze</u>	
<u>Capítulo Quatorze</u>	
<u>Capítulo Quinze</u>	
<u>Capítulo Dezesseis</u>	
<u>Capítulo Dezesete</u>	
<u>Capítulo Dezoito</u>	
<u>Capítulo Dezenove</u>	
<u>Capítulo Vinte</u>	
<u>Capítulo Vinte e Um</u>	
<u>Capítulo Vinte e Dois</u>	
<u>Capítulo Vinte e Três</u>	
<u>Capítulo Vinte e Quatro</u>	
<u>Capítulo Vinte e Cinco</u>	
<u>Capítulo Vinte e Seis</u>	
<u>Capítulo Vinte e Sete</u>	
<u>Capítulo Vinte e Oito</u>	

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

Capítulo Um

Kylie Galen desviou os olhos da sua fatia de pizza de pepperoni sobre o prato de porcelana e tentou ignorar o fantasma que brandia a espada sangrenta bem atrás do seu avô e da sua tia-avó. Os membros recém-descobertos da sua família até que eram... gente boa, mas um pouco certinhos demais. E gente certinha provavelmente não apreciaria um fantasma indesejado manchando de sangue as paredes da sala de jantar.

O espírito, uma mulher de cabelos escuros e soltos, com trinta e poucos anos, conteve o movimento da espada e olhou diretamente para Kylie. *Ou você mata ou matam você. É simples assim.* As palavras reverberaram na cabeça de Kylie. Elas tinham sido transmitidas telepaticamente e, considerando o tópico discutido, essa provavelmente era a melhor opção.

— *Não é tão simples assim* — Kylie contra-atacou. — *Estou tentando comer, então você se incomodaria de ir embora?*

— *Que indelicadeza!* — exclamou o fantasma. — *Você deveria ajudar os espíritos. Precisa ser fiel às suas próprias regras.*

Kylie torceu o guardanapo de pano em seu colo. Será que existe alguma coisa nos manuais que obrigue alguém que se comunica com fantasmas a ser educado com espíritos detestáveis?

Ah, espere aí, ela não tinha uma droga de manual nem instruções a seguir. Estava improvisando. Improvisando em tudo, na verdade: na comunicação com fantasmas, no fato de ser sobrenatural e de ser a namorada de alguém.

Ex-namorada de alguém!

Ultimamente, ela sentia que estava improvisando toda a sua droga de vida, e fazendo uma confusão danada, também. Como sua decisão de deixar Shadow Falls, o acampamento recentemente transformado em escola para adolescentes paranormais. Na época ela sentiu que era a coisa certa a fazer.

Na época.

Ela estava ali, na morada dos camaleões, havia menos de duas semanas e não tinha mais tanta certeza.

É verdade que tivera uma boa razão para vir — descobrir mais sobre sua herança paranormal. Ter a chance de conhecer o avô, Malcolm Summers, e a tia-avó, Francyne.

Meses depois de saber que não era totalmente humana, ela finalmente descobriu que era um camaleão, uma espécie rara que foi obrigada a se esconder depois que uma unidade do governo paranormal, a Unidade de Pesquisa de Fallen, ou UPF, tinha usado alguns dos seus membros como cobaias para tentar explicar suas habilidades. A própria avó de Kylie tinha morrido por causa desses experimentos. E agora o mesmo ramo da UPF queria fazer testes com Kylie. Dava para acreditar que

isso estava acontecendo?!

Mas a maior motivação de Kylie para deixar Shadow Falls não tinha nada a ver com a UPF ou com a descoberta da sua herança familiar. Tinha tudo a ver com a sua fuga.

Fuga de Lucas, o lobisomem por quem era apaixonada. O lobisomem que tinha prometido a própria alma a uma garota da própria espécie e esperava que Kylie acreditasse que aquela promessa não significava nada para ele. Como Lucas podia ter feito uma coisa daquelas? Como podia ter beijado Kylie com tanta paixão ao longo de todo o mês anterior e, no entanto, ter-se encontrado com aquela garota toda vez que ia para a casa do pai? Como Kylie podia ficar em Shadow Falls e continuar olhando na cara dele?

O problema era que ela até podia ter conseguido fugir de Lucas, mas não da própria desilusão. E agora não estava sofrendo apenas por causa de um certo lobisomem; estava sofrendo porque... cada célula do seu corpo sentia falta de Shadow Falls. Tudo bem, talvez não tanto de Shadow Falls, mas das pessoas de lá. Os amigos que tinham se tornado sua família: Holiday, a *fae* líder do acampamento, que era como uma irmã mais velha. Burnett, o vampiro austero, outro líder do acampamento que era ao mesmo tempo um amigo e uma espécie de pai para ela. Suas duas colegas de alojamento, Della e Miranda, que se sentiram abandonadas quando Kylie partiu. E Derek, que tinha declarado seu amor, mesmo sabendo que ela amava Lucas.

Ah, Deus, ela sentia tanta falta de todo mundo! E o mais irônico era que estava só a alguns quilômetros de Shadow Falls, entocada numa região isolada e montanhosa e que poderia muito bem estar do outro lado do mundo.

Claro que ela falava com Holiday todo dia. A princípio o avô tinha recusado esse direito a ela, mas a tia havia insistido para que ele fosse mais razoável. O avô tinha voltado atrás, mas só se ela usasse um certo aparelho telefônico e fosse muito breve, para que os telefonemas não fossem rastreados. E de maneira nenhuma Kylie poderia contar onde estava.

Como o acampamento era filiado à UPF, o avô não confiava em ninguém em Shadow Falls. E essa desconfiança só contribuía para aumentar o seu sentimento de isolamento com relação a todos que amava. Até com relação à mãe, que telefonara para avisar que viajaria para a Inglaterra com John, o seu novo namorado, com quem Kylie não simpatizava nem um pouco. Evidentemente, o avô permitia que ela retornasse a ligação da mãe toda vez que ela ligava. Por isso elas tinham se falado duas vezes. Mas só duas vezes.

As lágrimas provocaram um aperto na garganta de Kylie, mas ela se recusou a chorar. Tinha que ser forte. Já estava bem crescidinha e precisava agir como a adulta que era.

— A pizza está boa? — a tia-avó perguntou.

— Sim, está ótima. — Kylie viu os dois parentes idosos cortarem a pizza de pepperoni como se fosse um bife. Ela sabia que eles tinham servido a pizza apenas por causa dela, pois perguntaram quais eram seus pratos preferidos depois de ver que ela mal tocara em suas refeições nos últimos dias. Sentindo-se obrigada tanto a comer quanto a demonstrar boas maneiras assim como eles, ela se forçou a morder um pedaço de pizza e mastigá-lo.

Ela não era um vampiro agora, portanto devia estar apreciando a comida. Mas não estava.

Nada parecia ter gosto.

Nada parecia certo.

Não parecia certo comer pizza com garfo e faca, num prato de porcelana tão fina que parecia rara e antiga o bastante para estar num museu. Nem se sentar nessa luxuosa mesa de jantar posta com toda a pompa. E, especialmente, não parecia certo ver um espírito se aproximando do avô, segurando uma espada sobre a cabeça dele.

Kylie olhou para o espírito.

— *Ou você me diz exatamente do que você precisa, sem que isso envolva assassinato, ou é melhor ir embora.*

Uma gota de sangue caiu na testa do avô. Não que ele pudesse ver ou sentir. Mas Kylie podia. O espírito fazia aquele showzinho só para chamar a atenção de Kylie.

E estava funcionando.

— *Pare! Vá embora.* — Kylie lançou um olhar de advertência para o espírito.

— *Você está com um péssimo humor, sabia?* — disse o fantasma.

Sim, ela estava, Kylie admitiu para si mesma. A decepção fazia isso com as pessoas. Tirava toda a alegria de viver. Ou talvez o que mais tirasse essa alegria fosse a falta que todo mundo fazia. Não que o tempo passado ali com o avô não tivesse sido proveitoso. Ela descobrira muito sobre si mesma e sobre os camaleões naqueles treze dias.

Os camaleões só tinham aparecido havia algumas centenas de anos. Embora eles se considerassem uma espécie, na verdade eram uma mistura de todos os paranormais — indivíduos dotados do DNA e dos poderes de todas as espécies.

O problema era que aprender a controlar esses poderes era difícilíssimo. A maioria dos camaleões só conseguia essa proeza com vinte e poucos anos. Não que houvesse muitos jovens camaleões tentando fazer isso. Os camaleões eram raros. Segundo o avô, existia uma centena de comunidades como aquela ao redor do mundo, mas no total havia menos de dez mil membros da sua espécie. E a cada dez casais de camaleões, só um era capaz de gerar uma criança. Por isso a população era tão pequena.

Kylie não podia deixar de perguntar se um dia conseguiria ter filhos. Mas, que droga! Ela só tinha 16 anos, era muito jovem para começar a se preocupar com a possibilidade de não ser fértil.

— Como foram as aulas hoje? — perguntou o avô.

Kylie concentrou a atenção no homem. Aos setenta e poucos anos, seu cabelo ainda era loiro avermelhado, com apenas alguns fios brancos. Seus olhos, de um azul brilhante, eram da mesma cor dos olhos dela e dos do pai.

Outra gota de sangue caiu na bochecha dele. Kylie rosnou para o fantasma risonho, que cortou o ar com a espada, parando a apenas um centímetro da cabeça do ancião.

— *Eu disse pra parar!* — exclamou Kylie, apertando os olhos.

— Não foi tudo bem? — o avô perguntou, obviamente lendo a expressão facial da neta.

— Não, foi tudo bem, sim. Eu já sou... já fui capaz de mudar meu padrão de lobisomem para *fae*.

Todos os sobrenaturais tinham padrões que podiam ser vistos pelos outros. Os camaleões tinham o seu próprio padrão, que eles escondiam. E, ao contrário de qualquer outro sobrenatural, podiam assumir o padrão de qualquer espécie e adquirir seus poderes ao se transformar.

O problema era que, assim como seus outros poderes, esse não era fácil de controlar. As aulas ali não incluíam inglês, matemática e ciências, mas o treinamento de como controlar seus poderes e esconder seu verdadeiro padrão de todo mundo.

— Isso é ótimo. Então por que a cara feia? — o avô perguntou.

— É que... — *Eu estou muito infeliz aqui. Quero voltar para Shadow Falls.* As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não conseguiu dizê-las. Não diria enquanto não tivesse certeza de que conseguiria voltar. Enquanto não soubesse como conseguiria sobreviver ao olhar para Lucas.

— Eu não estava fazendo cara feia para o senhor. É que...

— Kylie tem companhia — disse Francyne. A tia não podia se comunicar com fantasmas. Ela dizia que não conseguia vê-los ou ouvi-los, mas podia sentir a presença deles sem dificuldade.

O fantasma segurava a espada em riste, apontando-a para o teto como se fosse fazer uma grande declaração.

— *Você em breve terá mais companhia.*

Kylie não sabia o que aquilo significava, mas agora ela não encarava o fantasma, mas o avô, que a fitava confuso.

— Companhia? — O avô olhou para a tia. — Ah! — Ele ficou tenso. Então arregalou os olhos. — É a minha mulher ou o meu filho, Daniel?

— Não. — Kylie gostaria que fosse Daniel, seu pai, que morrera antes de ela nascer. Ela bem que precisava de um pouco de consolo e seu pai era realmente bom nisso. No entanto, ele já esgotara o seu tempo na Terra.

— Nenhum deles. É... outra pessoa — respondeu Kylie.

Alguém que ainda tinha que explicar o que queria ou precisava. Bem, a não ser pelo fato de que ela já tinha dito que precisava de Kylie para matar alguém. O que o espírito pensava que ela era? Uma assassina de aluguel?

O espírito se curvou para chegar mais perto da orelha do avô de Kylie.

— *É uma pena que não possa me ver. Você é uma graça.* — Ela lambeu o sangue da bochecha dele. Bem devagar. E olhou para Kylie enquanto fazia isso.

Kylie derrubou o garfo.

— Pare de lambe meu avô, agora mesmo!

O espírito voltou a pôr a língua dentro da boca e olhou para Kylie.

— *Pare de lutar contra o seu destino. Aceite o que tem que fazer. Deixe-me lhe ensinar como deve matá-lo.*

— Matar quem? — Kylie deixou escapar, mas em seguida se encolheu ao perceber que estava falando alto.

— Lamber? Matar? O quê? — o avô perguntou.

— Nada — insistiu Kylie. — Eu estava falando...

— Ela estava falando com o espírito, eu presumo — completou a tia, com as sobrancelhas franzidas, demonstrando preocupação.

— Falando sobre matar alguém? — o avô perguntou, olhando diretamente para Kylie.

Quando a neta não respondeu, Malcolm olhou em volta da sala como se estivesse nervoso. Sua expressão de medo lembrava muito a dos outros sobrenaturais de Shadow Falls.

Foi nesse momento que um pensamento lhe ocorreu. Kylie tinha vindo por achar que iria se adaptar e, no entanto, mesmo vivendo num complexo de cinquenta acres do Texas com 25 outros camaleões, ainda não conseguira se entrosar. E não era só porque falava com fantasmas, mas porque era muito mais madura do que os outros quatro adolescentes que moravam ali. E eles também não pareciam muito entusiasmados diante de uma novata muito mais precoce do que eles.

Os anciãos do grupo — que incluíam seu avô, sua tia-avó e mais quatro outros — achavam que o desenvolvimento precoce de Kylie devia-se ao fato de ela também ser uma protetora, uma sobrenatural com poderes extraordinários. Embora isso parecesse o máximo, Kylie não concordava com aquela descrição por várias razões.

No topo da lista estava o fato de ela só poder usar esses poderes para proteger os outros, nunca a si mesma, o que para Kylie não fazia o menor sentido. Se ela tinha a incumbência de proteger os outros, não era importante que se mantivesse viva? Quem, afinal, tinha inventado aquela regra?

Kylie soltou um suspiro que, ao escapar dos lábios, denunciou sua tristeza. Será que era sua sina ser uma eterna desgarrada?

O avô se curvou para a frente e apoiou o garfo e a faca de prata sobre o caro prato de porcelana.

— Kylie, eu detesto me intrometer nos seus... assuntos espirituais, mas por que um espírito estaria conversando com você sobre matar alguém?

Kylie mordeu o lábio e tentou encontrar uma maneira de explicar sem assustá-los demais. Especialmente porque aquilo também a deixava apavorada. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas foi salva por uma campainha. Uma campainha muito alta, mais parecida com uma sirene. As luzes do lustre sobre a mesa começaram a piscar.

O avô, mais carrancudo ainda, tirou o celular do bolso da camisa imaculadamente branca e bem passada, apertou um botão e colocou-o junto à orelha.

— O que é? — Ele fez uma pausa. — Quem? — perguntou com rispidez, desviando os olhos para Kylie. — Já estou indo!

Ele desligou o telefone e se levantou da cadeira, depois olhou para a cunhada.

— Você e Kylie, sumam daqui. Escondam-se no celeiro. Volto logo.

Quando disse “sumam”, Kylie presumiu que ele estivesse se referindo a ficar invisível, outra coisa que os camaleões faziam. Desvanecer-se no ar.

— O que está acontecendo? — Kylie perguntou, lembrando-se de que o fantasma a advertira de que logo ela teria companhia.

— Temos intrusos. — O tom prático e severo do avô se aprofundou ainda mais e ficou mais sério.

— Intrusos? — Kylie perguntou.

Os olhos dele se estreitaram.

— É a UPF! Agora sumam!

A tia contornou a mesa e pegou a mão de Kylie. Então a mulher se desvaneceu no ar e, numa fração de segundo, Kylie olhou para baixo e viu que suas pernas tinham desaparecido.

Capítulo Dois

Três minutos depois, Kylie tinha sido levada ao celeiro pela tia. Ou pelo menos era o que ela supunha. Porque todo mundo estava invisível.

Respirando o cheiro terroso da forragem estocada ali, Kylie aprendeu mais uma coisa sobre seus poderes. Os camaleões eram capazes de fazer outras pessoas desaparecerem. Ou pelo menos era o que parecia, porque ela não tinha desejado desaparecer e pelo visto o toque da tia tinha dado conta de todo o trabalho.

— Estamos todos aqui? — A voz da tia cortou o estranho silêncio, impregnado de tensão. Kylie percorreu com os olhos o celeiro vazio. Não havia ali uma única alma que ela pudesse ver. Claro, ela tampouco podia ver a si mesma.

Ao prestar atenção, ouviu o som leve de pés se arrastando no chão.

— Vamos fazer a contagem — a voz da tia ecoou novamente. — Um! — começou a tia.

— Dois! — outra voz acrescentou.

A contagem foi até 24, mas eles tinham feito várias pausas e pulado vários números, antes de passar para o próximo. Kylie reconheceu a maior parte das vozes. Especialmente os outros quatro camaleões adolescentes, além de Suzie, de 6 anos de idade, e seus pais, que eram os professores dos grupos. Os números que faltavam, obviamente, eram do seu avô e dos outros quatro anciãos.

— E eu estou com Kylie — disse a tia. — Kylie, o seu número é 25. Lembre-se dele e, sempre que precisarmos desaparecer, você deve dizê-lo para sabermos que está presente.

Ela balançou a cabeça, mas, ao se lembrar de que não podiam vê-la, disse:

— Tudo bem. — Sua mente estava a mil por hora, pensando em tudo o que estava acontecendo, desde ser o número 25 até estar invisível e, sobretudo, no que a UPF queria ali. Eles tinham vindo por causa dela? Então seus pensamentos em torvelinho se detiveram num assunto.

Seu avô. Ela estava preocupada com a segurança dele e com a possibilidade de que a UPF fizesse algo contra ele e os outros anciãos. Será que ele estava bem? Ela deveria encontrá-lo caso ele precisasse de... proteção?

— Talvez devêssemos nos juntar aos outros — disse ela, sentindo o sangue começar a borbulhar, como sempre acontecia quando ela temia que alguém estivesse em perigo.

— Não! — disse a tia numa tom de voz que deixou pouca dúvida de que ela estava no comando ali. — Vamos esperar aqui. Esse era o plano e nós nunca nos desviamos de um plano.

Kylie sentiu algo na voz da tia. Nervosismo, preocupação. O sangue de Kylie, correndo nas veias, ficou ainda mais quente.

— A UPF já veio aqui antes? Será que eles sabem que podemos desaparecer? — perguntou Kylie.

— Só se você contou a eles — disse Brandon com rispidez.

Brandon, o adolescente que não gostava dela. Ah, ele tinha gostado muito no começo, mas quando Kylie disse ao garoto de 17 anos para não perder tempo andando atrás dela, ele obviamente se sentiu ofendido. Desde então só o que fazia era esnobá-la. E sempre que Kylie conseguia fazer algo que os professores ensinavam, como alterar seus padrões e coisa assim, ele parecia pessoalmente insultado com o sucesso dela. Mas aquilo não era uma competição. Ela só queria aprender tudo o que podia e então... voltar para Shadow Falls.

Voltar para casa. O pensamento ficou pairando dentro dela, num lugar muito perto do coração.

— Eu não contei nada a eles! — defendeu-se Kylie.

— Agora não é hora de briga — repreendeu a tia.

— Foi ela que trouxe a UPF até aqui! — acusou Brandon. — Eles nunca estiveram aqui antes. E só Deus sabe o que vão fazer com a gente se nos encontrarem.

— Calado! — exigiu tia Francyne.

Mas, no silêncio que se seguiu, Kylie intuiu o que se passava pela cabeça dos outros. Eles concordavam com Brandon. Por causa dela, a UPF tinha descoberto a morada dos camaleões.

A culpa invadiu o peito de Kylie. Ela nunca pensara que sua vinda pudesse colocar alguém em perigo. No entanto, tinha acontecido exatamente isso, não é?

O sangue borbulhou mais rápido; a ideia de que o avô pudesse ser ferido por culpa dela fez seu coração acelerar.

Kylie tentou liberar a mão do aperto da tia.

— Não! — disse ela. — Se você largar a minha mão, vai ficar visível.

— Eu preciso ter certeza de que eles estão bem. E... posso me tornar invisível por mim mesma.

— Isso é impossível! — Brandon contestou. — Só aprendemos a ficar invisíveis depois dos 20 anos. Todo mundo sabe disso.

Kylie revirou os olhos. Ela estava cansada da inveja mesquinha do garoto.

Soaram passos. Números foram chamados. Ela reconheceu a voz do avô, assim como a dos outros anciãos.

— Eles vão procurar aqui! — disse o avô. — Adultos, não larguem as mãos dos seus filhos. Sigam para o extremo sul da propriedade.

Os sons de pessoas dirigindo-se para a porta ecoou no que, para Kylie, parecia um celeiro vazio.

Kylie sentiu o aperto da tia em seu pulso, incentivando-a a andar, mas então o avô voltou a falar.

— Todo mundo menos Francyne e Kylie. Vocês duas desçam pela orla da floresta, na parte dos fundos da propriedade.

Kylie se perguntou por que ela e a tia Francyne estavam sendo separadas dos outros.

— Por quê? — perguntou Kylie, depois de ouvir os últimos passos se afastando, embora achasse muito estranho falar se ninguém podia vê-la.

— Quando estamos numa situação de emergência, nunca fazemos perguntas.

A voz da tia ecoou no vazio do celeiro. Então, ainda segurando a mão de Kylie, a tia começou a andar e, com passos cuidadosos, guiou Kylie para fora do celeiro.

Ela acompanhou os passos da tia, mas não conseguiu permanecer em silêncio.

— O que está acontecendo? Por que eu tenho que ser levada para um lugar diferente? — Kylie perguntou, quando atravessavam a porta do celeiro. A luz vespertina fez suas pupilas se contraírem.

— Obviamente, é você que eles procuram — o avô respondeu, a voz soando bem perto, embora ele ainda estivesse invisível.

— Mas eu sou uma protetora — Kylie insistiu. — Se alguém precisar de ajuda, eu tenho que estar por perto.

— Eu posso sentir você, droga! Onde você está? — Uma voz familiar, que não era da tia nem do avô, soou atrás de Kylie.

Ela conteve a respiração e olhou por cima do ombro. A uns quinze metros de distância, de pé na grama alta, estava alguém com quem ela se preocupava.

— Derek! — ela gritou. Então se lembrou de que ninguém, além de outro camaleão invisível, podia ouvi-la quando ela estava invisível.

— Nós temos que ir. — A tia deu um puxão na mão de Kylie, mas ela não cedeu. Sem sair do lugar, Kylie se deliciou com a visão de Derek, tão carente que estava de qualquer coisa que estivesse ligada à sua vida em Shadow Falls.

O cabelo castanho-claro do garoto, caído na testa, agitou-se com o vento, dando-lhe um ar despreocupado, mas seus olhos verdes demonstravam preocupação. O que ele estava fazendo ali?

— Onde está você, Kylie? — ele perguntou, a brisa fazendo suas palavras ecoarem a distância.

Ela se lembrou do que o avô tinha dito sobre quem estava ali. Mas não era a UPF.

— Vá para o riacho! — mandou o avô. — Você não devia ter contado a eles onde estava.

A acusação e o tom do avô colocaram Kylie na defensiva. Embora ela não pudesse vê-lo, podia imaginar sua expressão severa e intransigente.

Ela se virou para o ponto de onde vinha a voz.

— Eu não contei! E, não, eu não vou para o riacho! Você mentiu! Não é a UPF! — O sentimento de traição bateu forte.

— Quando eu disse que era a UPF, eu estava repetindo o que disseram as sentinelas. Mas ainda assim, não é mentira. Esses dois trabalham para a UPF.

Esses dois? Quem mais estava ali? Ela ouviu passos vindos da casa. Seu primeiro pensamento foi que poderia ser Lucas. Seu coração deu um salto diante da possibilidade de vê-lo. A dor da deslealdade dele pesava em seu coração e ainda tinha um gosto amargo. No entanto, quando os passos se aproximaram, ela se virou para trás, sem conseguir se conter.

Olhando para trás, viu Burnett, um dos líderes do acampamento. Não era Lucas. A decepção bateu forte em seu peito, mas ela se recusou a crer que era porque Lucas não estava ali. Ela não queria que ele viesse. Não queria vê-lo, não agora, e talvez nunca. Mesmo enquanto esse pensamento atravessava sua mente, ela sentiu o coração disparar com a mentira.

Mas Kylie sabia que pelo menos algumas das suas decepções estavam relacionadas a Burnett. Ela não tinha se despedido dele, porque sabia que ele tentaria impedi-la de ir embora. Agora ela queria ir ao encontro dele e abraçá-lo. Desculpar-se por lhe negar a cortesia de uma simples despedida.

— Kylie — a tia falou de novo, dando um puxão leve em sua mão. — Seu avô sabe o que é melhor. Ouça-o. Temos de ir.

Kylie respirou fundo e tentou não deixar que suas emoções a controlassem. Mas parecia tarde demais. Sua cabeça girava enquanto muitos sentimentos se agitavam dentro dela. Solidão, tristeza e raiva por ter sido enganada.

— Ele sabe o que é melhor para ele, mas talvez não saiba o que é bom para mim.

— Você precisa confiar no seu avô — disse a tia, seu aperto no pulso de Kylie ficando mais forte. — Venha, por favor. Nós só queremos protegê-la.

— Eu não preciso que me protejam de Burnett ou Derek — ela falou calmamente. — E parece que meu avô precisa confiar em mim, também. Eu não contei a ninguém onde estava. Dei a vocês a minha palavra e a cumpri. — Ela ouviu o tom ressentido da própria voz.

— Isso não importa agora — disse o avô, mas Kylie discordou. Antes que ela pudesse expressar o que sentia, ele continuou: — O importante é que eles vão tentar forçá-la a voltar. Se sairmos daqui agora, vamos evitar um confronto.

— Ela está aqui em algum lugar — Derek disse para Burnett. — Eu posso senti-la. Sério, ela está aqui em algum lugar.

Kylie se concentrou onde supunha que o avô estivesse.

— Ninguém vai me forçar a fazer algo que não quero. Nem eles... nem o senhor — ela acrescentou. — Meu plano o tempo todo era voltar a Shadow Falls. Eu lhe disse isso desde o início.

— Um plano com o qual eu não disse que concordava. — A voz do avô ficou ligeiramente mais alta.

Kylie, atraída pelo som de passos, olhou por cima do ombro novamente. Ela observou enquanto Burnett se aproximava. Orgulhoso, forte, obstinado. De muitas maneiras, ele lembrava o avô. Inspirando, voltou a olhar para onde tinha ouvido a voz do avô antes.

— Eu vim aqui de livre e espontânea vontade e, quando eu quiser ir embora, ninguém vai me impedir!

— Você é teimosa demais para seu próprio bem. — A voz do avô soou do vazio.

— E eu receio que tenha herdado isso do meu avô! — Kylie vociferou, voltando a olhar para Derek e Burnett.

— Venha comigo, Kylie — a tia pediu, segurando firme a mão da garota.

— Não! — Kylie repetiu, e viu quando Burnett se aproximou, parando ao lado de Derek, só a alguns metros de Kylie. Ela queria correr até ele e atirar-se em seus braços.

— A pizza na casa principal ainda estava quente — disse Burnett. — Você tem certeza de que ela está aqui?

— Tenho — respondeu Derek. — E ela está chateada com algo, também.

Derek não podia vê-la nem ouvi-la, mas ainda era capaz de senti-la, Kylie pensou. Aquilo não era estranho?

A tia começou a acariciar a mão de Kylie, como se o toque suave fosse convencê-la. Mas Kylie não estava disposta a deixar que a convencessem de nada.

— Por favor, deixe-me ir — ela disse à tia. Mas esta segurou.

— Ela está em perigo? — Burnett rosnou.

Derek fechou os olhos como se estivesse tentando tocar suas emoções internamente. Quando os abriu, olhou para Burnett.

— Eu acho que não — Derek respondeu. — Ela está frustrada e eu sinto... solidão. E... ela está sentindo... alguma coisa... algo como se estivesse dividida, sem saber a quem ser leal.

Lágrimas brotaram dos olhos de Kylie. Derek sempre acertava quando lia suas emoções. Ela sabia que o avô e a tia se preocupavam com ela, sabia que só queriam o melhor para ela, mas como podia continuar invisível para Burnett e Derek? E por que sentia que seria desleal ao avô se deixasse que a vissem?

Ela tinha tentado jogar pelas regras deles, isso ninguém podia negar. Mas agora já bastava. Burnett olhou em volta e Kylie podia jurar que ele havia olhado diretamente para ela.

— Há outros aqui?

— Não sei ao certo — disse Derek. — Eu só posso sentir Kylie porque... — Ele não terminou a frase, mas ela sabia a resposta. Ele podia senti-la tão bem porque a amava.

Burnett ficou mais ereto.

— Senhor Summers, eu preciso falar com o senhor. Agora!

— Como sabe que ele está aqui? — perguntou Derek.

— Se Kylie está aqui, ele está por perto. — Burnett olhava para os lados. — Mostre-se!

Kylie ouviu o avô ficar ao seu lado.

— Você pertence a nós, filha. Basta deixá-los ir embora — disse o avô.

Seu ombro invisível roçou no dela. Mesmo que ela estivesse zangada com ele, o toque e o tom de sua voz a fizeram se lembrar de Daniel. Os laços que ligavam um ao outro não podiam ser negados.

— Não posso — disse Kylie.

— Deixe-os ir embora e depois falamos sobre isso de maneira racional — o avô sugeriu, e ela podia ouvir em sua voz que ele tentava moderar o temperamento.

— Eu estou sendo racional — disse ela. A tia apertou ainda mais a mão de Kylie e ela teve que se conter para não puxá-la.

— Não, você não está — discordou o avô.

De repente, o humor de Kylie azedou. Talvez ele realmente não tivesse mentido para ela quando disse que a UPF estava ali, mas sem dúvida tinha planejado afastá-la para que ela não soubesse quem tinha chegado. Desde quando ele achava que podia decidir quem ela podia ou não podia ver?

A resposta veio tão rápido quanto a pergunta que brotou em sua mente. *Desde que cheguei aqui.*

Ela não tinha deixado de reparar em quanto a sua ligação com o mundo exterior tinha sido limitada desde a sua chegada. Sem telefone. Sem computador. E não era só ela. O estilo de vida camaleão incentivava o isolamento.

— Não. — Ela tocou a mão da tia. — Solte-me. — Ela falou lentamente, mas num tom que deixava claro que ela estava falando sério.

— Faça o que ela pede — disse o avô, derrotado.

Num piscar de olhos sua imagem começou a aparecer diante de seus olhos. Não era como um fantasma se materializando. De alguma forma era diferente. Como se o ar se partisse e ela fosse puxada de volta para o mundo.

A tia soltou o pulso de Kylie e ela sentiu um leve formigamento nos pés. Então olhou para baixo e viu seus pés e pernas tornando-se visíveis.

— Uau! — exclamou Derek.

Erguendo o rosto, Kylie viu-o olhando para ela e lutou contra o impulso de se lançar em seus braços. Olhando Burnett, ela viu a surpresa transparecendo em seus olhos.

Seu olhar encontrou brevemente o dela; em seguida, ele concentrou a atenção no avô, que estava parado protetoramente ao seu lado.

— Por que veio aqui? — perguntou o avô, o tom sombrio e ameaçador. Imediatamente, ela soube que a postura severa dele era para protegê-la.

— A vida de Kylie está em perigo e, se eu consegui encontrá-los, o pilantra que está atrás dela também conseguirá.

— Não é esse tal pilantra que eu mais temo — disse o avô, deixando pouca dúvida de que ele considerava a UPF, bem como Burnett, a maior ameaça.

— O senhor está deixando o passado impedi-lo de enxergar a verdade — disse Burnett. — Sim, a UPF gostaria de fazer testes em Kylie, mas alguns de nós decidiram que não vão deixar que isso aconteça. No entanto, é Mario e sua gangue assassina que está tentando pegá-la.

— Eu protegerei os meus — disse o avô, os ombros largos se enrijecendo.

— Como? Ficando invisível? O senhor não sabe que Kylie já foi mantida como refém por esse homem? E ela descobriu que Mario é um camaleão, assim como o senhor, o que significa que ele conhece esse truque de vocês. E se o conhece, isso faz com que todos vocês fiquem mais vulneráveis a ele.

— Eu sei disso — disse o avô, na defensiva.

— Então o senhor deveria estar com medo. Mario não passou os últimos cinquenta anos se escondendo como o senhor e seus amigos, viajando de cidade em cidade. Ele está matando inocentes. Ele tem poderes que vocês têm e os usa para matar pessoas. Até o próprio neto morreu pelas mãos dele na frente de Kylie, porque o garoto estava tentando defender sua neta. Se Mario sacrifica alguém do seu próprio sangue, eu acho que nada vai impedi-lo de matar sua própria espécie.

— Espere aí! — exclamou Kylie, tentando se colocar a par da situação. — Como você sabe que Mario está de volta?

Burnett olhou de relance para Kylie.

— Ele foi localizado.

— Localizado por quem? — o avô perguntou, a ironia evidente em seu tom. — Pela UPF? Como poderíamos acreditar neles?

— Eu vejo que o senhor tem suas reservas — disse Burnett, as palavras deslizando dos lábios franzidos, impregnadas do que parecia raiva. — Mas precisa entender...

— Como você se atreve a pedir que eu entenda? — O rosto do avô ficou vermelho de raiva. — O que eu entendo é que você e a sua laia mataram a minha mulher. Por causa de vocês, eu nunca conheci meu filho. O que eu entendo... — ele bateu no peito com o punho — é que agora vocês querem fazer o mesmo com a minha neta!

Kylie viu Burnett tentando manter o controle, mas ele não conseguiu esconder a raiva que brilhava em seus olhos. Ela tinha de intervir, mas como? Infelizmente, Kylie não teve tempo para pensar num plano. O avô deu um passo em direção a Burnett.

— Parem! — Kylie tentou se colocar entre os dois homens. Mas era tarde demais.

Ninguém parou.

O avô levou o punho para trás e Burnett levou um soco bem no queixo.

Embora o avô não fosse tão jovem quanto o vampiro, não lhe faltava força, e Burnett se estatelou no chão. Um som de pura fúria partiu de alguém, e Kylie presumiu que fosse de Burnett. Num segundo, o avô estava em cima do vampiro e a briga continuava.

Derek avançou, mas dois camaleões apareceram do nada e o agarraram pelos braços.

Como as coisas tinham desandado com tanta rapidez?

Capítulo Três

— Parem com isso! — Kylie sentiu que seu instinto de proteção começava a entrar em ação; a familiar sensação efervescente percorria seu corpo, mas ela não tinha ideia de onde aplicar sua força. *Dividida, sem saber a quem ser leal.* As palavras de Derek ecoaram em sua cabeça. Os camaleões eram a sua espécie. O avô era seu sangue. No entanto, Burnett e Derek eram... Eles eram sua família, também!

Sem aviso, outra figura apareceu e agarrou o avô por trás, afastando-o de Burnett com violência. O avô conseguiu ficar em pé e virou-se de frente para o recém-chegado.

Sentindo-se forçada a agir, mesmo antes de pensar no que estava fazendo, ela se aproximou, agarrou o mais novo membro da briga pela camiseta e atirou-o para bem longe do avô. A figura impotente voou cerca de dez metros no ar e caiu com estrondo no chão. Nesse momento, seus olhos azuis encontraram os dela e Kylie percebeu quem ela tinha atirado no ar.

Lucas.

Então, ele *tinha* vindo.

A lembrança do garoto beijando a noiva veio à tona em sua mente e ecoou dolorosamente em seu coração. E por um milésimo de segundo, ela desejou tê-lo atirado duas vezes mais longe.

Kylie se virou, ofegante, e seu olhar se encontrou com o de Derek, ainda se debatendo entre os dois camaleões que o seguravam.

— Larguem ele! — ela gritou para os homens. Viu que eram membros do grupo do avô, mas isso não importava. Ela não deixaria que machucassem Derek.

Suas palavras não tinham deixado completamente seus lábios, quando de repente os sujeitos que seguravam Derek se estatelaram no chão como moscas mortas. Derek olhou zangado para os seus corpos e ficou ereto, quase com um sentimento de orgulho pelo que tinha feito.

A visão dos corpos imóveis no chão provocou uma onda de pânico. O que Derek tinha feito? Ela queria que eles libertassem Derek, mas não queria... Ela então se lembrou da capacidade do *fae* para nocautear mentalmente as pessoas, mas deixando-as praticamente ilesas. Ou pelo menos era o que ela esperava.

Voltando-se para a sua direita, ela se recusou a olhar para Lucas, mas ouviu-o se levantar e pressentiu seu olhar sobre ela. E o sentiu implorando por um olhar apenas. Ele poderia implorar quanto quisesse; ela não estava disposta a ceder.

No entanto, menos de duas semanas atrás, ela teria dado seu coração a ele.

Mas quem ela queria enganar? Ela já *havia* dado seu coração a ele! Por isso estava sendo tão difícil.

Piscando, ela voltou a se concentrar no avô, que parecia preparado para atacar Burnett

novamente.

O vampiro se levantou, o sangue escorrendo dos lábios. Seu rosto e linguagem corporal expressavam ferocidade; ele parecia alguém prestes a pagar na mesma moeda, mas uma das suas mãos se estendeu à frente, sugerindo uma tentativa de paz. Graças a Deus alguém tinha demonstrado bom senso, pois com o seu coração partido repetindo a mesma ladainha dolorosa várias vezes em sua cabeça, ela não achava que estivesse completamente sob controle.

Quando o avô deu mais um passo à frente, Burnett falou:

— Nós dois não precisamos brigar. Vamos parar antes que alguém se machuque.

Kylie, percebendo que precisava reagir, correu para o lado do avô.

— Ele tem razão — disse Kylie. — Pare, por favor! — Ela colocou a mão em torno do braço do avô. O calor encheu seu peito. Depois atravessou o seu braço e chegou aos dedos. Em seguida ela o sentiu fluindo do seu toque diretamente para o ancião. Instintivamente, soube que havia passado a emoção de calma para ele. E isso, obviamente, estava funcionando, pois ele baixou a cabeça e respirou fundo, como se estivesse tentando se recompor. Com o queixo ainda abaixado, ele deve ter visto os homens que Derek havia nocauteado, porque correu até eles.

— Eles estão bem — disse Derek, afastando-se do avô de Kylie, como se temesse que o homem viesse a agredi-lo. Mas o avô não mostrava mais nenhum sinal de que pretendia agredir alguém.

Kylie se lembrou do toque calmante que aplicara nele. Será que ela tinha instintivamente se transformado em *fae*? Tinha que ser isso, não é?

Lucas deu um passo à frente; não que ela tivesse olhado diretamente para ele, mas com a visão periférica observava seus movimentos. Tentou sentir algumas das emoções serenas que acabara de transmitir ao avô. Mas não funcionou. A dor da traição de Lucas tomou conta do seu coração, toldando seu julgamento e dando um nó em sua garganta.

— Todos nos deem licença — falou o avô. — Com exceção de Kylie e do senhor Burnett James.

— Para o senhor poder atacá-lo de novo? — Lucas perguntou, o tom duro, irado.

E, no entanto, ela poderia jurar que havia um toque de arrependimento na voz dele, também. Imaginou sua expressão, seus olhos cheios de remorso, mas mesmo assim não olhou para Lucas.

— Façam o que ele disse — Burnett ordenou, parecendo perceber, como ela, que o avô tinha recuperado a razão.

As pessoas começaram a se afastar. Kylie sentiu Lucas mover-se novamente, mas seus passos pareceram se demorar um pouco mais quando ele passou atrás dela. Seu cheiro encheu o ar que ela respirava e uma pergunta sussurrada chegou aos seus ouvidos.

— Você me odeia tanto que não consegue sequer olhar para mim?

Se ao menos ela pudesse odiá-lo, Kylie pensou.

Então ele continuou num tom de voz baixo, que só ela podia ouvir.

— Eu nunca me importei com ela. Só com você. — O som de seus passos se afastando soou como os últimos compassos de uma música triste.

Fisicamente ele tinha se afastado, mas suas palavras continuavam pairando no ar. Oprimiam

Kylie com onda após onda de emoção. Ela sabia que Lucas tinha falado a verdade — sabia porque, sendo ainda *fae*, ela captava seus sentimentos; sentia-os se infiltrando em sua pele, deslizando para o seu coração e preenchendo-o a ponto de causar dor. Mas saber que ele falava a verdade não mudava nada.

Se ele tinha ou não a intenção de magoá-la, isso não mudava o fato de que a magoara. Como podia não ter lhe ocorrido que ela ficaria arrasada ao saber que ele estava comprometido com outra pessoa? Será que ele não via como ela ficara magoada ao descobrir que, durante todos os meses em que estiveram juntos, ele vinha se encontrando com aquela garota e pelo menos fingido se importar com ela?

Logo em seguida, Kylie ouviu os passos de outra pessoa movendo-se atrás dela. Então sentiu o leve toque de dedos roçando suas omoplatas. O toque lento e macio não pretendia seduzir nem chamar a atenção. Só queria acalmar.

O toque quente e tranquilizador não deixava dúvidas acerca da identidade da pessoa: Derek.

A dor em seu peito diminuiu e ela piscou para se livrar das lágrimas que começavam a se acumular em seus olhos.

Tentando recuperar o controle de suas emoções rebeldes, Kylie ficou parada ali, de olhos fechados, concentrando-se na sensação do sol em sua pele e da brisa em sua face.

— Kylie? — A voz de Burnett obrigou-a a abrir os olhos.

O avô e Burnett estavam na frente dela. A preocupação escurecia os olhos de ambos.

— Você está bem? — perguntou o avô.

— Estou ótima. — Ela abriu um sorriso que certamente não convenceu ninguém.

— Então venha — disse o avô. — Nós precisamos conversar. Em casa e diante de um copo de chá gelado.

Enquanto ela os acompanhava, viu Burnett lhe lançar um rápido olhar, dando a entender que tinha percebido sua mentira. Ela não estava ótima. Não estava nem mesmo bem. Então ela viu algo mais no olhar do vampiro. Ou ela tinha lido suas emoções? Medo. Medo de revelar alguma coisa, como se estivesse preocupado com a possibilidade de ela não gostar do que ele tinha a dizer.

Mal sabia ele que Kylie não gostava de nada do que andavam lhe dizendo nos últimos tempos. Então, no mesmo instante ela percebeu que estava pensando apenas em si mesma. Egoisticamente, estava focada apenas em sua própria dor. Havia uma razão para Burnett estar ali e talvez não fosse apenas por causa dela.

Fazendo uma parada repentina, ela pegou o vampiro pelo cotovelo.

— Estão todos bem? O que... o que aconteceu?

Cinco minutos depois, Kylie estava sentada à mesa da sala de jantar e esperava a tia lhes servir chá gelado antes de começarem a conversa. Ela só rezava para que não continuassem brigando, como tinham feito lá fora. A tensão entre Burnett e o avô lentamente voltou a aumentar. Kylie, porém, já estava no limite. Era melhor que alguém começasse a falar ou ela iria surtar. E “alguém” era uma

referência a Burnett.

Ele tinha evitado responder à pergunta dela até chegarem a algum lugar... onde pudessem conversar. Isso basicamente colocou-a em alerta máximo, convencendo-a de que estava certa. Mario não era a única razão para ele estar ali. Alguém não estava bem.

No caminho para casa, ela quase tinha enlouquecido, imaginando o pior. Agora, sentada ali, com a pizza fria no centro da mesa, lutava contra a sensação de náusea, enquanto diferentes versões do “pior” oprimiam seu coração. Ela sabia que Derek e Lucas estavam bem. E, sim, ela sabia que não devia se preocupar com Lucas, mas ainda assim se preocupava.

Holiday tinha que estar bem, do contrário Burnett não estaria ali agora. Ele a amava demais para não ficar fisicamente arrasado caso algo tivesse acontecido a ela. Isso só deixava uma alternativa...

Seus pensamentos imediatamente se desviaram para suas duas amigas mais próximas — amigas com quem o avô insistira para que ela não falasse durante algum tempo. Mas como ele fora menos rígido com relação às suas conversas com Holiday, ela tinha tentado aceitar isso. Agora... se algo tivesse acontecido a elas... Ah, Deus! Sem saber o que pensar, as lágrimas começaram a arder em seus olhos.

A mente de Kylie voltou-se primeiro para Della. A vampira teimosa estava numa missão para a UPF. Será que alguma coisa tinha dado errado? Será que Della estava bem?

Kylie lembrou-se do dia em que dissera a Della que não gostava de vê-la trabalhar para a UPF, mas, quando Della lhe perguntou se queria que ela desistisse de ajudá-los, Kylie tinha dito que não. Ela sabia quanto Della queria trabalhar para a agência.

Mas agora... se algo tivesse acontecido a Della, Kylie iria se arrepender para sempre daquela resposta.

A preocupação minava a paciência de Kylie.

— É Della? — ela finalmente falou, quando o copo de chá foi deixado na sua frente e a tia saiu da sala. — Aconteceu alguma coisa com ela?

Burnett olhou para Kylie.

— Não, Della está bem... até onde eu sei. Ela ainda está em missão.

— Então quem... o que aconteceu?

Burnett segurou o vidro frio na palma da mão, mas não tomou nenhum gole do chá.

Se não fosse sangue, ele raramente bebia alguma coisa, a não ser o café forte que ela o vira tomar certas manhãs.

— Depois que Mario foi visto em Fallen, ocorreu um incidente. Não temos certeza se tem alguma coisa a ver com isso.

— Alguém se machucou? — As palavras deixaram um gosto amargo em seus lábios, pois ela de algum modo sabia que alguém não tinha saído ileso.

Ele girou o copo nas mãos duas vezes antes de responder.

— Helen foi atacada.

Kylie prendeu a respiração. Helen, meio *fae*, era a pessoa mais tímida e dócil de Shadow Falls.

Quem diabos iria querer machucá-la? A resposta lhe ocorreu como um eco indesejado. Mario.

— Ela está... bem? — A palavra “viva” permaneceu em seus lábios, mas ela temeu pronunciá-la porque, caramba!, teria doído demais.

— Sim — ele respondeu. — Ela vai ficar bem. E nem mesmo sabemos se isso tem alguma ligação com Mario.

— Então esse Mario não estava procurando Kylie — concluiu o avô.

Ela olhou para o avô e disse o óbvio.

— Burnett não estaria aqui se não suspeitasse disso.

Burnett relutantemente concordou.

— Nós suspeitamos disso. — Ele olhou para Kylie. — Mas não há realmente nada que comprove. Ela foi atacada por trás. Não consegue se lembrar do que aconteceu.

— Está muito ferida? — Kylie perguntou, rezando para que Helen não ficasse com cicatrizes, físicas ou emocionais.

— Ela é mais forte do que qualquer um de nós imaginava. — Ele hesitou. — Os ferimentos foram graves, mas não fatais. Como você pode imaginar, Jonathon não sai do lado dela. Os pais dela estão no hospital e passaram por alguns momentos difíceis. Aparentemente, Helen não contou a eles sobre o seu novo amor.

Kylie imaginou Jonathon, o vampiro alto, magro e cheio de *piercings*, segurando a mão de Helen diante dos pais da garota.

— Posso imaginar que ele também esteja para lá de chateado e queira se vingar.

— Vejo que você conhece Jonathon muito bem. — Um levíssimo indício de sorriso passou pelos lábios de Burnett. Mas o sorriso não se demorou ali. — Pusemos guardas no hospital, apenas para o caso de o agressor voltar.

— Devo ir até lá? — perguntou Kylie.

— Não — disseram Burnett e o avô ao mesmo tempo.

Burnett continuou.

— Se foi Mario, isso poderia ser uma estratégia para fazê-la ir até o hospital.

O pensamento de que ela e mais ninguém fosse a razão de Helen ter sido atacada fez Kylie sentir tristeza. Então a raiva brotou e encontrou o seu próprio espaço. Ela estava farta de ver pessoas sofrendo na mão de Mario por causa dela! Mas como poderia detê-lo? Essa era a pergunta crucial, e Kylie concluiu que ela precisaria ser respondida. Melhor mais cedo do que mais tarde.

Burnett endireitou-se na cadeira e voltou a atenção para o avô de Kylie.

— Foi depois do ataque a Helen que fiquei preocupado com a segurança de Kylie. Imaginei que, se eu conseguisse encontrá-la, ele com certeza também conseguiria. Acho que Kylie estaria mais segura se voltasse para o acampamento.

— E eu discordo — disse o avô.

— O senhor discorda? — Burnett sibilou a pergunta. — Mario deixou claro: ou Kylie se junta ao seu grupo de camaleões ou ele tem planos para matá-la. Ele se sente ameaçado pelo poder que ela

tem como protetora.

— Mais uma vez repito que eu sei disso — o avô insistiu. — Você não é o único em quem Kylie confia. Mas se esse ataque contra a outra garota foi para fazer com que Kylie aparecesse, então isso significa que ele não sabe onde ela está.

— Mas por quanto tempo? — perguntou Burnett. — Mario não é alguém que desista facilmente.

— Talvez, mas se ele já conseguiu entrar no acampamento para chegar até essa menina, como você quer me fazer acreditar que não poderia fazer o mesmo para pegar Kylie?

— Mas... — Kylie falou, porém o olhar direto de Burnett pareceu pedir que ela o deixasse resolver aquilo sozinho. Ela fechou a boca, embora com certa irritação.

— Eu entendo as suas preocupações — disse Burnett. — No entanto, o ataque não aconteceu no acampamento. — Ele girou mais uma vez o copo de chá nas mãos e fitou o líquido cor de âmbar, como se não soubesse se deveria bebê-lo ou não. Então ergueu o olhar. — Outro fator a considerar é que temos mais gente para ajudar a combater Mario e seus seguidores. E, embora eu saiba que essa ideia provavelmente vai enfurecer o senhor, eu também tenho a ajuda da UPF. Com o escritório em Fallen, perto do acampamento, posso ter uma centena de pessoas treinadas lá em questão de minutos.

O avô fez uma careta.

— Você está certo, essa ideia me enfurece. — Ele fez uma pausa e Kylie o viu rangendo os dentes antes de falar novamente. — Devo dizer que a única razão pela qual eu me sento à mesa com você é porque a minha neta o tem em alta conta. Na ausência do pai e na situação familiar em que ela se encontrava, você, em muitos aspectos, assumiu o papel de pai para ela.

Burnett passou o dedo sobre as gotículas condensadas do seu copo de chá, quase como se se sentisse desconfortável ao saber quanto Kylie o considerava.

— Peço a Deus que você mereça o respeito dela. — O avô suspirou novamente. — Dito isso, sua lógica me confunde. Você afirma que está protegendo minha neta da UPF e ainda assim iria chamá-los para ajudar a protegê-la. Como isso é possível?

— Estou ajudando a impedir que eles a submetam a testes simplesmente porque não tenho certeza de que esses testes sejam totalmente inofensivos. Acredito que a ânsia da UPF por encontrar respostas a impeça de levar em conta os interesses de Kylie. Mas, por favor, não considere isso uma afirmação de que acho que eles são capazes de fazer o que fizeram com outros no passado. A UPF não é perfeita, senhor Summers, nenhuma organização é nem nunca será, mas ela não é a mesma organização daquela época.

O silêncio encheu a sala. A tensão pairava espessa no ar.

— Deixe-me levar Kylie de volta a Shadow Falls, onde eu acredito que ela estará mais segura — Burnett continuou. — Vou ter guardas de prontidão, esperando Mario dar a sua próxima cartada. Quando ele fizer isso, estaremos prontos. Nós vamos pegá-lo e acabar com isso de uma vez por todas.

— E nós podemos fazer o mesmo — acrescentou o avô, o tom de voz firme novamente.

A carranca de Burnett se aprofundou.

— Olhe nos meus olhos e me diga com franqueza se acredita que o senhor e o seu pessoal são capazes de lidar com isso.

O avô entrelaçou os dedos — com força — e colocou as mãos fechadas sobre a mesa. Então olhou para as mãos como se refletisse sobre as palavras de Burnett.

Quando o avô levantou o olhar, encontrou os olhos de Kylie, e em seguida voltou o cenho carregado para Burnett.

— Eu não concordo com o seu plano, nem com a sua avaliação sobre a minha capacidade ou a do meu pessoal para proteger um dos nossos. No entanto, posso estar apegado aos meus preconceitos do passado. Preconceitos que, estou certo, farão parte de mim até a morte.

Ele limpou a garganta e soltou um suspiro.

— Contudo, uma coisa a minha neta deixou clara desde que chegou aqui: ela se considera dona do próprio nariz. Então, embora eu espere que ela ouça o meu conselho, estou consciente de que a decisão será dela. Perdi muitos familiares nesta vida e me importo muito com ela para afugentá-la tentando prendê-la demais.

Os olhos de Kylie encheram-se de lágrimas novamente. Ela estendeu o braço e tocou as mãos do avô. Ele virou a palma da mão para cima e segurou a mão dela. Seus olhares se encontraram.

— Fique aqui, Kylie. Fique e continue a aprender sobre quem você é e sobre o lugar a que pertence. — O toque do avô, tão parecido com o do pai, aqueceu seu corpo.

Uma parte dela queria ceder. Mas a que preço?

Capítulo Quatro

Antes que Kylie dissesse alguma coisa, ela viu na expressão do avô que ele já sabia qual seria a decisão dela. E viu a dor que estava lhe causando. Ela a sentia também. A dor do avô.

— O senhor não vai me perder. O fato de eu não morar aqui não vai mudar nada. Sempre vou ser sua neta. Mas acho que Burnett tem razão. Eu preciso voltar. — Essa era, ela pensou, a única escolha que poderia fazer.

Shadow Falls era a sua casa, mas essa era apenas parte da razão que a levava a tomar a decisão. No fundo, ela sabia que Burnett estava certo. Por mais talentosos que fossem seu avô e seu complexo de camaleões, eles tinham passado a maior parte da vida evitando o confronto, e não se preparando para isso. Eles não eram páreo para Mario e sua gangue assassina.

O problema era que Kylie não tinha certeza se Shadow Falls seria páreo para Mario. E se fosse, quantos mais seriam feridos como Helen, ou pior, mortos?! Aquilo já tinha acontecido antes.

Enquanto ela acompanhava os passos de Burnett até o portão da frente, eles permaneceram em silêncio.

A noite já caía. Parte do céu, tingido com tons de rosa, insinuava o pôr do sol. Quando chegaram ao portão, Burnett olhou para ela.

— Mais tarde telefono ao seu avô a fim de combinarmos um horário para eu vir buscá-la amanhã.

Kylie concordou com a cabeça; ela tinha insistido para que ele lhe desse tempo para se despedir do avô. Mas agora seu coração não queria ver Burnett ir embora. Eles não tinham começado a conversar de fato. Os últimos quinze minutos tinham se passado com o avô fazendo perguntas sobre como Burnett os encontrara ali. O vampiro explicou que tinha sido através do escritório imobiliário. Quando o avô vendera sua casa, Burnett conseguiu encontrar o corretor que realizou a venda e, por meio dos registros de vendas, descobrira outra propriedade do seu avô.

Agora, com o adeus em seus lábios, ela não se sentia pronta.

— Você jura que Helen está realmente bem?

— É como eu disse. Ela vai se recuperar.

— E a missão de Della vai indo bem? Ela não está em perigo?

— Da última vez que nos comunicamos, ela confirmou que está tudo bem.

Kylie assentiu.

— E Holiday, como vai?

— Ela está preocupada. Mas ela vive preocupada com vocês, campistas. É seu estado natural de ser.

— Mas as coisas entre vocês dois estão... bem?

Ele sorriu.

— Sim. Muito bem.

Os sorrisos de Burnett eram poucos, por isso ela pôde deduzir quanto o relacionamento havia progredido.

— E Miranda? — perguntou Kylie.

— Solitária — ele disse. — Com as suas duas colegas de alojamento fora, ela está se sentindo um pouco deslocada. Ela, assim como muitos outros, vai ficar feliz em saber que você está voltando.

— Certo. Sem ninguém com padrões mutantes andando por ali, acho que o dia a dia fica meio entediante.

Burnett deu de ombros.

— Ficaria espantada se soubesse quantas pessoas perguntaram de você. Você não é a aberração que imagina ser, Kylie.

— Sinto falta de todos, também — ela admitiu. — Posso dar um abraço de despedida?

Ele arqueou uma sobrancelha em sinal de desaprovação, e Kylie soube imediatamente por quê. Burnett não era o tipo de pessoa que eximia os outros das suas responsabilidades.

— Eu não acho que você mereça um abraço de despedida — ele disse, lembrando a Kylie que ela não tinha se despedido dele ao sair do acampamento.

— Eu estava errada — disse ela, aceitando que merecia o castigo. — Acontece que eu sabia que você iria discutir comigo. Teria tornado a minha partida ainda mais difícil.

— Eu teria argumentado. Teria insistido em dizer que não era a melhor atitude a tomar — ele disse. — E eu teria razão.

— Talvez não toda a razão. Eu aprendi algumas coisas. Além disso, ele é meu avô e ela é minha tia-avó. Passar um tempo aqui não foi totalmente errado.

— Entendo a sua necessidade de aprender sobre si mesma e, concordo, há um momento para se reunir com a família, mas não quando sua vida está em perigo.

Kylie olhou para ele.

— Então o bem-estar de uma pessoa é mais importante do que... a família. Mas Holiday não é a sua família? — Ela sabia que o pegara.

Ele nem sequer tentou dar alguma desculpa boba.

— Dou o braço a torcer.

— Uau, isso é uma raridade! — Ela sorriu.

— Bem, pode se vangloriar — disse Burnett. — Mas, como sempre digo, você conhecia a minha fraqueza e usou-a contra mim.

— Amar alguém não é fraqueza — disse Kylie. E então a preocupação ofuscou a leveza do momento. — Você tem certeza de que foi Mario quem atacou Helen?

— Tanta certeza que estou aqui agora — ele disse. — E vou colocar guardas vigiando este lugar durante a noite. Mario já viu o seu poder, Kylie. Você ameaça a existência dele.

E, no entanto, Kylie se sentia impotente contra ele. Ela olhou para além do portão da frente e viu

duas figuras. Duas figuras que ela reconheceu como Lucas e Derek. Eles estavam a uns bons quinze metros de distância um do outro, como se não estivessem de fato juntos.

Ou, como se... estivessem em vigília... Eles estariam de guarda? A ideia de que Lucas podia ser a pessoa convocada para vigiá-la, depois de magoá-la tão profundamente, enviou outra onda de dor ao seu peito.

— Lucas não — ela murmurou.

— Lucas não o quê? — Burnett perguntou.

Kylie se achou meio infantil por se sentir assim, e até mais por expressar esse sentimento, mas ela não queria pensar que Lucas estaria tão perto naquela noite. Ela teria que enfrentar sua proximidade pela manhã, quando voltasse para Shadow Falls, mas não naquela noite.

— Eu não quero Lucas me protegendo.

Burnett abriu a boca para dizer algo, mas em seguida fechou-a, como se pensasse melhor. Então, com a testa franzida, concordou com a cabeça.

Kylie ignorou o olhar de desaprovação e se aproximou para reivindicar o seu abraço.

O abraço de Burnett, mesmo com a temperatura fria do seu corpo de vampiro, enviou uma sensação de calor direto ao peito de Kylie. Saber que no dia seguinte ela iria para casa tornou a despedida mais fácil, mas saber que seria forçada a ficar na presença de Lucas tornava meio agri-doce essa volta para casa.

Kylie começou a fazer o caminho de volta para a sede do complexo, mas à medida que se aproximava ficou preocupada com a conversa que sem dúvida ocorreria lá dentro. Precisando de alguns minutos para encontrar uma maneira de ajudar o avô e a tia a entenderem sua decisão, ela passou reto pela casa e seguiu para o gazebo. O céu brilhava num tom de rosa forte e o sol poente banhava a cena à sua frente com tons dourados. Enquanto andava entre os carvalhos, seu olhar foi atraído para o musgo espanhol que balançava com a leve brisa.

Ela se perguntou se o avô se sentiria obrigado a se mudar, agora que Burnett tinha provado quanto era fácil encontrá-lo. Ela esperava que não. Por mais descontente que tivesse se sentido ali aquela semana, a beleza da propriedade não tinha lhe passado despercebida. Os ecos da natureza pareciam anunciar a chegada do anoitecer — um pássaro, alguns grilos.

Então o crepúsculo pareceu prender a respiração e a tranquilidade do momento foi interrompida pelo barulho de um galho estalando. O coração de Kylie parou quando seu olhar se voltou para a orla das árvores. Por que o ligeiro ruído a sobressaltou, ela não sabia. Poderia ter sido apenas uma criatura inocente voltando para casa antes de escurecer.

No entanto, o barulho não parecia inocente.

De repente, uma sombra apareceu e depois desapareceu entre as árvores. Kylie não podia explicar por quê, mas, em vez de correr do barulho, ela se sentiu compelida a correr na direção dele.

Perto das árvores, ela viu a figura novamente, uma silhueta feminina, entrando e saindo das sombras. Por um milésimo de segundo, Kylie achou que a reconhecera.

Ela fez uma parada abrupta.

Como era possível? Como ela poderia estar ali? O que ela estaria fazendo ali?

Kylie a seguiu. A garota tinha que ter seguido Lucas. Por que outra razão sua noiva estaria ali?

Sem muita certeza se queria enfrentá-la, ela se virou para se afastar. Tinha dado apenas alguns passos quando ouviu os pés de alguém pisando a terra macia, acompanhando os passos de Kylie.

— O que você quer? — Kylie falou com rispidez, sem olhar para a pessoa que agora movia-se ao seu lado.

— Falar com você — a pessoa respondeu. No entanto, havia alguma coisa errada com a voz. Não era o tom de voz floreado com o qual ela ouvira a moça prometer sua alma à pessoa que Kylie amava. Não era Monique.

Kylie parou e olhou para Jenny, a camaleoa de 17 anos de idade que fazia do complexo. Ela tinha cabelos escuros e a mesma altura de Monique. Será que Kylie a confundira com...?

— Era você?

— Era eu o quê? — perguntou Jenny.

Kylie olhou novamente para os traços de Jenny, um nariz reto, queixo quadrado e olhos verde-claros acinzentados, e lembrou-se da vaga sensação de que ela parecia familiar. Não era como se a conhecesse, mas como se ela se parecesse com alguém que ela conhecia.

— Era você... que estava na floresta?

— Acho... que sim. Eu estava vindo de casa.

Kylie teve um rápido vislumbre da pessoa que ela pensara ser Monique. Não tinha sido Jenny. Ou tinha?

— Você viu mais alguém?

— Não. Por quê? Havia mais alguém andando por aí?

Kylie olhou para a floresta.

— Provavelmente não — disse ela, mas sem estar completamente convencida. Por ser um lobisomem, Monique poderia ser muito silenciosa, se quisesse. Ou muito rápida ao fugir. Kylie voltou a andar, sua mente mais acelerada do que seus passos.

— Então... você se incomoda? — perguntou Jenny.

Perdida em seus pensamentos, Kylie olhou para a garota.

— Me incomoda de fazer o quê?

— De conversar — disse Jenny, apertando as mãos como se estivesse preocupada com alguma coisa.

— Eu... — Kylie olhou para trás, na direção da casa. — Eu preciso falar com meu avô e minha tia agora, mas por que você não vem comigo?

Kylie observou novamente a expressão preocupada de Jenny e achou estranho que a garota quisesse falar com ela. Jenny não tinha sido rude com Kylie durante sua estadia ali, mas também não tinha sido amigável.

— Algo errado?

— Ouvi dizer que você está indo embora. É verdade?

Kylie assentiu.

— Sim. Por quê?

Jenny mordeu o lábio inferior como se estivesse nervosa.

— Quando?

— Amanhã — respondeu Kylie.

Vozes vieram da casa do avô. Kylie olhou na direção da porta.

— Eu... tenho que ir.

Jenny correu para longe, apressada. Kylie voltou-se para a casa e percebeu que na varanda do avô estavam os outros quatro camaleões mais velhos, como se tivessem acabado de sair da casa para ir embora.

Kylie olhou para trás e tentou mais uma vez convencer a si mesma de que era Jenny e não Monique que ela tinha visto. Mas não estava totalmente convencida.

Enquanto se dirigia para a casa, os anciãos passaram por ela. Todos acenaram rapidamente com a cabeça e continuaram andando, mas Kylie sentiu a tensão se irradiando deles. De alguma forma, Kylie sentia que eles tinham conversado com o avô sobre ela. Embora estivesse aliviada com o fato de o avô ter pelo menos chegado a um certo nível de paz com Burnett, isso não significava que os outros anciãos o apoiavam. E isso, Kylie percebeu, poderia significar problemas. Se não para ela, pelo menos para o avô.

Kylie hesitou ao entrar na casa. Mesmo depois de treze dias morando ali, ela ainda se sentia no dever de bater. Não que a tia ou o avô não a fizessem se sentir bem-vinda, mas ela simplesmente sentia não pertencer àquele lugar. Talvez porque, no fundo, soubesse que não se adaptaria à comunidade dos camaleões. Ela pertencia a Shadow Falls. Lembrou-se de Burnett dizendo que a sua vinda tinha sido um erro. E mesmo que não parecesse muito certo, ela não estava preparada para chamar de erro.

As vozes vinham da sala de jantar e ela se dirigiu para lá. Quando entrou no corredor, as vozes pararam. Pararam rápido demais, como se soubessem que ela estava lá e não quisessem que ela ouvisse o que diziam. Kylie fez uma pausa no limiar da porta. A tia e o avô estavam sentados à mesa, olhando para ela. Kylie desejou saber a coisa certa a dizer. No entanto, uma parte dela sabia que não importava o que dissesse, ela iria magoá-los. Talvez Burnett estivesse certo. Vir tinha sido um erro. Se não por outra razão, pela dor que havia causado ao avô e à tia.

— Sinto muito se causei problemas. Lamento que...

— Não se preocupe, minha filha. Sente-se — disse a tia. — Você quer que eu esquente a sua pizza?

— Não, não estou com fome. — Kylie sentou-se e olhou para o avô.

— Os anciãos estão chateados com o que aconteceu? Estão chateados comigo ou com você?

O avô suspirou.

— Chateados, sim, mas não com uma pessoa em particular. Eles não gostam de mudanças, e

ultimamente tem havido uma série de mudanças.

E, principalmente, por minha causa. Kylie mordeu o lábio.

— Uma pessoa uma vez me disse que é quando as coisas não mudam que devemos começar a nos preocupar.

— Eu aposto que essa pessoa não era um camaleão — disse o avô.

— Não — respondeu Kylie.

Ele acenou com a cabeça.

— Certo ou errado, temos uma tendência a gostar de nossas zonas de conforto.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — ela perguntou.

As rugas entre os olhos ficaram mais evidentes.

— Fique conosco e continue a aprender o que a sua herança significa — disse ele. — Você só arranhou a superfície do que há para aprender.

— Malcolm — disse a tia —, não ponha a menina numa situação difícil.

— Eu me preocupo que a situação fique realmente difícil quando ela voltar para Shadow Falls — ele disse.

— Eu fiz o máximo para agir da maneira certa, mas não posso ficar — confessou Kylie, sentindo a garganta apertar.

— Eu sinto muito. — Ele ergueu a mão. — Sua tia está certa, eu estou pressionando você e não deveria. Já dei a minha opinião. Mas tenho que dizer que vou sentir sua falta.

— E eu vou sentir a sua — disse Kylie. — Vocês vão ficar morando aqui?

Ele deu de ombros.

— Se os outros anciãos forem embora, vamos também.

— Porque eles não confiam em Burnett? — perguntou Kylie.

— Tenho certeza de que é por isso também — disse ele.

— Como vou entrar em contato com o senhor?

— Hayden Yates ainda está trabalhando na sua escola.

Hayden era o camaleão que o avô havia contratado para ficar de olho em Kylie. Por alguma razão, quando ela foi embora, tinha presumido que ele iria também.

— Ele ficou como professor?

O avô assentiu.

— Ele os convenceu de que você o enganou para que a levasse embora do acampamento. Eles ainda não sabem quem ele é, e precisa continuar disfarçado.

Kylie concordou com a cabeça, mas não podia deixar de achar suspeito. Burnett não era enganado com tanta facilidade.

— Na verdade, Hayden fala muito bem da direção da escola.

— Viu? — disse Kylie. — Na verdade, lá não é um lugar ruim.

Naquela noite, sem saber o horário em que Burnett viria buscá-la, Kylie fez as malas. Então se esticou na cama, coberta com os lençóis e o edredom mais macios que ela já tinha visto, e começou a rever as fotos do pai. Achava que estar com o avô faria com que sentisse menos falta do seu verdadeiro pai, mas não; parecia que estava acontecendo o contrário. Ver esse homem que parecia uma versão mais antiga do pai fazia com que ela sentisse ainda mais a falta de Daniel.

Por fim, depois de passar muito tempo desejando que as coisas fossem diferentes, ela ficou ali, olhando o teto. Preocupava-se com a possibilidade de sua partida magoar o avô. Preocupava-se com Della, e até um pouco com Miranda, sentindo-se abandonada pelas duas amigas. Preocupava-se com a mãe, na Inglaterra, provavelmente transando com um homem que lhe dava arrepios.

Ah, Deus, ela tinha que afastar bem rápido essa imagem da cabeça, ou ia pôr para fora o pouco de pizza que tinha comido.

Ela também estava preocupada porque ainda não sabia como enfrentar Lucas.

— *Mas você não está preocupada comigo?*

O frio chegou tão rápido que Kylie perdeu o fôlego quando o oxigênio gelado atingiu seus pulmões. Ela pegou o edredom e puxou-o até o queixo.

— Eu deveria estar preocupada com você? — perguntou Kylie, olhando para onde o fantasma estava. Seu cabelo pendia solto e ia quase até a cintura. Ela usava o mesmo vestido branco coberto de sangue.

E parecia... morta. Mais morta do que antes.

Kylie não entendia. Se um fantasma tinha a opção de parecer morto ou não tão morto, por que não escolhia sempre a segunda opção?

— *Não, não se preocupe comigo. Eu já estou morta. Vê?* Ela puxou a saia esticando-a e mostrou uma dúzia de cortes sangrentos no vestido branco. Era como se alguém a tivesse atacado com uma faca e não soubesse quando parar.

— Isso é terrível. — Kylie desviou o olhar por um segundo e depois voltou a fixar o fantasma. — Quem fez isso com você?

O fantasma não respondeu, só ficou olhando para os buracos no vestido.

— *Na verdade, não é tão terrível. E para ser honesta, a pessoa com quem você deveria se preocupar é você mesma. Porque, se não começar a me ouvir, vai acabar morta. Assim como eu.*

— Ouvir o quê? Você me dizendo para eu matar alguém? É isso que você quer? — Kylie perguntou, franzindo a testa.

— *Sim.* — Ela continuou a olhar para os buracos no vestido. — *E não faça isso parecer uma coisa terrível. Tirar uma vida não é a pior coisa do mundo.*

— Ok, eu estou curiosa. Quantas pessoas você matou?

O espírito olhou para cima como se estivesse considerando a questão. E parece que aquilo exigia um tempão. Como se ela realmente tivesse que contar.

— Você realmente fez isso, não fez? Você matou mais de uma pessoa?

— *Mais de vinte, mas sei que estou me esquecendo de algumas. É que essas não contam muito.*

— Quem você era? Um assassino de aluguel... uma assassina de aluguel?

— *Não, bem, mais ou menos, eu acho. Eu não lucrava com o meu trabalho. Só cuidava do problema de outras pessoas. E dos meus próprios.* — De repente apareceu sangue em suas mãos. Ela as ergueu e olhou para elas. O sangue escorria dos seus dedos. Parte dele caiu sobre o vestido já ensanguentado e algumas gotas escorreram para o tapete bege. O cheiro de ferrugem encheu a sala e fez Kylie sentir náuseas. Ela supôs que deveria estar feliz por não apreciar mais o cheiro de sangue.

— Você está tentando me levar para o inferno com você? É isso o que você quer? Ouvi falar que alguns maus espíritos presos no inferno fazem isso. Mas eu não vou para lá, e me recuso a ajudá-la a matar alguém, então pode desistir. Você entendeu? — Kylie fechou os olhos e tentou ter pensamentos positivos, da maneira que, segundo Holiday, poderia impedir um fantasma de assumir o controle... e levar você para lugares onde não queira ir.

Ela sentiu o refluxo da maré de frio, mas ouviu o espírito sussurrando em sua cabeça.

— *Eu não quero que você vá para o inferno. Eu quero que você mande alguém para lá.*

— Vá embora! Vá embora! Vá embora! — Kylie murmurou em voz alta e mentalmente. — Eu não vou matar ninguém para você. Não... Não... eu, não.

O frio foi embora e Kylie respirou fundo. Mas o estalo em sua janela a fez gritar de susto e saltar pelo menos três centímetros da cama.

Seu olhar se desviou para a janela, mas ela não viu nada.

Depois que o pânico inicial diminuiu, surgiu na sua mente a imagem do pássaro azul — o mesmo que ela tinha salvado da morte. Será que ele a seguirá até ali?

Saindo da cama, ela se aproximou da janela, e com os pensamentos no fantasma saído do inferno ainda agitando a sua mente, puxou cautelosamente as cortinas rendadas brancas. De súbito, um rosto distorcido apareceu pressionado contra a vidraça.

Kylie gritou.

Capítulo Cinco

— Kylie? Você está bem? — A voz do avô soou na porta do quarto ao mesmo tempo que ela reconheceu o rosto na janela.

Jenny. A jovem camaleoa que falara com Kylie mais cedo e agira com tanto nervosismo. A mesma que Kylie pensou ser Monique.

O que ela estava fazendo na janela? O que poderia querer àquela hora da noite?

O olhar de Jenny disparou para a porta do quarto e ela balançou a cabeça.

O pânico transpareceu em seu rosto, fazendo seus olhos se arregalarem; sua expressão implorava que Kylie não dissesse ao avô que ela estava ali.

— Sim, eu estou bem. Acho que estava sonhando — Kylie mentiu, esperando que o avô não estivesse no padrão dos vampiros e fosse capaz de detectar a mentira por meio do seu batimento cardíaco. Olhando pela janela, ela viu o alívio nos olhos verdes da menina.

— Durma bem, então — disse o avô, por detrás da porta.

— Pode deixar — respondeu Kylie. Ela esperou até ouvir os passos se afastando pelo corredor e, em seguida, foi até a janela e abriu a vidraça.

Jenny pôs um dedo sobre os lábios e fez sinal para Kylie sair.

Antes de atender ao pedido de Jenny, Kylie colocou a cabeça para fora e olhou ao redor. Ela não tinha certeza do que estava procurando, só não queria ter nenhuma surpresa. A presença de Jenny já era surpresa suficiente.

Assim que ela começou a rastejar para fora da janela, Jenny a deteve e inclinou-se para dentro do quarto.

— Aquela é a sua mala pronta?

Kylie olhou para a mala sobre uma cadeira.

— Sim.

— Pegue-a — Jenny sussurrou de volta.

Kylie prendeu a respiração.

— Por quê?

— Eu tenho que tirar você daqui.

— *Você o quê?* Não! — Kylie balançou a cabeça. — Eu vou embora amanhã.

— Não, você não vai. Ou pelo menos não vai para onde acha que vai.

— O que você está dizendo? — Kylie perguntou, e parte dela queria fechar a janela na cara da garota, porque sabia instintivamente que a notícia que Jenny tinha não ia agradá-la nem um pouco.

Dez minutos depois, esgueirando-se pela parte de trás da propriedade do avô, com a velha mala

marrom na mão, Kylie ainda não conseguia aceitar o que Jenny lhe havia dito.

— Não posso acreditar que meu avô faria isso.

— Eu disse a você, provavelmente essa não é a vontade dele. São os outros anciãos. Para ser sincera, seu avô é o mais tolerante de todos eles.

Kylie parou.

— Mas ele não ia prosseguir com isso. Não deixaria que me raptassem e me prendessem contra a vontade.

— Olhe, para ser sincera, nem sei se ele sabe. Eles podem estar fazendo isso pelas costas dele.

Mas você e eu vimos os outros anciãos, lá na casa, falando com ele.

A raiva e a dúvida ficaram tão fortes dentro dela que lágrimas brotaram de seus olhos.

— Mas ir embora desse jeito... É tão errado! Eu deveria voltar e falar com ele.

— Não! Se você voltar, é quase certo que vão nos encontrar. Eu conheço o horário dos guardas e, se não nos apressarmos, eles vão pegar você fugindo.

Kylie respirou fundo. O aroma da floresta encheu seus pulmões e ela tentou raciocinar. A noite parecia se arrastar entre as árvores e o ar estava espesso.

— Por quê? Por que eles fariam isso?

— Não é óbvio? Você é uma protetora e pertence aos camaleões.

— Eu não pertenço a ninguém!

— Eu não quis dizer isso... Sei que você na verdade não pertence a ninguém. Mas é assim que eles se sentem. — Jenny se aproximou. — Eles estão errados, estão completamente errados acerca de muitas coisas! Por que você acha que estou fazendo isso?

Kylie olhou para Jenny e a pergunta da garota vibrou na sua cabeça.

— Por que você *está* fazendo isso? E não diga que é só porque acha que eles estão errados, ou porque você gosta de mim ou algo assim, porque você não trocou mais do que algumas palavras comigo. Minha intuição me diz que é mais do que isso e a minha intuição geralmente está certa.

Ela desviou o olhar, mas não antes de Kylie ver a culpa em seus olhos.

— Isso é algum tipo de armadilha? — Kylie começou a olhar ao redor.

— Não, não é uma armadilha! — afirmou Jenny.

Kylie sentiu convicção na voz de Jenny, mas ela não era um vampiro e não podia ter certeza se a menina estava mentindo ou não. Ela olhou para Jenny com firmeza.

— Ou você se explica agora ou eu vou dar meia-volta e procurar o meu avô.

— Explicar o quê? — Jenny perguntou, parecendo frustrada.

— Explique por que você está me ajudando se nem gosta de mim.

Ela bufou.

— Olha, eu não gosto de você porque Brandon gosta. Eu deveria me casar com ele e, embora fique furiosa de pensar que eles acham que podem me dizer por quem eu devo me apaixonar, ainda assim fiquei chateada quando vi que ele estava dando em cima de você.

— Se casar com ele? Você quer dizer que os mais velhos tentam arranjar casamentos?

— Eles tentam fazer tudo. São todos loucos. Bem, seu avô, nem tanto, mas... — Jenny passou a mão na calça jeans como se ficasse nervosa ao falar dos seus verdadeiros sentimentos. — Eles nos obrigam a ficar longe de tudo. Dizem que é porque não querem que as pessoas nos vejam até que a gente tenha habilidade para esconder os nossos padrões. Mas olhe para você. Você vivia no mundo normal e não foi morta nem escravizada.

— Escravizada?

— É, eles usam o medo para nos manter submissos. Para nos convencer a ficar aqui e não sair pelo mundo.

Kylie balançou a cabeça.

— Não ouvi nada a esse respeito. — Mas ela percebeu de repente quanto tinha ficado isolada desde que chegara. Sentia-se tão sobrecarregada que não tinha se dado conta disso.

— Eles tomam cuidado com o que dizem na sua frente. Mas você tem que acreditar em mim. Eles querem nos manter aqui. Para nos proteger, dizem, mas... às vezes eu acho que o que mais devemos temer é sermos sufocados por esse modo de vida. E se descobrirem que não concordamos com eles, vão fazer da nossa vida um inferno.

— O que me leva de volta à minha pergunta original — disse Kylie. — Se você tem tanto medo, por que está fazendo isso?

A garota desviou os olhos de novo.

— O que você não está me contando? — Kylie insistiu.

Jenny suspirou.

— É Hayden.

— Hayden Yates? — perguntou Kylie.

— Conversamos às vezes. Meus pais não sabem. Os mais velhos não sabem. E você não pode contar a ninguém.

Kylie fez as contas na cabeça, comparando a possível idade de Hayden com a de Jenny.

— Ele é velho demais para você.

Os olhos verdes de Jenny se arregalaram. Ela balançou a cabeça.

— Ele não é meu namorado. É meu irmão mais velho.

Kylie tentou avaliar essa nova informação.

— Então por que seus pais não querem que você fale com ele?

— Por que ele nos deixou. Quando um camaleão vai embora, tem que cortar todos os laços com a família para não nos expor.

— Mas meu avô mantém contato com Hayden — disse Kylie.

— Como eu disse, seu avô é o menor dos males aqui. Ele, na verdade, me deixa falar com o meu irmão às vezes. — Jenny fez uma careta. — Mas não temos tempo para ficar aqui conversando. Estou falando sério, se não formos agora, os guardas vão nos pegar. — O som de passos se aproximando, e bem rápido, ilustrou o alerta de Jenny.

— Droga! — ela exclamou. — Corra! Basta continuar indo para o sul e você vai chegar aos

limites da propriedade. Se correr, vai chegar lá antes dos guardas.

— Mas...

— Vá! Eu prometi ao meu irmão que iria tirar você daqui!

A urgência na voz de Jenny fez Kylie começar a correr, mas ela só tinha avançado uns cem metros quando seu peito se contraiu com um mau pressentimento. Um mau pressentimento sobre deixar Jenny. Kylie sentia uma mudança sutil em seu corpo diante da menor ideia de que alguém poderia estar em perigo. Ela não ia deixar a menina, não até saber que ela não estava em perigo. Ela parou e começou a voltar.

— Droga! — Uma voz grave explodiu no escuro da floresta. Parecia uma voz familiar. — Me solta!

— Deixe ela em paz! — Jenny gritou. — Ela está voltando para o lugar a que pertence.

Os pés de Kylie batiam com mais força contra o chão enquanto ela corria para a orla das árvores. Ela não tinha parado completamente quando reconheceu a voz. Então viu Derek com Jenny, muito irritada, agarrada às costas dele, com as mãos sobre os olhos do garoto e as pernas em volta da sua cintura.

Derek puxou as mãos dos olhos, mas Jenny as apertou em torno do pescoço dele.

— Onde está Kylie? — ele resmungou, e virou-se, como se tentasse encontrá-la ao mesmo tempo que lutava para se livrar da sua agressora.

Kylie quase sorriu ao ver Jenny agarrada às costas de Derek. O sorriso desapareceu quando ela o viu fechar os olhos, como se fosse se concentrar. Ela sabia que ele estava prestes a fazer aquela coisa com a mente. Isso deixaria Jenny inconsciente.

— Pare! Eu estou aqui! — Kylie gritou.

— Você o conhece? — perguntou Jenny, com as pernas ainda agarradas à cintura de Derek.

— Sim. Eu o conheço. Saia de cima dele. — Kylie sugeriu, sem ter certeza de que Derek compreendia que Jenny não era uma ameaça.

Jenny escorregou para baixo e, em seguida, recuou rapidamente, como se agora que o momento de pânico tivesse acabado, ela sentisse medo. Derek virou-se e, pela expressão de Jenny, sem dúvida a encarou de cara feia.

Depois de apenas um segundo, sua raiva diminuiu. Os dois olhares se encontraram, nenhum deles parecendo feliz, mas avaliando um ao outro.

— Então... então é melhor irem embora, vocês dois. — Jenny acenou com os braços e rapidamente desviou o olhar de Derek. — Vão antes que os guardas encontrem vocês.

— O que está acontecendo? — Derek perguntou, e finalmente olhou de Jenny para Kylie. Ela viu o olhar dele se desviar para a mala em sua mão.

— Ela diz que os anciãos vão tentar me impedir de ir embora.

Kylie sentiu o aperto da traição ao dizer isso. Será que seu avô estava envolvido nisso?

— Mas Burnett disse que...

— Vocês não têm tempo para falar sobre isso! — repreendeu-os Jenny.

Derek olhou para Kylie, como se estivesse esperando uma explicação.

— Temos que ir — disse ela, e a tristeza vibrou dentro de si, ao pensar em partir dessa maneira.

Sem saber se o avô a traíra ou não.

Ela olhou mais uma vez para Jenny.

— Obrigada.

Jenny lançou a Kylie um sorriso tímido e acenou com a cabeça antes que ela e Derek se afastassem.

Kylie manteve o ritmo dos passos de Derek, sabendo que ele não conseguiria acompanhar os dela. A mala parecia leve em sua mão firme, mas o sacolejar, para a frente e para trás, era incômodo.

— Eu poderia ter batido nela. Mas você sabe que eu não queria machucar aquela garota.

— Eu sei. — Kylie reprimiu um sorriso. Ah, os rapazes e seus egos...

Seus passos pareciam ecoar nas árvores e encher a escuridão.

Mas os ânimos de repente mudaram. Embora ela não conseguisse explicar, sua pele estava ultrassensível e seu sangue parecia correr mais rápido. Medo. Perigo. A sensação queimava dentro dela como um fogo lento, e o cheiro parecia encher o ar, causando um ardor na sua carne.

E pelo olhar rápido que Derek lhe lançou, Kylie sabia que não era a única a sentir. O ritmo dos seus passos aumentou de repente.

* * *

Eles estariam a cem metros do portão em menos de cinco minutos. Kylie poderia ter chegado lá na metade do tempo, mas Derek não. Quando se aproximaram, Kylie divisou o portão. Eles poderiam facilmente pular. Kylie estava prestes a dizer a Derek qual era o plano, quando de repente ela se lembrou. Só porque não podia ver os guardas não significava que eles não estivessem lá.

Ela agarrou o braço de Derek e puxou-o para trás de uma árvore.

— Espere! — ela sussurrou baixinho.

— Está tudo bem — ele disse, olhando para trás, além do tronco de carvalho.

— Não dá para ter certeza — disse ela. — Eles são camaleões.

O olhar dele disparou para a cerca, a testa franzida em perplexidade.

Ela percebeu o segundo exato em que ele se deu conta do que ela queria dizer.

— Como vamos saber se... eles estiverem invisíveis? — ele perguntou.

Kylie de repente recordou que, embora não pudesse ver ninguém quando estava invisível, ela podia ouvir.

— Deixe-me verificar uma coisa.

Ela fechou os olhos e se concentrou em desaparecer. Por um segundo, teve receio de que aquilo não fosse funcionar, mas logo em seguida sentiu o tipo estranho de formigamento em seus pés e depois nos joelhos.

Os olhos de Derek se arregalaram quando ela desapareceu. Assim que não conseguiu mais ver a

si mesma, ela se concentrou em ouvir. Seu olhar vagou entre as árvores, tentando ver alguma coisa no escuro. Ao seu lado, podia ouvir a respiração de Derek. Ela olhou para ele, viu-o ainda olhando para ela, como se achasse seu desaparecimento um pouco demais. Em seguida, ela ouviu. Som de passos.

Merda.

Alguém estava se aproximando deles. Tinha que ser os guardas.

Em pânico, ela pensou no que poderia fazer. Eles podiam ouvi-la, estivesse invisível ou não. Mas pelo menos ela não podia ser vista.

Mas e Derek?

Lembrando-se de algo que tinha aprendido, ela desejou ficar visível novamente e, quando apareceu, Derek só olhou para ela ligeiramente surpreso.

Ela se inclinou e cochichou em seu ouvido.

— Eles estão por perto. — Ela pegou a mão de Derek e entrelaçou os dedos nos dele. Normalmente, Kylie não se preocuparia tanto com os guardas. Camaleões não eram conhecidos como bons lutadores, mas a sensação de medo que ainda eriçava seus pelos lhe dizia que ela não deveria arriscar. Não agora, quando estavam tão perto de escapar.

Ela inclinou-se para mais perto da orelha de Derek.

— Vou fazer você ficar invisível, junto comigo. Você tem que ficar muito quieto, porque eles não podem nos ver, mas podem nos ouvir. Entendeu?

— Espere aí. Você vai me deixar inv...?

Ela o interrompeu, pressionando um dedo sobre os lábios dele. Então, sem saber realmente se conseguiria fazer aquilo, fechou os olhos com força e não pensou em nada que não fosse desaparecer, levando Derek consigo.

Aos poucos, suas pernas começaram a se desvanecer, e então ela viu a mão de Derek começar a brilhar. Ela o ouviu ofegar de leve quando ele viu a mesma coisa. Não tinha ocorrido a ela até então que essa coisa toda de ficar invisível poderia não funcionar da mesma forma com outras espécies. E se aquilo fizesse mal a ele? Kylie quase largou a mão dele, mas ouviu a intuição e ela lhe dizia que estava tudo bem.

Santo Deus!, ela esperava que sua intuição não a deixasse na mão justo agora!

À medida que a sensação de formigamento subia lentamente pelo seu corpo, ela viu o braço dele desaparecer completamente. Então segurou firme o pulso de Derek e sentiu o polegar dele acariciar a parte de trás do seu braço. Quando ela mirou seus olhos, viu que o olhar dele estava fixo em sua boca. Ele se inclinou um pouco. Ah, Deus! Felizmente, antes que ele pressionasse os lábios contra os dela, ele tinha visualmente sumido. E ela também. Quando sentiu a respiração dele nos lábios, ela se afastou um pouco.

— Você pode me ouvir? — ela sussurrou, ainda pensando no beijo que quase aconteceu. Por que parecia tão errado? Ela não precisava ser leal a Lucas agora. Mas precisava ser fiel aos seus sentimentos, e o “quase beijo” não parecia certo. Talvez não totalmente errado, mas certo também não.

— Você está bem? — ela perguntou.

Ela ouviu sua resposta calma.

— Claro! Isso é demais!

É estranho como cada pessoa interpreta as situações de um jeito diferente. A primeira vez que aquilo tinha acontecido com Kylie, ela tinha ficado apavorada. Claro, ela não tinha ninguém ao seu lado, nem mesmo sabia que aquilo era possível.

— Não tire a mão da minha ou você vai ficar visível — ela sussurrou. Pelo menos era assim que a seu ver a coisa funcionava. Ah, ótimo! E se não fosse assim tão simples?

— Não me afastar de você é muito fácil — ele sussurrou, acariciando o pulso dela com o polegar novamente. — Eu nunca quis deixar você.

— Agora não é hora...

— Eu sei. — Um pouco de culpa soou na voz dele.

Kylie tentou acalmar sua mente acelerada que oscilava entre o “quase beijo” e o medo de ter causado algum mal a Derek, tornando-o invisível. Felizmente, ele parecia estar bem. Agora ela só rezava para que torná-lo visível fosse tão fácil quanto o contrário. Deus, ela esperava que não tivesse sido um erro!

— E agora? — ele perguntou numa voz quase inaudível, e ela sentiu a respiração dele contra sua bochecha. Ela se afastou um pouco.

— Se entendi o que Jenny queria dizer, os guardas andam a pé pela propriedade. Eu posso ouvir os passos, e suponho que sejam eles agora. Não estão muito perto, mas pelo barulho parece que são dois. Só espero que passem por nós e se afastem.

— Seria bom.

Seria como um tiro no escuro, Kylie pensou.

Ficaram completamente silenciosos e invisíveis. Os passos chegaram mais perto. Bem perto.

Em seguida, se aproximaram mais. Mas eles permaneceram invisíveis. O som da respiração dos dois guardas ecoava muito alto no ar da noite. Kylie tentou ouvir para ver se a respiração dela e de Derek também estava muito alta.

Derek devia ter transferido o peso do corpo para a outra perna porque o som de um galho estalando encheu o ar.

Kylie se retesou e rezou para que o barulho não os delatasse.

— Ouviu isso? — perguntou uma voz.

Kylie reconheceu uma das vozes dos camaleões. Ela não o conhecia bem o suficiente para chamá-lo pelo nome. Não que saber o nome dele ajudasse em alguma coisa agora. Se ele os descobrisse, provavelmente chamaria os anciãos. E o que os anciãos fariam, ela não fazia ideia.

— Quem está aí? — Uma voz diferente soou, e os passos se aproximaram mais. Eles definitivamente eram dois.

— Fale agora se você é um de nós! — a segunda voz disse, aproximando-se tanto que Kylie poderia jurar que era capaz de sentir o calor de seu corpo invisível.

E esse calor deixou Kylie gelada de medo.

Principalmente quando o corpo se materializou e ficou a poucos centímetros dela. Derek apertou mais os dedos de Kylie, indicando que estava sentindo seu medo.

O camaleão de cabelo ruivo olhou ao redor e gritou.

— Olá? Tem alguém aí?

Capítulo Seis

Outros passos ecoaram na escuridão, vindos de trás.

— Sou eu — disse uma voz feminina, vários metros atrás de onde Kylie e Derek estavam, invisíveis e silenciosos.

Kylie reconheceu a voz aguda de Jenny antes que ela aparecesse das sombras. A menina, obviamente, os seguira para se certificar de que tinham conseguido fugir. Kylie se sentiu um pouco culpada por duvidar da garota a princípio.

— Jenny Beth? O que você está fazendo andando pela floresta esta hora da noite?

Derek apertou a mão dela e Kylie só poderia deduzir que ele estava preocupado com Jenny. Mas seus instintos lhe diziam que Jenny era capaz de lidar com isso. Kylie quase disse isso a Derek, mas se lembrou de que o outro guarda poderia ouvi-la.

Jenny se aproximou mais alguns centímetros.

— Eu não conseguia dormir. Saí para uma caminhada rápida e, então... vi alguém.

— Viu quem?

— Não sei, não parecia ninguém conhecido. Cabelos castanho-claros, mais ou menos 1,80 m. Porte médio. Jovem. E quando a luz da lua o iluminou, me pareceu que tinha olhos claros.

Kylie mordeu o lábio. Por que Jenny estava descrevendo Derek?

Kylie apertou a mão de Derek um pouco mais, fazendo silenciosamente a mesma pergunta.

O outro camaleão materializou-se ao lado do parceiro.

— Parece um dos guardas que a UPF trouxe. Aquele que nocauteou a gente. Eu adoraria dar uma bela facada nele.

A tensão percorreu a mão de Derek e chegou ao braço de Kylie. A necessidade de protegê-lo despertou em seu peito.

O guarda desviou os olhos para Jenny.

— Por que você ficou aqui fora com um estranho solto por aí? — perguntou o homem.

— Eu não fiquei. Quero dizer, é por isso que eu vim por este caminho. Ele estava entre eu e a minha casa quando o vi. Caminhava em direção à parte norte da propriedade. Eu estava indo para casa do senhor Summers para denunciá-lo.

— Eu sabia que isso não ia acabar bem... — o guarda falou com rispidez. Ele então puxou um celular do bolso e discou. O outro guarda se aproximou de Jenny.

— Eu vou levá-la para casa.

— Acho que posso fazer isso sozinha.

— Não com estranhos andando por aí.

Kylie viu Jenny voltar os olhos em direção a ela e Derek, quase como se soubesse onde estavam.

E, ao olhar, ela parecia enviar uma mensagem silenciosa dizendo que eles deveriam correr assim que ela tirasse aqueles sujeitos dali.

Foi uma mensagem que Kylie não precisou receber duas vezes.

O guarda com o celular estava falando com alguém sobre ter encontrado Jenny.

— Ela disse que o sujeito estava indo para o norte. — Ele fez uma pausa. — Estamos indo pra lá. — Ele desligou e olhou para o outro guarda. — Leve a garota de volta para casa e se encontre comigo no extremo norte para procurarmos aquele cara. Recebi ordens para soar o alarme caso a gente não o encontre rápido.

— Soar o alarme duas vezes em 24 horas, eu acho que é um recorde! — o outro declarou, contrariado.

O silêncio reinou em meio à escuridão.

— É, isso é o que acontece quando começamos a trazer estranhos para cá. Protetora ou não, eu sabia que essa garota ia complicar a nossa vida. E acho que eles, os anciãos, querem que ela continue aqui.

O coração de Kylie teve um sobressalto ao ouvir aquilo. Não que ela não tivesse acreditado em Jenny, mas é que ouvir isso da boca dos guardas tornou a coisa mais verdadeira. E doeu mais ainda.

O toque de Derek ficou mais quente e Kylie soube que ele estava tentando confortá-la.

Um dos guardas se aproximou de onde ela sabia que Derek estava. Derek fez um movimento, obviamente assustado ao pensar que alguém poderia ocupar o mesmo espaço que ele, agora que estava invisível.

O guarda olhou em volta como se quase suspeitasse de que não estava sozinho.

— Você não acha que um de nós deveria verificar se a garota ainda está na casa do avô?

— É, acho que sim — respondeu o outro guarda.

Kylie se deu conta de que, tão logo descobrissem que ela não estava com o avô, seria mais difícil fugir dali.

Os guardas e Jenny se afastaram. Kylie esperou até que estivessem fora do alcance de sua voz. Ela estava prestes a falar quando ouviu outros passos ecoando perto deles. Será que um dos guardas tinha ficado invisível e voltado? Ou seria outra pessoa?

Kylie apertou a mão de Derek, na esperança de alertá-lo com relação ao recém-chegado.

Derek apertou a mão dela também, como se tivesse entendido.

Os passos pararam a poucos metros dela. Kylie tentou controlar a respiração, rezando para que o seu suspiro ou a respiração de Derek não os denunciasse.

Vários minutos se passaram. Finalmente, quem quer que perambulasse por ali, soltou um suspiro frustrado e começou a se afastar. O barulho de galhos se quebrando encheu o ar enquanto ele ia se afastando. A vontade de chamar o nome do avô era forte, pois a cadência dos passos e o longo suspiro lhe pareceram familiares. Mas como ela podia ter certeza? Talvez fosse apenas uma ilusão.

Ilusão de que ele tinha dado pela falta dela e ficado tão preocupado que viera procurá-la.

Ilusão de que ele não sabia o que os outros camaleões estavam fazendo.

Mas uma ilusão poderia enterrá-los até as orelhas em problemas. Então ela ficou congelada no local e esperou. Tão logo os passos se dissiparam entre as sombras das árvores, Kylie disse a Derek:

— Temos que sair daqui rápido.

— Pode crer — concordou ele.

— Eu vou largar a sua mão e acho que você vai ficar visível de novo.

— Você *acha*? — Derek perguntou, e havia mesmo um leve toque de medo em sua voz. — Ah, merda! Não me diga que você nunca fez isso antes.

— Na verdade, não — Kylie confessou.

— Ok, vamos torcer para que dê certo. — Ele soltou a mão dela. Kylie fechou os olhos e desejou ficar visível. Um ou dois segundos se passaram e ela abriu os olhos. Quando não conseguiu ver Derek, seu coração bateu forte e o medo oprimiu o seu peito.

— Derek? — ela sussurrou. As lágrimas encheram seus olhos. Ah, droga, será que ela tinha provocado uma desgraça?

— Estou bem atrás de você — ele disse.

Kylie deu meia-volta e soltou um suspiro quando o viu.

— Está pronta? — ele perguntou e sorriu, como se tivesse captado os sentimentos dela e gostado de ver que Kylie estava apavorada com a ideia de perdê-lo. Porque, era preciso admitir, isso significava que ela gostava dele, certo?

Não que isso fosse uma surpresa. Ela nunca tinha deixado de gostar dele. Ela apenas não sabia se gostava da mesma forma que antes.

— Pronta — disse ela. — Temos que nos apressar. — E eles fizeram exatamente isso.

Correram, lado a lado. No entanto, ela nunca o pressionava a correr mais do que ele podia.

Quando chegaram à cerca de um metro e meio, Kylie pegou a mão dele, pronta para ajudá-lo se necessário. Ele não pareceu ofendido. Pelo contrário, sorriu e apertou a palma da mão contra a dela. O sorriso, e o contentamento que transpareceu em seus olhos, lembrou-a de que ele tinha tentado beijá-la e isso só aumentou a ansiedade dela.

Mas não seria muito cedo, depois de sofrer tamanha decepção com Lucas?

Ou seria tarde demais para ela e Derek?

Percebendo que não era hora para esse tipo de reflexão, ela começou a correr mais rápido. Segurando firme a mão de Derek, eles pularam a cerca.

E aterrissaram com um baque do outro lado. Derek segurou-a pela cintura. Sua respiração pesada fazia seu peito subir e descer sob a camiseta escura, assim como a dela. Seus olhares se encontraram por um segundo, uma cena que parecia saída de um filme romântico. Do tipo em que uma música suave começa a tocar ao fundo. Do tipo que termina com um beijo ardente. Ela se afastou dele.

— Temos que ir.

A decepção brilhou nos olhos de Derek, mas desapareceu num piscar de olhos. Ela sabia que ele tinha lido suas emoções. Provavelmente sentira sua confusão. E sendo quem era, ele não iria

pressioná-la, ou pelo menos não muito. Pensando bem, tentar roubar um beijo já tinha sido uma grande ousadia.

Será que esse era um novo Derek?

Será que ela teria que ser um pouco mais cuidadosa?

Derek pegou a mala da mão dela e eles começaram a correr novamente. Uma fuga de seus novos problemas, mas uma volta aos antigos.

Eles já tinham percorrido alguns quilômetros quando Kylie diminuiu o ritmo e parou. Olhou ao redor. Eles estavam à beira de uma estrada e, embora tivesse perdido o rumo, sabia que estavam a pouco menos de dez quilômetros de Shadow Falls.

Ao longe, um pássaro chamava o companheiro. Sons de insetos vibravam no ar da noite. O cheiro de mato os envolvia. O perigo iminente devia ter passado. Eles já estavam bem longe do complexo, os guardas não deveriam ir tão longe. Mas uma leve sensação na boca do estômago lhe dizia para não ter tanta certeza.

— Preciso ligar para Burnett — disse Derek.

— Tem razão. — O sinal de perigo em seu estômago diminuiu quando ela pensou em como iria explicar tudo aquilo para o severo vampiro. A frustração crescia dentro dela. Burnett ficaria furioso e acharia que seu avô tinha mentido o tempo todo. E, sim, Kylie admitia que parecia aquilo mesmo, mas ela não podia acreditar. Ela não iria parar de acreditar no avô sem antes falar com ele, sem que o olhasse nos olhos e ele negasse tudo aquilo. Talvez ela não o conhecesse há muito tempo, mas, por alguma razão, sentia que o conhecia. Conhecia bem o suficiente para acreditar que, se ele tivesse feito aquilo, não iria negar. Ele admitiria os próprios erros, talvez afirmasse que tinha suas razões, mas não iria mentir.

Mais uma vez, ela se perguntou se seria ele que estava perambulando pela floresta, antes de eles começarem a correr. A dor no peito, que ela já sabia ser pela falta que sentiria do avô, oprimiu seu coração.

— Ei... Você está bem? — Derek perguntou, passando a mão pelo braço dela.

— Eu vou ficar — disse Kylie, e ela tinha que acreditar nisso.

— Então... você não quer que eu ligue para Burnett? — Derek largou a mala e tirou o telefone do bolso, mas hesitou em discar, esperando a permissão dela.

— Sim, é melhor ligar pra ele — disse ela, aceitando que era a coisa certa a fazer. Uma hora ela teria que enfrentar a desaprovação de Burnett com relação ao avô.

Derek apertou um botão e franziu a testa.

— Meu telefone está sem bateria. — Ele apertou mais algumas teclas. — Eu sei que o carreguei. Droga! — Ele deu um pulo e jogou o celular no chão. — Mas que merda é essa? Essa coisa me deu um choque! — ele reclamou.

Kylie observou que faíscas começaram a sair do telefone e, então, um zumbido veio do aparelho, seguido de fumaça.

— Eu não sabia que isso podia acontecer — disse Derek.

— Não é normal.

— E o telefone é novo — ele lamentou. — Minha mãe vai ter um ataque.

Lembrando-se de que alguns fantasmas podiam fazer coisas com telefones, Kylie ficou alerta, à espera de que algum fantasma aparecesse. Nenhum vento frio roçou sua pele.

Ela olhou ao redor, procurando... Não sabia o que esperava ver, mas algo lhe dizia que o telefone descarregado não era um acidente. Ela olhou de um lado para o outro, mas não conseguiu ver nada sob o manto da noite. A escuridão engolia tudo. A rua parecia abandonada. As luzes estavam apagadas, nem um lampejo de luz vinha das lâmpadas.

Havia algo estranho ali, mas o quê? Não parecia um fantasma.

— É melhor a gente correr.

Ele pegou o braço dela.

— O que foi?

— Eu não sei, mas não estou gostando...

— Então somos dois — disse Derek.

— *Três* — disse uma voz ao lado de Kylie.

Kylie virou-se e o espírito da mulher assassina estava ao lado dela.

— Foi você quem fez isso, não foi?

— Por que eu iria explodir meu próprio telefone?! — perguntou Derek.

— Não estou falando com você — Kylie respondeu, sem desviar os olhos do espírito.

— *Não! Parei de explodir telefones há muitos anos. Encontrei maneiras muito melhores de anunciar a minha presença.*

Kylie virou-se para Derek.

— Vamos dar o fora daqui. — Ele pegou a mala e eles começaram a correr.

— *Não! Por aqui.* — O espírito começou a correr em outra direção.

Parando, Kylie estendeu a mão e agarrou o braço de Derek, obrigando-o a estancar de repente.

O espírito se virou e olhou para Kylie.

— *Por aqui. Vá para o cemitério. Você terá ajuda. Por alguma razão inexplicável todos os mortos lá gostam de você.*

— Por que eu deveria confiar em você? — Kylie perguntou, e com o canto do olho, viu Derek franzindo a testa. Sem dúvida, vê-la manter uma conversa com um fantasma deveria ser inquietante. Ele deveria algum dia tentar ver isso por si mesmo.

— *Porque você quer continuar viva.*

Kylie prendeu a respiração e olhou para Derek.

— Vamos seguir por aqui — disse a ele, rezando para que sua intuição estivesse certa e ela pudesse confiar no espírito. Rezando para que aquilo não fosse alguma armadilha para levá-la ao cemitério e dali para o inferno.

Eles correram. Correram muito. Mas Kylie sentia que algo os seguia enquanto corriam. Sentia

isso dentro dela. Um sentimento que ela estava prestes a expressar.

Ela viu os portões da frente do cemitério. Seu coração batia contra o peito e, se ela já estava perdendo as forças, Derek certamente não poderia correr muito mais.

— Espere! — Derek parou e estendeu a mão para ela. — Por que... estamos... indo... para o cemitério? — ele perguntou com a respiração entrecortada.

— Eu tenho amigos lá — disse ela.

— Amigos mortos, suponho — disse ele, não parecendo muito feliz.

— Não vamos ser exigentes agora.

Ele lançou um olhar para os portões enferrujados.

— É melhor irmos para Shadow Falls. Estamos perto.

— Não vamos conseguir — disse Kylie, e algo dentro dela disse que estava certa. Algo dentro dela disse que a coisa que os seguia não estava brincando. Algo dentro dela dizia que era Mario. Deus do céu, ela esperava estar errada!

Ela agarrou Derek pelo braço e começou a correr novamente. Infelizmente, não conseguiram chegar ao portão antes que o homem se fizesse visível.

Mario, o malfeitor superpoderoso que queria ver Kylie morta, estava a poucos passos deles. O mesmo sujeito que tinha machucado Helen, matado Ellie, matado o próprio neto, e não se importava em tirar a vida de qualquer inocente que cruzasse o seu caminho.

Os olhos escuros do homem brilharam com um lampejo de maldade. Sua pele parecia couro de tão envelhecida, e ele usava um manto escuro como se se considerasse uma espécie de realeza.

Lembranças desse homem lançando raios na direção do próprio neto fizeram brotar um sentimento de fúria em Kylie, e sua natureza protetora entrou em ação com força total numa fração de segundo. Ela empurrou Derek pelo braço, para que ele ficasse atrás dela.

Capítulo Sete

— Nos encontramos de novo! — exclamou Mario, uma brisa quente e sombria agitando a bainha de seu manto. O céu parecia ter ficado mais escuro. Mesmo a lua e as estrelas pareceram se encolher diante da presença dele.

— Infelizmente — disse Kylie, respirando fundo. O ar da noite parecia impregnado com a maldade que emanava dele. Ela sentiu o sangue ferver em suas veias e a sensação de perigo quase sugava o oxigênio do ar.

Derek se moveu atrás dela e Kylie o empurrou de volta, segurando-o atrás de si.

Protegê-lo. Protegê-lo. As palavras se repetiam na sua alma como uma ladainha.

Mario riu como se pudesse ler a mente dela.

— Não se preocupe, garota. Eu não quero nada com o seu amiguinho. No que me diz respeito, ele não está em perigo.

O velho sorriu. Seus dentes, finos, ligeiramente amarelados pela idade, apareceram sob o lábio. A bizarrice do momento causou um tremor na espinha de Kylie.

— Pode acalmar esse seu lado protetor — disse Mario, como se sentisse o instinto de defesa dela vindo à tona. — Não lhe fará nenhum bem. Só estou atrás de você. Não vou causar nenhum mal a esse frangote.

Com um puxão, Derek se soltou de Kylie e foi para cima do velho malfeitor.

Kylie deu um protetor passo à frente para intervir. Mario ficou invisível e Derek caiu no chão.

Mario reapareceu a alguns metros de distância.

— Que lindo... — ele zombou. — O rapazinho quer protegê-la.

Derek não hesitou em avançar contra ele novamente. Mas, como antes, Mario desapareceu no ar e reapareceu novamente a poucos metros do *fae*.

— Pare com isso! — Kylie disse Derek.

Ele a ignorou e seus olhos dispararam punhais contra Mario.

— Não sou eu quem está desaparecendo, seu cretino. Lute como um homem.

Mario riu, e a maldade de seu tom estilhaçou os nervos de Kylie como cacos de vidro.

— Sei que quer lutar comigo para despertar os poderes da sua namorada. Eu não sou nenhum tolo, garoto.

Por mais que ela se ofendesse com isso, Mario estava certo; se ele não machucasse Derek, ela não podia recorrer aos seus poderes para lutar contra ele. O medo invadiu suas entranhas.

— Vá embora! — Kylie insistiu e, logo em seguida, viu os espíritos se aglomerando atrás dos portões, seus murmúrios cheios de preocupação por ela.

— Não sem você — Mario exigiu, mas sua confiança pareceu ligeiramente abalada quando ele

olhou na direção dos portões do cemitério.

Será que ele podia sentir os espíritos, também? Ele deu um passo para chegar mais perto dela. Ou seria apenas para se distanciar um pouco mais do portão do cemitério?

Ela deu um passo para trás. Pelo canto do olho, viu Derek pegar uma grande pedra a seus pés. Ela sabia que seu plano era deixar Mario furioso a ponto de se transformar numa ameaça para ele e ela poder proteger a ambos, mas Kylie não tinha certeza se esse plano daria certo. A indecisão encheu seu peito, pois não sabia se deveria impedi-lo ou não. Porque o plano de Derek podia ser a sua única chance, gostasse dele ou não.

Mario, concentrado nela, não viu a pedra sendo atirada. Ela bateu em sua têmpora com um baque. Mas Kylie sabia que viria um contra-ataque. E ela deveria estar pronta para enfrentá-lo.

A tensão engrossou o ar em torno deles, enquanto os olhos do marginal brilhavam num tom verde-limão e o sangue vermelho jorrava da sua testa. Um rosnado baixo serpenteou pelos lábios do homem quando ele olhou para Derek.

Kylie sentiu a força começar a se acumular nos seus músculos, mas aquilo não era nada em comparação ao que deveria sentir para despertar seu verdadeiro poder.

— Venha me pegar, seu covarde! — Derek provocou.

Mario limpou o sangue da testa e a fúria em seus olhos se desvaneceu.

— Você não me interessa.

— E quanto a mim, seu vampiro filho da mãe? — Lucas apareceu do nada, avançou de trás das árvores e empurrou o velho, fazendo-o cair.

Kylie não teve tempo para pensar na sua devastação emocional. Derek, obviamente vendo uma oportunidade, atacou com tudo. Kylie o acompanhou, agora com força total. Mas sua força e sua velocidade não eram nada comparadas às de Mario. Ela não tinha chegado ao tumulto de punhos atacando, quando viu Mario livrando-se primeiro de Lucas e depois de Derek. Seus corpos voaram no ar como bonecas de trapo. Com a respiração presa na garganta diante daquela visão, Kylie deu um salto e agarrou os dois garotos no ar. Depois de apenas uma fração de segundo, deixou os dois no chão para em seguida investir contra o agressor.

Provando mais uma vez suas habilidades, Mario deu um salto antes que ela o alcançasse, se desviado do seu ataque. Ela se deteve, assustada, e olhou em volta. Ele estava a vários metros de distância, observando-a como se ela não passasse de um entretenimento.

Mario estava brincando com ela. E Kylie não sabia como virar o jogo.

Agarrando o próprio punho com tanta força que chegou a machucar a mão, ela se forçou a aceitar que não era páreo para o malfeitor. Ele podia ser velho, mas, obviamente, ainda era ágil e rápido.

Ele olhou para ela e sorriu, em seguida, com os olhos sedentos para ver mais, ele estendeu a mão em direção a Lucas.

— Até onde você vai para salvá-los?

Kylie viu uma bola de fogo surgir nos dedos dele. Ela correu e se colocou entre a bola de fogo e Lucas. Então arrebatou a bola de chamas e atirou-a de volta, na direção de Mario. Ele conseguiu

desviar, e em seguida jogou mais duas. Kylie pegou uma delas e a outra passou raspando por ela. Ela olhou por cima do ombro e viu a outra bola de fogo derrubar Lucas. O gosto de fúria, amargo e salgado, espalhou-se pela língua dela. Apesar do seu estado emocional com relação a Lucas, seu coração pedia que fosse até ele e se assegurasse de que o ex-namorado não tinha se ferido gravemente. Mas a necessidade de deter Mario fez com que ela o encarasse novamente.

— Você vai morrer para salvá-lo? — Um sorriso encheu seus olhos acinzentados pela idade. — Qual deles vai salvar primeiro? — Mario analisou a expressão dela como se se divertisse, definitivamente sem nenhum medo e, aparentemente, tão ocupado em atormentá-la que não percebeu Derek se aproximando dele novamente. E nem Kylie, ou ela o teria impedido. Ela o deteria antes que alguém morresse.

No momento em que Derek atacou Mario, o homem estendeu a mão na direção dele e apertou os dedos retorcidos em torno do pescoço do rapaz. Kylie avançou, cega em sua fúria, em sua necessidade de vingança. Fechando uma mão em torno da garganta de Mario, ela usou a outra para arrancar as mãos do velho do pescoço de Derek. No segundo em que ela o sentiu se libertando, usou ambas as mãos para apertar a garganta do malfeitor.

— *Solte-o!* — A voz ecoou no ouvido dela ao mesmo tempo, em que o frio fantasmagórico deslizou pela sua espinha. — *Pare!*

Kylie ignorou o espírito. Aquela não era hora de parar.

Ela ouviu Derek lutando para respirar. Agora era Mario que não podia respirar. Ela sentia os tendões rígidos sob seu aperto. Seu objetivo era simples. Detê-lo. Pará-lo agora e para sempre. Tudo o que tinha a fazer era apertar um pouco mais.

Ela iria esmagar a traqueia dele com um pouco mais de força.

Iria mandá-lo para o inferno, o lugar a que ele pertencia.

Seus pensamentos voaram para Ellie, que Mario tinha levado deste mundo ainda tão jovem. Ela pensou no neto desse homem, que tinha morrido sabendo que seu próprio sangue causara sua morte.

Mario merecia essa morte.

Um pensamento passou pela sua mente. Matar não era fácil. Nem quando era a coisa certa a fazer.

— *Largue-o!* — o espírito gritou. — *Você está cega. Nada é como você vê!*

Ela enxergava muito bem, obrigada! Apertou mais o pescoço do velho, tentando convencer a si mesma de que precisava terminar o que havia começado. O som áspero de Derek tentando insuflar ar nos pulmões ecoou atrás dela. O braço de Mario se agitou dos lados, tentando encontrar algo a que se segurar. Tentando se agarrar à vida.

Ela ouviu Derek gritar seu nome, a voz rouca, mas ela o ignorou. Ignorava tudo que não fosse o fato de que estava prestes a tirar uma vida.

De repente, uma sensação de mal-estar invadiu seu estômago, como se algo estivesse terrivelmente errado. E foi aí que ela viu Mario. Parado vários metros atrás e sorrindo. Conteve o fôlego e seu olhar se desviou para o rosto da pessoa que ela estava matando.

Lucas!

A risada de Mario ecoou ao redor dela.

O pânico atravessou Kylie como uma dor lancinante. Ela afrouxou o aperto em torno do pescoço do lobisomem. Ele desabou no chão como um saco de batata, mas Kylie não tirou os olhos de Mario.

Lucas se moveu aos pés dela. Lágrimas encheram seus olhos quando ela percebeu quanto estivera perto de tirar a vida de alguém que amava.

— Eu deveria matá-la agora — disse Mario —, mas é muito mais divertido vê-la sofrer.

Kylie inspirou o ar, estremecendo ao senti-lo entrar em seus pulmões.

— Ah, ele está vivo, mas por quanto tempo? — perguntou Mario, o tom de voz expressando a emoção que sentia com a dor que causava em Kylie.

A maldade do homem parecia contaminar o ambiente. Ela não fazia ideia de como Mario tinha trocado de lugar com Lucas, mas o que importava era impedi-lo de fazer coisas piores. E se ela não conseguisse pensar em algo rápido, ele iria derrotá-la. E ela não iria ser derrotada sozinha.

O sangue de Kylie correu mais rápido, o ar que respirava parecia saturado de gás carbônico pelas emoções violentas que a invadiam como um vírus. Então o medo, como um líquido tentando afogá-la, brotou em seu peito.

Seu coração se enfureceu com horror ao pensar que essa era uma batalha perdida. Por um segundo, ela aceitou a derrota e lamentou. Não chorou por sua vida, mas pela de Derek e de Lucas. Eles tinham vindo salvá-la e, agora, morreriam por causa da sua lealdade. E, em seguida, outros viriam. Mario não iria parar.

A voz pareceu vir com o vento. *Você não está sozinha. Peça e lhe será concedido.*

Os anjos da morte estariam ali? Ela se concentrou em Mario, mas rezou pedindo ajuda. Orações sem fé, seu coração parecia sussurrar. A dúvida a corroía e ecoou em sua alma. Se os anjos da morte iriam ajudá-la, eles já não deviam estar lá? Por que ela se sentia tão só, tão desprotegida? Por que eles não ofereceram ajuda antes de ela quase matar um dos seus?

Num lampejo, ela se lembrou das garotas mortas no portão, e algo que Holiday lhe dissera uma vez surgiu em sua mente como um pensamento que ela precisava captar. Às vezes eu acho que todos os mortos são meus anjos da morte.

Kylie deu um suspiro de esperança. *Ajudem-me.* O apelo ecoou em sua mente. *Sejam meus anjos da morte.*

Um ranger alto, de gelar os ossos, ecoou no escuro. Os portões começaram a se abrir. O barulho do metal enferrujado sendo forçado retiniu nos seus ouvidos. Então os mortos começaram a sair por ali às centenas. Homens, mulheres, jovens, velhos, todos vinham correndo, com as mãos estendidas. Os olhos fantasmagóricos. Mas suas expressões não imploravam ajuda; elas a ofereciam.

A sensação gelada da sua presença queimava a pele de Kylie. O ar em seus pulmões parecia muito frio para respirar. Mas mesmo em sua dor, ela viu que não estava sozinha. E isso lhe deu esperança. Sentimento a que ela se agarrou.

O rosto de Mario, velho e enrugado, contorceu-se de angústia. Dor, talvez o mesmo frio que ela sentia em seu corpo, se refletiu em seus olhos cinzentos. Ele atirou a cabeça para trás e rugiu. Vapor

subiu de sua boca e dançou sobre seus lábios. Ele prendeu a respiração e saltou para trás alguns metros.

Como se a distância lhe oferecesse um certo alívio, seu olhar se voltou para ela.

Kylie apertou os olhos e viu o padrão do malfeitor. Mario era certamente um camaleão.

Curiosamente, com a visão um pouco fora de foco, ela sentiu algo levemente diferente com relação a ele. Familiar, mas de um jeito diferente. O pensamento pareceu importante, mas como uma nuvem de tempestade que prometia voltar, ele se desvaneceu.

— Você pode ter vencido desta vez, mas o meu momento se aproxima — ele disse com aspereza. — Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína.

Minha fraqueza? Que fraqueza?, Kylie se perguntou. Mas com a mente cheia de dor e esperança ao mesmo tempo, a pergunta não foi formulada e permaneceu sem resposta.

Em vez disso, ela se concentrou na esperança. Esperança de ter poupado a vida de Lucas e Derek. E em algum lugar no fundo de sua alma, ela queria que sua vida fosse poupada, também.

Os espíritos ainda aglomerados avançaram contra Mario mais uma vez. De maneira determinada. A intenção deles de protegê-la mostrava-se em seus rostos preocupados e lívidos. Holiday tinha razão. Todos os espíritos eram de alguma forma anjos da morte, visto que os anjos da morte eram espíritos de seres sobrenaturais. Espíritos que, embora conhecidos por proteger os inocentes, eram em sua maioria temidos pelo julgamento severo que faziam dos que abusavam dos seus poderes. Um rápido olhar para os portões do cemitério e Kylie viu ainda mais fantasmas saindo dali aos tropeços.

Alguns moviam-se a um passo lento e incerto, como se tivessem acabado de acordar de um sono profundo.

— Obrigada — Kylie conseguiu dizer, muito embora seus dentes batessem e o frio da presença de tantos mortos tornasse difícil estar viva.

Quando os espíritos se reagruparam em torno de Mario, ele rugiu novamente e o som de sua decepção e agonia foi a última coisa que Kylie ouviu antes do tremor que sacudia todo o seu corpo tornar-se excessivo. Sua visão ficou turva, gelo revestiu seus lábios, e ela se sentiu puxada numa espiral sombria em direção ao nada.

Capítulo Oito

— Vamos esperar Burnett.

— Vamos é dar o fora daqui agora!

Kylie lentamente ficou consciente das vozes. De quem eram? Esperar Burnett para quê? As perguntas se sucediam na sua mente confusa. Onde ela estava? Quem a segurava no colo com tanto...?

Ela ouviu o som de uma batida rítmica. A batida de um coração? Mas não era o seu. O calor, a sensação quente de alguém pressionado contra ela, era celestial. Ela tinha sentido tanto frio! Por quê? Se ela se concentrasse conseguiria descobrir. Mas parte dela não queria se concentrar; parte dela queria ficar assim. Inconsciente, aquecida e sentindo-se segura nos braços de alguém que a abraçava.

Que a segurava com ternura.

Que a segurava como se ela fosse um tesouro precioso.

— Não podemos sair daqui — disse uma das vozes. Uma voz a distância. Não a que a segurava.

— Ele pode voltar. Precisamos sair daqui enquanto ainda for seguro.

Ela ouviu as palavras vibrarem profundamente no peito da pessoa que falava.

— Eu não acho. Você disse que Burnett estava a caminho. Precisamos esperar aqui.

— Só porque você está com medo...

— Eu não estou com medo, porra! Estou sendo racional. Kylie veio até aqui por um motivo. Os fantasmas, e eu aposto que foram eles que afugentaram aquele cretino.

Kylie reconheceu a voz de Derek.

Tudo voltou à sua memória numa fração de segundo. A traição do avô, a ajuda de Jenny, Derek encontrando-a, Mario aparecendo, a luta, e Lucas... A sensação familiar dos braços em volta dela revelou quem a segurava, de quem era o calor que ela agora absorvia. Enrijecendo, ela empurrou o peito de Lucas.

— Ponha-me no chão.

Os olhos azul-escuros, agora de um laranja brilhante, sem dúvida ainda sentindo o perigo, fixaram-se em seu rosto.

— Você consegue ficar de pé sozinha?

— Consigo — disse ela. Quando viu os hematomas no pescoço dele seu coração se apertou. Santo Deus, ela quase o matara! Apertara as mãos ao redor do pescoço de Lucas, fazendo a vida quase se esvaír dele, e por pouco não tinha terminado o serviço.

Lágrimas fizeram suas narinas arderem, mas ela piscou, evitando que transbordassem. Agora não era hora de desmoronar. Mais tarde ela iria deixar isso acontecer. Mais tarde teria bastante tempo para sentir pena de si mesma. Ela merecia isso. Mas não agora. Agora não, ela repetiu mentalmente, tentando combater a sobrecarga emocional.

— Você está machucada? — perguntou Lucas.

— Ela pediu para você colocá-la no chão — Derek insistiu, em tom firme, sem dúvida captando as emoções dela em conflito.

— Eu ouvi — Lucas rosnou, e Kylie desviou os olhos dos hematomas em seu pescoço e olhou-o no rosto. A antipatia que o lobisomem sentia por Derek fazia seus olhos brilharem num tom laranja mais claro. — Só quero ter certeza de que ela está bem.

— Estou bem — ela mentiu, as emoções pipocando num turbilhão.

Traição.

Medo.

Seu olhar desviou-se para o pescoço machucado.

Culpa.

— Por favor, me coloque no chão — ela insistiu.

Ele fez o que ela pedia. Seus joelhos estavam fracos, mas Kylie se concentrou para não deixá-los virar geleia e conseguiu permanecer em pé.

Lucas manteve a mão estendida, pronto para ampará-la caso as pernas dela fraquejassem. Ela não queria precisar da ajuda dele. Por que Lucas estava ali? Ela não tinha dito a Burnett para não colocá-lo de guarda? Então Kylie se lembrou de ter pensado que vira Monique. Teria sido ela?

Suas emoções sofreram uma reviravolta e ela percebeu quanto isso era insignificante naquele momento. Agora ela tinha que se certificar de que voltariam para Shadow Falls em segurança. Mais tarde, durante o período que reservaria para sentir pena de si mesma, ela poderia lamentar por Lucas e pelos seus problemas.

— Você está pronta para voltar? — Lucas perguntou.

— Nós não vamos sair daqui até Burnett aparecer — Derek insistiu novamente.

Kylie olhou para Derek e depois para os portões do cemitério, que agora estavam fechados. Os espíritos montavam guarda, com o rosto entre as barras de metal enferrujado.

— Derek tem razão. Vamos ficar aqui até Burnett aparecer.

Um flash passou por Kylie, e depois outro.

Burnett, juntamente com três outras pessoas da UPF, assim como vários campistas, inclusive Perry, de repente os rodearam.

— Estou aqui — disse Burnett. Seus olhos brilhantes pareciam dizer que ele estava preparado para a briga. Ele olhou em volta, como se calculasse o perigo, antes de voltar a se concentrar neles. — E é melhor que alguém me diga que diabos está acontecendo.

Quando ninguém falou rápido o suficiente para aplacar a sua impaciência, seu olhar se fixou em Kylie.

— Era para eu vir buscá-la pela manhã. — Seu olhar saltou para Derek. — Você deveria estar montando guarda perto da casa do avô dela. — Ele olhou para Lucas. — E você me disse que estava indo para a casa do seu pai.

— Bem, eu menti — Lucas confessou, embora não fosse alguém que aceitasse facilmente uma

reprimenda. — Eu queria ter certeza de que Kylie não precisaria de mim. E ela precisou.

— O que aconteceu? — Burnett perguntou de novo, seu tom de voz indicando que ele estava perdendo a paciência.

— Mario — respondeu Kylie.

Os olhos de Burnett iluminaram-se e ele olhou ao redor novamente.

— Você tem certeza de que era ele?

— Tenho. — Kylie estremeceu, lembrando-se da maldade que sentira emanando do camaleão. Ela se lembrou da sensação de que ele gostava de brincar com ela, como um gato perseguindo um rato. Mas o rato tinha vencido dessa vez. Graças aos mortos, ninguém tinha morrido nas mãos de Mario, mas como seria da próxima vez? Ela ouviu a ameaça de Mario ecoar em sua cabeça. *Você virá até mim, Kylie Galen, virá até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para a minha alegria, porque o preço será muito alto!*

Ele falou com certeza, como se já tivesse traçado um plano. O medo subiu da ponta dos pés e atravessou a sua espinha.

Burnett continuou a olhar em volta. Depois de mais alguns segundos farejando o ambiente, ele olhou para Derek.

— Ele já foi — disse Derek.

— Isso eu posso ver.

Mas será que tinha realmente ido embora? Sendo um camaleão, ele podia ficar invisível.

Ele ainda poderia estar ali. Kylie quase disse isso, mas lembrou-se dos outros membros da UPF. Sua falta de confiança neles a levou a ficar de boca fechada. Quanto menos eles soubessem sobre ela e sobre os camaleões como um todo, melhor.

— E o que vocês estavam fazendo aqui? — perguntou Burnett, aparentemente cada vez mais frustrado à medida que pensava no que havia acontecido. — As ordens eram para que me esperassem até amanhã. Por que eu dou ordens aqui se ninguém me ouve?

— Nós não pudemos. Eles não iriam deixá-la partir — defendeu-se Derek, olhando para Kylie como se soubesse quanto era difícil para ela ouvir a verdade. E ele estava certo. A dor em seu peito ficou mais forte.

— Eles quem? — Burnett perguntou. — Quem não iria deixá-la partir? — Seu olhar oscilava entre Derek e Kylie.

— Os camaleões — respondeu Derek.

O olhar de Burnett voltou a se fixar em Kylie e o peito dela ficou oprimido, pois sabia que Burnett iria pôr a culpa em seu avô.

— Meu avô não sabia disso — disse Kylie, mas ela não tinha como ter certeza. E sabia que Burnett perceberia sua mentira inocente.

Sua expressão se suavizou por uma fração de segundo, como se ele pudesse perceber a dor que ela sentia.

— Você devia ter me ligado. — Burnett olhou de volta para Derek.

— Ele tentou — defendeu-o Kylie, sem querer que Derek levasse a culpa. — Tivemos que sair de lá às pressas, para fugir dos guardas, e então... então, quando ele tentava ligar para você, Mario... ele detonou o telefone de Derek.

De repente, a escuridão da noite foi cortada pelo feixe de faróis. Um carro se aproximou até frear abruptamente, fazendo os pneus guincharem no asfalto. O carro de Holiday.

Ela desceu apressada do Honda, o cabelo vermelho solto como se tivesse acabado de sair da cama. E quando os seus olhos marejados se iluminaram ao ver Kylie, ela murmurou “Graças a Deus” e colocou a mão sobre os lábios.

Ver a emoção de Holiday enfraqueceu a determinação de Kylie de esperar até mais tarde para desmoronar. Ela correu para a amiga e caiu em seus braços.

Com a cabeça enterrada no ombro da líder do acampamento, Kylie ouviu Burnett repreender:

— Eu pensei que tivesse falado para você esperar no acampamento.

Kylie sentiu a tensão de Holiday ao ouvir a reprimenda, então levantou a cabeça.

— E eu pensei que você soubesse que não sigo as ordens de ninguém.

— Alguém aqui por acaso me ouve? — perguntou Burnett, a frustração fazendo seu tom parecer quase cômico.

— Obviamente que não — disse um dos agentes da UPF, rindo.

Burnett gemeu, mas Kylie ouviu seu suspiro de puro alívio. Ela sabia que ele via a proteção de todos em Shadow Falls como sua responsabilidade pessoal. E ela o amava por isso, também.

— O que aconteceu? — perguntou Holiday, estreitando os ombros de Kylie em seu abraço reconfortante.

— Vamos falar sobre isso mais tarde — disse Burnett. — Precisamos voltar a Shadow Falls agora.

Kylie sabia que a conversa incluiria acusações ao seu avô. Embora ela ficasse apreensiva ao pensar nessa conversa, naquele momento, com os braços quentes e reconfortantes de Holiday em torno dela, até mesmo ouvir Burnett e Holiday brigando a tranquilizava. Era quase como se sentir em casa outra vez.

E aquilo era muito bom.

* * *

Atravessar os portões de Shadow Falls transmitiu a Kylie uma sensação de calidez. Aquele era o lugar a que ela pertencia. Nem mesmo pensar que passaria a próxima hora enfrentando as perguntas de Burnett dissipou completamente a sensação de estar em casa.

— Me desculpe ter que fazer isso agora — Burnett disse várias vezes. Ele já tinha recapitulado tudo com Lucas e Derek, enquanto Kylie estava sentada no escritório com Holiday. Elas não tinham falado sobre o que havia acontecido aquela noite porque Kylie sabia que Burnett gostaria de estar presente, de modo que falaram sobre o pouco que ela tinha aprendido com o avô.

Quando Burnett entrou, o clima ficou mais sério.

— Sei que você não dormiu a noite toda, mas, de acordo com as estatísticas, quanto mais esperarmos, mais provável é que você se esqueça de alguma coisa.

Kylie, sentada no sofá ao lado de Holiday, assentiu.

— Eu sei. — Ela mordeu o lábio e tentou se concentrar e colocá-lo a par de tudo o que havia acontecido. Ela contou sobre Mario e sua ameaça ao ir embora. Então começou do início novamente e contou a ele sobre Jenny vindo à sua janela.

A única coisa que ela não disse foi que Jenny era irmã de Hayden Yates. Ela nem mesmo tinha certeza de que Burnett tinha descoberto que Hayden era um camaleão. Em seguida, ela contou mais uma vez sobre Derek aparecendo na floresta. Ela propositadamente contou novamente sobre a pessoa invisível que havia sentido ali, antes de fugirem. E lembrou Burnett de que ela acreditava que essa pessoa fosse o seu avô, e que ele não estava lá para impedi-la de ir embora, mas para ver como ela estava.

— Mas você não falou com ele? — perguntou Burnett. — Então você não sabe com certeza se era ele mesmo, ou se a presença dele ali significava que ele não estava por trás de tudo isso.

Kylie o olhou com uma expressão séria.

— Eu conheço o meu avô. Não acho que ele faria isso. Até Jenny disse que ele era diferente dos outros anciãos. E não quero que você comece a pensar nele como um inimigo.

Burnett cerrou os dentes.

— Ele se preocupa com você, Kylie. Senti isso quando nos falamos. Mas ele nunca escondeu o fato de que não confiava em mim e em Shadow Falls. Ele poderia muito bem se justificar, dizendo que sentiu que sua vida estava em perigo. Ele pode achar que tem boas intenções a seu respeito, mas está errado. E, embora eu saiba que é difícil para você aceitar isso, não podemos mais confiar nele.

A observação de Burnett criou um nó na garganta de Kylie. Ela compreendia o ponto de vista dele, mas não podia ir contra o que seu coração dizia. E seu coração dizia que o avô não estava por trás das tentativas de mantê-la com ele contra a vontade dela.

— *Você* não pode confiar nele — disse Kylie. — Eu ainda tenho que decidir. E por que você está desperdiçando tanto tempo se preocupando com ele se o verdadeiro vilão é Mario?

— Eu sei muito bem quem é o verdadeiro vilão — respondeu Burnett. — Mas é por causa do seu... devido às ações de pessoas que estão com o seu avô que Mario quase pegou você.

— Elas não tiveram nada a ver com o fato de Mario aparecer.

— Concorde, mas elas tiveram tudo a ver com o fato de você estar numa situação de vulnerabilidade.

— Fui eu que optei por fugir. — Ela torceu as mãos no colo.

— Você não acha que devemos terminar por essa noite? — Holiday interveio. — Vamos parar agora e continuar pela manhã.

Burnett franziu o cenho para Holiday, em seguida ajoelhou-se em frente à Kylie. Colocou a mão sobre as mãos crispadas dela. Seu toque era frio, mas terno e carinhoso. O nó na garganta de Kylie

dobrou de tamanho. Quando ele a fitou, Kylie viu a luta em seu olhar para manter a calma e não deixar que o seu temperamento intempestivo o dominasse. Ele queria fazer exigências, dar ordens. No entanto, Kylie também sentiu que ele se esforçava para fazer o que Holiday tentava incutir nele: fazer concessões em vez de impor.

Olhando a mão dele sobre os seus dedos crispados, Kylie soube que Burnett se preocupava — ela sabia que a intenção dele não era magoá-la, mas sim ajudá-la. No entanto, não era exatamente isso que seu avô também queria?

— Kylie, eu sei que isso é difícil pra você — disse Burnett. — Eu de fato sei. Mas preciso da sua promessa de que não fugirá para ver o seu avô.

Ele apertou o pulso dela.

— Por favor. Não vou ter um momento de paz se você não me prometer isso.

— Não vou fugir. — Ela não podia lhe negar isso, não quando ele estava quase implorando. No entanto, lá no fundo, ela se perguntava se seu batimento cardíaco dizia que era mentira e, se fosse, se Burnett teria ouvido.

Que Deus a ajudasse, porque, se o avô lhe pedisse para encontrá-lo, como ela podia lhe dizer não? Ela estava verdadeiramente dividida em sua lealdade. Só rezava para que não tivesse que chegar a esse ponto.

O horizonte a leste já estava um pouco mais claro do que o resto do céu quando Burnett e Holiday levaram Kylie até a sua cabana. As estrelas brilhavam no céu, como se soubessem que estavam prestes a ser ofuscadas pelo sol e quisessem oferecer um pouco mais da sua luz.

Ela deveria estar exausta, e parte dela estava, mas duvidava que conseguisse dormir assim que caísse na cama. Sua mente remoía tantas coisas que parecia impossível desligá-la. Além disso, ela tinha assumido um compromisso consigo mesma: iria se permitir um pouco de autopiedade. O nó que sentira na garganta antes agora estava preso na região do coração. No passado, Kylie tinha aprendido que não existia nada como um bom choro para aliviar esse tipo de dor.

Obviamente, os efeitos calmantes do toque de Holiday já estavam se dissipando. Ou talvez aquilo tudo fosse demais para ser amenizado apenas com a magia de um *fae*. Algumas coisas precisavam ser processadas. Coisas como deixar a casa do avô sem dizer adeus. Como o fato de quase ter matado Lucas. Como saber se era realmente Monique, a noiva de Lucas, que ela vira aquela noite. Como a falta que a mãe fazia e o fato de ela estar do outro lado do mundo dormindo com um estranho.

Coisas como ter um assassino psicótico querendo acabar com ela.

A ameaça dele ecoou em sua cabeça como um verso ruim de uma canção que não se consegue esquecer. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína.*

E pensar em coisas desse tipo podia incluir derramar algumas lágrimas. Quem poderia censurá-la por isso? Claro, ela provavelmente ia ter que passar algum tempo tentando descobrir o que Mario queria dizer com “sua fraqueza”.

— Que tal fazer um passeio até a cachoeira amanhã? — Holiday sugeriu e, em seguida, como se estivesse captando o estado emocional de Kylie, estendeu a mão e apertou o braço da amiga.

Kylie assentiu.

— Amanhã bem cedo eu vou descobrir qual o melhor horário para esse passeio — Burnett acrescentou, deixando claro que iria com elas.

O silêncio caiu sobre eles como uma chuva suave. O céu estava um pouco mais púrpura, como se já fosse amanhecer. Burnett limpou a garganta.

— Você sabe que vai ter que voltar a ter uma sombra?

— Eu imaginei — disse Kylie.

— Antes que eu prepare a escala de sombras, hã... queria saber se há alguém que você não queira como sombra.

— Apenas uma pessoa — disse Kylie. — E acho que você sabe quem é.

Burnett apenas balançou a cabeça.

Seus passos no caminho de cascalho enchiam a noite com um som de trituração.

— Como está Helen? — perguntou Kylie.

— Muito melhor — disse Holiday.

— Será que ela se lembra de alguma coisa? Sabemos se foi ou não Mario?

— Não — respondeu Holiday.

— Ainda estamos investigando — disse Burnett, e um pouco de frustração se evidenciou em sua voz. — Mas sabemos que Mario foi flagrado em Shadow Falls naquela mesma manhã. E com o aparecimento dele esta noite, tudo indica que está por trás disso.

Eles estavam quase chegando à curva do caminho. A distância, Kylie podia ver a cabana. Não havia nenhuma luz lá dentro. Ela olhou para Burnett.

— Della ainda não voltou?

— Não, ainda não — disse ele, e algo na maneira como pronunciou aquelas três palavras disparou um alarme dentro de Kylie.

Ela o pegou pelo braço.

— O que aconteceu?

Burnett levantou a mão, como se estivesse se defendendo.

— Ela está bem. Teve alguns problemas ontem à noite, mas tudo está bem agora. Ela deve estar de volta hoje, mais tarde, ou amanhã.

— Que tipo de problema? — perguntou Kylie, sua preocupação com Della trazendo algum alívio com relação aos seus próprios problemas.

Burnett hesitou em responder, o que deixou Kylie ainda mais desconfiada.

— O que aconteceu? — Kylie insistiu.

— Ela entrou numa briga com alguns membros da gangue. Mas...

— Tem certeza de que não era Mario?

— Tenho — afirmou Burnett.

— Ela está machucada? — O peito de Kylie doía. — Eu sabia que trabalhar para a UPF era uma má ideia.

— Ela apenas apanhou um pouco e saiu meio machucada... — disse Burnett.

— Quanto ela apanhou e quanto está machucada?! — perguntou Kylie.

— Não tanto que eu não possa dizer que seu ego é que deve ter ficado mais ferido — Burnett respondeu.

— Ela está ótima. Eu juro — Holiday acrescentou. — Eu mesma falei com ela.

Kylie suspirou, sabendo que provavelmente estava exagerando, mas suas emoções represadas estavam a ponto de transbordar de novo. Ela recomeçou a andar, agora quase correndo para a cabana, querendo ficar sozinha antes que as emoções transbordassem de fato.

Holiday acompanhou o ritmo dela e pegou a mão de Kylie, fazendo-a parar antes de subir os degraus da varanda.

— Você quer que eu entre para podermos conversar um pouco?

— Não — Kylie disse, sentindo-se uma idiota. — Eu só preciso de um tempo para me recuperar.

— Ela abraçou a amiga, absorvendo um pouco mais de seu toque calmante. Quando Kylie deu um passo para trás e começou a se virar para a porta, Burnett pigarreou. Ela olhou para ele.

O vampiro estendeu as mãos.

— Eu não ganho um também?

Kylie viu o brilho de surpresa nos olhos de Holiday, então não conseguiu resistir e sorriu.

— Cuidado, as pessoas podem pensar que conseguimos te dobrar.

— Duvido muito — disse ele, dando-lhe um abraço rápido. Com o queixo pressionado contra seu cabelo, ele sussurrou: — Eu vou pegar aquele filho da mãe. Prometo a você.

Ela não precisava perguntar quem era o filho da mãe. Sabia que era Mario.

— Obrigada — disse ela, se afastando. E antes que realmente começasse a chorar, ela entrou na cabana.

O cheiro do lugar encheu seus sentidos. Ela não sabia bem o que contribuía para aquele aroma, mas fosse o que fosse, exercia um efeito calmante. E então ela percebeu que a cabana tinha o cheiro das pessoas que ela amava. Miranda, Della. E havia um perfume amadeirado que ela conhecia. Um cheiro que pertencia... Não! Ela só cheirava à casa, disse a si mesma.

A porta do quarto de Della estava aberta, como uma placa em néon avisando que ela não estava ali. A vampira, uma pessoa super-reservada, sempre mantinha a porta fechada.

O olhar de Kylie voltou-se para a porta de Miranda.

— Tempo para me recuperar... — ela sussurrou para si mesma. Se ia desmoronar, queria fazer isso sozinha. Começou a entrar no seu quarto, mas mal tinha aberto a porta quando ouviu o piso de madeira ranger. Ela não estava sozinha. Seu olhar desviou-se para o canto do quarto e viu alguém de pé ali.

Viu e reconheceu.

Talvez, no final das contas, ela não fosse ter um tempo para se recuperar...

Capítulo Nove

Kylie girou sobre seus tênis, provavelmente deixando marcas de derrapagem no assoalho de madeira, e começou a sair do quarto.

— Não vá! — disse Lucas. — Por favor! Você vai ter que falar comigo mais cedo ou mais tarde.

Mais tarde seria muito melhor. Então a raiva a fez apertar as mãos. Não era justo. Ela olhou fixamente para a parede, ainda sem querer enfrentá-lo.

— Por quê? Por que eu tenho que falar com você? Não lhe devo nada. Nenhuma explicação, nenhuma desculpa. Não fui eu quem... — Sua garganta se estreitou e ela ficou em silêncio. Ouviu-o se deslocar atrás dela.

— Eu sei... Estraguei tudo. Eu admito isso. Eu... deveria ter contado. Não, está errado, eu nunca deveria ter deixado ir tão longe. Eu deveria ter dito ao meu pai para se danar logo no início. Fui eu quem errei, mas não fiz nada... além disso. Eu não dormi com ela. Beije-i-a duas vezes. Você viu um desses momentos. E em ambas as vezes eu estava em apuros. Só fiz aquilo para tentar convencer o meu pai de que eu tinha concordado com o casamento. Mas nunca, nem por um minuto, planejei me casar com ela.

O nó na garganta de Kylie apertou ainda mais. Seus olhos ardiam, assim como seu coração. Ela balançou a cabeça e conseguiu dizer uma palavra.

— Não. — Ela nem sabia direito a que se referia ao dizer não. Então se virou e o encarou.

Não importava o que ela dissesse, porque ele não estava ouvindo.

Ele ficou lá olhando para ela em seu próprio mundo de dor e sofrimento.

— Você me ama — disse ele. — Eu sei disso.

Agora era a hora de ela dizer não, mas não conseguiu pronunciar a palavra. Ah, ela estava na ponta da língua, mas ficou colada ali. Claro que teria sido uma mentira, mas não se podia mentir em momentos como aquele? Quando a verdade era muito dolorosa? Quando a verdade poderia dilacerar você?

— Eu também sei que você está me castigando. E está funcionando, porque estou sofrendo como um cachorro. Não que eu não mereça isso. — Ele estendeu a mão e passou-a na parte de trás do pescoço.

Kylie piscou para conter as lágrimas. Mesmo na escuridão ela podia ver os hematomas no pescoço dele. Contusões que ela mesma provocara. Ela apertou as mãos ao se lembrar de quanto chegara perto de esmagar a traqueia de Lucas.

— Eu não queria sufocá-lo — ela disse. — Foi um truque de... de Mario. Eu não sei como ele fez isso, mas...

— Eu sei. Não acho que você quisesse... me punir com isso. — Ele passou a mão sobre as

contusões. — Isso não é nada comparado ao que sinto por dentro. Estou falando de você não querer falar comigo, não querer me ter por perto. Você não tem ideia do quanto dói ficar bem aqui, tão perto... Você pode imaginar quão difícil é ficar aqui e saber que você não quer que eu a toque? — Ele deu um passo, como se a testasse.

Embora ele ainda estivesse a alguns centímetros, o aroma veio com ele. Ela se lembrou de ter sentido esse cheiro quando entrou na cabana. Ela deveria saber. Deveria ter percebido que parte do cheiro da casa que lhe dera as boas-vindas era a essência dele. Ele representava um lar para ela.

Ou tinha representado.

Agora ela se sentia uma sem-teto.

Ele deve ter reunido um pouco mais de coragem, porque deu outro passo.

Ela recuou. E aquele pequeno recuo disse tanto!

— Está vendo? — ele disse, e até respirar lhe parecia doloroso. — Mas eu sei que você ainda gosta de mim porque... porque você salvou minha vida. Você poderia não ter feito nada e deixado Mario me matar. Você não fez isso. Pegou as bolas de fogo que ele atirou em mim.

A emoção dele ecoou pelo cômodo, e ela daria qualquer coisa para não ter que sentir isso. Quanta emoção ela ainda podia aguentar?

Não havia um limite? Certamente ela havia chegado ao seu.

— Sim, eu salvei a sua vida, mas não me faça me arrepender. — Ela acenou em direção à porta. — Saia. Eu não quero você aqui. — E era a verdade.

Ela não queria ali o Lucas que a traíra. Ela queria o Lucas em quem ela confiava, o Lucas que ela achava que iria até o fim do mundo para protegê-la. E, no entanto, eles eram todos a mesma pessoa.

Ele deu mais um passo. Ela viu seu pomo de adão subir e descer. Parecia doloroso engolir.

— Eu magoei você — disse ele. — Sei disso, e estou disposto a ouvir tudo que você queira jogar na minha cara. Eu mereço. Foi isso que eu vim dizer. Que aceito que o que fiz foi errado. Mas não fiz outras coisas que talvez você pense que eu fiz. E quando a sua raiva passar, eu ainda vou estar aqui. Não importa quanto tempo leve.

Ela desviou o olhar, lembrando-se dele de pé na frente da família e dos amigos. Ele usava um smoking e parecia tão bonito... Parecia um homem, não um garoto. A imagem dele pegando as mãos de Monique passou-lhe pela cabeça e ela ouviu as promessas que ele tinha feito. O tipo de promessa que não se quebrava.

Uma nova onda de dor tomou conta dela. Kylie o olhou novamente.

— Você deu a ela sua alma.

Ele balançou a cabeça.

— Não, você está errada. Eu não dei a ela a minha alma. Eu menti. Eu não poderia ter dado a ela a minha alma. Porque eu já tinha dado a minha alma. Você a roubou quando eu tinha 7 anos de idade. — A voz dele tremeu. — E se ainda restasse uma parte dela comigo, você teria pego o resto quando entrou em Shadow Falls naquele primeiro dia. Na cultura dos lobisomens, acredita-se que só exista uma alma gêmea. E você é minha, Kylie Galen. Eu soube disso naquele momento e isso não mudou.

A visão dela estava borrada de lágrimas. Ela inspirou, esperando manter as emoções sob controle. Mas sentiu uma lágrima deslizar dos cílios para a bochecha.

Ela a secou. A respiração estremeceu quando Kylie sorveu o ar e inflou os pulmões. Por que doía respirar?

Você é minha, Kylie Galen. As palavras dele ecoaram em seu coração. Ela não podia negar que parte dela queria ir com ele, para fazê-lo dizer aquilo várias e várias vezes até que a dor que borbulhava em seu peito tivesse um fim. Até que ela pudesse olhar para ele sem se lembrar de como tinha se sentido ao vê-lo fazendo promessas para outra pessoa. Mas ela não conseguia se aproximar dele, porque sabia que a dor não iria embora.

Não agora.

Talvez nunca.

Ela não tinha certeza.

Lucas fez uma pausa e ela viu a mesma dor que sentia no peito se refletir nos olhos dele. Sua própria dor dobrou de tamanho ao saber que ela o feria. Mas não tinha sido tudo culpa dele? Por que ela deveria se sentir culpada por ele estar sofrendo agora?

— Sinto muito ter te causado essa dor — disse ele. — E por mais raiva que você esteja sentindo agora, precisa saber que estou com mais raiva ainda de mim mesmo. Eu fiz isso com você. Conheço. Machuquei a pessoa mais importante na minha vida. Se mais alguém tivesse feito tanto mal a você, eu arrancaria o coração dessa pessoa.

Ele ficou ali, só olhando para ela. O silêncio no quarto parecia muito alto. Ou era a dor ecoando na sala que perfurava seus ouvidos?

— Eu vou embora agora — ele disse, e Kylie não conseguia se lembrar de algum dia tê-lo visto parecer tão derrotado. Tão perdido. — Já disse o que queria, e apenas saiba que vou te dar todo o tempo que quiser para me perdoar. Mas não me perdoar... isso eu não vou aceitar. Porque eu te amo.

Ela se afastou para que Lucas passasse e ele saiu pela porta. Ela foi para a cama. Sentou-se. Chutou os sapatos.

— Gatinho, gatinho... — ela chamou, querendo algo para abraçar. Mas Socks não apareceu. Ele realmente não gostava de lobisomens. Nesse exato momento, uma parte dela concordava com ele.

Ela colocou as pernas para cima e abraçou os joelhos contra o peito tão apertado que chegou a doer.

E então esperou.

Esperou que as lágrimas fluíssem com força total.

Esperou que um pouco da pressão que oprimia seu coração desaparecesse. Mas as lágrimas não fluíram. A pressão manteve-se.

Fechando os olhos, ela mordeu o lábio. Por que não conseguia chorar?

Será que estava simplesmente esgotada?

E confusa?

Sim, ela estava confusa demais.

Como Lucas podia agora ver que estava errado e ter sido incapaz de ver isso na época? Como é que ele pôde ter ficado lá em pé e prometido sua alma, prometido se casar com outra pessoa, se ele amava Kylie?

Mas por que ele mentiria? Por que teria vindo dizer todas aquelas coisas se elas não fossem verdadeiras?

Ela ficou sentada ali, no quarto escuro, por longos minutos. Sentia-se sozinha. Solitária.

Um pensamento louco e um pouco infantil lhe ocorreu: *Eu quero a minha mãe*. Mas a mãe dela não estava ali. Não em Shadow Falls. Nem mesmo no país. A mãe dela estava na Inglaterra transando com um cara que Kylie odiava.

Mas ela ainda podia lhe telefonar. Quem sabe conseguisse até mesmo causar um leve transtorno nos planos de John de seduzir sua mãe. Isso tornou a ideia de telefonar ainda mais tentadora. Ela queria que John soubesse que sua mãe não estava sozinha no mundo.

Ela enfiou a mão no bolso e, em seguida, gemeu. Havia deixado o telefone na casa do avô.

— Droga! — Kylie murmurou. À medida que as frustrações pelo telefone perdido ocupavam o seu cérebro, seus pensamentos foram para Jenny, para a conversa em que ela tinha confessado falar com Hayden e para algumas das acusações que tinha feito com relação aos anciãos. Será que os jovens camaleões eram realmente forçados a viver num mundo de isolamento? Parecia tão errado!

De repente ela se sentiu compelida a procurar Hayden Yates. Ele teria respostas. Talvez pudesse até mesmo garantir que o avô não estava por trás disso. Ela ficou de pé num salto, correu para a porta, mas abrandou o passo quando chegou à porta. Ah, droga! Ela só poderia ir com uma sombra.

Burnett surtaria se descobrisse que Kylie estava vagando sozinha à noite. Mas, dane-se!, ela precisava de respostas. E às vezes era preciso quebrar as regras. Ela saiu, fechando a porta silenciosamente para não acordar Miranda. Descendo os degraus da varanda, ela se dirigiu para o caminho que levaria à cabana de Hayden. Ele provavelmente ainda estaria dormindo, mas ela não se importava.

Kylie estava a poucos metros quando viu alguém aparecer por entre as árvores. Sua respiração ficou presa na garganta quando viu quem era.

O pensamento que lhe veio à mente foi uma frase que Nana tinha lhe dito muitas vezes, quando ela se via numa situação ruim. Ela estava num mato sem cachorro.

— Eu... Sinto muito — Kylie murmurou.

— Não precisa nem mesmo tentar me convencer a não ficar furioso! — Burnett rosnou. — Nem uma palavra!

— Eu só...

— Já são duas palavras e eu disse “nenhuma”! — ele retrucou, e fez um gesto com a mão para dar mais ênfase.

Kylie mordeu o lábio e, como dava para imaginar, as lágrimas começaram a fluir. Grossas e rápidas. Ela fungou e enxugou o rosto com as costas da mão. Sua respiração ficou presa no peito.

Mas caramba! Por que isso não poderia ter acontecido quando ela estava sozinha?

— Essas lágrimas não me afetam, mocinha! — Ele apontou um dedo para ela. Embora ela não pudesse ouvir seu coração bater no ritmo de uma mentira, ela a pressentiu em sua voz. As lágrimas dela na verdade o afetavam. Não o suficiente para impedi-lo de ficar furioso, mas o suficiente para que sua voz denunciasse sua emoção.

E saber que ela o desapontara adicionou outra camada de dor no seu peito. Justamente aquilo de que ela precisava... mais dor.

Ela abraçou a si mesma e tentou parar de chorar. Mas as lágrimas continuavam brotando. Ele não disse nada. Apenas ficou andando de um lado para o outro, na frente dela.

De um lado para o outro.

De um lado e para o outro.

Olhando para ela o tempo todo com total descontentamento e decepção. Ela começou a voltar para sua cabana, e ele rosnou. Apenas um rosnar. Sem palavras, mas com entonação suficiente para ela saber que ele não queria que ela saísse da cabana. Obviamente, sua punição era ficar ali e aceitar o fato de que o decepcionara.

Num recôndito da sua mente, ela se perguntou se era assim que Lucas se sentia.

Mais uma vez sentiu o tremor em sua respiração.

— Eu só...

— Eu disse que você poderia falar? — ele perguntou. Ele andou mais três vezes de um lado e para o outro, como se estivesse tentando se acalmar, antes de olhar para ela novamente.

— Onde você estava indo?

Quando ela o olhou, ele cuspiu:

— Responda.

— Você disse que eu não podia falar. — Ela enxugou o rosto novamente.

— Onde você estava indo, Kylie?

Santo Deus, ela não sabia o que dizer! Não podia dizer a verdade. Ela tinha prometido ao avô que nunca entregaria Hayden Yates.

Sim, ela estava definitivamente num mato sem nenhum cachorro à vista.

— Você ia ver Lucas? — perguntou Burnett.

Ela começou a concordar com a cabeça, mas sentiu o coração disparar só de pensar numa mentira.

— Então não era Lucas — ele sibilou, obviamente, ouvindo o coração dela e sabendo que ela estava tentada a mentir.

Ele se aproximou um pouco mais e seus olhos escuros a analisaram. Ele estava perto demais. Tão perto que ela viu novamente a decepção em seus olhos, e o nó na garganta ressuscitou.

Ela tentou pensar no que dizer, algo para ajudar, algo inofensivo. Algo que não fosse uma mentira.

— Eu só...

— Não precisa nem falar se você vai mentir.

Ok, então seu coração não ia permitir nem mesmo uma mentirinha para tirá-la dessa encrenca.

— Eu quero a verdade — disse ele. — Você estava indo se encontrar com seu avô?

— Não — Kylie disse com sinceridade, e com ela veio um enorme alívio.

Ele a estudou mais de perto. Seus olhos se estreitaram.

— Ok, vou fazer uma pergunta direta e quero que me diga sim ou não. Não tente me enganar, porque eu vou saber. — Ele fez uma pausa para causar mais efeito, ou talvez apenas para ordenar seus pensamentos. — Você ia ver Hayden Yates?

A mente de Kylie disparou. O que Burnett sabia? Quando o avô lhe contara que Burnett tinha acreditado na mentira de Hayden, de que ela tinha simplesmente enganado o professor, levando-o a pensar que tinha permissão para sair, ela não tinha acreditado que Hayden havia enganado Burnett.

Ele sabia alguma coisa. Mas quanto e o que ele sabia continuavam sendo um mistério.

— Ok, seu silêncio praticamente responde à minha pergunta. Vamos. — Ele fez sinal para que ela começasse a andar.

— Para onde? — ela perguntou, com medo do que ele ia dizer.

— Você queria ver Hayden, então vamos vê-lo. E então ou vocês dois vão me dizer que diabos está acontecendo ou o bicho vai pegar!

Capítulo Dez

Kylie tinha ouvido a expressão “o bicho vai pegar”, num filme em que condenados caminhavam para a execução e, no trajeto até a cabana de Hayden, ela de fato caminhava como um condenado rumo à cadeira elétrica. Burnett não falou. Ela mal o ouvia respirar. E ainda assim sua postura rígida ao lado dela revelava sua impaciência. Sua lealdade para com o avô e Burnett dilacerava o seu coração como num cabo de guerra.

— Podemos falar com Holiday primeiro? — perguntou Kylie, sabendo que talvez a *fae* pudesse acalmar Burnett e fazê-lo entender.

— Não. — A resposta de Burnett soou áspera. — Eu vou descobrir a verdade.

Mas a que preço, Kylie pensava. Será que Hayden perceberia que Kylie não o delatara? Ela esperava que sim. Mas será que o avô ia pensar que ela quebrara a sua promessa?

Ela achava que sim.

Como o homem andando tão bruscamente ao seu lado, seu avô também não era tolerante.

Quando chegaram à curva perto da cabana de Hayden, Kylie procurou desesperadamente uma saída.

— Temos que acordá-lo? Não podemos simplesmente...

— Ele já está acordado — Burnett disse com severidade. — Está se revirando na cama, preocupado com alguma coisa. Ele estava esperando você esta manhã? Você já está atrasada?

— Não — ela murmurou.

Eles continuaram avançando até chegar aos degraus da varanda da cabana e de repente Kylie percebeu uma coisa. A raiva agitou suas entranhas e ela agarrou Burnett pelo cotovelo.

— Tudo bem, você pode ouvir tudo!

— E por que está me dizendo isso agora? — perguntou ele, obviamente notando a sua nova disposição. E, sim, ficar com raiva fez com que ela se sentisse um pouco menos culpada por ter sido pega escondendo coisas dele.

— Mais cedo, quando me deixou na minha cabana, você sabia que Lucas estava lá, não sabia? Você sabia que ele estava esperando para falar comigo!

Um vinco se formou na testa de Burnett, demonstrando culpa.

— Ele me implorou para lhe dar dez minutos.

— E você deu. Achou que a escolha era sua — Kylie acusou.

Burnett franziu a testa, mas a culpa não desapareceu completamente dos seus olhos.

— Se bem me lembro, você também colocou o seu dedinho no meu relacionamento amoroso com Holiday.

— Nenhum de vocês dois fugiu e ficou noivo de outra pessoa!

Burnett não vacilou, mas pela expressão dele viu que o argumento provocou um peso na consciência do vampiro.

— Todo mundo merece a chance de se explicar — ele justificou, sem muita convicção.

— Não há explicação para o que ele fez — ela contra-atacou.

Burnett suspirou e beliscou a parte superior do nariz.

— Ok, admito que eu possa ter errado permitindo esse privilégio a ele. E já adianto que não vou interferir mais. E agora, talvez você e Hayden possam se corrigir também e explicar o que os dois estão escondendo de mim!

Ele arqueou uma sobrancelha para Kylie, levantou o punho e bateu na porta de Hayden com tanta força que sacudiu as dobradiças.

Depois de descarregar todo o seu mau humor na porta, Burnett desviou os olhos para Kylie novamente. Ela percebeu a sua mente agitada, à procura de respostas. Era a primeira vez que ela tinha a sensação de que Burnett não sabia tanto quanto ela temia.

— Fique avisada — ameaçou o vampiro —, se eu descobrir que está rolando um romance aqui, vou mandá-lo de volta para o lugar de onde veio... mas aos pedaços.

O queixo de Kylie caiu.

— Um romance? Ah, pelo amor de Deus, ele é muito velho pra mim. Tão velho quanto você.

A testa de Burnett se franziu.

— É por isso mesmo que estou avisando... — Sua carranca se aprofundou. — Não que eu seja *tão* velho assim.

Hayden abriu a porta e seu olhar oscilou entre Burnett e Kylie.

Burnett rosnou. Depois o vampiro cruzou a soleira da porta como se fosse o maior ali. O que de fato ele era.

Hayden não ficou feliz com a entrada triunfal de Burnett, mas não tentou detê-lo. Ele recuou, permitindo que o vampiro entrasse.

Kylie engoliu em seco, sem saber como aquela situação ia acabar. Burnett ia ficar furioso e, assim que o avô soubesse que Burnett tinha descoberto o disfarce de Hayden, ele ficaria furioso também.

— Ok, vamos deixar uma coisa bem clara — disse Burnett, iniciando a conversa. — Ninguém vai deixar esta cabana até que eu tenha respostas. E não me importo de ter que usar a força para obtê-las. — Ele olhou diretamente para Hayden. — E já que eu não bato em garotas, sugiro que você comece a se explicar.

Hayden inclinou a cabeça de lado.

— Explicar o quê? — perguntou, não se mostrando nem um pouco intimidado.

Kylie teve que admirar Hayden por isso, também. Ela adorava Burnett e sabia que ele não era injusto, mas ainda sentia um aperto na boca do estômago. O vampiro era um apreciador da arte da intimidação. E era um mestre nessa arte.

— Qual é a ligação entre vocês dois? — perguntou Burnett.

— Ligação? — perguntou Hayden.

— No início, Kylie tinha certeza de que você estava por trás da morte das garotas, e de repente você se tornou um aliado. Você mentiu quando me disse que ela pediu para ser deixada no cemitério.

— Eu a deixei no cemitério.

— Então você mentiu sobre ela tê-lo procurado. Eu conheço Kylie, e ela não teria procurado você para pedir ajuda sem um motivo, sem uma conexão de algum tipo.

— Sou professor dela — respondeu Hayden. — Pensei que ajudar um aluno em situação difícil era um fator positivo aqui.

— E eu pensei que você fosse inteligente o bastante para saber quando falar a verdade! — Os olhos de Burnett soltavam centelhas de raiva. — A única razão pela qual eu ainda não chutei você daqui é que primeiro eu quero respostas. Portanto, comece a falar!

Kylie, com medo de que a situação saísse do controle, colocou-se entre os dois homens.

— Será que você pode nos deixar sozinhos um instante?

A expressão de Burnett endureceu.

— Por favor — disse Kylie. — Eu... acho que vai ajudar a esclarecer isto.

Burnett cerrou o maxilar a ponto de parecer que estava prestes a quebrá-lo.

— E quando você voltar, vou ter as respostas que você quer.

A carranca se aprofundou.

— Estarei do lado de fora da porta.

— Mas você ainda vai poder ouvir...

— É tudo o que eu posso oferecer! — ele deixou claro.

De repente, ela percebeu que aquilo bastava, pois ela e Hayden poderiam ficar invisíveis e a conversa entre eles não seria ouvida pelos ouvidos indiscretos do vampiro. Ela concordou com a cabeça e observou o vampiro furioso sair. Assim que a porta se fechou, ela pressionou um dedo sobre os lábios e, em seguida, agarrou a mão de Hayden e levou-o para o reino invisível com ela.

— Você já consegue fazer isso? — A voz de Hayden ecoou, mas ele permaneceu invisível.

— Consigo. — Kylie segurou a mão dele, para saber onde ele estava.

— Isso é incrível, Kylie! Você percebe quanto já progrediu? Quando foi que você...

— Desculpe, mas não temos tempo para falar sobre isso agora. O que vamos dizer a Burnett? Eu acho que devíamos abrir o jogo.

— Ele vai insistir para eu ir embora — disse Hayden. — E você vai perder a minha proteção.

— Em primeiro lugar, não preciso da proteção de ninguém aqui. Mas não quero que você vá, quero ter alguém que eu possa procurar se tiver alguma dúvida. Em segundo lugar, não sei bem se Burnett vai mandar você embora. Mas, se não dissermos a verdade, ele com certeza vai chutar você daqui. A única chance que temos é dizer a verdade.

— Talvez você tenha razão... — disse Hayden. — Mas...

— Não contei nada a ele, você sabe. Ele ainda não sabe que você é um camaleão. Ele simplesmente...

— Eu sei — disse Hayden. — Ele já desconfiava de mim desde antes de você partir.

— A culpa é minha. Eu...

— Eu sei — disse Hayden.

O som da porta da frente batendo violentamente interrompeu Hayden. Burnett invadiu a cabana, com os olhos brilhando de fúria.

— Esse homem é impossível — disse Hayden.

— Filhos de uma...! — As palavras de Burnett ecoaram pelo cômodo. — Kylie! Onde você está?!

— Vou falar com ele — Kylie disse a Hayden. — Você fica invisível.

Ela soltou a mão dele e desejou ficar visível.

A cara feia de Burnett fixou-se nela instantaneamente.

— Onde ele está? — ele perguntou com rispidez.

— Está aqui. Nós ainda estamos conversando. Em particular, como eu pedi.

— Você pode deixar outras pessoas invisíveis?

Ela assentiu com a cabeça. *Não que eu precisasse deixar Hayden invisível, sendo ele um camaleão, mas Burnett não sabe disso.*

— Isso é tolice. Eu quero respostas!

— E você vai ter, se me der um tempo — ela implorou, sem recuar. — Estou pedindo que você confie em mim, como você mesmo me pediu tantas vezes no passado.

Ele grunhiu e voltou a olhar para o teto, como se pedindo a Deus para ter paciência. Kylie desejou ficar invisível novamente.

— Eu estou bem aqui — a voz de Hayden soou ao seu lado. — Então exatamente o que você quer contar a ele?

— Tudo — Kylie disse olhando para o vazio, mas acreditando que ele estava ali. — Que você foi enviado aqui pelo meu avô e é um camaleão. E que você quer ficar aqui. — Ela fez uma pausa. — E não faria mal acrescentar quanto você está impressionado com este lugar. Se pudermos convencê-lo de que você é nosso aliado, então talvez...

— Talvez o quê? — perguntou Hayden.

— Eu não sei se é possível, mas eu estava pensando que uma grande parte dos camaleões mais jovens, como Jenny, poderia se beneficiar de Shadow Falls.

— Tenho pensado nisso também — disse Hayden. — Mas os anciãos não vão...

— Ok, acabou o tempo! — Burnett gritou, e começou a andar em torno do cômodo. — Podem fazer o favor de voltar agora.

— Só mais um minuto — Kylie insistiu. — Estamos quase terminando.

— Ele não pode ouvi-la — disse Hayden.

— Ah, é. — Ela fez uma pausa; as perguntas que tinha para Hayden se sucediam na sua cabeça, mas Burnett estava prestes a surtar. E um surto de Burnett não era brincadeira.

— Está pronto? — perguntou Kylie. — Eu tenho muito mais para conversar com você, mas por

ora... Acho que devemos acabar logo com isso. Espere! — Kylie pediu. Quando ela não o ouviu, ela chamou por ele. — Hayden?

— O quê? — ele perguntou.

— Você acha que meu avô estava a par do plano de me raptar e me impedir de vir para Shadow Falls?

— Não. Eu não acho. Ele está muito preocupado com você, a ponto de me ligar seis vezes antes de você chegar.

O alívio vibrou através dela.

— Você pode dizer a ele que eu sinto muito por... não ter me despedido?

— Claro.

— Kylie! — Burnett rosnou.

Respirando fundo, ela desejou ficar visível novamente. Hayden apareceu ao seu lado.

Burnett não pareceu impressionado. Ele se aproximou de Hayden e agarrou-o pela gola da camisa.

— Desapareça de novo e eu vou fazer você desaparecer para sempre.

— Acalme-se. — Kylie aproximou-se de Burnett. — Hayden não é nosso inimigo. É por causa dele que conseguimos encontrar Holiday, quando Warren a levou. Na verdade, foi por causa dele que eu consegui escapar esta noite. — Kylie viu Hayden olhar para ela como se estivesse surpreso ao ver que ela conhecia essa peça do quebra-cabeça.

Burnett soltou Hayden e depois estudou a testa do professor.

— Não me diga que você é um camaleão.

A postura corporal de Hayden se enrijeceu.

— Você diz isso como se fosse um insulto.

Burnett endireitou os ombros.

— Eu digo isso como se você tivesse mentido para mim.

Hayden arrumou a gola da camisa.

— Eu vim aqui para me certificar de que Kylie não seria levada para a UPF por alguém que vive alardeando sua autoridade.

Burnett fez uma careta.

— Eu sou a autoridade aqui. E investiguei você a fundo. Tudo indica que seja metade vampiro, metade *fae*. Você está até registrado assim.

— Estou — disse Hayden.

— Mas isso não é verdade.

Hayden não piscou.

— Foi assim que eu escolhi viver a minha vida.

Burnett balançou a cabeça, como se estivesse tentando entender.

— Mas, de acordo com a minha pesquisa, o avô de Kylie está registrado como ser humano na UPF. E os poucos camaleões que eu vi fora do complexo usavam o padrão de seres humanos. Eu

achava que isso era o que todos vocês faziam o mundo pensar. Aliás, por que você optou por não viver no complexo com os outros? Você é um desgarrado?

Hayden se empertigou.

— Você é um desgarrado porque não vive numa comunidade de vampiros? A gente deve viver a vida como quer, não é assim? Eu simplesmente preferi viver por conta própria e escolhi ser sobrenatural em vez de humano.

— Então, você apenas escolheu uma espécie e falsificou esse padrão?

— Eu não fiz nada de errado para ser julgado por você — Hayden disse.

Burnett ainda parecia confuso.

— Quantos como você existem por aí? Vivendo como um tipo diferente de sobrenatural?

— Não o suficiente para a gente se sentir confortável se expondo por aí — Hayden explicou. — Não quando a História tem mostrado o que pode acontecer.

Kylie viu Burnett tentar absorver e registrar o que estava ouvindo.

— Então, quando você viu que eu não representava nenhuma ameaça à Kylie, por que não revelou sua identidade?

— Para que você pudesse me chutar daqui ou, pior, me prender?

Burnett era forte, até mesmo um pouco mais forte do que Hayden, mas verbalmente Hayden estava levando a melhor. E esse fato não agradava a Burnett.

— Você trabalha para o avô de Kylie? — perguntou Burnett.

— Se trabalho para ele? Não. Se eu o estava ajudando? Sim. Como você deve saber com base nas muitas investigações que fez a meu respeito, eu dei aulas para o ensino médio durante três anos numa escola em Houston.

— Você ainda está ajudando o avô de Kylie? — A pergunta de Burnett pairou no ar como se a resposta fosse decisiva.

— Depende do que você entende por ajudar. Estou tentando ir contra você para causar algum dano a Kylie? Não. Mas ainda estou de olho nela e respondendo às perguntas de seu avô preocupado? Sim.

— O mesmo avô preocupado que tinha planejado sequestrá-la?

— Meu avô não estava por trás disso! — disse Kylie antes que Hayden pudesse responder. — E eu tampouco quero que você mande Hayden embora. Por favor, Burnett, faça isso por mim.

Burnett olhou para Kylie.

— Não sei se eu posso trabalhar com alguém que não sabe a quem ser leal.

Kylie revirou os olhos.

— Quer dizer, como você e a UPF?

Burnett estreitou os olhos.

— Meu compromisso foi sempre o de proteger você.

— Mas você ainda trabalha para eles também. Porque, como você diz, você vê o bem que a UPF faz. Bem, Hayden faz o mesmo. Ele quer me proteger, mas compreende que o meu avô tem boas

intenções. Por que você não pode aceitar isso?

Burnett franziu a testa, mas Kylie podia ver que seu argumento tinha convencido o vampiro.

— Vou levar isso em consideração e discutir o assunto com Holiday.

Hayden acenou com a cabeça, sua expressão dizendo que não iria implorar para ficar. Não que Kylie o culpasse por não querer implorar, mas ela não era orgulhosa a ponto de fazer o mesmo. Sua vida seria simplesmente mais fácil com Hayden ali, e a ajudaria a se comunicar com o avô. Ela realmente, realmente precisava de Hayden.

— Minhas regras, no entanto, ainda estão valendo — Burnett continuou. — Não importa o que eu decida com relação ao futuro do senhor Yates em Shadow Falls — disse Burnett, encarando Kylie —, você não vai fugir para ver o seu avô. Vai andar por aí acompanhada de uma sombra e, se eu tiver que guardar pessoalmente sua cabana todas as noites para impedi-la de violar as regras, vou fazer isso.

Kylie concordou com a cabeça, aceitando que teria que conquistar a confiança do vampiro novamente.

Burnett voltou sua atenção para Hayden.

— E se eu decidir deixá-lo ficar em Shadow Falls, espero que aceite as minhas regras e me ajude a ficar de olho em Kylie. E me ajude também a aprender como lidar com aquele ladino da sua espécie.

— Se você decidir que eu posso ficar, vou considerar a sua oferta — disse Hayden, a rispidez da sua voz indicando que ele obviamente não tinha se esquecido do comportamento de Burnett. Não que Kylie pudesse culpá-lo. Ela também tinha levado um tempo para se acostumar com o vampiro. Até perceber quanto ele se importava com ela.

— Mas uma coisa eu posso dizer, senhor James, eu me recuso a ser tratado com desrespeito.

— Desrespeito? — Burnett rosnou.

E então tudo foi por água abaixo.

Burnett e Hayden passaram a trocar duros golpes verbais. De acordo com Hayden, Burnett era metido a besta e, de acordo com Burnett, Hayden era um idiota pedante que tinha mentido para ele.

Ela não sabia se tinha certeza de que a tensão não acabaria com uma troca de socos ou se estava simplesmente cansada demais para se importar. Se os dois quebrassem o nariz um do outro, paciência. Ela não achava que fossem se matar. Pensando bem, ela podia estar enganada.

No entanto, subitamente ficou cansada demais para tentar detê-los.

Seus joelhos ficaram bambos e as pálpebras, cada vez mais pesadas. Ela tinha que se sentar antes que caísse ali mesmo. Ignorando os dois homens trocando insultos, Kylie atravessou o cômodo e se jogou no sofá de Hayden.

Sentindo um arrepio percorrê-la, ela abraçou a si mesma. Estava tão cansada que levou um minuto para perceber que o frio não era apenas uma reação natural à sua exaustão. Também levou um segundo para perceber que os homens haviam parado de discutir e estavam olhando para ela.

Kylie ignorou os homens para lidar com o espírito.

— Agora não — ela murmurou, e olhou diretamente para a mesinha de centro na frente dela, sem vontade de enfrentar o fantasma e sua conversa absurda sobre um assassinato. E realmente sem vontade de enfrentar Burnett ou Hayden, também.

— Agora não, o quê? — perguntou Burnett.

— Nada — disse Kylie, e o fantasma entrou na frente dela. Seu vestido rosa pálido pendia pesado, encharcado de sangue. Muito sangue. Pelo menos parecia sangue.

Matar ou ser morto. As palavras do espírito se agitaram na mente de Kylie.

Ela se inclinou para trás e fitou os olhos frios e sem vida do espírito. *Neste momento, eu ia preferir “estar morta”. Estou cansada demais.*

— Está pronta para voltar para sua cabana? — Burnett olhou ao redor como se tivesse consciência de que havia um visitante ali que ele não podia ver. Ele de fato não devia ser capaz de ver o fantasma, mas tinha conseguido ver Hannah, a irmã de Holiday, então Kylie não tinha certeza.

— Você pode vê-la? — perguntou Kylie.

— Ver quem? — perguntou Hayden.

— Um fantasma — Burnett respondeu a Hayden.

— Merda! — Hayden murmurou, e deu um passo para trás.

— Não, mas posso senti-la — disse Burnett, e seu olhar preocupado se fixou em Kylie. — Você não vai desmaiar, não é?

— Acho que não — respondeu Kylie.

— Ótimo. Vamos voltar para a sua cabana? — perguntou Burnett novamente.

— Sim — disse Kylie. Quando estava prestes a se levantar, ela viu o telefone de Hayden sobre a mesinha de centro. Lembrando-se de que queria ligar para a mãe, ela o pegou e olhou para Hayden.

— Vou pegar emprestado, tá? — disse a ele. — Deixei o meu com o meu avô.

Hayden fez uma careta.

— Só não ligue para a minha namorada como fez da última vez que pegou o meu telefone emprestado.

Ela andou até Hayden, ignorando o espírito que sentia estar perto da porta, e o abraçou. Talvez ela não devesse ter feito isso, porque ele ficou tenso. O que os homens têm contra os abraços?, ela se perguntou.

— Obrigada — disse ela, afastando-se.

— Tudo bem.

Ela olhou para Burnett. Ele parecia chateado, como se ela tivesse acabado de abraçar o inimigo.

— Sabem, o problema com vocês dois é que são muito parecidos — ela constatou.

Ambos pigarrearam como se não concordassem. Kylie apenas revirou os olhos e se dirigiu para a porta. E o fantasma, carregando uma espada ensanguentada numa mão e... e a cabeça de alguém na outra, entrou na frente de Kylie. A cabeça, aparentemente recém-cortada e ainda pingando sangue, balançava e batia contra seu quadril enquanto ela se movia.

Kylie arquejou e fez uma parada abrupta. O espírito se virou e sorriu. Em seguida, levantando a

cabeça por um punhado de cabelo escuro como se fosse um troféu, deu uma boa sacudida nela.

— *Eu disse, matar é moleza.*

O fantasma agitou a cabeça decapitada. Os olhos balançaram, como se soltos das órbitas, e o sangue esguichou do pescoço. Kylie soltou um grito assustado.

Perdendo o equilíbrio, Kylie colidiu com Burnett, enterrou o rosto em seu ombro e ficou ali.

— Estou cansada demais para enfrentar cabeças decapitadas — ela choramingou. — Faça com que ela vá embora. Por favor, faça com que ela vá embora.

Capítulo Onze

Cinco minutos depois, o fantasma tinha desaparecido e Kylie subia os degraus da sua varanda e despedia-se de Burnett.

Ele a olhou com compaixão. Não tinha se desculpado por ser tão duro com ela e provavelmente não se desculparia. Sem dúvida, achava que ela merecia. E, de certa forma, ela achava que merecia mesmo.

Burnett a contornou e abriu a porta.

— Promete ir para a cama e não tentar fugir de novo?

— Prometo — disse Kylie.

— E tente confiar em mim — ele disse.

— Eu confio.

— Não, não confia — ele afirmou, derrotado. — Se confiasse em mim, eu não teria descoberto só agora o disfarce de Hayden.

— Alguém me fez prometer não contar — disse ela. — Se você tivesse prometido alguma coisa a alguém, não iria tentar cumprir essa promessa?

Ele suspirou, provavelmente oferecendo-lhe o seu melhor olhar de compreensão.

— Mas você precisa ter cuidado com o que promete às pessoas. — Ele olhou ao redor, procurando algo, um pouco desconfiado. — Ela ainda está aí fora?

Kylie sabia o que ele queria dizer com “ela”. Olhou para a esquerda e, em seguida, para a direita.

— Não estou vendo nada. — Mas, no fundo, ela se preocupava com a possibilidade de o espírito não ficar longe por muito tempo. No dia seguinte ela precisava consultar Holiday sobre como se livrar do fantasma permanentemente. A amiga estava certa. Kylie não tinha nenhuma razão para ajudar alguém tão ruim.

— Você sabe o que ela quer? A quem a cabeça pertencia? — perguntou Burnett.

— Não sei. Pode ter acontecido anos atrás. Mas, quanto ao que ela quer, sim, eu sei.

— E o que é? — ele perguntou.

— Ela quer que eu mate alguém para ela. — Kylie estava cansada demais para imprimir sarcasmo à voz.

Burnett fez uma careta.

— Quem?

— Ela não deixou isso muito claro ainda — disse Kylie.

— Eles nunca pedem muita coisa, não é? — disse ele, mas o sarcasmo era claro na voz dele. Obviamente, ele não estava tão exausto quanto ela.

Kylie deu de ombros. Ela foi dar um passo para trás, mas desta vez foi Burnett quem a surpreendeu, ao se aproximar para um abraço. Foi curto, mas carinhoso, e ela percebeu que precisava mesmo de um abraço.

— Você quer que eu fique um pouco? — ele perguntou, parecendo pouco à vontade depois da demonstração de afeto.

— Não — disse Kylie, tirando-o do aperto.

— Quer que eu chame Holiday? — ele perguntou. — Eu posso chamar.

— Não, eu estou bem. Só quero ir para a cama. — Ela olhou para o céu; estava quase amanhecendo. Ela realmente precisava dormir um pouco. Estava fisicamente exausta, mas a caminhada de volta tinha acionado o seu cérebro novamente. Ao sentir o telefone de Hayden em seu bolso, ela se lembrou de que também queria ligar para a mãe. Entrou na varanda, olhando para trás uma vez para ver Burnett em pé nos degraus, olhando-a com um ar de preocupação paternal.

Lembrou-se de seu avô dizendo que Burnett tinha passado a representar um pai para ela e de certo modo ele tinha razão.

— Eu vou ficar bem — assegurou ela, embora não tivesse tanta certeza.

— Prometa que não vai sair da cabana — disse ele novamente.

— Eu prometo. — Ela lhe lançou um sorriso forçado e fechou a porta.

Quando ouviu os passos dele se afastando, Kylie encostou-se à porta e ficou ali. Então algo chamou sua atenção na porta do seu quarto. Seu coração afundou quando viu uma espiral de fumaça saindo da fresta da parte inferior, indicando que ela tinha companhia.

Ah, não. Será que ela trouxe mais alguma coisa para me mostrar? Que parte do corpo tinha arrastado consigo desta vez?

Mas que droga! Kylie não queria nenhuma companhia.

Ou pelo menos não esse tipo de companhia. Ela precisava de uma amiga. Precisava de uma de suas melhores amigas. Olhou por cima do ombro, para ver a porta de Miranda. Não havia nenhuma fumaça ondulando pelas frestas.

Virando-se, ela abriu a porta da amiga. Era cedo, mas algo lhe dizia que Miranda não iria reclamar.

Um sorriso muito necessário borbulhou dentro de Kylie ao ver a bruxa adormecida vestindo seu pijama estampado e abraçando um enorme urso de pelúcia como se fosse seu namorado. Kylie tocou os cabelos loiros com mechas rosas, verdes e pretas da bruxa espalhados pelo travesseiro, e de repente sentiu seu coração mais leve diante da visão de sua boa amiga.

Quando ela deu outro passo, o assoalho de madeira rangeu como se anunciando a presença de Kylie.

Os ombros de Miranda se contraíram, mas ela não se mexeu.

— Pensei que íamos esperar para transar — ela murmurou.

O sorriso de Kylie se alargou.

— Acho que seria mais sensato. Não tenho certeza se o nosso relacionamento poderia suportar algo assim agora.

Miranda virou-se, levando o urso de pelúcia com ela. Seus olhos sonolentos agora estavam totalmente abertos.

— Além disso — Kylie acrescentou —, acho que você e o ursinho de pelúcia já são íntimos.

Miranda gritou, jogou o urso em Kylie e saiu correndo da cama.

— Eu pensei que você fosse Perry! — Rindo, a moça colocou os braços em torno de Kylie e lhe deu um abraço apertado.

— Mal posso acreditar que você está em casa! Estou tão feliz que esteja de volta! — Ela soltou Kylie, deu um passo para trás e olhou para a amiga como se tivesse receio de que ela não fosse real. — Você está em casa, certo? Isto não é um sonho?

— Não é um sonho — assegurou Kylie, embora no fundo desejasse que grande parte daquela noite fosse de fato um sonho.

O sorriso da bruxa diminuiu e ela bateu o pé.

— Você faz ideia de quanto ando me sentindo infeliz? Primeiro você vai embora e me deixa aqui e depois Della sai por aí bancando a super-heroína! Eu devia estar furiosa com você em vez de me sentir feliz em te ver.

— Não, não fique brava. Vamos só ficar felizes por eu estar de volta. — Kylie pegou o urso de um metro de altura do chão e o recolocou na cama.

Miranda lançou um olhar malicioso para a amiga.

— Você voltou para ficar? Não vai mais fugir de mim?

— Não, chega de fugir — disse Kylie.

— Promessa de mindinho? — Miranda perguntou, estendendo o dedo mínimo.

Por que será que todo mundo agora queria que ela fizesse promessas? Kylie olhou para o dedinho da amiga, que era a arma das bruxas.

— Não sei se é seguro fazer promessas de mindinho com você, porque...

— É seguro. É uma promessa entre bruxas. E como você é meio bruxa, é a promessa mais inquebrável que você pode fazer.

— Tudo bem. Eu prometo. Kylie estendeu o dedo mínimo para tornar válida a promessa. E, embora parecesse um gesto tolo, no momento em que seus dedos se entrelaçaram, uma onda de emoção invadiu seu peito. Talvez as promessas de mindinho entre as bruxas fossem mais do que um gesto infantil. Ou talvez ela só estivesse feliz demais por estar em casa.

— Senti tanto a sua falta! — Kylie estendeu as mãos e apertou os braços da garota.

— Eu também. — Miranda se reclinou na cama. — Agora, sente-se aqui e me conte tudo que aconteceu. — Ela apertou os olhos e verificou o padrão de Kylie. — Você voltou a exibir aquele padrão estranho outra vez.

— Eu acho que o padrão estranho é o de um camaleão. — Se Kylie fosse um pouquinho paranoica, como noventa por cento dos outros camaleões, devia estar tentando esconder esse padrão.

Mas era um pouco tarde para isso, não era? Tarde demais para começar a fingir ser algo que não era.

Todo mundo ali já tinha visto o padrão dela. E ela conseguiria fingir?

Claro, ela tinha conseguido alterar o padrão algumas vezes, mas como conseguiria mantê-lo? De acordo com o que havia aprendido, a maioria dos camaleões não era capaz de fazer isso enquanto não atingisse seus 20 anos.

E, por Deus, ela não ia deixar ninguém afastá-la de todos até seu padrão parar de se comportar mal. Seu coração voltou para Jenny e os outros adolescentes da propriedade de seu avô. De repente, Kylie teve o pressentimento de que ajudar os jovens camaleões era parte do seu destino. Mas, como Hayden tinha falado, convencer os camaleões mais velhos parecia impossível.

— Mas você pode se transformar em quase qualquer coisa, não é? — A pergunta de Miranda tirou Kylie de seus devaneios.

— Mais ou menos — Kylie respondeu, tentando manter a mente concentrada em Miranda. — Mas ainda é meio complicado.

— Que maluquices você pode fazer agora? — perguntou Miranda. Seus olhos verdes brilharam de entusiasmo.

Kylie deu de ombros e jogou-se na cama, ao lado de Miranda.

— Nada de novo, apenas um pouco mais de controle sobre o que eu posso fazer. Ah, espere, tem uma coisa. Eu posso fazer as outras pessoas ficarem invisíveis.

— Sério? Me faça ficar invisível agora! Faça! Faça!

— Pelo amor de Deus, agora não. Estou exausta. Além disso, eu não tenho certeza... Quero dizer, é ainda um pouco assustador fazer isso. — Ela se lembrou de como ficara assustada só de pensar que poderia ter perdido Derek no reino do invisível aquela noite.

Então, quase querendo uma distração que lhe permitisse parar de falar sobre si mesma, ela estendeu a mão para o urso e o abraçou.

— Então, está rolando alguma coisa entre você e este urso, hein? Parecia algo muito sério quando cheguei aqui.

Miranda sorriu.

— Perry me deu esse urso para me fazer companhia quando ele não estivesse aqui. No entanto, este cara aqui nem de longe beija tão bem quanto Perry.

Kylie sorriu. Era disso que ela sentira tanta falta. Simplesmente ter alguém com quem conversar, com quem rir.

— Que amor... — disse Kylie.

— É mesmo... — disse Miranda, e então perguntou: — Você pode brilhar a hora que quiser, agora? — Ela abraçou os joelhos e apertou-os contra o peito.

— Não — disse Kylie. — Isso só acontece quando eu curo as pessoas. — Ou as trago de volta da morte, pensou. Perceber os poderes malucos que iam e vinham a deixava assustada. Ela realmente esperava que Hayden e Burnett pudessem resolver as suas diferenças. Seria muito bom se Hayden estivesse ali para ajudá-la, caso as coisas ficassem instáveis novamente.

— É uma pena, aquela coisa de brilhar era demais! Quero dizer, eu posso brilhar também, mas não é tão legal como quando você faz isso. Eu não sei por quê, mas é diferente.

Kylie balançou a cabeça.

— Não foi tão legal, acredite.

— Foi, sim. — Miranda fez uma cara engraçada. — Todos concordaram que você parecia um anjo. Eles até ficaram se perguntando se você não teria um anjinho dentro de você.

— Não sou nenhum anjo. — *Basta perguntar a Burnett.*

— Todo mundo ainda está falando disso.

Que ótimo! Mas, mesmo correndo o risco de ser tema de conversa de todo mundo e alvo dos olhares surpresos de alguns alunos, ela já não temia isso tanto quanto antes. Precisava admitir, estava emocionada por estar de volta, mesmo que isso significasse que ela ainda era considerada uma aberração.

Deixando tudo isso de lado, ela se concentrou em Miranda novamente.

— Então, o que eu perdi desde que fui embora?

— Tudo. Tem sido uma loucura. Ah... — Uma ruga apareceu na testa da bruxa. — Você ouviu falar de Helen?

— Sim — Kylie assentiu. — Holiday me jurou que ela está bem.

Miranda novamente fez cara de preocupação.

— Você sabe quem eles acham que fez isso? Aquele maluco do Mario foi visto...

Kylie acenou com a cabeça novamente.

— Eu sei.

Miranda fez uma careta.

— Eu também acho que foi ele. Eu tinha começado a sentir aquela presença estranha de novo. Como se alguém estivesse por perto. Me dava arrepios. E eu estava totalmente sozinha, também.

— Eu sei o que você quer dizer. — Um forte arrepio percorreu a espinha de Kylie ao se lembrar do seu confronto com Mario naquele mesmo dia. Então Kylie olhou para Miranda.

— E eu sinto muito. É minha culpa que ele esteja aqui.

— Não é culpa sua. Ele é perverso.

— É, sim. — E ele era. Logo Kylie percebeu que teria que contar a Miranda sobre o que tinha acontecido naquela noite, mas não tinha energia para tanto naquele momento. — Você não está sentindo a presença dele agora, está?

Miranda inclinou a cabeça para o lado como se consultasse seus instintos.

— Não.

— Ótimo! — Kylie afastou a sensação de que ele poderia voltar a qualquer hora. Ela realmente queria acreditar que Shadow Falls era seguro, mas será que estava apenas enganando a si mesma?

— Você está bem? — perguntou Miranda, observando-a.

— Tudo bem. Como é que vai indo a escola?

— Temos um novo professor de História. Para substituir aquele maluco, Collin Warren. Um cara

legal. Um lobisomem. Ele é jovem. Só tem uns vinte e poucos anos. Ele era uma criança prodígio, mas ninguém diria disso agora. Você devia ver Fredericka! Ela está caidinha por ele!

Kylie balançou a cabeça em desaprovação, mas não queria falar mal de Fredericka. Elas tinham feito uma espécie de trégua.

— E que outra loucura aconteceu?

Miranda arqueou a sobrancelha direita.

— Nikki aconteceu, e se ela não parar de “acontecer” eu vou encher a cara dela de espinhas!

Miranda ergueu a mão, balançou o dedo mindinho e fez uma careta.

Demorou um instante para Kylie se lembrar de que Nikki era a nova metamorfa que tinha uma quedinha por Perry. Kylie franziu a testa, pensando na Hora do Encontro que ela tinha passado com a garota. Nikki com certeza estava apaixonada por Perry.

— Caramba! Como as coisas vão indo?

— É melhor que as coisas não estejam indo a lugar nenhum! Eu fico tão furiosa com Perry! Quer dizer, ele jura que nunca a tocaria, mas eu acho que ele está adorando saber que uma garota está atrás dele. E tenho certeza de que ele gosta de ver que estou com ciúmes. Ele fala dela em conversas sem importância. Como se gostasse de me ver irritada.

Kylie mordeu o lábio e se perguntou se Lucas não teria ficado um pouco envaidecido ao ver que Monique gostava dele. Mas será que Monique algum dia gostou dele? Será que Lucas tinha realmente falado a verdade quando afirmou que eles não tinham feito nada além de trocar alguns beijos? Seria Monique a garota que Kylie tinha visto na propriedade do avô?

As perguntas vieram tão rápido que ela não teve tempo de se desviar mentalmente.

A amiga se deitou de costas na cama fazendo um pouco de drama, e Kylie percebeu que sua mente a tinha levado de volta aos seus problemas, quando ela devia estar concentrada em Miranda.

— Você confia nele? — perguntou Kylie. — Se confia, então tem que parar de ficar pensando nisso.

Miranda apertou os lábios como se estivesse pensando.

— Foi isso que você fez com Lucas?

— É diferente — defendeu-se Kylie.

Miranda se apoiou sobre um cotovelo.

— Você está bem? Deus, eu sei que deve ter doído.

— Eu vou ficar bem — disse Kylie. — Um dia. — Ela olhou para o teto e tentou não pensar no desgosto que sentia. Não era como se ela não tivesse milhares de outras questões com que se preocupar. Como o fantasma carregando por aí cabeças decapitadas, e que provavelmente estava esperando por ela em seu quarto.

Um arrepio percorreu a sua espinha ao se lembrar disso.

Miranda se virou e se reclinou na cama novamente.

— Sabe que depois que você foi embora ele veio falar com Della e comigo?

Kylie se virou e olhou para Miranda.

— Ele veio?

— Sim, senhora. Acho que esperava que a gente pudesse tentar falar com você sobre ele.

Convencê-la a perdoá-lo.

Kylie voltou a fitar o teto e estendeu a mão para o ursinho de pelúcia, abraçando-o.

— Eu sinto muito que ele tenha incomodado vocês.

— Ele não nos incomodou — disse Miranda. — Não sei se você quer ouvir isso, mas... ele estava realmente sofrendo. Não estou dizendo que você deva perdoá-lo, mas ele jurou que só tinha concordado com o noivado para entrar naquele Conselho idiota.

— Não sei se o motivo é o mais importante — disse Kylie. — Acho que é mais o fato de ele ter feito isso. E nas minhas costas. Não que eu teria aceitado se ele tivesse me contado, mas... — Sua garganta apertou. Ela abraçou ainda mais o ursinho de Miranda.

— Eu sei. — Miranda fez uma pausa. — Della disse praticamente a mesma coisa. E ela acabou com ele. Disse coisas que só Della pode dizer. Disse que ele era um merdinha e que deveria ser castrado. — Miranda soltou um suspiro profundo. — Quando Della começou a descarregar o verbo sobre ele, pensei que eu ia ter que apartar uma briga entre os dois. Quer dizer, eu pensei que ele ia perder a cabeça. Os lobisomens não costumam aceitar desaforos de um vampiro. Mas ele nem sequer reagiu. Ficou ali firme e ouviu tudo o que ela disse. Mais tarde, até Della admitiu que não poderia deixar de admirá-lo por enfrentar sua punição como um homem.

O nó na garganta de Kylie dobrou de tamanho.

— Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — O silêncio encheu o quarto. Miranda finalmente falou: — Então vamos falar de outra coisa. Alguma coisa boa. Você sabia que Holiday e Burnett estão pensando em se casar aqui em Shadow Falls?

— Não, eu não sabia! — A notícia fez Kylie se sentir melhor. — Quando eles planejam se casar?

— Ainda não marcaram a data. Eu sinto que ela estava esperando você voltar. Mas provavelmente será em breve. Fui ver Holiday outra noite e havia coisas de Burnett espalhadas por toda a cabana. Eu acho que ele está morando lá agora. Eles se amam tanto! Aposto que transam três vezes por noite.

Kylie fez uma cara de espanto.

— As pessoas realmente transam tanto assim?

— Eu não sei — Miranda confessou —, mas espero que sim.

As duas começaram a rir. Um calor encheu o peito de Kylie.

— Burnett e Holiday merecem ser felizes.

— E todos nós não merecemos? — Miranda perguntou, e então suspirou novamente. — Eu vou dizer isso e então calar a boca. Eu sei que você está realmente com raiva de Lucas e eu não te culpo por isso, mas... Talvez você não devesse desistir completamente dele. Você não me deixou desistir de Perry.

Kylie balançou a cabeça e fez uma careta.

— Duas semanas atrás você estava me dizendo que eu deveria dar um chute nele e voltar para Derek.

— Isso foi antes de eu ver como Lucas está sofrendo. Eu acho que ele te ama mesmo.

Kylie balançou a cabeça.

— Realmente não quero falar sobre isso. Não quero pensar sobre isso. Eu apenas quero... Eu apenas quero... Preciso ligar pra minha mãe e então quero ir dormir. Você vai me odiar se eu sair agora?

— Você não vai à aula hoje? — perguntou Miranda.

Kylie refletiu um pouco.

— Não, acho que eu vou cabular aula. Não fui para a cama ainda.

— Ah, então vá dormir. — Miranda olhou para ela. — Por que tenho a sensação de que você não está me contando tudo o que aconteceu?

Kylie fez uma careta.

— Porque eu não estou, mas estou cansada demais pra contar tudo agora. Vou te contar cada detalhe sórdido depois.

Miranda assentiu.

— Foi muito horrível?

— Realmente horrível.

— Ok. — Miranda franziu a testa. — Talvez eu apareça só para dar uma olhada em você de vez em quando. Eu realmente senti sua falta.

Kylie sorriu.

— Eu senti a sua, também.

— Você pode pegar o Teddy emprestado, se quiser. — Miranda sorriu.

— Eu acho que vou pegar. — Kylie estendeu o braço e apertou a mão de Miranda.

— Obrigada. — Ela se levantou e saiu do quarto, segurando o enorme bicho de pelúcia como se ele fosse a sua tábua de salvação.

No mínimo, ela poderia usá-lo para esconder o rosto, para que não tivesse que olhar para cabeças decepadas.

Capítulo Doze

Felizmente o fantasma devia ter se cansado de esperar, porque Kylie encontrou seu quarto quente com Socks, o gatinho preto e branco, descansando pacificamente em seu travesseiro.

Quando ela se juntou a Socks na cama, o gato se levantou para lhe dar espaço e, em seguida, com a sua pata branca, deu um tapa no ursinho que Kylie ainda segurava.

— Ok, eu acho que abraçar você é melhor. — Ela colocou o urso no chão.

O gato subiu no peito de Kylie e ela deu ao bichano um pouco da atenção de que ele tanto precisava. Depois de vários minutos, ela se sentou e colocou o felino deitado ao seu lado.

— Desculpe, amigo, mas preciso ligar para a minha mãe. Mas não se preocupe, eu provavelmente vou ser breve e delicada. Ela está muito ocupada com John para perder tempo falando comigo.

No momento em que as palavras saíram da boca de Kylie, ela percebeu qual era, em parte, o seu problema com John. Ela estava com ciúmes. Sentia que seu relacionamento com a mãe tinha acabado de melhorar quando John apareceu e roubou a atenção dela. Mas por acaso era errado ela querer ser a coisa mais importante na vida da mãe por um tempo?

Provavelmente, Kylie pensou, respondendo à própria pergunta. Especialmente agora, que estava vivendo longe de casa. A mãe dela tinha todo o direito de viver a própria vida.

Mas, se metade do problema de Kylie com o homem era o ciúme, por que ela sentia tanta antipatia por ele? Pura e simplesmente, ela não gostava dele.

Lembrou-se de que Burnett tinha verificado os antecedentes do sujeito, mas não tinha descoberto nada de suspeito.

Kylie se lembrou de como Burnett ficara chocado ao descobrir que Hayden não era tudo aquilo que seus antecedentes tinham revelado.

Talvez ela não devesse colocar tanta expectativa nas investigações de Burnett.

Ou talvez Kylie precisasse parar de tentar criticar John e começar a tentar aceitá-lo como uma parte da vida de sua mãe. Especialmente porque ele parecia ser a única pessoa preocupada em fazê-la feliz. Sua mãe merecia ser feliz, não é?

Kylie discou o número da mãe, determinada a parecer simpática.

Ele tocou uma vez. Depois duas. Normalmente a mãe atendia rapidamente. Kylie ficou preocupada com a possibilidade de estar interrompendo algum interlúdio romântico. Ela franziu a testa e olhou para o relógio. Devia ser quase hora do almoço na Grã-Bretanha, com certeza eles não estavam... fazendo sexo ou, como Della teria dito, ocupados com uma rapidinha.

Ela afastou o pensamento o mais rápido que pôde e deixou sua mente vagar para Della. Burnett dissera que a vampirinha tinha entrado em algum tipo de briga. Ver Miranda tinha sido maravilhoso,

mas ter as duas em casa seria perfeito.

Outro toque da linha trouxe sua atenção de volta para o telefone. Ela esperava ouvir o correio de voz a qualquer momento. Será que a mãe estava bem? O ressentimento agitou-se dentro dela por causa de John novamente. Se alguma coisa tivesse acontecido à mãe nessa viagem...

— Alô? — A voz da mãe soou... distante. De alguma forma, pouco acolhedora.

— Tudo bem? — perguntou Kylie, a mão apertando o celular de Hayden.

— Kylie? — perguntou a mãe. — De que telefone você está me ligando?

Percebendo que esse talvez fosse o motivo para a demora da mãe e do seu estranho tom distante, Kylie afundou no travesseiro. No entanto, o distanciamento em sua voz a fazia se lembrar de quando ela era mais jovem e tinha que se esforçar muito para conseguir a aprovação da mãe. Uma época em que Kylie questionava o afeto da mãe por ela. Mas isso pertencia ao passado. Elas tinham começado um novo relacionamento, muito melhor. Pelo menos até o momento. Ela rezava para que a presença de John não mudasse isso.

— Onde está o seu telefone, mocinha?

— Ah... Eu... — Ela tinha que pensar rápido numa mentira e fazê-la parecer convincente. A mãe não conseguiria ouvir seu coração disparado por causa da mentira, mas ela tinha um detector de mentiras maternal que havia colocado Kylie em apuros mais de uma vez.

— Perdi meu telefone ontem à noite, então pedi emprestado o de um amigo. — Para todos os efeitos, não era realmente uma mentira.

— Bem, isso explica por que você não retornou meu telefonema ontem à noite — a mãe disse em tom de bronca. — Ah, meu Deus, você percebe quanto vai me custar substituir o seu telefone?

— Eu... acho que eu vou encontrá-lo. Sinto muito. — Kylie acariciou Socks quando ele esfregou a cara contra o queixo dela. — Algum problema? Por que você me ligou ontem?

— Não, apenas... seu pai estava preocupado.

O padrasto, Kylie quis corrigir, mas não falou nada.

— Ele disse que ligou três vezes ontem à tarde e você não atendeu. E então ele me ligou três vezes, enquanto John e eu estávamos... Quero dizer, quando eu estava na cama.

Cruzes! A capacidade de Kylie para ficar enojada atingiu o limite máximo, obrigando seu cérebro a bloquear todas as imagens mentais inadequadas.

— Sinto muito — Kylie respondeu, e, em seguida, mordeu o lábio. Ela tinha prometido a si mesma que não iria mais ter esperança de que sua mãe e o padrasto se reconcilhassem, mas era difícil às vezes. Mesmo assim, no que mais importava — as lembranças que ela ainda acalentava de como sua família costumava ser —, uma centelha de esperança ainda brilhava.

— Ligar três vezes é ridículo — disse a mãe. — Especialmente porque ele sabia que horas eram aqui.

— Eu sei — disse Kylie, mas pensando, *Dá um tempo, mãe! Ele estava preocupado comigo!*

— Bem, é hora de o seu pai saber que não pode me ligar a qualquer hora que quiser — ela reclamou.

— Tenho certeza de que ele vai se acostumar com o tempo — disse Kylie. — Vou tentar falar com ele hoje e ver o que ele quer.

— Faça isso — disse a mãe, e fez uma pausa. — Espere aí. Se você não sabia que eu liguei antes, então o que aconteceu? Está tudo bem?

— Sim, eu só queria ver se estava tudo bem. Detesto pensar que você está tão longe de mim.

— Eu sei... Eu me sinto assim também. Estou com saudades. Não é que eu não esteja me divertindo. A Inglaterra é maravilhosa, Kylie. Talvez quando John e eu voltarmos da próxima vez você possa vir com a gente.

Da próxima vez? Eles já estariam planejando outra viagem?

— Claro! — Kylie murmurou, lembrando-se de que estava tentando ser simpática.

— Adivinhe, querida!

O peito de Kylie de repente se encheu de medo. *Deus, por favor, não deixe que ela me diga que eles se casaram ou algo assim.*

— O quê? — perguntou Kylie, a voz dando a impressão de que ela tinha engolido um sapo.

— John me perguntou se...

— Não! — Kylie respondeu com rispidez.

— Não o quê? — a mãe perguntou.

— Você não o conhece o suficiente.

A linha permaneceu muda por um instante demasiadamente longo.

— O que você acha que ele me perguntou?

Kylie se encolheu.

— Eu não sei — disse Kylie, e percebeu que ela provavelmente estava cansada demais para conversar com a mãe. Exausta demais para manter uma conversa lógica, especialmente quando tinha que fingir que gostava de alguém de quem não gostava.

— Ele quer que eu vá trabalhar na empresa dele — a mãe explicou. — Está disposto a me pagar quase o dobro do que eu ganho agora.

Ok, a mãe dela trabalhar para o homem não era tão ruim quanto se casar com ele, mas Kylie tampouco gostava daquilo.

— Eu pensei que você gostava do seu trabalho — comentou Kylie.

— Eu gosto, mas... quase o dobro de salário e viagens de graça... Quero dizer, é uma proposta difícil de recusar.

— Mas... mas você está — *transando* — namorando com ele. Não é uma espécie de assédio sexual? Quer dizer, há leis contra isso, não há?

— Não, se a relação for consensual — a mãe esclareceu. — John e eu conversamos sobre como seria difícil eu trabalhar para ele, mas deixou claro que eu não estaria trabalhando diretamente com ele. Por isso, não seria como se estivéssemos realmente trabalhando juntos.

Kylie podia ouvir a resposta na voz da mãe. Sua decisão já estava tomada. Ela iria aceitar a proposta.

— Sim, mas eu não sei se é sensato trabalhar para alguém com quem você está... saindo.

— Acho que John e eu somos maduros o suficiente para lidar com isso.

Claro! Assim como ele se mostrou maduro da última vez em que você o trouxe aqui e ele deu um soco no meu padrasto e começou um showzinho de luta livre no refeitório. Kylie mordeu o lábio para não dizer nada ofensivo.

— Eu acho que só penso assim porque não o conheço muito bem — disse Kylie.

— O que eu pretendo corrigir da próxima vez que você for para casa. Achei que talvez pudéssemos viajar juntos a algum lugar, para passar um fim de semana.

Por favor, não!

— Eu... Não acho que precisamos fazer isso. Eu... para ser franca, acho que gosto quando esses fins de semana são só para você e eu.

— Mas você precisa conhecê-lo, Kylie. Ele é um grande cara. Tenho certeza de que você o adoraria se realmente o conhecesse.

— Tá, tudo bem. Mas não vamos... Não vamos apressar as coisas, ok? Tudo a seu tempo.

A mãe ficou em silêncio novamente.

— Você está bem, querida? Só agora percebi que horas são aí. O que você está fazendo acordada às cinco e meia da manhã?

— Eu tinha alguns deveres de casa e precisei acordar mais cedo — Kylie mentiu novamente. — E é melhor eu desligar e começar a fazê-los.

— Você está com problemas com os garotos novamente? — perguntou a mãe.

Assim como com um problema com fantasmas carregando cabeças decepadas.

— Nada que eu não possa resolver.

— O que aconteceu, querida? — perguntou a mãe.

— Estou bem. Na verdade, prefiro não falar sobre isso. Talvez mais tarde.

Kylie ouviu a mãe dar um longo suspiro do outro lado da linha.

— Estou pronta para ouvir quando você quiser falar a respeito...

— Eu sei, e eu te amo, mãe.

— Eu também te amo, querida.

Foi repetindo as palavras de sua mãe várias vezes em sua cabeça que Kylie finalmente adormeceu.

— Para onde estamos indo? — Kylie perguntou a Derek quando sentiu aquela indefinição típica de um sonho tranquilo. Correção: de um sonho lúcido.

Mas logo em seguida, a tranquilidade se foi. Fazia um tempo que ela fazia aquilo, mas imediatamente percebeu que o sonho não era dela. Ela não tinha ido até Derek. Ele tinha vindo até ela. E agora a estava levando a algum lugar, andando na frente dela, mas com a mão atrás das costas, segurando a dela e levando-a por uma trilha. Uma trilha arborizada.

Ela tentou fazer com que sua mente ficasse mais alerta. Que horas seriam? Havia quanto tempo

estava dormindo? Ela tinha que detê-lo.

Mas então Derek olhou para trás, por cima do ombro, e sorriu para ela. Ela perdeu a linha de pensamento e foi tragada para o mundo em que ele estava. Um mundo mais seguro, dizia sua mente. Ela olhou para cima. O sol irradiava uma luz matinal suave, que dançava por entre as árvores.

— Estamos indo para a nossa pedra. Você gosta de lá, não gosta? — A mão dele apertou ligeiramente a dela. Sua palma estava quente na dela. Reconfortante. Estranho como apenas segurar a mão de alguém podia transmitir a sensação de um abraço — um abraço caloroso. Pensando bem, ela estava falando sobre Derek. Ele tinha todos aqueles poderes *fae* que tornavam o seu toque... mais...

Significativo.

Ela se lembrava vagamente dele tentando beijá-la um pouco antes, durante a fuga da casa de seu avô, e pensando que não seria tão fácil fazê-lo se comportar. Será que ela realmente queria que ele se comportasse?

A resposta parecia estar em algum lugar entre o coração e a mente, e ela não conseguia chegar a uma conclusão. Mas tudo era apenas um sonho, dizia uma parte dela como desculpa. Mais tarde, ela descobriria. Ela pensaria naquilo, prometeu a si mesma.

— Antes você sempre gostava de ir até lá — disse ele.

— Sim, mas... — Ela parou e olhou para si mesma. Estava usando um short e uma camiseta. Mas estava descalça. Era gostoso. Havia uma camada macia de terra e grama úmida sob os pés. Definitivamente um sonho. Se fosse real, ela estaria sentindo as pedras e os espinhos. Isso não era real. Não era verdade. Mas ela precisava tomar cuidado. Ela mexeu os dedos dos pés e tentou novamente acordar para descobrir o que era certo e o que era errado.

Derek se virou, ainda segurando a mão dela, e a encarou novamente.

— Apenas venha comigo, Kylie. Faça isso por mim, por favor. — Ela já podia ouvir o barulho de água corrente, da água espirrando nas pedras arredondadas pelo tempo. O aroma da grama, dos arbustos e das árvores altas perfumava o ar que respirava.

Uma brisa agitou o cabelo de Derek.

— Só me dê um tempo para ficar com você.

Ela o fitou através de seus próprios cabelos, agitando-se na frente de seus olhos. Viu a súplica nos olhos dele.

A palavra “não” estava na ponta da língua, mas então ela viu os hematomas no pescoço dele. Contusões que pareciam tão profundas quanto as de Lucas.

Não que ela tivesse provocado aquelas contusões em Derek. Mario tinha. Mas havia sido por causa dela. Ele tinha enfrentado Mario para protegê-la.

Derek estivera disposto a morrer por ela.

Ele a amava.

— Por favor — disse ele, e o som de sua voz ecoou no seu coração como uma canção triste.

Ir com ele não parecia certo, mas não atender ao seu pedido também não era.

— Só para conversarmos — disse ela, arqueando uma sobrancelha.

— Certo. — Ele sorriu e as raias douradas em seus olhos brilharam. Ela se lembrava daquele olhar também. Um olhar diabolicamente sexy que sugeria que ele estava tramando alguma coisa.

Ele se virou e ela continuou a segui-lo. Em poucos minutos, chegaram à correnteza. Ele acenou em direção à pedra.

— Sua carruagem está à espera, minha cara dama — ele disse em uma voz formal, e fez uma reverência, como se encenasse uma peça de escola.

Ele parecia tão bonito que ela não pôde deixar de sorrir.

— Seu bobo.

— Pode ser, mas se isso for preciso para fazer você sorrir, eu não me importo em ser bobo durante o dia todo. Você teve uma noite difícil. Merece um pouco de diversão.

— Mereço mesmo — concordou ela e, em seguida, pulou para cima da pedra. Sua carruagem.

Ele pulou para a pedra logo atrás dela. Seu ombro roçou o dela. Kylie não pôde deixar de se lembrar da primeira vez em que estiveram ali. O lugar parecia tão mágico, tão semelhante a um conto de fadas! Algo saído de uma ilustração de um livro infantil. Claro que, na época, isso acontecia muito quando ela estava com Derek, e não só quando eles estavam ali.

Kylie olhou para a floresta e para a paisagem. Nenhuma sensação de conto de fadas dominava o lugar. Talvez a sensação de conto de fadas não acontecesse em sonhos.

Não que a paisagem não fosse bonita ou tranquilizante. O sol irradiava uma cor dourada por entre as árvores e as folhas que se agitavam. O ar tinha um aroma fresco de manhã. Era bom estar sentada ao lado de Derek, sentir o ombro dele pressionar delicadamente o seu. Ela não poderia simplesmente relaxar? Não iria deixar nada acontecer. Eles estavam ali para conversar, ela lembrou a si mesma.

Ela o fitou e sentiu a atração fazendo cócegas no seu estômago. Pela primeira vez, notou as mudanças sutis pelas quais ele tinha passado ao longo dos últimos meses. O garoto com quem ela viera uma vez àquela pedra tinha quase desaparecido, e um homem havia tomado o seu lugar. O cabelo sobre a testa parecia um pouco mais escuro. Ele tinha um perfil masculino, a linha do queixo forte, e belos lábios.

Ele olhou para ela.

— Sabe, foi demais quando você me fez ficar invisível.

— Sim, mas eu quase morri de susto quando não consegui vê-lo ao trazer você de volta.

— Eu sei. Senti suas emoções. — Ele hesitou. — Mas isso foi bem legal também — disse ele. — Na verdade, essa foi a parte mais legal.

— Não, não foi — disse ela. — Sério, eu me assustei.

— Eu sei, mas isso é que tornou tudo tão bom. Porque foi quando eu tive certeza. Foi quando eu soube que você ainda me amava.

As palavras dele ecoaram na cabeça de Kylie e ficaram dando voltas em torno de seu coração. Ele se inclinou mais para baixo. Seu dedo roçou a bochecha dela. Sua respiração tocou sua têmpora. Ah, droga, Kylie pensou. Lá estava ela de novo, num mato sem cachorro.

O toque passou pelo queixo de Kylie.

Suave.

Carinhoso.

Amoroso.

Ela se lembrou de que estava em meio a um sonho lúcido com Derek, mas não conseguia se lembrar de como tinha terminado. O toque voltou. A sensação de lençóis pressionados contra um lado do seu corpo. Ah, Deus do céu, será que ela ainda estava com Derek? Na cama? Que diabos ela tinha feito?

Ela abriu os olhos, com medo de que... de que... Olhos amarelos olhavam diretamente para ela. Olhos felinos e amarelos. E uma pata branca agora estava pousada sobre a ponta de seu nariz.

— Socks! — Ela riu com alívio, o coração batendo forte com a lembrança distante do sonho brincando de esconde-esconde em sua mente.

— Ei, gatinho! — ela murmurou quando a pata do gato deu um tapa em seu nariz.

— Então, você realmente sentiu minha falta quando eu fui embora, hein?

— Todo mundo sentiu — veio uma voz do outro lado do quarto.

Antes que ela pudesse forçar seu cérebro a identificar a voz, ou até mesmo saber se era homem ou mulher, ela deu um pulo da cama e ficou ali de olhos arregalados, olhando... Ok, ela respirou fundo. Não havia razão para entrar em pânico. Era apenas Holiday.

— Eu não queria assustá-la. Só dei uma passadinha para ver se você estava bem. Estava ficando um pouco preocupada. Você dormiu durante várias horas. Vim aqui umas duas ou três vezes e você nem sequer se mexeu.

Kylie piscou os olhos e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Três horas da tarde.

— Eu não queria dormir tanto.

— Acho que você estava exausta — disse Holiday e então franziu o cenho. — Burnett me contou sobre todo o episódio com Hayden. — Socks pulou da cama e começou a se enroscar nos tornozelos de Holiday.

A líder do acampamento ignorou o gato e continuou a olhar para Kylie.

— Sobre isso... — disse Holiday. Sua expressão dizia a Kylie que ela estava prestes a receber uma reprimenda. Holiday não a repreendia muitas vezes, de modo que, quando fazia isso, sempre parecia doer o dobro.

E, com certeza, Kylie merecia, mas ainda estava sonolenta e não sabia se conseguiria aguentar aquilo de pé. Ela se jogou de costas na cama, pegou o urso de pelúcia, e o abraçou.

— Você não pode esconder as coisas de nós, Kylie.

Sim, lá vinha a bronca.

Capítulo Treze

— Eu sei que não deveria ter escondido isso. — O peito de Kylie apertou. — E eu sei que Burnett ficou realmente desapontado comigo e você provavelmente está furiosa, também. E eu entendo por quê. Realmente entendo. Mas... — Ela respirou fundo, enquanto Holiday continuava a fitá-la com um ar de reprovação.

Abraçando o urso de pelúcia ainda mais, ela continuou:

— Você não consegue entender que eu prometi ao meu avô não expor Hayden? Eu não teria mantido essa promessa se achasse que ele era má pessoa ou quisesse causar algum mal. Ele não é uma pessoa má. Se não fosse por ele, eu não teria descoberto naquela noite que Collin Warren tinha sequestrado você. E se eu não tivesse encontrado você no momento certo, provavelmente não teria... conseguido salvá-la. Ele ajudou a salvar a sua vida.

Holiday franziu a testa.

— Eu não estou dizendo que ele seja uma pessoa má, Kylie. E não é que eu não entenda por que você se sentiu obrigada a manter sua promessa, mas Burnett está certo em querer protegê-la. Precisamos saber o que está acontecendo.

— Bem, agora você sabe de tudo. Quero dizer, se Burnett lhe contou.

— Ele contou — assegurou Holiday.

Kylie mordeu o lábio e, em seguida, empurrou o urso de pelúcia para o lado.

— Burnett e Hayden se falaram de novo? Ele contou que eles quase se pegaram na noite passada? Burnett disse que ia pensar se o deixaria ficar. *Pensar!* E então Hayden disse que ele iria *pensar* se *queria* ficar. — Ela deu um profundo suspiro. — Burnett agiu como um troglodita.

Holiday fez cara feia.

— Quando se trata de proteger as pessoas de quem ele gosta, Burnett sempre exagera um pouco.

— Um pouco? Está brincando? — Kylie revirou os olhos. — Ou está falando sério?

Um ligeiro sorriso apareceu nos lábios da líder do acampamento.

— Ok, talvez exagere muito, mas, na maioria das vezes, ele está certo. — Ela puxou o cabelo vermelho para o lado e começou a torcê-lo.

— Mas ele não está certo quando se trata disso. E esse é o xis da questão. Eu preferia que Burnett não mandasse Hayden embora. Eu sei que ele mentiu para ser contratado, mas significa muito para mim ter... ter alguém por perto que entenda o que significa ser um camaleão. Quero dizer, você é maravilhosa. Você ficou ao meu lado desde o início e o mesmo posso dizer de Burnett, mas é como você me disse muitas vezes: você não sabe nada sobre camaleões.

Holiday assentiu.

— Eu sei que seria bom ter Hayden aqui, e eu disse isso a Burnett, também. E prometo a você,

ele está levando isso em consideração.

— Você vai deixá-lo decidir? — perguntou Kylie, não gostando nem um pouco daquilo. — O que aconteceu com a Holiday que era sempre a manda-chuva aqui?

— Agora que estamos realmente juntos, decidimos que Burnett tem a palavra final sobre tudo o que afeta a segurança de Shadow Falls.

— Ah, mas que inferno! Você sabe que ele pode ser irracional às vezes. Você acabou de admitir isso — exclamou Kylie. Será que o fato de amar Burnett tinha mexido com a cabeça de Holiday? Kylie tinha ouvido falar que o amor deixava a pessoa meio cega, mas agora ela sabia disso com certeza.

— É verdade, ele pode ser irracional. No entanto, eu posso ser mole demais — Holiday admitiu. — E quando se trata da segurança dos nossos alunos, eu prefiro exagerar na cautela. Mas não se preocupe. Eu realmente acredito que Burnett acha bom ter Hayden por perto. Não só por você, mas para nos ajudar a nos precaver contra... futuros ataques.

Kylie puxou os joelhos e os abraçou. Ela sabia que, quando dizia “futuros ataques”, Holiday se referia a Mario. Embora Helen ainda não conseguisse se lembrar de nada, Kylie sabia em seu coração que tinha sido Mario o autor do ataque. Uma onda de tristeza e melancolia invadiu-a e alguns acontecimentos da noite anterior pipocaram em sua cabeça. Ela ergueu os olhos.

— Não acho que possa aguentar ver Mario ferindo outra pessoa. — Ela torceu as mãos. — Primeiro Helen, e então eu quase vi Derek sendo morto ontem à noite. E Mario quase *me* fez matar Lucas.

— Eu sei — Holiday interrompeu, como se soubesse que apenas falar sobre aquilo já era difícil para Kylie. — Deve ter sido uma noite difícil. Mas isso só enfatiza o que Burnett diz sobre você ser cuidadosa. Ele tem se dedicado muito ao sistema de segurança desde que você se foi e realmente acha que ele é infalível.

Aquilo devia fazer Kylie se sentir segura, e ela se sentia, mas...

— Então, eu sou uma prisioneira aqui — disse ela, pensando que, se as coisas não mudassem, seria tão ruim viver ali quanto na casa do avô.

— Não, não por muito tempo — Holiday insistiu. — Eu sabia que você se sentiria assim, e Burnett e eu já discutimos isso. Você não está proibida de sair, mas, até as coisas se acalmarem, Burnett quer estar junto quando você for a algum lugar. Eu não sei se ele disse, mas Mario foi flagrado em Shadow Falls. Então Burnett está inflexível sobre acompanhá-la, se você sair do acampamento. Você acha que pode aceitar isso? Ele apenas quer ter certeza de que está segura, Kylie. Você é especial para ele.

Kylie assentiu.

— Eu sei, e eu o amo também. — Ela se lembrou da conversa com a mãe. — Mas e o fim de semana dos pais daqui a algumas semanas? Minha mãe já está fazendo planos. Ela quer que John e eu... que a gente se conheça melhor. — A mente de Kylie criou uma imagem dela sendo forçada a ser educada com o namorado de sua mãe durante todo um pavoroso fim de semana. Santo Deus!, a última

vez em que ela vira o homem perdera totalmente a cabeça e lançara insultos contra ele a torto e a direito. Era como se ela não conseguisse se conter. Kylie tinha surtado completamente.

Holiday se sentou na beira da cama.

— Vamos resolver isso quando chegar a hora. — Mas Kylie viu preocupação nos olhos da amiga.

Kylie abraçou os joelhos com mais força.

— Para ser franca, eu não me importaria de não ir para casa nesse fim de semana dos pais. Então, se você puder encontrar uma maneira de cancelar, eu não ia me opor. Você tem a minha palavra.

Holiday suspirou, demonstrando que compreendia.

— Agora me diga... Quem é esse espírito que anda por aí carregando uma cabeça?

Kylie revirou os olhos.

— Você vai me dizer que os seus fantasmas não fazem esse tipo de coisa? — ela perguntou com sarcasmo.

Holiday riu, apesar de Kylie não ter feito o comentário com a intenção de ser engraçada.

— Eu tinha um que, durante algum tempo, andou por aí carregando seu próprio braço e sua perna. Ele os tinha perdido num acidente e não queria se separar deles. Era horrível.

— Que sorte a nossa! — exclamou Kylie, mas depois ela pensou nos espíritos do cemitério e se sentiu mal por ser tão cínica. A maioria deles era simplesmente almas perdidas à procura de ajuda.

Holiday estendeu o braço e pousou a mão no braço de Kylie.

— Que sorte a deles por terem a nós — disse ela, como se tivesse lido a mente de Kylie, ou pelo menos suas emoções. — Mas nem todos merecem a nossa ajuda. Eu já lhe disse isso antes; você pode mandá-los embora. Tem todo o direito de dizer não a alguns deles.

— Eu sei, e eu tentei, mas acho que não fiz isso direito. Ou talvez não tenha me esforçado o suficiente.

— Pelo que Burnett me disse, acho que mandar esse espírito embora é a atitude mais sensata. O que é isso de ela querer que você mate alguém? Ela lhe disse quem é?

— Não. Ela não é de falar muito, como todos os fantasmas. Eu nem tenho certeza se ela sabe as respostas.

— Ela parece perversa?

Kylie pensou um minuto.

— Sim e não. Quero dizer, ela não é um anjo. Já admitiu que matou um monte de gente. Na maioria das vezes em que a vejo ela tem sangue nas mãos, mas quase sempre parece que ela se sente culpada por isso. Pelo menos às vezes — Kylie emendou, lembrando-se de como o fantasma carregava a cabeça decepada sem o mínimo de sensibilidade. — Mas eu não acho que ela queira me causar algum mal. Eu até perguntei se ela estava tentando me levar para o inferno.

Holiday ergueu uma sobrancelha.

— E você acha que ela iria admitir isso?

— Não, mas ela não hesitou em responder nem negou como se estivesse mentindo. Ela me disse com naturalidade que queria que eu mandasse alguém para o inferno. E eu acho que a coisa toda da cabeça foi porque eu comecei a ignorá-la. Ela só queria chamar a minha atenção.

— E eu aposto que isso funcionou — arrematou Holiday.

— Pode apostar — confirmou Kylie. — É meio difícil não prestar atenção nisso. — Ela estremeceu, lembrando-se da imagem da cabeça.

— Ainda acho que despachar esse fantasma pode ser a melhor coisa a fazer.

— Eu sei, e ontem à noite eu estava mesmo pensando em fazer isso, mas uma coisa me deteve.

— O quê? — perguntou Holiday, colocando uma das pernas sobre a cama.

Kylie suspirou. Ela não tinha se preocupado muito com isso antes, mas agora parecia algo que ela deveria considerar. — Ela diz que, se eu não fizer isso, se eu não matar essa pessoa, sou eu quem vai morrer.

Holiday franziu a testa.

— Ok, isso muda um pouco as coisas. Você sente que ela está tentando proteger você ou apenas causar mal a outra pessoa?

Kylie refletiu sobre a pergunta.

— Acho que ela está fazendo as duas coisas. Não sei por que ela iria querer me proteger. Mas, ontem à noite, quando Derek e eu estávamos deixando o complexo, foi ela quem me disse para ir ao cemitério. Acho que ela estava me ajudando.

Holiday fez uma cara séria.

— Ok, mantenha esse espírito por perto por enquanto. Mas pelo amor de Deus, tenha cuidado. Você já tem alguém neste mundo tentando prejudicá-la, não precisa de um fantasma tentando fazer isso também. Você é especial demais para que qualquer um queira machucá-la.

As palavras de Holiday ficaram se repetindo na cabeça de Kylie e de repente ela se lembrou de alguém lhe dizendo palavras semelhantes. Alguém de olhos verdes e raias douradas, e lábios... quentes. De repente, lembrou-se de parte do sonho lúcido, uma parte importante dele. A parte em que Derek a beijou.

— Ah, merda! — murmurou, segurando a cabeça entre as mãos. — O que eu fiz?

— O que foi? — perguntou Holiday.

Kylie olhou para ela.

— Nos sonhos lúcidos, a pessoa que inicia o sonho está no controle, mas a pessoa que é trazida pode impedir que as coisas aconteçam, certo?

— Certo. Contanto que ela esteja convicta de que aquilo não está acontecendo de verdade.

— Merda... — ela murmurou de novo, ao se lembrar de que tinha se sentido confusa sobre o que queria. Confusa sobre o que era certo e errado. E se ela estava confusa no sonho, então ela poderia ter deixado acontecer o que não deveria ter acontecido.

— Ah, droga! — lamentou, tentando se lembrar do resto do sonho. Então ela voltou a olhar para Holiday. — Eu não deveria conseguir me lembrar de tudo?

— Sim, exceto se... — Ela fez uma cara como se não achasse que Kylie ia querer ouvir o resto.

— Exceto se você estivesse realmente exausta.

— E eu estava. Mas que ótimo! — Kylie murmurou.

— Acalme-se. Depois de comer alguma coisa e relaxar você provavelmente vai se lembrar de tudo.

— Não sei se quero me lembrar — ela murmurou. — Ah, mas que inferno, eu quero, sim!

Holiday franziu a testa.

— Você quer que eu fale com Derek a respeito?

Kylie franziu a testa.

— Eu não disse que era Derek.

Holiday olhou-a como se quisesse dizer, “Não seja boba”.

— Vocês dois e eu somos os únicos aqui que podem iniciar um sonho lúcido. Tinha de ser ele.

Kylie mordeu o lábio novamente.

— Ok, tem razão, mas não, eu não quero que você fale com ele. Preciso resolver isso sozinha. —

Ela soltou um suspiro profundo. — Derek acha que ainda sou apaixonada por ele.

— E você não é? — perguntou Holiday.

— Não! — admitiu Kylie. E ela estava falando sério. Ela estava. Sim, realmente estava. Então por que parecia que ela estava tentando convencer a si mesma? — Eu não quero falar sobre Derek.

Holiday examinou o rosto de Kylie por um instante.

— Você quer falar sobre Lucas?

— Não!

— Ok, mas, se você precisa falar sobre ele ou qualquer coisa assim, eu estou aqui para ouvi-la.

— Eu sei. — Então, só para provar que ela era uma mentirosa, as palavras deslizaram de seus lábios. — Eu percebi que o amava um pouco antes de tudo o que aconteceu. — Seu coração pareceu encolher. — Eu ia dizer isso a ele da próxima vez que o visse. Então, na próxima vez que o vi, ele estava prometendo sua alma a Monique.

Holiday franziu os lábios como se hesitasse em dizer o que estava em sua mente.

— Não acho que ele estivesse falando sério.

— Não me importo se estava ou não; ele não deveria ter feito aquilo.

— Isso é verdade. E eu não vou dizer a você o que fazer, mas acredito que ele estivesse dizendo a verdade sobre suas intenções. E eu só estou dizendo que, se você ainda gosta dele, não acho que ele seja um cara ruim.

Kylie respirou fundo.

— Eu perguntei a minha mãe uma vez se ela ainda amava meu pai. Ela me disse que não sabia. Que talvez, quando superasse a raiva que sentia dele, tivesse que pensar se realmente o amava ou não. Talvez seja isso que vá acontecer comigo e com o Lucas. Mas, por ora, fico muito irritada quando todo mundo fica dizendo que ele é um cara legal. Faz com que eu me sinta a única pessoa que fez alguma coisa errada. — As lágrimas apertaram a sua garganta, mas ela as engoliu e ficou mais

ereta.

— Sinto muito. — Holiday levantou uma mão. — E você sabe que não fez nada errado. E não vou dizer nem mais uma palavra.

— Obrigada.

Sua barriga de repente roncou alto, avisando que estava tão infeliz quanto ela... e vazia. Ela olhou de volta para Holiday.

— Eu preciso comer alguma coisa. Acho que meu estômago está roendo minha espinha dorsal agora.

— Tome. — Holiday estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, pegou um saco de papel e o entregou a Kylie. — Eu trouxe para você mais cedo, pois achei que precisaria comer alguma coisa.

Kylie tirou de dentro um saquinho plástico e viu metade de um sanduíche com o formato de uma mordida num dos lados.

— Desculpe, fiquei com fome enquanto esperava você acordar.

Quando Kylie desembulhou o sanduíche e deu uma mordida, Holiday pegou novamente o saco de papel e tirou de dentro um saquinho aberto de batatas fritas.

— Ainda estou com fome. — Ela sorriu desculpando-se e colocou uma batata na boca.

Enquanto Kylie comia o sanduíche e via Holiday comer as batatas fritas, o peso do mundo que oprimia o seu peito ficou bem mais leve. Não chegou a desaparecer, mas diminuiu o suficiente para lhe causar um certo alívio. Ela ainda tinha toneladas de problemas para resolver. Mas estar de volta a Shadow Falls era bom.

E estar ali com Holiday contribuía para isso.

Kylie terminou o último pedaço de sanduíche e enfiou a mão no saco de batatas de Holiday. Seus dedos encontraram o fundo do saco.

Holiday fez uma cara engraçada.

— Desculpe, eu não sei o que se passa comigo. Meu apetite aumentou.

— É provavelmente o amor — disse Kylie. — Você está simplesmente iluminada. Cada vez que diz o nome de Burnett, seus olhos começam a brilhar.

— Na verdade, o amor faz exatamente o oposto com o apetite. Você acha que pode viver de amor. Nem precisa comer.

Kylie arqueou uma sobrancelha.

— Então... talvez você esteja grávida!

Holiday lambeu a gordura da batata e as migalhas dos dedos.

— Não é possível.

— Ah, por favor. Miranda me disse que foi à sua cabana e havia coisas de Burnett espalhadas por toda parte. Vocês dois estão planejando se casar. Miranda me contou também. O fato de vocês dois estarem dormindo juntos é... é normal. E, se você fingir o contrário, vai parecer uma idiota.

Holiday inclinou a cabeça para o lado, olhando para Kylie com uma cara meio séria.

— Eu não estou fingindo. E, embora eu não precise explicar nada — Ela parou. — Eu não disse

que ele não estava hospedado na minha cabana, ou que não estávamos... dormindo juntos. Eu disse que não era possível. Estamos tomando cuidado. Usando proteção. Que é o melhor conselho que posso dar a qualquer adolescente. — Ela apontou para o saco de papel sobre a cama. — Tem uns biscoitos aí. Desculpe, mas eu... comi alguns, também.

Kylie agarrou o saco de papel e pegou outro saco plástico no fundo, que continha três biscoitos de chocolate. Ela pegou um e, por educação, ofereceu um a Holiday, que aceitou com entusiasmo.

— Eu adoro biscoitos de chocolate! — comentou Holiday, percebendo a surpresa de Kylie. Em seguida a *fae* colocou o biscoito inteiro na boca.

— Você sabe que os preservativos não são infalíveis — Kylie disse, abrindo o biscoito ao meio e lambendo o glacê branco entre as duas partes de chocolate. — Segundo estatísticas, são apenas de 85 a 90 por cento eficazes na prevenção da gravidez. Alguns afirmam que em dez por cento dos casos a falha é humana ou, no seu caso, do vampiro, e não falha do preservativo. Como no caso em que se retira o pênis rápido demais — ela fez uma careta —, causando vazamento, ou em que não se coloca o preservativo direito. E se uma mulher tem unhas compridas... — O olhar no rosto de Holiday fez com que Kylie fizesse uma pausa. — Não que você tenha unhas compridas ou que Burnett não saiba colocar uma camisinha... — Kylie sentiu seu rosto queimar.

Holiday corou junto com Kylie. Então, ainda com a boca cheia do biscoito, a *fae* ergueu a mão como se quisesse dizer que precisava de um minuto antes de falar.

Kylie, embora envergonhada, se sentia orgulhosa do conhecimento que tinha, e continuou falando enquanto lambia o recheio do biscoito.

— E se um cara carregar um na carteira por muito tempo, ele pode rasgar. E ainda existem as falhas no controle de qualidade. Por alguma razão o preservativo pode ter uma fenda ou um furinho. E você ficaria surpresa se soubesse a quantidade ínfima de esperma que é necessária para engravidar uma garota!

Depois de lamber todo o recheio, Kylie deu uma mordida no biscoito de chocolate e falou com a boca cheia.

— Para não correr riscos, vocês podem comprar preservativos com espermicida, que supostamente ajuda a matar qualquer um desses pequenos espermatozoides que escapar. Mas o uso de preservativos com espermicida o tempo todo pode causar problemas vaginais. Portanto, não se recomenda o uso prolongado.

Holiday engoliu em seco.

— Você... — Ela engoliu novamente, lambendo os dentes para tirar o chocolate — com certeza sabe muito sobre preservativos.

— Eu disse a você, minha mãe deixava panfletos na minha cama cerca de duas vezes por semana. Você não vai acreditar em todas as informações que tenho na cabeça. Eu poderia discorrer sobre todos os diferentes tipos de doenças sexualmente transmissíveis, mas não é algo muito agradável. Eu não quero pensar nisso.

Holiday riu.

— Eu acho que, quando eu tiver um filho, poderei perguntar à sua mãe onde ela consegue tantos panfletos.

— Ah, não faça isso. É algo que mexe com a mente de uma pessoa. Acho que é por isso que eu ainda sou virgem.

Holiday riu.

— É exatamente por isso que eu vou querer que o meu filho receba esses panfletos. — O sorriso dela desapareceu. — Sério, um adolescente não deve ter relações sexuais levianamente.

— É verdade — Kylie disse, pegando o último biscoito e partindo-o ao meio. — Mas ter muita informação não é muito bom, também. — Ela ofereceu uma metade a Holiday, que não hesitou em aceitá-la.

— Obrigada.

— Você tem certeza de que não está grávida? — perguntou Kylie, observando Holiday colocar a metade do biscoito na boca, como se estivesse morrendo de fome. Ou, como se comesse por dois.

— Positivo. — Holiday falou, mastigando o biscoito. — *Faes*, ou pelo menos as *faes* da minha família, sempre sabem quando estão grávidas.

Kylie sorriu.

— Não me diga, um dos sinais é que elas ficam famintas e comem a comida das amigas, enquanto estão esperando que elas acordem.

— Não. — Ela fez uma pausa e franziu a testa. — Bem, ficar com fome é um sintoma, mas o mais comum são soluços e arrotos. Tenho uma prima que ficou grávida e soluçou sem parar durante oito meses. Foi triste.

Holiday olhou para o saco de papel, como se desejasse que não estivesse vazio.

— Por que você não põe os sapatos e vamos para o refeitório, afanar mais alguns biscoitos? Depois vamos procurar Burnett e ir à cachoeira. Algo me diz que você talvez precise de um ambiente relaxante.

A ideia de ir à cachoeira provocou uma sensação de calor no corpo de Kylie.

— É, parece muito bom. — Talvez quando ela estivesse lá conseguisse se lembrar do resto do sonho. Deus, ela realmente esperava que não tivesse feito nenhuma besteira com Derek...

Não que ela tivesse medo de ter... ido longe demais — até o fim, queria dizer. Era preciso admitir, como ela dissera para Holiday, os panfletos tinham feito um estrago na cabeça dela. Informação demais de fato poderia não ser uma boa. Ou neste caso particular, poderia ser uma boa.

Então ela percebeu que, se não tivesse sido tão cautelosa com relação a sexo, já podia ter dormido com Lucas. Estava contente por não ter feito isso. A dor encheu seu peito novamente, e ela não pôde deixar de perguntar até que ponto tinha dito a verdade à amiga. Quando a raiva que ela sentia de Lucas passasse, ela conseguiria perdooá-lo?

Será que ele merecia uma segunda chance?

Afastando Lucas da mente, percebeu que ainda não tinha se esquecido de Derek, que voltou a dominar seus pensamentos. Ela se lembrou do beijo do sonho. Será que ela tinha conseguido detê-lo?

Ou tinha se deixado levar pelo momento? Droga! Droga! Dar esperança a Derek era uma péssima ideia.

E se ela tinha dado a ele esperança, precisava cortar o mal pela raiz, antes que aquilo causasse danos irreparáveis. O tipo de dano que deixa as pessoas magoadas. E o fato de ela não querer ferir os sentimentos de Derek poderia ter lhe proporcionado um alívio, mas ela não iria deixar sua mente divagar sobre o assunto. Não mesmo!

Kylie pegou os sapatos, calçou-os, e saiu com Holiday. Lembrando-se do celular de Hayden, enfiou-o no bolso.

Na noite anterior, ela tinha pensado em ligar para o avô, mas sem saber o que dizer, ou como dizer, ela desistiu. E, se ligasse, Burnett veria isso como outra traição?

Ela olhou para Holiday.

— Podemos dar uma passada na cabana de Hayden? Preciso devolver o telefone dele. — Quando Holiday olhou para ela com uma expressão confusa, Kylie explicou. — Deixei o meu celular na casa do meu avô. E eu queria ligar para a minha mãe.

— Claro! — disse Holiday.

Elas ainda não tinham cruzado a porta do quarto de Kylie quando Holiday soltou um leve soluço. Em seguida, outro escapou de seus lábios.

Kylie olhou para ela. Holiday colocou a mão sobre os lábios e o pânico transpareceu em seus olhos verdes.

— Isso é o que eu acho que é? — perguntou Kylie. — Foi um soluço?

— Ah, merda! — murmurou Holiday, e soluçou novamente.

Kylie gritou com entusiasmo.

— Será que o bebê será parecido com você ou com Burnett?

Capítulo Quatorze

Hayden não estava na cabana, mas Holiday, ainda meio em pânico por causa dos soluços, concordou em ir até a sala de aula do professor, ver se ele estava lá.

— Tenho certeza de que não é nada — ela disse, dando um tapinha no peito. — É psicossomático. Falamos dos soluços e eles começaram.

Kylie não tinha muita certeza, e pelo visto nem Holiday, que ficava repetindo aquilo como que para convencer a si mesma.

— Você não quer ter filhos? — Kylie perguntou, lembrando-se de que camaleões tinham dificuldade para engravidar.

— Sim, mas... Burnett não está muito feliz com a ideia. Ele diz que cresceu sem pai, então não saberia ser um.

— Acho que ele seria um ótimo pai.

— Eu sei que sim. Provavelmente seria um pouco superprotetor, como a maioria dos vampiros, mas, ainda assim, seria um pai fabuloso.

Pensando em uma vampira que também poderia ser um pouco superprotetora, Kylie perguntou:

— Della já voltou?

— Não, só à noite — disse Holiday. — Mas ela está bem — acrescentou, como se captasse a preocupação de Kylie. — Burnett falou com Steve novamente esta manhã.

Kylie assentiu.

— E Helen está bem?

— Saiu do hospital ontem à tarde. Seus pais queriam que ela ficasse com eles durante um tempo. Só para ter certeza de que está bem. Claro que Jonathon surtou.

— Aposto que sim — Kylie afirmou, lembrando-se de como os dois andavam grudados um no outro o tempo todo.

Holiday e Kylie chegaram à sala de aula de Hayden. Kylie viu alguém se movendo atrás da cortina.

— Ele está aqui.

Holiday concordou em esperar do lado de fora, e Kylie entrou.

Hayden, sozinho na sala, estava sentado à sua mesa, com um telefone na mão.

— Olá! — cumprimentou Kylie.

Hayden olhou para cima e deixou cair o telefone.

— Eu estava prestes a te telefonar para saber se estava bem. E trouxe meu telefone? Por favor, me diga que você não falou com a minha namorada desta vez.

— Não, eu não falei com ninguém, só com a minha mãe.

— E você está bem?

— Sim — Kylie tirou o telefone do bolso. — Eu queria devolver seu telefone. Obrigada por me emprestar.

Ele acenou com a cabeça.

— Você não ligou para o seu avô?

O bom humor de Kylie diminuiu um pouco. Ela negou com a cabeça.

— Eu não sei o que dizer a ele. Vou ligar daqui a um ou dois dias. — Sim, ela estava adiando as coisas, mas decidiu se permitir uma pequena pausa com relação a esse assunto. — Você contou a ele que Burnett já sabe de tudo?

Ele franziu a testa e fez que sim com a cabeça.

— Tive que me arriscar a usar o telefone do escritório, já que o meu estava com você — disse ele.

Ela lhe lançou um olhar de desculpas.

— Meu avô... aceitou bem a notícia?

— Ele não ficou muito feliz. — Hayden fez uma pausa. — Ainda acho que ele não estava planejando tentar impedi-la de ir embora. E ele parecia ansioso para falar com você sobre isso.

— Eu sei. Acredito em você, é só que... Eu sinto que o magoei indo embora, e agora ele deve estar chateado porque eu contei a Burnett sobre você. Pensar que ele está com raiva de mim é... simplesmente demais.

— Eu expliquei as razões que nos obrigaram a contar a Burnett. — Hayden reclinou-se na cadeira, que rangeu.

— Seu avô se preocupa com você. Eu sei que ele pode ser teimoso, mas já perdeu muito nesta vida, o filho, a esposa. Agora, ele está com medo de perder você também.

— Eu sei. E, no entanto... mesmo que eu não pertencesse a Shadow Falls, não poderia viver como eles querem que eu viva. Isolada do mundo.

— Eu sei. Não é fácil. A súbita rigidez em seus ombros revelou a Kylie quanto tinha sido difícil para ele.

— Quantos anos você tinha quando fugiu?

Ele pegou um lápis.

— Como você sabe que eu fugi?

— Eu supus — respondeu Kylie.

Ele hesitou.

— Tinha 17 anos.

— Você já viu seus pais desde então?

Ele negou com a cabeça.

— Seu avô me dá notícia deles e... ele começou a me deixar falar com Jenny quando...

— Quando o quê? — perguntou Kylie.

— Quando ele começou a ficar preocupado com a possibilidade de ela estar planejando fugir.

— Ela está?

— Acho que consegui acalmá-la. Ela só tem que ficar lá mais um ano ou coisa assim. Está quase madura.

— Madura? — perguntou Kylie.

— Sim. Quando o camaleão é capaz de mudar o próprio padrão. A regra é que, se você for embora depois da maturidade, não vai ser excomungado. Eles te olham com desaprovação, mas você pode visitá-los. Mas os anciãos estão tentando fazê-la se casar. É apenas mais um stratagema para tentar fazer com que ela continue a viver no complexo.

Kylie sentiu a dor de Hayden e teve pena de Jenny, também.

— Eles não percebem que assim estão estimulando os jovens a ir embora? É como um daqueles cultos que obrigam as crianças a viver como se estivessem no século XIX.

— Eles acham que a estão protegendo — explicou Hayden. — E talvez antigamente fosse a coisa certa a fazer. Mas as coisas mudaram e eles não conseguem ver isso. Eu dei um jeito de criar uma vida própria e não corro perigo.

Kylie assentiu com a cabeça, mas não pôde deixar de pensar até que ponto ele tinha uma vida boa se era obrigado a esconder sua verdadeira identidade. No entanto, ela supunha que fosse a melhor opção.

— Você vai ficar aqui? — Ela prendeu a respiração, com o coração cheio de esperança.

Ele se recostou na cadeira.

— Burnett ainda não me deu uma resposta.

— Mas, se ele disser que você pode ficar, você vai ficar?

Ele pegou o lápis e o rolou em sua mão. Ela o interrompeu.

— Por favor. Eu ia gostar, se você ficasse. Ainda tenho dúvidas e seria muito bom ter você por perto. E... Eu acho que quero tentar mudar as coisas. Você sabe, ajudar os outros camaleões adolescentes. Eu ainda não contei isso a Holiday ou Burnett, mas só estou esperando o momento certo.

— Vou pensar — disse ele. — Mas deixe-me dizer que o seu amigo Burnett fez com que a ideia de ir embora parecesse bem atraente.

— Ele não é ruim — disse Kylie. — Eu sei que ele pode ser... difícil. Em muitos aspectos, ele me lembra o meu avô. E até você, um pouco.

— Eu não sou tão teimoso. — defendeu-se Hayden. — Ele não tem o direito de me tratar assim.

Kylie poderia argumentar com Hayden que chegar ali e esconder sua identidade não instilava confiança em Burnett, mas o que adiantaria?

— Só prometa que você vai pensar na possibilidade de ficar. Eu realmente preciso de você aqui.

— Vou pensar, mas isso é tudo o que posso prometer.

Depois de outro sanduíche, mais biscoitos de chocolate e Burnett a reboque, Kylie e Holiday foram para a cachoeira. Burnett andava ao lado delas, mas o vampiro não parava de tropeçar,

principalmente porque seu foco estava em Holiday, e não onde pisava.

Ela não tinha soluçado de novo, mas ainda estava em pânico. Pelo menos parecia que estava, porque ainda exibia um olhar de susto no rosto. Obviamente, Burnett percebeu o olhar de susto, também.

— Está tudo bem? — ele perguntou pela segunda vez.

— Eu disse a você, é apenas um problema na barriga — Holiday respondeu, e Kylie reconheceu que sua resposta era uma versão da verdade, por isso o seu batimento cardíaco não iria revelar que ela estava mentindo.

— Você precisa ir ao médico? — ele franziu as sobrancelhas e aquele vampiro forte e com pinta de valentão se transformou num sujeito preocupado, de aparência comum e evidentemente apaixonado por Holiday.

Ela ficou emocionada só de olhar para eles. Com a emoção veio um sentimento de realização. A sensação de que ela não só tinha colaborado para que os dois ficassem juntos, mas essa tinha sido parte de uma missão que ela concluía, e muito bem.

— Não, eu não preciso ir ao médico — respondeu Holiday. — Pelo menos ainda não — ela acrescentou rapidamente para conter outra mentira.

— Provavelmente nervosismo com o casamento — Kylie acrescentou, na esperança de ajudar a afastar a conversa dos problemas na barriga de Holiday antes que ela não conseguisse encontrar outra meia verdade para dizer a Burnett.

Desviando o olhar do casal de mãos dadas, Kylie pôde jurar ter ouvido o murmúrio de água corrente da cachoeira. Ela desacelerou o passo e ajustou os ouvidos para escutar. Sim, era a cachoeira, mas eles provavelmente ainda estavam a quase um quilômetro de distância. Ela respirou fundo, ansiando pela paz que encontraria por trás da mágica coluna d'água — um lugar onde todas as desventuras da vida não pareciam tão ruins. Ou pareciam pelo menos mais fáceis de administrar.

— Nervosismo com o casamento? — Burnett perguntou como se tivesse refletido sobre o comentário de Kylie. — Ela não tem nenhum motivo para ficar nervosa. — Ele quase pareceu ofendido. — Farei tudo que estiver ao meu alcance para ser um bom marido.

— Noivas sempre ficam nervosas — disse Holiday.

— Nervosas com o quê? Não é como se você ainda não conhecesse todas as minhas manias. Ou se eu não conhecesse as suas.

Holiday olhou para ele com uma cara engraçada.

— Que manias eu tenho?

— Você rouba todas as cobertas à noite — Burnett sorriu e olhou com devoção para ela. Kylie tinha visto aquele olhar em seu rosto antes, mas agora ele o ostentava com orgulho. — Mas, falando sério — Burnett continuou —, por que você estaria nervosa?

Kylie reparou que, quando conversavam, era como se ela nem estivesse ali. Eles estavam tão sintonizados um com o outro que tudo o mais desaparecia à volta deles. E ela por acaso não sentira a mesma coisa quando estava com Lucas? Ela afastou o pensamento.

— E se você for muito pé-frio e ficar com medo? — Holiday perguntou, com um tom de provocação na voz.

Kylie lembrou que Blake, o ex-noivo de Holiday, a tinha deixado no altar, depois de dormir com a irmã gêmea dela. Sem dúvida, Holiday tinha suas razões para ficar nervosa com casamentos.

— Eu estou sempre com o pé frio. Sou um vampiro! — disse ele numa voz provocante, quase como se estivesse tentando afastar o ânimo sombrio de Holiday. — E se bem me lembro, você reclamou disso a noite passada. — Ele diminuiu o passo colocou o braço em volta de Holiday. — Casar com você não me assusta nem um pouco. É a melhor coisa que poderia me acontecer. Eu nunca vou abandonar você. Vou ser o primeiro a chegar à igreja.

O coração de Kylie transbordou de emoção ao ouvir as palavras de Burnett.

Kylie ouviu Holiday soltar um suspiro sentimental.

— E é quando você diz coisas como essas que eu sei por que suporto os seus pés frios. — Holiday ficou na ponta dos pés para beijá-lo. Burnett puxou-a para que pudesse aprofundar o beijo.

— Ei! — Kylie disse, sorrindo. — Há uma donzela observando vocês agora.

— Então olhe para o outro lado — Burnett disse a Kylie, e sorriu. — Tenho o direito de beijar a minha noiva.

Kylie riu.

— Sim, mas é melhor tomar cuidado, eles vão revogar sua licença de vampiro se você ficar muito romântico e sentimental.

— Não se preocupe — respondeu Burnett, apertando os olhos como se estivesse falando sério. — Eu ainda posso ser um brutamontes e chutar algum traseiro se for preciso.

Sim, como na noite passada, Kylie pensou. Ela ainda tinha alguns hematomas no seu ego, assim como Hayden Yates, mas não disse nada. No fundo, sabia que Burnett tinha seus motivos para ser rígido com ela e Hayden.

Seus pensamentos voltaram para a conversa com Hayden, mas a calma da cachoeira já lhe dera uma sensação de paz e ela foi capaz de deixar as preocupações de lado. Ela olhou para os dois pombinhos caminhando de mãos dadas. Talvez não fosse apenas a cachoeira que despertasse essa sensação de bem-estar, Kylie admitiu. Estar de volta a Shadow Falls e entre amigos era bom demais!

Quase no mesmo instante, o som da cachoeira ficou mais alto e um sentimento de serenidade se espalhou dentro dela. Kylie tinha que admitir que a cachoeira definitivamente estava contribuindo para a sensação mágica de bem-estar. E depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, ela queria se agarrar a essa magia. Esquecer que ver Holiday e Burnett a fazia se lembrar de que amava alguém, também. Esquecer que Lucas a tinha traído. Esquecer que havia topado com Mario. Esquecer que ela provavelmente tinha magoado o avô ao ir embora sem dizer adeus.

Ah, sim, ela queria a calma que acompanhava aquele lugar abençoado, um lugar que banhava o espírito das pessoas com tranquilidade. Que oferecia uma sensação de bem-estar.

E coragem.

Uma voz ecoou em sua mente. Kylie parou de andar. A voz de alguma forma parecia significar

alguma coisa, algo mais do que apenas enfrentar suas tribulações habituais. Como se a voz soubesse algo que ela não sabia.

Por que eu iria precisar de coragem?

Se não fosse pela tranquilidade, Kylie podia ter começado a entrar em pânico com a leve intrusão em sua cabeça. As palavras não vinham com o calafrio que ela costumava sentir quando um fantasma a visitava. Não que Kylie não tivesse ouvido a voz antes; ela tinha, várias vezes. No passado, tentara se convencer de que era seu subconsciente. Mas, desta vez, parecia mais do que isso.

O som calmo da cachoeira ficou mais forte e diminuiu suas preocupações. Ela não queria se preocupar com a voz, ou mesmo com a razão de precisar de coragem. Ela acelerou o ritmo.

Cinco minutos depois, chegaram à entrada da cachoeira. O ambiente sereno a envolveu. Até mesmo as folhas das árvores pareciam sussurrar suas saudações. A água cascadeando do penhasco acima enchia o ar com uma doce umidade. A brisa leve, transportando minúsculas gotinhas de água, perfumava o ar com o aroma de alguma flor distante e ervas naturais.

A costumeira expressão severa de Burnett dissolveu-se em algo mais pacífico. Ele parou na orla das árvores e concordou em esperar ali, permitindo que elas tivessem sua experiência particular na cachoeira. Retirando os sapatos e enrolando as pernas da calça jeans, Holiday e Kylie caminharam através da parede de água em cascata.

Lá dentro, demorou um segundo para os olhos de Kylie se ajustarem à pouca luz. Não estava completamente escuro ali, mas apenas uma réstia de luz infiltrava-se na caverna atrás da cachoeira. Sombras iridescentes nas cores do arco-íris tremulavam nas paredes rochosas.

Água fria escorria do cabelo de Kylie e molhava suas costas, mas a sensação de frio em sua pele parecia refrescante, como caminhar através de um dispersor num dia quente.

Ambas, Kylie e Holiday, se sentaram nas pedras lisas, bem à beira da água. Nenhuma das duas falou durante vários minutos. A reverência que preenchia o espaço parecia exigir um momento de silêncio.

A tranquilidade do lugar afastou as preocupações de Kylie.

Depois de alguns minutos, Holiday perguntou:

— Você vai empreender uma nova busca?

No momento em que a pergunta chegou até Kylie, a necessidade de uma orientação bateu fundo dentro dela.

— Será que eu realmente concluí a minha outra busca?

A pergunta não era dirigida apenas a Holiday, mas a si mesma.

— Você sabe de que espécie você é, e já conhece a maioria dos seus poderes. Não era essa a sua busca?

— Sim, mas eu ainda não sei controlar completamente os meus poderes. — Ela fez uma pausa. — E eu não sei tudo. — A necessidade inexplicável dentro dela permanecia e um desejo intenso de ter um plano encheu seu peito. Ela tinha que saber onde colocar o seu foco. Precisava de uma nova

busca.

O fluxo da cachoeira pareceu ficar um pouco mais interno. Kylie olhou para cima e depois de volta para Holiday.

— Você está certa. Eu tenho que descobrir qual é a minha busca. Como vou fazer isso? Como é que eu descobri da primeira vez?

Ela se virou para Holiday, não em pânico, mas ansiosa para começar.

— Bem, você precisa perguntar a si mesma o que é mais importante para você agora. Geralmente nossas buscas acabam sendo aquilo que mais pesa no nosso coração ou na nossa consciência, ou então todas aquelas listas mentais do que temos que fazer e ignoramos.

Kylie respirou mais uma vez um pouco da calma do lugar e olhou para a líder do acampamento.

— Ok, eu sei uma coisa, e ia falar com você sobre isso, mas ainda não tive uma chance de pensar a respeito.

— O que é? — perguntou Holiday.

— Os camaleões adolescentes, eles... os anciãos praticamente os proíbem de sair do complexo. Eles têm muito pouco contato com o mundo exterior. Não têm permissão para ter telefones celulares ou computadores. Não quero dizer que sejam maltratados. É só que os anciãos estão presos a essa mentalidade de quando eram perseguidos. Eles acham que a única maneira de permanecer em segurança é se escondendo. Eles têm uma política rigorosa de que até que o camaleão possa controlar e ocultar o seu verdadeiro padrão, ele não deve sair pelo mundo. — De repente, Kylie percebeu uma coisa. — Eles são como os lobisomens. Com todas as suas crenças retrógradadas.

— Parece que são mesmo — Holiday fez uma pausa e olhou para a água. — Essa é uma tarefa e tanto! — Sua expressão revelava que ela estava medindo os prós e os contras. — É difícil mudar as crenças motivadas por um medo justificado.

— Eu sei — disse Kylie. — Mas tem que haver uma maneira, não é?

— É, com certeza vale a pena tentar. É uma boa missão.

O que mais? A voz dentro dela disse. A mesma voz de antes.

Mas, como antes, a voz não a assustou. Era uma pergunta que ela estava prestes a fazer por si mesma.

Kylie puxou os joelhos para cima e colocou os braços ao redor dos tornozelos.

— Tem outra coisa. — E o coração dela procurou saber o que era, mas não conseguiu.

— O quê? — Holiday perguntou, e respirou como se tentando absorver a calma do lugar.

— Eu não tenho certeza. — Suas palavras não tinham deixado completamente seus lábios quando as luzes bruxuleantes da caverna começaram a girar e, em seguida, passaram a se mover como se estivessem dançando em cima da água.

A respiração de Kylie ficou presa na garganta enquanto as diferentes cores tremulantes formavam um círculo. No entanto, mesmo com o movimento da luz, a água parecia totalmente parada, e a superfície mais abaixo se tornou cristalina. O círculo de luz apareceu e enquadrou um objeto embaixo d'água. De repente, o que quer que estivesse submerso veio até a superfície com um leve

barulho de água se espalhando e começou a flutuar em direção à borda.

Apavorada, Kylie recuou alguns centímetros, ainda sentada na pedra. Ela se sentiu um pouco menos covarde quando Holiday fez o mesmo.

O objeto — flutuando sobre a superfície da água e movendo-se como que com um objetivo — estava a cerca de um metro da borda quando Kylie conseguiu identificar o que era. Ah, meu Deus, o que aquilo significava?

Capítulo Quinze

Ainda sentada, Kylie virou-se para os lados, procurando o fantasma e tentando sentir o frio. Não sentiu nenhum frio na caverna. Nenhum fantasma, tampouco. Nenhum que Kylie pudesse sentir, pelo menos.

Mas a espada, agora avançando na direção de Kylie, tinha que ser do fantasma, certo? Ele não fazia outra coisa senão carregá-la por todos os lugares, na última semana e meia.

— De onde veio isso? — perguntou Holiday, a voz cheia de preocupação.

Kylie não conseguia tirar os olhos da arma, à medida que ela se aproximava lentamente.

— De dentro d'água.

— Eu sei, eu vi, mas...

— Acho que tem algo a ver com o fantasma — disse Kylie.

Holiday franziu a testa.

— Você quer dizer aquele que carrega cabeças degoladas por aí?

Kylie assentiu.

— É isso aí.

— Por que você acha que é esse fantasma? — perguntou Holiday.

— Eu não estou completamente certa, mas acho que se parece com a espada dela. Sem todo aquele sangue, é claro.

— Mas que inferno! — exclamou Holiday. — No que você foi se meter?

— Não sei. Mas não foi por vontade própria. — Kylie mordeu o lábio. Se não fosse o ambiente tranquilo da cachoeira, ela fugiria dali correndo.

Holiday pegou a espada. Virou-a nas mãos.

— Parece de verdade. E é antiga. Você realmente acha que é a mesma espada? — Ela balançou a cabeça com perplexidade. — Fantasmas não podem entregar coisas assim.

— Parece com ela. Quer dizer, não sou nenhuma especialista em espadas. — Kylie pegou a arma e, assim que a tocou, a espada começou a brilhar. Ela atirou-a no chão e deu um pulo para trás. — Por que ela fez isso?

— Eu não sei — Holiday respondeu, olhando para a espada.

— Você aprendeu alguma coisa sobre camaleões que fazem armas brilharem?

— Não.

— Tem certeza?

— Acho que eu me lembraria disso.

— Tudo bem — disse ela, ainda pensando. Ela lançou para a espada outro olhar perplexo e, em seguida, olhou para Kylie. — O que acha de irmos embora?

— Tudo bem. — Kylie se levantou e viu Holiday estender o braço para pegar a espada. — Espere. Não podemos deixá-la aqui?

Holiday levantou-se e olhou para Kylie.

— Acho que não. Eu acho que ela foi feita para você.

— Sabe, eu estava com medo que você dissesse isso. Mas como você sabe que não é para você?

— Porque ela não brilhou quando eu a peguei.

Kylie fez uma careta.

— Estou farta de todas essas coisas estranhas acontecendo comigo.

Holiday suspirou.

— Se isso faz você se sentir melhor, eu também não gosto disso.

— Bem, então somos duas. — Kylie mordeu o lábio novamente, preocupada.

Holiday deu um meio sorriso.

— Nós vamos descobrir esse mistério. Quando voltarmos ao escritório vou fazer uma pesquisa e ver se consigo encontrar algo sobre isso. E vamos falar com Hayden, também. — Ela pegou a espada cuidadosamente, mantendo a ponta afiada para baixo. — Vamos encontrar a resposta.

Sim, Kylie pensou, mas tinha a nítida sensação de que, se encontrassem a resposta, ela poderia não gostar dela.

* * *

Kylie, Holiday e Burnett, com a espada a tiracolo, encontraram Hayden em sua cabana. Ele não tinha nenhuma explicação para a espada. Nem mesmo um bom palpite.

Burnett pediu que ele pegasse a espada para ver se ela brilharia com ele. Isso não aconteceu. Então, como Burnett não tinha visto a espada brilhar antes, ele pediu para Kylie pegá-la. Com cuidado.

Como se ela não fosse ter cuidado ao pegar algo que parecia ter sido usado para decapitar centenas de vítimas.

No momento em que ela fechou os dedos em torno do cabo da espada, o ferro ficou quente contra sua palma e, tal como antes, começou a brilhar. Lembrava um daqueles brinquedos fosforescentes que se comprava em parques temáticos.

— Chega? — Kylie perguntou, ansiosa para largar a espada.

— Tudo bem — Burnett respondeu, e pareceu perplexo. Não era uma expressão que se via no rosto do vampiro com muita frequência. Ele pegou a espada e esperou para ver se ela iria brilhar, e até pareceu um pouco desapontado quando isso não aconteceu. Colocando-a de volta na mesa da cozinha de Hayden, ele fitou a testa de Kylie para verificar seu padrão.

No caminho para a cabana, ele tinha imaginado que Kylie provavelmente havia se transformado em bruxa e perdido o controle de seus poderes, assim como no dia em que arremessou um peso de papel nele, machucando-o. Embora Kylie quase desejasse que tudo fosse assim tão simples, ela não se convenceu disso. Ela não andara pensando em conjurar uma espada.

— Eu não sou uma bruxa, sou? — ela perguntou a Burnett.

— Não — ele disse, e encolheu os ombros.

— Eu já disse — falou Holiday. — Verifiquei o padrão dela assim que a espada começou a brilhar. Por mais insano que pareça, não tenho certeza de que é Kylie quem está fazendo isso. Acho que é a espada.

— Você acha que a espada está possuída? — perguntou Hayden.

— O que você disse? — perguntou Kylie. — Espadas podem ser possuídas? Tudo bem... isso parece muito estranho para mim. — Ela começou a tirar a poeira das mãos para se livrar de qualquer germe possuído.

— Não, eu não acho que ela esteja possuída. — Holiday tocou Kylie para acalmá-la. — Eu só acho que, por algum motivo, ela reage a Kylie. Há alguma conexão entre ela e a espada.

— Isso é estranhíssimo! — disse Hayden. — Eu poderia perguntar ao avô de Kylie sobre isso. Talvez ele saiba algo que eu não sei.

Burnett franziu a testa com a menção ao avô de Kylie, mas concordou com a cabeça, e ela o viu se esforçar para não demonstrar o seu descontentamento. — Eu agradeceria. — Ele até parecia grato. — Será que você poderia me procurar e contar tudo, logo que souber de alguma coisa?

Hayden assentiu.

— É claro.

Quando eles iam sair, Burnett ofereceu a mão a Hayden. O professor não hesitou em apertá-la. Kylie teve a sensação de que todo o episódio da espada poderia ter ajudado a convencer Burnett de que Hayden precisava ficar. Mesmo que Hayden não tivesse as respostas, ela podia ver que Burnett gostava de ter uma pessoa para ajudá-lo com algo sobre o qual ele não tinha muito conhecimento.

Talvez, Kylie pensou, a espada não fosse uma coisa ruim, afinal de contas. Mas cada vez que olhava para a arma ao lado de Burnett, lembrava-se do espírito, na noite anterior, carregando uma espada sangrenta e a cabeça decepada.

E ela começou a se preocupar mais uma vez com a possibilidade de que aquela história toda pudesse levar a mais derramamento de sangue.

Eles deixaram a espada no escritório de Holiday e, em seguida, todos se dirigiram ao refeitório para o jantar. Quando pisaram na varanda, Kylie foi vista pela primeira vez pelos outros alunos de Shadow Falls e cumprimentada por vários campistas. Perry veio correndo e a abraçou com força, girando-a duas vezes. Quando ele colocou os pés dela de volta no chão, Kylie estava tonta e feliz. Ele agarrou os braços dela para ampará-la. Kylie ainda não tinha percebido quanto tinha sentido falta do metamorfo até que ele riu e despertou uma agradável sensação de *déjà-vu* dentro dela.

— Ei, você está agarrando a minha melhor amiga? — A voz de Miranda ecoou atrás de Perry.

Perry soltou Kylie e deu a Miranda um sorriso por cima do ombro.

— Só um pouquinho — disse ele, olhado novamente para Kylie. — Cara, como nós sentimos a sua falta! Miranda estava me deixando louco de tanto reclamar da solidão.

— Eu também senti falta de todo mundo — disse Kylie, com sinceridade.

Logo em seguida, um grupo de lobisomens passou. Kylie primeiro reconheceu Clara, a meia-irmã de Lucas. Ela encontrou o olhar de Kylie e sua postura de repente pareceu expressar contrariedade. Ok, então nem todo mundo tinha ficado feliz em revê-la. Ela podia dormir com isso. Mas, então, por trás de Clara, outra pessoa entrou em seu campo de visão, e Kylie deu de cara com Fredericka.

Ela não sorriu, mas também não fez cara feia, e então ofereceu a Kylie um ligeiro aceno de cabeça. Um aceno de boas-vindas, talvez até querendo dizer “que bom te ver”. Kylie retribuiu o gesto e até mesmo ofereceu um leve sorriso.

Para Fredericka, aquele ligeiro cumprimento provavelmente era uma expressão de afeto maior do que o abraço efusivo de Perry. Especialmente depois que Clara lançou para Fredericka um olhar descontente com a atitude da loba e Fredericka simplesmente deu de ombros.

Kylie respirou fundo. Era bom saber que, embora pudesse não ter feito mais amigos em Shadow Falls, tinha conseguido perder uma inimiga.

Miranda se inclinou para se aproximar mais da amiga.

— Você acabou de fazer o que eu acho que fez? Você sorriu para aquela bruaca?

— Eu já te disse, a gente já se entendeu — disse Kylie.

— O que é uma coisa boa — Holiday acrescentou. — E acho que existe mais gente precisando se entender aqui.

— E eu acho que Della está certa — Miranda murmurou. — Kylie é simplesmente boazinha demais. — Ignorando a carranca de Holiday, a bruxa olhou para Burnett. — Falando nisso... Della não voltou ainda?

— Ela vai chegar a qualquer momento — Burnett respondeu enquanto se dirigiam ao refeitório.

Quando atravessaram a porta, a conversa que enchia o grande salão se aquietou como se alguém tivesse baixado o volume. Cabeças se viraram. O único som no grande espaço era o dos garfos sendo colocados nos pratos. Então, ao mesmo tempo, pelo menos cinquenta pares de olhos fixaram-se na testa de Kylie para verificar o seu padrão. Kylie deteve o passo assim que entrou no salão, sentindo-se, com contrariedade, o centro das atenções.

Holiday passou a mão nas costas de Kylie.

— Você quer que eu faça alguma coisa? — ela sussurrou.

— Não — Kylie murmurou, determinada a travar suas próprias batalhas. Além disso, ela queria estar ali, estava em sua casa, e Deus do céu!, ela não ia esconder o seu padrão. Mais cedo ou mais tarde, eles iriam se acostumar com ela. Não iriam? Um dia parariam de olhar e a acertariam como um dos seus.

— Bem, eu vou fazer alguma coisa — resmungou Perry, colocando-se na frente. — Vocês querem olhar para alguma coisa? — ele gritou. — Bem, olhem para isto! — Perry ficou de costas, inclinou o tronco para a frente, baixou as calças e mostrou o traseiro para cada um dos cinquenta pares de olhos.

— Perry! — Holiday gritou, com riso na voz. Burnett deixou escapar uma risada, mas depois fechou a boca quando viu as sobrancelhas arqueadas de Holiday diante da sua demonstração aberta

de humor.

— Não fique mostrando a bunda, Perry! — repreendeu-o Burnett, a voz profunda como se ainda estivesse tentando não rir. — As pessoas estão tentando comer.

Todos na sala começaram a rir, até mesmo Kylie. Não havia ninguém como Perry para transformar um momento estranho numa completa piada. Kylie olhou para Miranda, que revirou os olhos, mas o orgulho brilhava por trás deles. E ela devia mesmo ficar orgulhosa. Embora mostrar o traseiro pudesse parecer uma atitude extrema, Perry tinha feito aquilo com boas intenções, para pôr fim a um momento de constrangimento e fazer Kylie se sentir melhor. E ele tinha conseguido.

Já com as calças no lugar, Perry virou-se e piscou para Kylie. Quando eles se aproximavam do balcão de comida, Kylie se inclinou para Miranda e disse:

— Perry é um defensor.

Miranda revirou os olhos novamente com humor.

— Eu sei. — Ela sorriu. — E ele tem um bumbum bem bonito, não acha?

Kylie riu novamente.

— Eu não vi o bumbum, é o coração dele que me encanta.

Enquanto Kylie esperava na fila para pegar seu hambúrguer com batatas fritas — que, realmente, tinha um aroma maravilhoso —, várias pessoas se aproximaram para dar as boas-vindas: Mandy, uma das amigas bruxas de Miranda; Chris, o vampiro; e Jonathon, que parecia deprimido, obviamente, sem a companhia de Helen.

— Como está Helen? — perguntou Kylie, que de repente sentiu uma pontada de culpa, ao lembrar que provavelmente era por causa dela que Helen tinha sido atacada. — Eu sinto muito pelo que aconteceu.

— Não foi culpa sua — disse ele, empurrando-a de leve com o ombro. — Mas se eu tiver uma chance de colocar as mãos no idiota que a feriu, ele vai se arrepender.

— Ela está bem mesmo? — perguntou Kylie.

— Sim, ela está bem. Os pais dela disseram que Helen pode estar de volta daqui a uma semana.

— Que bom! — exclamou Kylie.

— Bom? É uma eternidade! Uma semana inteira. Sete dias. Vou enlouquecer. Ela é como uma droga para mim. Eu não estou acostumado a ficar sem ela. — Ele então se afastou, com um ar acabrunhado.

Kylie ficou observando-o se afastar. Sua postura era a de um rapaz infeliz e derrotado. Então ela teve um vislumbre de como se sentia quando Lucas se afastava do acampamento. Solitária, vazia. Longe do que dava sustentação à sua vida.

Tentando afastar o pensamento, ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e fazerem cócegas na sua pele. Tentando ser discreta, mas com receio de saber exatamente quem estava olhando, ela olhou por cima do ombro, na direção da mesa onde estavam os lobisomens. Como ela esperava, ele estava sentado lá, observando-a com seus grandes olhos azuis. Olhos que expressavam um triste pedido de desculpas. O coração de Kylie foi parar na boca do estômago.

Será que a raiva que sentia dele um dia diminuiria o suficiente para perdoá-lo? A pergunta latejava dolorosamente em seu peito a cada batida de seu coração.

Ela desviou o olhar e disparou pelo refeitório, chocando-se de frente com um peito largo — um peito largo e muito familiar. O mesmo no qual ela tinha se aconchegado na noite anterior, durante um sonho lúcido. Quando ela olhou para o rosto de Derek, seu cérebro decidiu que aquele era o momento perfeito para ela se lembrar de tudo o que tinha acontecido. Todas as peças que faltavam no quebra-cabeça da noite anterior pipocaram em sua mente.

O beijo.

Os braços dele em torno dela.

A maneira carinhosa como ele a segurava.

Ah, droga!

Capítulo Dezesseis

Kylie tinha tentado impedir o beijo, mas não foi rápida o suficiente. E então ela descansou a cabeça em seu peito e chorou, porque estava se sentindo completamente confusa.

Ele a estreitou em seus braços e deixou-a chorar. Tinha sido catártico e calmante.

E errado.

Errado por causa do que ela viu refletido nos olhos dele. Otimismo. Esperança de que eles pudessem voltar a ficar juntos como antes, quando a tristeza dela com relação a Lucas tivesse passado.

Esse pensamento trouxe uma epifania, uma dessas constatações surpreendentes que geralmente causam uma reviravolta na vida de uma pessoa. E, sim, ela sentiu essa reviravolta, mas também sentiu... uma onda de perguntas e uma necessidade de compreender.

Derek também a enganara, tinha realmente dormido com Ellie, ao contrário do que Lucas tinha feito ou o que ela achava que ele tinha feito. E, embora ela tivesse sido magoada por Derek e se sentido traída, a tristeza que a atitude de Lucas lhe causava parecia muito maior. Por quê?

Será que isso revelava quanto ela gostava de Derek, que perdoá-lo era muito mais fácil? Ou será que tinha mais a ver com a profundidade de seus sentimentos por Lucas? Com o fato de os seus sentimentos por Lucas serem mais verdadeiros?

— Você está bem? — Derek perguntou, olhando para ela.

Ela assentiu.

— Só estou com fome — ela mentiu, e foi andando na frente dele, para que não tivesse que encará-lo ou encarar a mentira que tinha acabado de contar.

Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Você não está com raiva de mim, está?

Ela considerou a pergunta, e a resposta veio. *Eu não estou com raiva de você, é de mim mesma que estou com raiva.*

Ela tinha sido fraca. Deveria ter colocado um fim naquele sonho lúcido antes que ele tivesse começado. E ela poderia ter feito isso. Então, por que não fez?

— Não, eu não estou com raiva de você — ela sussurrou de volta. — Eu estou apenas... — Percebendo que eles estavam cercados de ouvidos vampirescos, que podiam ouvir todos os tipos de segredos, ela disse: — Vamos conversar mais tarde.

— Tudo bem — disse ele. — Sou sua sombra esta noite, portanto, vamos ter tempo de sobra.

Kylie franziu a testa. Talvez ela precisasse adicionar Derek à lista de Burnett de quem não devia lhe servir de sombra... Pelo menos até que ela resolvesse seus sentimentos.

Com uma bandeja de comida na mão, Kylie dirigiu-se para a mesa onde Miranda e Perry estavam. Ela se sentou e olhou para Perry, novamente com um sentimento de gratidão.

— Obrigada — disse ela.

— Sempre que precisar de mim para mostrar a bunda, pode chamar — disse ele, sorrindo.

Kylie ouviu alguém se sentando ao lado dela e preocupou-se novamente com a possibilidade de encorajar Derek. Pegando uma batata frita, ela olhou para a frente, tentando ignorar o *fae* tanto quanto possível. Seu olhar se deslocou pelo salão, detendo-se na mesa dos lobisomens e nas carrancas que viu no rosto dos quatro sentados lá. Carrancas de todos, menos de...

Lucas.

Um certo aroma amadeirado da pessoa sentada ao seu lado de repente encheu seus sentidos. A batata escorregou de seus dedos. Lentamente, ela virou a cabeça para confirmar seu erro.

Erro confirmado. Sua respiração ficou suspensa.

Não era Derek sentado ao lado dela. Era Lucas.

Voltando o olhar para o prato de comida, ela fitou o hambúrguer, que de repente não tinha mais o mesmo cheiro apetitoso.

— Você não devia estar com a sua matilha? — ela sussurrou, sem olhar para ele.

— Na verdade — disse ele, inclinando-se mais para perto. Tão perto que seu ombro roçou no dela. A dor emocional provocada por esse leve toque foi direito ao seu coração. — Eu estou exatamente onde deveria estar — Lucas sussurrou.

Ela se afastou alguns centímetros, ao mesmo tempo que uma bandeja bateu na mesa à sua frente. Uma batida um pouco alta demais. Suspeitava que o dono da bandeja pudesse ser um *fae* contrariado. Um olhar confirmou isso. Derek se deixou cair no banco, encarando Lucas como se o lobisomem estivesse invadindo o seu espaço.

Ah, e essa agora?, pensou Kylie. Ela considerou a coisa certa a fazer, fugir dali, sabendo que as pessoas estavam provavelmente observando para ver o que ela faria. Ficar e esperar que nenhum drama surgisse entre o lobisomem e o *fae*, e tentar minimizar todas as fofocas.

Sentindo-se forçada a fingir que estava tudo bem, ela pegou o hambúrguer e cravou os dentes no pão branco macio. Embora ela não estivesse pensando no gosto que ele tinha, seu estômago deve ter aprovado, porque roncou de prazer no momento em que o primeiro bocado percorreu seu trajeto até o órgão vazio. Ela nem deu tempo ao seu estômago de pedir uma segunda mordida. Dessa vez, o sabor do pão levemente adocicado, misturado com o queijo e a carne lambuzada de ketchup picante, foi aprovado pelo seu paladar. Ela realmente não tinha comido direito desde que deixara Shadow Falls.

Derek, provavelmente captando seu desejo de evitar o caos, pegou seu hambúrguer e começou a comer. Lucas fez o mesmo. A tensão se dissipou, mas não por muito tempo.

— Quem está a fim de um jogo de basquete depois do jantar? — perguntou Perry.

Algumas vozes concordaram com um sim. Kylie achava que tanto Derek quanto Lucas iam entrar na conversa, mas não sabia ao certo. Ela fez o possível para se concentrar na comida e evitar contato visual com qualquer um dos dois.

Então Derek acrescentou:

— Mas vai ter que ser um jogo curto. Eu sou sombra de Kylie esta noite.

Foi mais pelo jeito como ele disse, do que pelo que disse, que ficou claro que seu objetivo era contrariar Lucas. E funcionou. Lucas deu um rápido empurrão na sua bandeja e ela voou sobre a mesa e se chocou contra a de Derek, fazendo as batatas fritas se espalharem pelo seu colo.

— Pode desistir — disse Lucas. — A gente vai voltar em muito pouco tempo.

— Tem certeza disso? — perguntou Derek.

— Parem! — exigiu Kylie.

— Tenho — rosnou Lucas, como se não a tivesse ouvido. — Olha só, eu não dormi com ninguém enquanto estava com ela, como alguém aqui.

— Tá, mas eu não fiquei noivo pelas costas dela — contra-atacou Derek.

— Nem eu — respondeu Lucas. — O noivado nunca chegou a acontecer porque eu não assinei os papéis após a cerimônia.

O quê? Kylie olhou para ele, chocada. Ela supusera...

— E como vai entrar para o Conselho? — ela perguntou.

— Você é mais importante — falou ele. — Eu já te disse isso.

Não, ele não tinha lhe dito isso. Não de verdade. E ele tampouco tinha dito a ela que desistira do noivado.

— Eu disse que foi um erro. Que... — Ele hesitou apenas um segundo. — Que eu te amo.

Ela não deixou de notar quanto tinha sido difícil para ele falar sobre seus sentimentos publicamente, e com certeza todos os ouvidos do salão estavam se esforçando para ouvir, mas Lucas tinha feito isso. Ele lhe dissera que a amava na frente de todos.

E isso a deixou muito irritada. Ela tinha apreciado muito mais a exposição do traseiro de Perry.

— E você não podia ter descoberto isso antes?!

Ela deixou cair o hambúrguer, empurrou a própria bandeja e saiu do refeitório. Enquanto fazia isso, ouviu seus próprios passos ecoando no chão de ladrilhos. O que significava que todos no salão, todo o acampamento, estavam a par da sua revolta pessoal. Mas que ótimo! Ótimo mesmo!

* * *

Kylie já estava do lado de fora quando ouviu alguém a seguindo. Pensando que era Derek, e preparada para mandá-lo embora, ela se virou subitamente e Miranda chocou-se contra ela.

— Desculpe! — disse Miranda.

Kylie piscou para conter o que parecia ser um início de choro.

— Está tudo bem. Você não precisava vir atrás de mim. Fique lá com Perry e termine o seu jantar.

— Eu precisava, sim — contestou Miranda.

— Não, você não precisava.

— Sim, precisava. — Miranda assentiu. — Primeiro, porque você é uma das minhas melhores

amigas e, segundo, porque... Burnett me disse pra vir. Mas eu teria vindo de qualquer maneira por causa da primeira coisa. — Ela abraçou Kylie. — Você quer que eu peça a Perry para mostrar a bunda novamente?

Kylie se afastou do abraço, riu, e secou as lágrimas.

— Eu não acho que eles iam aguentar ver aquilo duas vezes.

Miranda deu uma risadinha.

— Está brincando?! É uma bundinha linda!

Elas caminharam de volta para a cabana e Miranda falou sobre Perry. Falou um bocado sobre Perry. Como se não fosse mais parar. Não que Kylie se importasse; ela preferia ouvir Miranda falando de Perry sem parar ao silêncio que experimentara o tempo todo enquanto estava na casa do avô. E daí que Miranda falava um pouco demais? Kylie ainda a amava e adorava ficar com ela.

Eles chegaram à cabana, entraram, e ambas voltaram o olhar para a porta de Della. A porta estava fechada. E isso só podia significar uma coisa. Della estava em casa.

Gritando, ambas dispararam para o quarto da vampira.

Della estava de pé, completamente nua, no meio do quarto, com o sutiã nas mãos.

— Suas malucas! Vocês não sabem o que significa uma porta fechada? Agora, virem-se enquanto eu me visto.

— Nós não estamos nem aí se você está nua. Estamos tão felizes em vê-la! — disse Miranda.

— É verdade! — disse Kylie.

— Sim, mas vocês não deviam me ver pelada. Vão ficar gozando da minha cara por causa dos meus peitos pequenos. Agora se virem!

— Eles não são *tão* pequenos — disse Miranda, dando uma boa olhada em Della.

— Virem-se! — Della rosnou, usando uma mão e o braço para cobrir os seios e a outra para esconder os pelos pubianos.

— Não tão rápido — disse Miranda, apontando o dedo para ela. — Primeiro você tem algumas explicações para dar, mocinha!

— *Mocinha*? Eu não sou nenhuma mocinha. E explicar o quê? — ela perguntou, mas estava sorrindo, obviamente, tão feliz em vê-las quanto as amigas.

— Não são os seus peitos pequenos que você devia esconder. É esse chupão abaixo do ombro.

Della deslocou a mão para cima dos seios e escondeu a marca abaixo do pescoço.

— Não é um chupão. — Virando-se, ela pegou o roupão da cama e enfiou os braços.

— Sério? — perguntou Miranda.

— Parecia um chupão. — Kylie deu uma risadinha, superfeliz que as três estivessem juntas novamente. Ela nem sequer se importava se iam começar a brigar ou ameaçar arrancar os membros umas das outras. Só estar ali com aquelas duas... era o suficiente para dar um gostinho de lar à cabana.

— Quando algo se parece com um chupão e cheira como um chupão, é um chupão — Miranda concluiu.

— Chupões não têm cheiro — Della contra-atacou.

— Você sabe o que quero dizer. Além disso, eu sei reconhecer um chupão quando vejo um. —

Ela puxou a camiseta para expor uma marca cor-de-rosa acima do seio direito.

Kylie riu e então suspirou.

— Sério, vocês duas são péssimos exemplos para mim. Não sei se posso ficar na mesma cabana que vocês. Podem acabar com a minha reputação.

— Ah, por favor! — disse Della. — Você já colocou bastante ação na sua vida desde que chegou aqui.

— Não é verdade — disse Kylie.

— Você já ficou com três caras diferentes desde que chegou a Shadow Falls!

— Três? Eu não!

— Está se esquecendo de que Trey veio até aqui.

— Ah, qual é? Trey não conta. Além disso, eu nunca fiquei com um chupão.

— Ah, coitadinha — disse Della. — Sabia que você pode produzir um com um aspirador de pó? Eu provoquei o meu primeiro chupão na sexta série e disse a todos que quem tinha causado aquilo era um aluno do oitavo ano. Foi demais!

Kylie revirou os olhos.

— Não posso acreditar que você deu uns amassos com um aspirador de pó!

— Fiz isso e foi melhor do que com o meu primeiro namorado. Ele era péssimo em produzir chupões.

Kylie e Miranda começaram a rir. Então Della ficou sombria.

— Nossa, é tão bom estar de volta! — Ela pulou em sua cama e saltou duas vezes. Em seguida, Miranda e Kylie pularam também em cima da cama com ela.

— Então, você não vai explicar o chupão? — perguntou Miranda, pegando um dos travesseiros de Della e abraçando-o.

— Não — disse Della. — Nada de falar em chupões.

— Pelo menos vai nos dizer quem provocou este? — Miranda insistiu.

— Tudo bem. Eu vou dizer. — Ela parou de sorrir e limpou a garganta. — Eu recorri ao meu velho e bom aspirador de pó. E fizemos uma viagem ao passado. Foi tão romântico... — disse ela, sorrindo.

Aquele sorriso não enganou Kylie. Ela viu algo nos olhos de Della. Um lampejo de dor. Della realmente não queria falar a respeito.

— Foi o aspirador de pó chamado Steve? — perguntou Miranda.

Della franziu a testa.

— Esqueça o chupão.

— Mas isso não é justo, nós contamos tudo uma para a outra — disse Miranda.

— Não faz mal — disse Kylie, apreciando a brincadeira fácil e não querendo perder o clima leve. — Que tal falarmos de mim vendo a bunda de Perry?

— Você disse que não tinha visto! — disse Miranda.

— Espere aí. O que você disse? — perguntou Della, e olhou para Kylie. — Você viu a bunda de Perry?

— Só um vislumbre rápido — disse Kylie. — Mas eu acho que todo mundo teve tempo para dar uma boa olhada.

— Na bunda de Perry? — perguntou Della.

Miranda assentiu com a cabeça e, em seguida, contou a história sobre como o heroico Perry fora ao socorro de Kylie baixando as calças.

Della sorriu de orelha a orelha.

— Eu sabia que gostava daquele metamorfo.

— Ele é um amor, não é? — Miranda suspirou com um olhar sonhador.

— E como vão as coisas com você? — Della perguntou a Kylie. — Já chutou o traseiro de Lucas e decidiu perdoá-lo? Ele está parecendo um filhote de cachorro que perdeu seu único brinquedo de mastigar.

Kylie fez uma careta.

— Não vamos falar sobre isso.

Miranda deu um pinote na cama.

— Você devia estar no refeitório para ver. Derek e Lucas se sentaram com ela. Eu juro, pensei que eles iam se atracar. E, depois, Lucas disse a Kylie que a amava, bem na frente de todo mundo. Foi tããão romântico...

O peito de Kylie ficou pesado.

— Não foi romântico. Foi... triste.

— Triste descreve muito bem como ele ficou quando você saiu do refeitório — disse Miranda. — Foi como se alguém tivesse arrancado a alegria dele.

— Não quero falar sobre isso — disse Kylie.

— Então você ainda está brava com ele? — perguntou Della. — Não culpo você.

Kylie lançou a Della um olhar severo.

— Ei... Eu respeitei sua vontade de não falar sobre o chupão. Agora você tem que respeitar a minha.

Miranda reclinou-se para a frente e resmungou.

— Isso não é justo! Eu conto tudo a vocês. Não escondo nada.

— Acredite em mim, eu sei — disse Della. — Eu sei mais sobre o seu relacionamento com Perry do que a lei permite.

— Não comece com isso. — Miranda fez uma careta.

— Por que não vamos pegar uma Coca Diet? — Kylie ofereceu antes que as duas comesçassem a brigar com força total.

As três saltaram da cama e foram para a cozinha. No momento Kylie queria esquecer todos os seus problemas. Só queria se sentar à mesa da cozinha e rir um pouco mais. Rir com as amigas,

contar algumas histórias engraçadas e se lembrar de que, não importava os desafios que a vida lhes reservava, estaria tudo bem, desde que tivessem umas às outras.

Della chegou à cozinha primeiro.

— Que diabos é isso? — ela murmurou.

No momento em que Kylie viu o que repousava sobre a mesa da cozinha, percebeu que esquecer seus problemas não ia ser tão fácil.

— Merda!... — Kylie murmurou. — Alguém pode, por favor, ligar para Burnett e Holiday e dizer para virem aqui o mais rápido possível?

Capítulo Dezesete

— Como isso chegou aqui? — perguntou Holiday, parada a poucos metros da mesa da cozinha e olhando para a espada com descrença.

— Diga-me você e então nós duas saberemos. — Kylie apertou as mãos com preocupação. — Como... como isso pode acontecer?

— Como?! — Burnett berrou. — É óbvio. Alguém trouxe isto até aqui para fazer uma brincadeira com você, mas eu não estou rindo e ninguém vai rir quando eu pegar quem foi o otário! — A cara feia de Burnett se aprofundou e virou uma carranca. — Tirar algo do escritório de Holiday para trazer aqui só de gozação é querer mexer com fogo. — Ele olhou para Kylie. — A quem mais você contou sobre a espada?

— A ninguém — disse Kylie. — Não contei a ninguém. A ninguém mesmo. Estive tentando nem pensar nisso. Então não pode ser uma brincadeira.

— Ela está dizendo a verdade — murmurou Della. — Ela não nos contou. E ela nos conta tudo. Ou contava. — Della olhou para Kylie de cara feia.

— Ela não nos conta *tudo* — Miranda acrescentou. — Assim como algumas pessoas com chupões não nos contam tudo.

Della fez uma careta para Miranda e, em seguida, olhou para Kylie.

— Francamente, eu gostaria muito de saber por que estamos fazendo tanta tempestade em copo d'água. É apenas uma espada.

Burnett continuou a olhar para Kylie como se ainda estivesse refletindo.

— Então, como você acha que a espada chegou aqui?

Kylie deu de ombros.

— Eu não sei, mas talvez tenha sido da mesma maneira que chegou à cachoeira. Magia, vodu, ou por quem quer que a tenha deixado lá.

— Você achou esta espada na cachoeira? — perguntou Miranda. — Quem a teria deixado lá? Parece uma antiguidade e isso geralmente significa que vale um bocado de dinheiro.

— Eu também não sei — Kylie disse a Miranda. — Mas o que eu sei é que eu realmente não gosto disso. Então, basta tirar esta coisa daqui. Com delicadeza e segurança. E talvez colocá-la em outro lugar mais seguro neste momento. Como num cofre.

— Uau! — exclamou Miranda.

— Uau o quê? — Burnett perguntou ao mesmo tempo que Kylie falava.

Miranda apontou para a espada.

— Ela tem uma aura!

— A espada tem uma aura? — Holiday se aproximou de Miranda, parecendo intrigada. Kylie deu

mais um passo para trás, porque ela não estava nada intrigada.

— Que tipo de aura? — Holiday perguntou à bruxa.

— Talvez Hayden estivesse certo. A espada está possuída — disse Burnett.

— Espere! Objetos inanimados podem mesmo ser possuídos? — Kylie cruzou os braços, não de frio, mas porque estava assustada.

— Não — disse Della.

Miranda revirou os olhos para a vampira.

— Claro que podem.

— Sério? — perguntou Della. — Que legal!

— Não é legal! — Kylie estalou.

Miranda olhou para a espada.

— É preciso uma bruxa ou um demônio poderoso para possuir um objeto. Mas eu não acho que seja isso que está acontecendo.

— Por que não? — perguntou Holiday.

— Você disse que ela tinha uma aura? — Burnett perguntou.

— Sim — respondeu Miranda, parecendo orgulhosa por ser a única de posse daquela informação.

— Mas só porque um objeto tem uma aura isso não significa que ele esteja possuído. Algumas coisas, como armas e tal, têm aura porque as emoções são absorvidas pela matéria física durante um ataque.

— Então, essa coisa já matou um monte de gente? — perguntou Kylie, lembrando-se da espada do fantasma e da cabeça que ela tão orgulhosamente mostrara para Kylie.

— Provavelmente, mas eu não acho que ela esteja possuída. Normalmente, quando algo está possuído, é completamente do mal.

— Então, que tipo de aura ela tem? — perguntou Kylie.

— Só um pouco ruim — disse Miranda, contradizendo a si mesma.

— Que adorável! — Della esfregou as mãos.

Kylie gemeu e fixou o olhar em Miranda.

— Mas você acabou de dizer...

— Eu disse que algo que está possuído é completamente do mal. — Miranda tornou a fitar a espada. — Isso é só... Ok, não é de fato do mal. Mas eu posso sentir que tirou vidas. Muitas vidas. Mas a maior parte da aura irradia justiça e... — Ela inclinou a cabeça para o lado e se concentrou na espada, como se estivesse tentando ler o seu padrão sobrenatural. O cabelo, com listras cor-de-rosa, pretas e verde-limão, cobriu como uma cortina a lateral do seu rosto.

— E isso parece loucura, mas é também... coragem.

— Coragem? — Kylie se lembrou da voz que ouvira a caminho da cachoeira. — Como assim, coragem? Pergunte a ela o que isso significa.

Miranda riu.

— Auras não respondem a perguntas. Estou apenas dizendo o que ela parece irradiar.

— Como é que você sabe o que ela irradia? — perguntou Della.

— As cores, a intensidade das cores, e como elas se movem e se misturam. É como interpretar um anel do humor.

— Eu gostaria de ver auras — disse Della a Miranda. — Será que você pode me emprestar o dom de vê-las?

— Não — disse Miranda. — Não mais do que você pode me emprestar a sua capacidade de voar.

Kylie continuava a olhar para a espada, lembrando-se da espada que o fantasma carregava.

— Eu ainda acho que isso tem alguma coisa a ver com o fantasma. Ele poderia tê-la trazido aqui.

— Ah, droga! Por acaso tem um fantasma aqui agora? — perguntou Della.

— Não agora — Holiday respondeu a Della e em seguida olhou para Kylie.

— Os fantasmas não podem transportar objetos materiais.

— Não é verdade. Eu tive um que jogou o meu telefone da minha mesa de cabeceira — contou Kylie.

— Sim, eles podem gerar energia suficiente para deslocar algo pequeno, e podem brincar com aparelhos eletrônicos, mas não podem mover fisicamente um objeto de um lugar para outro. Isso exigiria uma enorme quantidade de energia. É impossível.

— Bem, isso me faz sentir um pouco melhor — disse Della.

Holiday se aproximou da mesa.

— Mas não faz sentido.

— Eu sei — disse Kylie. — E esse parece ser o tema musical da minha vida agora. Nada faz sentido.

Burnett levou a espada embora. Ele se recusava a deixar Holiday tocá-la, com receio de que o objeto de repente criasse vida. Justamente quando eles iam embora, Kylie ouviu um leve soluço vindo de Holiday.

A *fae* mordeu o lábio e seus olhos se voltaram para Kylie. Apesar de estar chocada com o fato de ter encontrado a espada em sua mesa, ela lançou a Holiday um sorriso compreensivo. Ela sabia que a amiga estava em pânico com a possibilidade de estar grávida.

Não que Kylie visse isso como uma coisa ruim. Seria legal conhecer uma criança que fosse uma mistura de Burnett e Holiday.

Quando Holiday e Burnett estavam fora da cabana, Della e Miranda se viraram para Kylie. Della falou primeiro.

— Ok... sente-se e explique por que você não nos contou sobre a espada, e depois nos diga o que mais você está escondendo.

Kylie ia começar a lembrar Della de que ela tinha seus próprios segredos, como quem lhe tinha provocado o chupão, por exemplo, mas de repente percebeu que não se incomodava em contar aquilo

às amigas. Na verdade, poderia ajudar se ela falasse a respeito. Não que ela tivesse mantido segredo das amigas de propósito. Só não tinha falado nada antes porque não queria pensar no assunto.

Ela foi para a cozinha, olhando em volta para se certificar de que a espada não tinha reaparecido como num passe de mágica. Vendo a mesa vazia, ela se deixou cair numa cadeira, com um suspiro desanimado.

Della foi até a geladeira, pegou três refrigerantes *diet* e passou-os para as amigas. O estalido das latas sendo abertas ecoou na pequena cozinha. Então Kylie começou a falar. Entre goles do refrigerante gasoso deslizando pela sua garganta, ela lhes contou tudo. Desde o que acontecera na casa do avô, até a maneira como os camaleões adolescentes eram tratados. Contou que tinha fugido no meio da noite porque alguém tinha planos para raptá-la. Então revelou a parte mais difícil: o aparecimento de Mario e o fato de ela quase ter matado Lucas.

— Bem, nada acontece à toa — disse Della. — Lucas meio que merecia isso. Aposto que foi uma sensação boa apertar o pescoço dele...

— Não, não foi — Kylie insistiu.

— Espere! — disse Miranda. — Antes de começarmos a falar sobre a questão do Lucas, você não chegou à parte da espada. — Ela tomou um grande gole de Coca Diet e continuou a olhar Kylie sobre a borda da lata.

Kylie começou a contar sobre a sua visita à cachoeira com Holiday.

— E esse fantasma? — perguntou Della, olhando em volta. — Você vai nos apavorar de novo com esse papo de visão? Quer dizer, como da última vez que você viu um fantasma durante a aula e eu tive que quebrar a porta do armário da sala da senhorita Cane. Aquilo realmente me assustou. Eu juro, agora cada vez que ela me vê, tem que me lembrar... “Sabe, eu tinha a chave daquela porta...” Mas, caramba!, você estava gritando feito louca lá dentro.

— Espero não apavorar você de novo. — Kylie fez uma careta. — E eu peço desculpas antecipadamente se fizer isso outra vez. Mas eu não tenho controle sobre isso. Sério, se qualquer uma de vocês ficasse presa numa cova com três garotas mortas, eu aposto que iria surtar um pouco também.

— Ah, droga, pode apostar, eu ia surtar. Ia ficar chutando a bunda daquelas garotas mortas.

Della colocou o refrigerante na mesa com força demais e a lata amassou um pouco.

— Eu não sei como você aguenta isso. Deve ser um saco.

— É — admitiu Kylie, desenhando círculos nas gotículas condensadas na lata de refrigerante. — Às vezes é meio chato ser eu.

— Falando nisso... — Miranda olhou para Della. — Você quer contar agora sobre o chupão?

Della revirou os olhos.

— Não há nada pra contar. Simplesmente aconteceu.

— Aconteceu o quê? — perguntou Miranda. — Por acaso você...? Você sabe...

— Não! — Della negou. — Eu não fiz... “você sabe”. Nós apenas ficamos juntos. E depois eu comecei a preferir que não tivesse acontecido. E não vai acontecer outra vez.

— Com quem foi que aconteceu? — perguntou Kylie, entrando na conversa e, provavelmente, aborrecendo Della. Mas, se ela estava ficando com Steve, então talvez, apesar do que a vampira tinha dito, aquilo levasse a alguma coisa.

Della franziu a testa.

— Se eu contar, vocês vão jurar pelas suas vidas que não vão dizer nada? Porque, se vocês falarem alguma coisa, eu vou ter que matá-las e depois vou me sentir muito mal. Pelo menos por um tempo.

— Eu juro que não vou contar a ninguém — disse Miranda.

— Eu também. — Kylie se inclinou para a frente, deixando seus próprios problemas de lado para se concentrar nos de Della.

Della reclinou-se em sua cadeira.

— Foi Steve.

— Certo — disse Kylie.

— Eu sabia que você gostava dele! — Miranda esfregou as mãos. — Detalhes, queremos detalhes!

Della colocou as duas mãos sobre a mesa e inclinou-se para a frente, fitando-as com um olhar irritado e mostrando um pouco as suas presas.

— Eu não dou detalhes, lembra?

— Ok, sem detalhes — disse Kylie. — Mas explique por que foi um erro. E por que isso não vai acontecer novamente. Porque, quero dizer, obviamente foi bom.

— Porque... Eu não disse que foi bom!

— Ah, por favor! — disse Miranda. — Você tem um chupão, então vocês devem ter se empolgado para ter chegado tão longe. — Miranda olhou para Kylie, pedindo apoio. — Certo, Kylie?

Kylie apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Como não sou uma especialista em chupões, não sei ao certo, mas parece que sim. — Ela olhou para Della. — Então você não ficou empolgada?

Della soltou um rosnado baixo.

— Ok, eu posso ter me empolgado por alguns segundos.

— É preciso mais do que alguns segundos para conseguir um chupão. — Miranda se remexeu na cadeira, obviamente adorando que Della finalmente estivesse falando.

— Você é tão insistente! — reclamou Della.

— Quanto tempo demora para se conseguir um chupão? — perguntou Kylie.

Miranda pegou o refrigerante *diet*.

— Um minuto, talvez alguns segundos a mais ou a menos, dependendo da força com que o cara suga.

— Não dói? — perguntou Kylie, tentando imaginar alguém chupando a pele por tanto tempo.

— Não — Miranda e Della responderam ao mesmo tempo.

— É uma sensação boa. — Miranda sorriu para Della. — Não é?

— Acho que sim. — Della revirou os olhos como se odiasse admitir que gostava de alguma coisa, mas, em seguida, a vampira sorriu. — Você quer que eu te apresente ao meu aspirador de pó?

— Ah, que aspirador de pó o quê! — disse Miranda. — Kylie deveria ir atrás de Steve. Quero dizer, ela está chateada tanto com Derek quanto com Lucas, e Steve está disponível porque você não está mais nele, e ele, obviamente, sabe como dar um chupão.

Della fez uma careta para Miranda.

— Eu não acho.

Miranda remexeu seu bumbum na cadeira novamente.

— Porque você ainda gosta dele. Porque quer que ele te dê outro chupão. Admita. Apenas admita.

— Você é detestável! — disse Della.

— Sim, ela é. — Kylie arqueou uma sobrancelha para Della. — Mas a bruxa tem seus motivos.

— Bem, ela pode guardar seus motivos para si mesma! — Della pegou sua latinha e esmagou-a com a mão. E então os olhos de Della se arregalaram.

— Merda!

— O quê? — perguntou Kylie.

— Ela está de volta... — disse a vampira num tom de voz monótono e assustador.

— O que está de volta? — perguntou Kylie, mas com receio de que soubesse a resposta. Ela se virou e viu a espada sobre o sofá.

* * *

Kylie não queria chamar Burnett e Holiday de novo, mas Della se recusou a dormir com uma espada possuída dentro da cabana. Miranda, que disse novamente a Della que a espada não estava possuída, não se importava, de qualquer maneira.

Respeitando os sentimentos de Della, e compreendendo-os perfeitamente, Kylie pegou emprestado o telefone de Della e chamou Burnett e Holiday.

Antes de Holiday e Burnett deixarem a cabana com a espada mais uma vez, o vampiro lhes deu uma ordem:

— Isso fica entre nós. Nenhuma de vocês vai dar um pio sobre isto aqui, entendido?

— Por quê? — perguntou Kylie, sem saber por que ele via aquilo como uma espécie de segredo.

— Eu já estou dando explicações demais para a UPF. E isso só faz com que fiquem mais ansiosos para levá-la para testes. É melhor abafar o caso até descobrirmos alguma coisa.

Se descobrirmos, Kylie pensou, mas não disse nada.

Quando Burnett e Holiday saíram, Kylie seguiu-os até a varanda. Holiday se inclinou e sussurrou:

— Nós estamos levando a espada, mas, se ela já voltou duas vezes, não tenho certeza de que não

vá simplesmente voltar outra vez.

— Eu sei — e era justamente esse o motivo de Kylie não querer chamá-los dessa vez. Ela só esperava que, se a espada voltasse, seguisse direto para o seu quarto e não perturbasse Della. Mesmo sentindo um calafrio percorrer sua espinha ao pensar na possibilidade de dormir no mesmo cômodo que uma espada com uma aura, era melhor do que ver Della surtando e fazer Burnett e Holiday voltarem.

Kylie só esperava que Miranda estivesse certa e a espada não fosse uma arma projetada para fazer o mal.

Capítulo Dezoito

— Ok, em primeiro lugar na agenda... — disse Chris, o vampiro líder, na manhã seguinte, ao se preparar para anunciar os parceiros da Hora do Encontro, na qual os campistas eram separados em pares, apenas para promover a harmonia entre as espécies. Chris segurou a sua cartola em frente a ele, como se quisesse acrescentar mais dramaticidade ao momento.

Kylie estava em pé, entre Della e Miranda, e de braço dado com Miranda estava Perry. Mais cedo, Miranda tinha flagrado Nikki, a metamorfa que dava em cima de Perry, acenando para ele, e desde então a bruxinha não saía da cola de Perry.

Kylie também tinha visto o dedo mindinho de Miranda em ação. Se Nikki soubesse o que era bom para ela, desistiria de Perry. Kylie não acreditava que Miranda faria algo realmente terrível, além de causar espinhas, é claro, mas considerando que Socks tinha passado meses no corpo de um gambá, qualquer magia de Miranda podia acabar se tornando acidentalmente uma tragédia.

Kylie olhou ao redor, procurando não uma pessoa, mas uma certa espada. Ela não tinha aparecido na noite passada. O que fora um alívio. Talvez apenas um feliz acaso. Ela realmente não acreditava em acasos, mas queria que fosse.

— Ok — disse Chris —, vamos ver quem vai primeiro — continuou ele — Parafraseando Chris: — Vamos ver quem paga em sangue para passar uma hora com alguém. — Um dia, Kylie considerou a coisa toda estranha, mas agora ela entendia que essa era apenas uma maneira de fornecer sangue, a principal nutrição dos vampiros. Eles precisavam de sangue e esta era apenas uma forma de fazer com que as pessoas doassem meio litro.

Ainda era embaraçoso ser uma pessoa por quem alguém pagou sangue para passar uma hora.

E, caramba!, o olhar de Chris colidiu diretamente com Kylie.

Outra vez, não!

Ah, mas que ótimo! Quem tinha sido dessa vez? Ela olhou ao redor para ver se via Derek ou Lucas. Ambos estavam em lados opostos da multidão, um observando o outro com um olhar de acusação. Certo... então, se não tinha sido nenhum dos dois, quem era?

— Eu teria cuidado, Kylie — disse Chris. — Estou começando a pensar que Fredericka sente alguma coisa por você...

Kylie por acaso estava olhando para Lucas quando Chris fez o anúncio. O choque enrijeceu o semblante do lobisomem, seguido por um olhar feroz de proteção. Os olhos dele percorreram a multidão aparentemente procurando Fredericka. Quando seu olhar a localizou do outro lado do círculo, a cara feia de Lucas se aprofundou.

A menina fez uma careta em resposta e começou a caminhar em direção a Kylie. Caminhava com um senso de propósito.

Kylie ouviu o rosnado de Lucas e observou-o caminhar até ela com o mesmo senso de propósito. Que beleza! Agora, ela tinha dois lobisomens furiosos caminhando em sua direção.

— Você quer que eu faça alguma coisa a respeito? — perguntou Della.

— Não — disse Kylie.

— Você quer que eu mostre a bunda outra vez, na frente de todo mundo? — perguntou Perry.

— Não — respondeu Kylie e, apenas para se assegurar, afastou-se vários metros dos amigos para que ninguém se sentisse tentado a começar uma briga ou arriar as calças.

Os dois lobisomens chegaram ao mesmo tempo. Um pela esquerda de Kylie, o outro pela direita.

— Você não tem que fazer isso — Lucas sibilou, obviamente falando com Kylie. — Eu vou pagar pelo sangue dela. Mas você também não tem que ir comigo.

Kylie desviou o olhar de Lucas e fitou Fredericka.

A mágoa brilhava nos olhos da loba.

— Se Kylie não quiser ir, não precisa. E eu ainda vou pagar com o meu sangue. Não preciso que você me pague.

— Tudo bem — Kylie murmurou, sentindo os olhares ávidos de todo o mundo ao redor. Um leve formigamento correu pelas suas pernas e pulsou em seus joelhos. Seu coração deu um salto quando ela reconheceu seu impulso de ficar invisível. Ela se concentrou muito para conseguir refreá-lo. A última coisa que queria era desaparecer diante dos olhos de todos os outros campistas e tornar-se uma aberração ainda maior.

Lucas rosnou para Fredericka:

— Se encostar um dedo nela, você está fora da alcateia. Já cansei de inventar desculpas para você.

As emoções de Kylie oscilavam entre um e outro. Ela sentia pena de Fredericka, por ter que enfrentar a ira de Lucas. Pena dela por ver a lealdade de Lucas por Kylie e não por ela própria — alguém da sua mesma espécie. Ter que enfrentar isso em público era muito duro para a sua alma de lobisomem. Mais difícil ainda porque ela amava Lucas.

Mas a compaixão por Fredericka não era tudo que Kylie sentia. Sentia-se... chocada. Essa era a primeira vez que ele ficava ao lado dela e contra a sua própria espécie.

Ah, ele tinha dito milhares de vezes que faria isso, mas nunca suas ações haviam provado. Não até agora. Essa constatação tinha um sabor agri-doce. Ela não queria se sentir amada por ele depois de traída. Não queria se sentir culpada por ele estar sofrendo.

Mas ela se sentia.

A culpa, essa emoção tão amarga, aumentou dentro dela e fez seu peito ficar pesado. Mas por quê? Era culpa de alguém quando não se conseguia perdoar uma pessoa por um erro cometido?

Ele olhou-a de novo, a dor visível em seus olhos azul-escuros, e em seguida começou a se afastar, deixando-a em meio a uma nuvem de dor e a consciência de que, mais uma vez, todos os alunos estavam a par da sua vida particular.

Fredericka observou-o se afastar e depois olhou para ela. Kylie viu um véu obscurecer as

emoções da moça enquanto ela tentava esconder a própria dor. Ela engoliu em seco, como se estivesse tentando desfazer um nó doloroso, então baixou a cabeça e falou.

— Eu disse a ele que tinha feito as pazes com você, mas ele não acreditou em mim.

Kylie anuiu, e sentiu que Fredericka estava tão desconfortável quanto ela por servir de entretenimento para os outros alunos, então, começou a andar. Fredericka seguiu-a.

Quando os outros já não podiam mais ouvi-las, Fredericka disse:

— Aonde você quer ir?

— Tanto faz — disse Kylie.

Kylie ouviu asas batendo acima delas e lembrou que Perry era sua sombra.

— Nós vamos ter companhia — disse Kylie. — A minha sombra. — Ela apontou para cima.

— É, eu percebi — disse Fredericka. — Você acha que ele pode nos ouvir lá de cima?

— Quem sabe? — disse Kylie. — Eu não sei como é a audição de um pássaro pré-histórico.

— Então vamos fingir que ele não pode ouvir — disse Fredericka.

— Tudo bem. — E a pergunta que não queria calar transbordou em seu peito. — Lucas sabe que foi você quem me contou?

— Sim, ele sabe. — Fredericka hesitou. — Ele acha que eu contei a você para que brigassem.

Kylie se lembrou de Fredericka negando isso uma vez antes, mas...

— E ele está certo?

A mágoa brilhou nos olhos dela.

— Você também não acredita em mim? — Ela deu alguns passos sem falar. — Eu não sou burra.

Eu sabia que, se o impedisse de noivar com Monique, ele voltaria para você para sempre.

— Mas você também admitiu que o ama e que já tentou nos separar antes.

— E finalmente me dei conta de quanto estava sendo patética. Ele não me ama. Ele ama você.

Sempre foi e sempre será assim. Foi um remédio amargo, mas eu engoli.

Kylie inspirou e percebeu que acreditava na garota.

— Ok, então por que você pagou com sangue para me ver de novo?

— Por duas razões — disse a loba.

— E quais são? — perguntou Kylie.

— Ouvi dizer que você é boa em... dar às pessoas conselhos sobre relacionamentos.

Kylie fitou a garota, boquiaberta.

— Você quer conselhos sobre como ter Lucas de volta?

Fredericka fez uma cara engraçada.

— Não! Eu te disse, eu já saí dessa.

Kylie se lembrou do que Miranda tinha lhe contado.

— Por favor, me diga que não é o novo professor, o senhor Cannon.

Fredericka pareceu chocada.

— Como é que você sabe sobre mim e Cary?

Cary? Então, eles já estão chamando um ao outro pelo primeiro nome?

— Há boatos de que você está a fim dele.

A loba franziu a testa.

— Eu não achava que fosse... tão óbvio.

— Bem, achou errado. E deixe-me dizer uma coisa, não é uma boa ideia. Ele é seu professor.

— Ele tem 20 anos. É um garoto genial que terminou a faculdade com 19 anos. E eu vou fazer 18 no próximo mês. Não temos nem dois anos de diferença.

Kylie podia ouvir as asas de Perry batendo ao sabor da brisa. Ela desviou os olhos e, pelo bem de Fredericka, esperou que ele não estivesse ouvindo.

— Tudo bem, não é por causa da idade. É porque ele é seu professor.

— Eu não vejo qual é a importância disso.

Kylie soltou um suspiro.

— É importante se ele não quer ser feito em pedacinhos. Burnett já ameaçou mandar Hayden Yates embora por muito menos do que isso quando...

— Você e o senhor Yates tinham um caso? — Os olhos de Fredericka se arregalaram. — Eu pensei que você amasse...

— Não! Burnett *pensou* que estávamos tendo um caso.

— Por que ele achou isso? — Fredericka fez outra cara engraçada.

Kylie percebeu que ela não deveria ter tocado no assunto.

— É uma longa história. A questão é que Burnett ficará muito aborrecido se esse novo professor der em cima de você.

— Por que você não deixa que eu me preocupe com Burnett e Cary e simplesmente me diz como... faço isso dar certo entre nós, do mesmo jeito que já disse para outras pessoas?

Kylie suspirou.

— Por que todo mundo fica dizendo que eu sou uma boa conselheira? Você não vê que os meus próprios relacionamentos são um desastre? Se eu fosse boa nisso, acha que eu estaria nessa confusão em que estou agora?

Fredericka deu de ombros.

— Mas todo mundo que procurou você com problemas diz que você consertou as coisas. Perry e aquela sua amiguinha bruxa. Helen e Jonathon. Burnett e Holiday.

— Como você sabe que eles não teriam consertado as coisas por si mesmos?

Fredericka franziu a testa.

— Todos elogiam você.

Kylie balançou a cabeça.

— Olha, eu não acho que você e o professor seja uma boa ideia.

— Então você não vai me ajudar? — perguntou Fredericka. — Mesmo depois de eu tê-la ajudado com Lucas e o poupado de ter que passar a vida com alguém que ele não amava?

Kylie exalou o ar.

— Ok, aqui vai meu conselho. Vá falar com Holiday, conte a ela sobre seus sentimentos e...

— Ela vai dizer que não! Ela nem gosta de mim.

— Ah, está enganada, ela gosta, sim. Com todos os problemas que você causou, ela teria chutado sua bunda há muito tempo se não gostasse. E se você está preocupada com a possibilidade de ela não concordar, por que não começa dizendo que você gosta de alguém apenas dois anos mais velho e vê o que ela diz, antes de contar quem é. Leve-a a dizer que não é uma coisa tão ruim assim e, em seguida, solte a bomba sobre ele ser um professor.

— Você realmente acha que ela vai me ouvir?

— Vai ouvir, sim. Se ela vai dizer ou não para você não fazer isso, é outra história. Mas ela é a pessoa mais justa que eu conheço.

— Ok. — Fredericka parecia estar pensando. — Agora, o que dizer a Cary? Como posso fazê-lo...?

— Prestar atenção em você?

— Não, prestar atenção ele já prestou. Eu sei que ele está atraído por mim, só que está colocando obstáculos, provavelmente pela mesma razão que você. Ele é professor e eu sou sua aluna.

— Então por que não diz a ele que você entende que isso é difícil, mas realmente gosta dele, e que pelo menos gostaria que fossem amigos até...

— Eu não quero que sejamos apenas amigos.

— Tudo bem, mas vocês começam sendo amigos e, quando você tiver sinal verde de Holiday, então vocês dois podem... correr pela floresta e deixar as coisas ficarem mais quentes... ou fazer o que vocês quiserem. Você não vai ficar na escola por mais de nove meses. Assim, o pior que pode acontecer é vocês travarem uma amizade e depois levá-la ao próximo nível quando você estiver fora da escola.

Ela começou a balançar a cabeça como se concordasse com Kylie.

— Droga, eu esperei dois anos por Lucas, poderia facilmente esperar nove meses pelo Cary, se fosse preciso. — Ela sorriu. — Viu? Você é *mesmo* boa nisso. Obrigada — disse Fredericka com sinceridade.

— Bom, vamos voltar? Eu acho que Perry está ficando impaciente.

— Não, há outra coisa.

— Que coisa? — perguntou Kylie.

— Você precisa perdoar Lucas.

— Olha, você pediu meu conselho, eu não pedi o seu. — Ela começou a se mover mais rápido até a trilha que levava à sua cabana. Uma corrida rápida e agradável.

Fredericka acompanhou seu ritmo, passo a passo.

— Ele ama você. Você não entendeu por que ele desistiu de ficar noivo? Desistiu de tanta coisa por você! Talvez até da sua própria alcateia.

Kylie deu uma parada abrupta e enfrentou a loba.

— Por que você me contou isso? Por que não o deixou ficar noivo? Que maldição! Ele não deveria ter feito isso! — E logo em seguida, Kylie aceitou que essa era parte da sua angústia com

relação a Lucas. Ela não queria admitir isso. Ela nem sequer se permitia realmente olhar isso a fundo. Mas ela estava lá, a verdade, logo abaixo de toda a traição que sentia. Lucas tinha renunciado a tudo por ela. Seus sonhos. Suas buscas. Mesmo que ela o perdoasse, mais cedo ou mais tarde, ele iria odiá-la por isso.

— Por quê? — Fredericka jogou a pergunta de volta para ela. — Porque, sua tonta, se tivesse ido até o fim, ele teria perdido você. E acredite ou não, você é mais importante para ele do que entrar para o Conselho. É você o que mais importa para ele.

Kylie chegou um pouco tarde para a primeira aula, com Perry logo atrás dela. Ela se sentou na cadeira vazia em frente a Della. Colocou seu livro sobre a carteira e abriu-o, fingindo ler.

Ela sentiu os olhos de Lucas sobre ela. E o ignorou. Ou tentou. Seu coração disparou no segundo em que percebeu o olhar de Lucas sobre ela.

Ela tinha muito em que pensar. Mas, caramba!, ainda estava tão confusa!

E com muita raiva dele.

Mas ainda tão apaixonada por ele que mal conseguia respirar.

— Senhorita Galen, é muito bom tê-la de volta com a gente — disse a professora.

Senhorita Galen? Kylie ergueu os olhos, mas não falou nada. Só acenou com a cabeça em agradecimento. Ela esperava que a professora se contentasse com isso. Voltou a se concentrar na página do livro de inglês, pois não queria olhar ninguém nos olhos. Nem Derek, que estava sentado a três lugares de distância dela e a estudava com um ar de preocupação, porque podia captar seu estado emocional.

Então, ela sentiu Della inclinar-se atrás dela.

— O que há de errado? — a vampira sussurrou. — Eu preciso morder alguma bunda de loba depois da aula?

— Não.

— Seu rosto está todo manchado. E isso significa que estava chorando. O que está acontecendo?

— Alergia — Kylie murmurou, e desejou não ter vindo à aula. Seria tarde demais? Tarde demais para simplesmente se levantar e sair?

— Você devia saber que não consegue mentir para mim — Della sussurrou.

Kylie apertou o maxilar e sussurrou de volta:

— E você devia saber que é melhor parar de fazer perguntas que me obrigam a mentir!

— Tudo bem — disse Della. — Vamos fazer de conta que essa conversa está fazendo a senhorita Galen ficar muito irritada.

Capítulo Dezenove

O dia de Kylie não tinha ficado muito melhor. Nem muito pior, tampouco. Ela descobriu que tinha coisas pelas quais ser grata.

Nana costumava dizer que sempre que a gente começa a sentir que o mundo está cobrando seu quinhão, devemos cobrar de volta, contando nossas bênçãos.

E o item número um da lista de bênção de Kylie era estar de volta a Shadow Falls. Mesmo com todos os problemas, ela pertencia a esse lugar. A cada hora, mais ou menos, ela se lembrava de como se sentira quando estava na casa do avô. E embora sentisse falta dele, e até mesmo da tia-avó, não tinha se esquecido do sentimento incômodo de estar lá, a sensação de estar no lugar errado.

O item número dois na lista era a espada não ter decidido aparecer num passe de mágica novamente. Claro, ela poderia estar esperando na cabana agora mesmo, mas Kylie estava grata por não ter que explicar isso a ninguém no momento. E, por último, mas não menos importante, em sua lista estava o fato de Mario parecer ter voltado para a sua toca imunda e limosa.

Pelo menos Kylie não conseguia senti-lo, e Miranda concordava que não parecia haver nenhum estranho por perto. Parte de Kylie queria acreditar que ele não voltaria mais, mas parte dela ainda queria acreditar em Papai Noel também.

Mario voltaria. A pergunta era: ela estaria pronta? Kylie não tinha ideia de como poderia se preparar para enfrentar alguém tão poderoso e cruel.

Esperando o último sinal tocar e as aulas acabarem para que pudesse deixar a aula de História, ela olhou para Cary Cannon. Ele apontava para o trabalho escrito na lousa. A camisa branca engomada estava esticada sobre o peito largo.

Ela precisava dar razão a Fredericka, pois o professor era um colírio para os olhos. Se ele trocasse a gravata e a calça social por uma camiseta e uma calça jeans, ia parecer um estudante, e não um professor. Alto, moreno, com olhos negros, ele tinha uma ótima aparência. E ensinava melhor ainda. Obviamente, tinha uma paixão pela História, porque isso transparecia em suas aulas. Para um lobisomem, ele era surpreendentemente amigável. Provavelmente algo que ele tinha aprendido na escola.

Kylie tinha visto o professor desviar os olhos para Fredericka pelo menos uma dúzia de vezes. O que demonstrava a Kylie que a paixão não era unilateral. Ela esperava que não, pelo bem de Fredericka, pelo menos.

Três minutos depois, a aula acabou e Kylie saiu da classe. Della, sua sombra oficial, caminhava ao seu lado. Kylie não tinha colocado um pé para fora da porta quando alguém a pegou pelo braço. Ela quase gritou, mas o calor do toque lhe deu a certeza de que era Holiday antes mesmo de olhar para trás.

— Ei... — Holiday olhou para Della. — Eu preciso de Kylie por um instante.

— Ok. Você vai levá-la até a cabana mais tarde? Ou preciso encontrá-la em algum lugar?

— Vou levá-la até a cabana.

Della pareceu um pouco preocupada ao se ver obrigada a abrir mão dos seus deveres como sombra.

E ela não era a única.

— O que há de errado? — Kylie perguntou quando Della não podia mais ouvir.

— Não há nada (*solução*)... errado. Só que — ela apontou para a boca. — Na verdade, eu tenho algumas coisas para discutir com você, mas primeiro o mais importante. — Ela soltou um profundo suspiro, como se para dar uma má notícia. — Eu contei uma mentira a Burnett. E preciso que você me apoie.

— Você quer que eu minta para um vampiro? — perguntou Kylie. — Uau, você não está pedindo muito, não?

— Não, não vou pedir para você mentir. — Holiday colocou todo o seu cabelo para a frente e torceu-o em um nó. — Ele não vai te perguntar nada. Só preciso que você confirme uma coisa.

— Não entendo.

— Ok, vou te contar o que aconteceu. Eu disse a Burnett que precisava dar um pulinho na farmácia e ele me disse que compraria tudo que eu precisasse. Então eu comecei aquela história de que havia dito a você que não era uma prisioneira aqui e que eu achava que você gostaria de sair de vez em quando. Eu disse que você não tinha me dito isso de fato, mas eu tinha a sensação de que você precisava de algo da farmácia, alguns absorventes ou algo assim.

Kylie engasgou.

— Você disse a Burnett que eu precisava de absorventes?

— Não, eu disse a ele que você não tinha dito isso, mas eu tinha a sensação de que podia estar precisando. E, felizmente, não era uma mentira, porque Miranda me disse que, enquanto você estava fora, ela teve que pegar emprestados alguns dos seus.

— Ok... — Kylie disse, ainda sem entender o que estava realmente acontecendo. — Então...

— Então, eu preciso que você venha com Burnett e eu, e quando você for comprar os absorventes, eu preciso que você também... (*solução*)... compre um teste de gravidez.

— Ah, entendi. Mas e se ele perguntar... Espere. Ele não vai perguntar o que eu comprei porque acha que eu comprei absorventes, e os homens não querem saber dessa conversa de absorventes.

— Viu? Eu sabia que você ia entender — disse Holiday.

— Muito inteligente da sua parte — disse Kylie.

— É preciso ser inteligente para lidar com um vampiro.

Elas começaram a andar.

— Mas espere aí. — Kylie parou. — Que tipo de teste eu compro?

— Eu não sei, nunca comprei um... (*solução*)... mas compre dois deles. De tipos diferentes. Algo que pareça dar o resultado mais exato. Eu vou levar Burnett comigo para me ajudar a escolher algo

para os soluços.

Kylie tentou pensar.

— Como vou saber que teste de gravidez dá o resultado mais exato?

— Basta comprar dois, mas não dos mais baratos. — Holiday suspirou enquanto percorriam o caminho de volta para o escritório.

— Aqui. — Holiday entregou a Kylie algumas notas e a garota enfiou-as no bolso junto com sua pequena carteira. — Agora que já cuidamos disso, deixe-me lhe dizer outra coisa.

Ah, sim, as outras coisas.

— O que é? — perguntou Kylie, de repente apreensiva.

— Seu padrasto ligou. Você precisa retornar a ligação.

— Tudo bem — disse Kylie. — Posso usar seu telefone?

— Claro. — Holiday colocou a mão no bolso e entregou a Kylie seu celular. — E mais uma coisa...

— Tem mais? — perguntou Kylie.

— Sim. Amanhã você vai receber visitas. Se quiser.

— Visitas? Quem? — Kylie enfiou o telefone no bolso.

— Os Brightens. Os pais adotivos de seu verdadeiro pai. Eles já voltaram da Irlanda e pegaram todas as mensagens. Estão ansiosos para conhecê-la.

Calafrios percorreram os braços de Kylie.

— Eu já tinha quase desistido de encontrá-los.

— Bem, eles vão estar aqui amanhã, às duas horas, se você concordar.

Kylie engoliu em seco.

— Sim, claro que eu quero conhecê-los. — E de repente, Kylie começou a sentir falta do pai novamente. Mais do que isso, ela podia jurar que tinha sentido um toque frio. Um toque que lembrava o dele.

E, nossa!, ela bem que precisava de uma visita dele agora.

Quando elas chegaram ao escritório, Hayden e Burnett estavam ali, de pé, ao lado da máquina de café — sem conversar. O silêncio constrangedor era um sinal de que eles tinham suspenso a conversa quando ouviram as duas chegando. Ou seja, eles estavam guardando segredos.

Isso decepcionou Kylie, porque, afinal de contas, os segredos deviam ser sobre ela, não é? Ela quase chamou a atenção deles por isso, mas percebeu que uma discussão podia atrasar a ida até a cidade. E Holiday precisava dela. Então Kylie deixou de lado a frustração, prometendo a si mesma que retornaria aquela história depois, ressuscitaria tudo e trataria do assunto com força total.

Holiday desviou o olhar para Kylie como se tivesse percebido o tumulto emocional acontecendo dentro dela. Depois de alguns cumprimentos desconfortáveis, Holiday olhou para Burnett.

— Você está pronto?

Na ida para a cidade, Holiday dirigiu e soluçou durante todo o caminho.

Burnett mostrou-se inquieto por causa dos soluços e manteve os dois olhos abertos, como se

estivesse preocupado com a possibilidade de Mario aparecer.

— Precisamos ligar para o médico — disse Burnett a Holiday, quando ela soltou outro soluço.

— Eu vou tomar um pouco de antiácido ou algo assim — disse Holiday.

Quando eles entraram na farmácia, Kylie dirigiu-se ao corredor de artigos femininos. Burnett foi atrás dela, mas quando a viu parar na prateleira de absorventes, ele se virou.

Kylie viu Holiday puxá-lo com ela para outro corredor.

Soltando um profundo suspiro, Kylie passou os olhos pelos testes de gravidez. Apressadamente, examinou as diferentes embalagens, mas se sentiu perdida. Havia inúmeros tipos, cada um fazendo uma promessa diferente. Percebendo que não teria tempo para ler todas as embalagens, pegou dois e, em seguida, só para ter certeza de que não erraria, pegou mais um. Certificando-se de que ninguém estava olhando, ela disparou para o caixa da farmácia para pagar pelos testes. Foi só quando ela viu um homem mais velho atrás do balcão que Kylie percebeu quanto aquilo ia ser difícil.

O homem, um senhor com ar de pregador evangélico, ia pensar que os testes eram para ela. Ah, mas que ótimo! Ela engoliu em seco, morta de constrangimento. Então, pensando em Holiday, colocou as três caixas sobre o balcão.

O vendedor olhou para a compra, em seguida, ergueu os olhos. Kylie podia ver o julgamento em seus velhos olhos cinzentos, como uma carranca marcando seu rosto. Que maravilha! Ela estava sendo julgada por estar grávida, embora ainda fosse virgem.

— Você sabe como usá-los? — ele perguntou com um tom de voz muito condescendente.

Kylie sentiu seu rosto corar.

— Eu... vou ler as instruções.

— Você gostaria que a minha assistente, Ângela, falasse com você sobre... alguma coisa?

Como sexo seguro? Kylie apostava que era nisso que ele estava pensando.

— Não — ela deixou escapar. Mas, como o homem não parava de olhá-la, ela acrescentou: — Obrigada.

Ele passou os itens lentamente. O coração de Kylie batia no ritmo do embarço. Ela abriu a boca para dizer que eram para uma amiga, mas qual era a chance de ele acreditar?

— São quarenta e dois dólares e noventa e seis centavos.

Kylie pegou as notas que Holiday lhe dera.

— Merda — Kylie murmurou, quando viu que não tinha o suficiente.

— Como disse? — o velhinho perguntou, agora não só ofendido por ela estar grávida, mas por causa da sua linguagem.

E ele tinha razão de estar ofendido — pela linguagem dela. Ela sabia que não devia falar palavrões em público. Mas, convenhamos, a opinião do homem sobre ela já era péssima, um palavrãozinho não ia deixá-la muito pior. Mas, ainda assim, ela se desculpou.

— Você vai levar ou não?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, é que... Eu não acho que precise dos três. Vou levar apenas dois.

Franzindo a testa, ele olhou para as caixas.

— Qual deles quer devolver?

Ela respirou fundo, percebendo que uma hora ela tinha que parar de fazer aquilo.

Então, lembrando-se do cartão de crédito da mãe, para usar apenas em caso de emergências, ela tirou o telefone de Holiday do bolso e, em seguida, a pequena carteira.

— Não se preocupe, vou levar todos.

Colocando o cartão no balcão, ela mordeu o lábio. Não tinha certeza se esse era o tipo de emergência a que a mãe se referia, mas se afastar do olhar reprovador daquele homem lhe pareceu mais importante.

Ele analisou o cartão com cuidado.

Maldição! Agora ele estava suspeitando do cartão de crédito.

— É meu! — disse Kylie. — Eu juro.

Ele não parecia convencido.

— Pode me mostrar um documento?

Ela ouviu Burnett e Holiday em algum lugar, nos corredores atrás dela. Mordendo o lábio, ela abriu a carteira e deu ao homem sua carteira de motorista. Ela nunca tinha visto alguém levar tanto tempo para examinar um documento.

O medo de colocar a amiga em maus lençóis fez com que seu estômago se contraísse.

— Estou com um pouco de pressa — disse Kylie.

Finalmente, ele largou a carteira de motorista e terminou a transação. Ela ouviu alguém se mexer atrás dela e seu coração se contraiu. Olhou para baixo para ver os sapatos, rezando para que não fossem os tênis de Burnett.

Não era Burnett. Um par de sapatos, do tipo que os executivos usavam, adornavam os pés do homem que estava atrás dela. Graças a Deus!

O caixa empurrou um recibo para ela.

— Você gostaria de levar alguns panfletos informativos? — ele perguntou.

— Tudo bem. — Kylie assinou o recibo e, em seguida, observou-o colocar alguns panfletos sobre sexo em sua sacola, junto com os testes de gravidez.

Mal sabia ele que os panfletos já eram ultrapassados. Ela tinha lido aqueles havia mais de um ano.

Quando, finalmente, ele entregou a sacola a Kylie, ela se virou para sair, mas estacou quando viu o rosto do homem em pé atrás dela.

— Ah, merda! — exclamou Kylie novamente.

Capítulo Vinte

Santo Deus! De todas as pessoas no mundo que podiam testemunhar a compra dos três testes de gravidez, essa era definitivamente a pior!

— São para uma amiga — Kylie deixou escapar.

— O quê? — o avô perguntou, com a testa enrugada de preocupação ao olhar para a sacolinha branca da neta. Ok, então ele obviamente não tinha visto suas compras. Mas, agora, ele provavelmente pensava que ela comprara preservativos ou algo assim. E pelo tamanho do volume na sacola, devia achar que pretendia fazer um estoque.

De repente, Kylie percebeu uma preocupação maior do que o avô pensar que ela estava comprando camisinhas. Se Burnett o visse, seria o inferno.

— O que o senhor está fazendo aqui? — O olhar nervoso de Kylie vasculhou os arredores, enquanto ela rezava para não ver Holiday e Burnett. Ela não viu.

— Eu queria dar isso a você — ele puxou o celular de Kylie do bolso da camisa. — E ter certeza de que você acreditou que eu não estava por trás daquele plano para impedi-la de ir embora. Dei minha palavra a Burnett. E não faço isso levianamente. Vou embora agora.

Sem poder se conter, Kylie se aproximou para dar um abraço no avô e se agarrou a ele por uma fração de segundo a mais do que deveria.

Então, quando se afastou, viu Burnett correndo pelo corredor na direção dela.

Felizmente, o avô se desvaneceu no ar.

— Que diabos foi isso? — o caixa disse atrás dela.

— É por isso que você queria vir aqui! — Burnett gritou.

— Algum problema? — perguntou o caixa, e depois acrescentou: — Você viu...

— Está tudo bem — disse Kylie, acenando para o caixa.

— Eu não diria que está tudo bem — disse Burnett. — Estou cansado dessas mentiras!

— Devo chamar a polícia? — perguntou o caixa.

— Não! — disseram Burnett e Kylie ao mesmo tempo.

Burnett levou-a pelo braço e começou a conduzi-la para fora da farmácia.

— Você está bem, moça? — o caixa perguntou, de detrás do balcão.

— Estou bem. — Kylie olhou para trás. — Ele é meu amigo. — Embora ele não estivesse agindo de acordo.

— O que aconteceu? — Holiday veio correndo.

— Vamos sair daqui antes. — Fervendo, o vampiro olhou para Kylie com os olhos brilhantes de raiva.

Burnett as levou até o carro de Holiday estacionado bem em frente à loja.

— O que aconteceu? — Holiday olhou para Kylie porque, obviamente, ela sabia que Burnett estava sendo irracional.

Ela acionou a chave para destrancar o carro uma fração de segundo antes de Burnett abrir a porta de trás. O vampiro furioso fez um gesto para Kylie entrar.

Kylie hesitou, sem saber o que dizer. Ela sabia que Burnett estava furioso porque o avô tinha aparecido, mas isso não era culpa dela.

Ela afastou o ombro.

— Se você me deixar explicar...

— Entre no carro! — ele ordenou.

Agora com raiva dele por ser tão pouco razoável, ela se atirou no banco de trás. Burnett estendeu o braço e pegou a sacola das mãos dela. Em seguida, bateu a porta do carro.

Ah, mas que inferno! Aquilo não estava indo bem.

Kylie olhou pela janela. Burnett contornou o carro e acenou para Holiday entrar pelo lado do passageiro.

Tão logo Holiday entrou, ela se virou para olhar para Kylie com uma interrogação no olhar.

— Meu avô estava lá — disse Kylie.

— Ela mentiu pra você! — Burnett disse com severidade. — Ela não precisa de nenhuma droga de absorvente! Foi só um truque para ver o avô! — Ele balançou a sacola para ela.

— Não foi um truque! — Kylie inclinou-se e segurou a parte de trás do assento do passageiro.

— Ela não mentiu! — Holiday se inclinou para apertar com a mão o braço de Burnett. Sem dúvida para acalmar o vampiro.

Tudo em que Kylie conseguia pensar era que precisava de um toque também. Porque bem agora toda a raiva que estava sentindo do vampiro por guardar segredos dela voltou, acrescida da raiva por ser acusada injustamente.

— Eu não sabia que ele ia estar aqui — justificou-se Kylie, a voz uma oitava acima.

— Ela não poderia saber que ele estaria aqui — defendeu-a Holiday.

A ferocidade na expressão de Burnett diminuiu, mas não o suficiente para Kylie ficar feliz.

Ele olhou para Holiday.

— Ela pediu para vir aqui e você espera que eu acredite que é mera coincidência ele aparecer?

— Eu não disse a ele que estava vindo para cá. — Kylie se reclinou de volta no banco e cruzou as mãos sobre o peito, enquanto todo o incidente a fazia se lembrar de quando era criança e brigava com os pais dentro do carro.

— Espere — disse Holiday. — Você disse a Hayden onde estávamos indo?

A ruga entre os olhos de Burnett se aprofundou.

— Você acha que ele disse...

— Você nem precisava ficar tão furioso! — Kylie estourou. — Tudo o que o meu avô queria fazer era me dar o meu celular e me dizer que não estava por trás do plano de me raptar. E você descarrega toda essa sua ira de vampiro em cima de mim!

— Eu fiquei irritado porque você já mentiu para mim várias vezes!

Burnett balançou a sacola para dar ênfase. Sacudiu com força.

Kylie prendeu a respiração, temendo o pior. Então, o pior aconteceu.

Quase em câmera lenta. O saco rasgou e os três testes de gravidez, junto com o panfleto sobre sexo seguro e gonorreia caíram no banco, entre Holiday e Burnett.

Burnett olhou para baixo, arquejou, e então olhou para Kylie.

— Pelo amor de Deus! — ele murmurou.

— Espere! — Holiday falou, e então arrotou. Muito alto.

Burnett ignorou Holiday e olhou para Kylie.

— Se você tem idade suficiente para fazer sexo, tem idade suficiente para saber usar proteção!

Kylie abriu a boca para falar, mas não tinha ideia do que dizer. Então ela só desatou a falar.

— Eu sei tudo sobre preservativos!

Ele fez uma cara mais feia ainda.

— Então por que diabos você está nessa situação?!

— Espere, Burnett — disse Holiday. — Você não está entendendo. Kylie não está nessa situação.

Burnett estava muito concentrado em fazer da vida de Kylie um inferno para ouvir a confissão de Holiday.

— Na verdade, os preservativos são apenas 80% eficazes na prevenção da gravidez — Kylie disse, ainda fervendo.

— Se você usá-los direito, eles funcionam! Falei com Lucas sobre isso há algumas semanas. Eu bem que disse a ele que devia ser cuidadoso.

— Burnett! — Holiday repreendeu.

Ah, mas Kylie só queria que a amiga calasse a boca e deixasse o vampiro falar mais um pouco. E ela decidiu deixar o vampiro em maus lençóis.

— Eu não os comprei para mim — disse Kylie. — Comprei para uma amiga.

— Você não está... grávida?

— A não ser que esses panfletos não falem a verdade e você possa engravidar sentada num vaso sanitário. Eu já disse, eles são para uma amiga.

Os olhos de Burnett se arregalaram.

— Miranda? Merda! Eu tive a mesma maldita conversa com Perry.

— Às vezes, isso simplesmente acontece — disse Kylie, muito mais calma agora que já tivera uma prévia da reprimenda do vampiro.

— Simplesmente acontece? — cuspiu Burnett. — Você está gozando com a minha cara? Se você faz sexo, tem que usar proteção. É simples assim. Essa merda não acontece simplesmente! É puro descuido! É irresponsabilidade! É imperdoável!

— Burnett! — Holiday revirou os olhos para Kylie e franziu a testa. A *fae* sabia exatamente o que a garota tinha em mente agora.

Mas Kylie ainda não tinha acabado.

— Talvez devêssemos baixar uma regra em Shadow Falls. Qualquer macho que engravidasse uma garota deveria ser castrado.

— Chega! — mandou Holiday.

— Na verdade, não seria má ideia... — ele rosnou.

— Burnett! — Holiday disse em uma voz severa. — Cale a boca antes que se coloque numa situação mais constrangedora ainda. — Quando o vampiro olhou para Holiday, ela continuou: — Kylie não comprou os testes de gravidez para Miranda. Ela os comprou para mim.

Kylie se reclinou contra o banco novamente, apreciando um pouco mais do que deveria o ar de descrença no rosto do vampiro.

— Quer que eu indique um bom médico para... *plic... plic...* — ela perguntou com ironia, imitando uma tesoura com os dedos — ... agendar a sua cirurgia?

Capítulo Vinte e Um

O problema da “doce vingança” foi que, em retrospecto, ela nem chegou a ser tão doce.

Burnett ficou... atordoado. Ele se virou e ligou o carro. Voltou para Shadow Falls sem dizer uma palavra. Holiday ficou ali sentada ao lado dele, soluçando e com cara de quem ia chorar. Obviamente, a reação de Burnett não foi exatamente a que Holiday esperava.

Ou talvez, Kylie percebeu, tivesse sido exatamente o que a *fae* mais temia. Ela se lembrou de Holiday lhe dizendo que Burnett não tinha certeza se queria ser pai. Kylie subitamente quis pedir desculpas por anunciar o fato daquele jeito tão... desastroso, mas o momento não parecia adequado.

Depois de estacionar o carro, Burnett viu Perry enquanto atravessavam o portão e o chamou, pedindo que acompanhasse Kylie até a cabana.

— O que aconteceu? — perguntou Perry, observando Kylie e, em seguida, olhando para trás, enquanto o vampiro ia embora. — Eu nunca vi Burnett assim... tão atordoado. É como se as luzes estivessem acesas, mas não tivesse ninguém em casa...

— Não é nada — respondeu Kylie, com vontade de chorar e bater em si mesma por ter sido tão insensível.

Assim que Kylie voltou para a cabana, foi direto para o quarto. Mas Della atravessou a sala e bloqueou a porta.

— O que foi? — perguntou Della. — Primeiro você chega chorando na classe, então Holiday começa a agir de modo estranho e agora você chega parecendo um cachorrinho que levou um chute do dono. E não me diga que não é da minha conta; eu sou sua amiga, o que me dá todo o direito do mundo para me meter na sua vida.

Kylie deu um abraço em Della.

— Eu te amo.

— Ok... Eu... Eu não estava tentando ser sentimental — disse Della, afastando a amiga.

— Eu sei, mas você foi. Infelizmente, eu não posso... falar sobre isso agora. Preciso fazer alguns telefonemas.

Ela fez um sinal para Della se afastar da porta. A vampira obedeceu a contragosto.

O primeiro telefonema de Kylie foi para avisar Hayden de que Burnett talvez estivesse a caminho e chegaria em pé de guerra.

— Por quê? Que diabos eu fiz dessa vez? — perguntou Hayden.

— Meu avô apareceu na farmácia. Suponho que você tenha contado onde eu estava.

— Ah, droga! Eu mencionei que você estaria, mas... Nunca pensei que ele fosse lá. Acho que vou começar a fazer as malas — ele murmurou.

— Não — pediu Kylie. — Por favor. Apenas explique que você não sabia que ele iria. Só para...

acalmar Burnett. Diga qualquer coisa. Mas... não vá embora. Eu preciso de você aqui. E... não seja duro demais com ele. Ele... ele está passando por um dia difícil.

— O que aconteceu? — perguntou Hayden.

— Ele teve que me aturar — justificou Kylie.

— Ah, isso deve ter sido bem difícil — Hayden provocou, mas Kylie não estava com humor para piadinhas.

Ao desligar o telefone, ligou para o padrasto. Ela conversou com ele uns bons cinco minutos, assegurando que estava bem e que tinha perdido o celular, mas agora o reencontrara e lamentava não ter atendido as ligações dele.

Kylie poderia dizer pelo seu tom de voz que ele tinha ficado chateado ao saber que a mãe dela estava em Londres. Ou talvez não fosse só a voz dele lhe dizendo isso, mas suas palavras.

— Caramba! Ela devia ter me contado que ia sair do país!

— Com certeza ela apenas se esqueceu — mentiu Kylie, sem saber mais o que dizer.

Ao desligar, Kylie de repente sentiu seu bolso esquerdo vibrar. Ah, droga! Tinha se esquecido completamente de que ainda estava com o telefone de Holiday.

Ao pegar o telefone, viu que era Burnett enviando uma mensagem a Holiday. Sua intuição lhe dizia que Holiday precisava lê-la. Ela correu para fora do quarto e gritou para Della.

— Vamos sair!

Sabendo que Della iria alcançá-la, Kylie abriu a porta da frente. Em questão de segundos, a amiga estava ao seu lado.

— Para onde estamos indo?

— Para o escritório. Preciso falar com Holiday.

— E você ainda não vai me dizer o que está acontecendo...

— Sinto muito. — Kylie apressou o passo.

Ela pediu para Della esperar do lado de fora. A vampira revirou os olhos, mas não disse nada. Quando Kylie entrou no escritório, a porta de Holiday estava fechada. Ela bateu.

— Quem é? — perguntou Holiday, e Kylie sentiu que a *fae* estava esperando que fosse Burnett.

— Sou eu. — Kylie abriu a porta.

Holiday estava de pé atrás de sua mesa. Ela suspirou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. A *fae* não ficava muito mais bonita do que Kylie ao chorar.

— Eu sinto muito. — A culpa causou um nó na garganta de Kylie.

— Não é culpa sua.

— É, sim. Ele não devia ter ouvido a notícia daquele jeito. Eu estava tão...

— Furiosa — Holiday terminou a frase por ela. — E você tinha o direito de estar. Ele foi precipitado. Tem de fato o hábito de fazer isso. — A voz dela tremeu.

Kylie viu as caixas dos testes de gravidez no lixo.

— Você fez os testes?

Ela assentiu.

— E então?

Ela confirmou com a cabeça.

— Todos os três deram positivo. Qual é a chance de estarem errados?

— Burnett sabe? — perguntou Kylie.

Holiday balançou a cabeça.

— Ele nem entrou no escritório. Não disse uma palavra. Entrou no carro e saiu.

— Espere. Ele disse alguma coisa. — Kylie puxou do bolso o telefone de Holiday. — Você recebeu uma mensagem dele. Foi por isso que vim aqui. Achei que poderia ser importante.

Holiday pegou o telefone e apertou alguns botões quase em pânico.

Lágrimas encheram seus olhos e ela colocou uma mão sobre os lábios trêmulos.

— É uma reação boa ou ruim? — perguntou Kylie.

Holiday ergueu os olhos cheios de lágrimas, mas com um sorriso.

— Ele escreveu: “Estou na floricultura, tentando descobrir qual flor quer dizer: sou um idiota, por favor me perdoe”. — Ela suspirou. — Ele é um idiota! — Ela soluçou.

— Mas sou o *seu* idiota! — Burnett disse da porta.

Kylie olhou para trás e viu Burnett entrar carregando o maior e mais estranho buquê de flores que ela já vira. Holiday desabou na cadeira. Algumas lágrimas escorriam pelo rosto dela.

Ele passou por Kylie e colocou as flores na mesa de Holiday, praticamente ocupando toda a superfície da mesa.

— Você não disse que tipo de flor eu devia comprar, então trouxe um pouco de tudo.

Os olhos de Burnett se desviaram para o cesto de lixo, onde ele obviamente viu as embalagens dos testes de gravidez. Ele olhou para Holiday.

— Estamos esperando um bebê?

Ela assentiu com a cabeça e enxugou o rosto.

— Me perdoe — disse ele com pura emoção na voz. — Eu só estou com medo. Não tive pai e a maioria dos meus pais adotivos não era o que você chamaria de bom exemplo. Mas então percebi que você vai ser uma mãe tão maravilhosa, que não tem importância se eu não for um pai tão bom assim.

— Você vai ser um ótimo pai — Holiday soluçou.

— Mas se eu não for, você vai me colocar nos eixos, não vai?

Ela concordou com a cabeça.

— Pode apostar que vou.

Kylie sorriu e começou a recuar. Ela estava quase na porta quando Burnett se virou.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, também.

Kylie assentiu.

— E eu te devo um.

Burnett sorriu.

— Aceito.

— Mas sem mais segredos — disse Kylie. — Mesmo entre você e Hayden. Se eles me envolvem, eu quero saber.

Ele suspirou.

— Combinado. Agora que praticamente tudo ficou esclarecido, você pode sair para que eu possa beijar a mãe do meu filho e não me preocupar em ofender seus olhos de donzela?

— Capriche no beijo. — Kylie sorriu e começou a sair.

— Kylie? — chamou Holiday.

Kylie se voltou.

— Os Brightens ligaram enquanto estávamos fora. Eles ainda estão pretendendo vir amanhã. Eu só queria lembrá-la.

Kylie acenou com a cabeça e saiu, tentando descobrir o que iria dizer aos Brightens.

Ela mal tinha colocado um pé para fora da varanda quando Della correu até ela e gritou.

— Holiday está grávida?

Kylie cobriu a boca da vampira com a palma da mão e franziu a testa.

— Você não deveria estar escutando a conversa.

— Eu não tive intenção. — Della bufou atrás dos dedos de Kylie. — A voz de Burnett apenas foi carregada pelo vento.

— Certo. — Kylie desviou os olhos para Della, em descrença.

Della gritou novamente.

— Isso é muito legal!

Kylie, afastando a preocupação com os Brightens, de repente sentiu vontade de gritar também.

— O que é legal? — perguntou Miranda, subindo pela trilha.

Della olhou para Kylie.

— Nós temos que dizer a Miranda. Só para ela.

— É isso aí, vocês têm que me dizer — Miranda gritou. — Não sei o que é, mas quero saber.

Kylie arquejou.

— Ok, mas você não pode contar a ninguém.

— Não vou contar a ninguém — disse Miranda. — O que é? — Ela esfregou as mãos, animada para saber o segredo.

Della afastou-as do escritório, e as três ficaram sob algumas árvores ao lado da trilha.

— Adivinhe quem está grávida? — Della cochichou.

Miranda olhou feito boba para Kylie.

— Mas você disse que nunca tinha transado!

— Eu, não! — defendeu-se Kylie. — Holiday.

O queixo de Miranda caiu.

— Oh, meu Deus! Nós vamos ter um bebê Burnett correndo por aí? Isso é legal mesmo! — concordou, com um sorriu de orelha a orelha.

— Eu sei. — Kylie de repente não conseguia parar de sorrir.

Ou não podia até que alguém deixou cair da árvore em cima dela uma cabeça decepada, bem sobre o seu pé. Kylie gritou e chutou a cabeça, que rolou uns bons dois metros de distância. Ela gritou novamente quando viu os olhos da cabeça balançando e olhando para ela.

Na manhã seguinte, Kylie se levantou e foi se sentar em frente ao computador para checar seus e-mails antes de tomar o café da manhã com Della e Miranda. Ela se sentou ali e ficou olhando para a tela preta do computador quase em transe. Não tinha tido nenhum sonho, nem visto nenhuma cabeça decepada caindo de árvores nem recebido visitas de espadas. Ela nem tinha dormido ainda. O que a mantinha de pé eram todos os seus outros problemas. A maioria deles questões do coração.

Ela ficou acordada um tempo pensando no encontro que teria naquele dia com os pais adotivos de Daniel, perguntando-se o que deveria dizer, ou não dizer. Ela tinha se afeiçoado ao seu verdadeiro avô, mas ele não fora o homem que criara seu pai. Não tinha lhe ensinado a andar de bicicleta ou a jogar beisebol. Ele na verdade não conhecera o próprio filho, mas essas pessoas, sim. O que elas diriam sobre seu pai? Será que o haviam amado, sentido falta dele desde que fora levado tão precocemente desta vida?

Isso fez com que começasse a sentir a falta do pai. Então, pegou as fotos dele e passou uma boa hora só olhando para elas, falando com ele. Sim, ela falava com o pai como se ele estivesse ali, ouvindo cada palavra que dizia. Ela lhe contou sobre suas missões. Como queria encontrar uma maneira de ajudar todos os outros camaleões adolescentes. Agora só faltava descobrir como fazer isso. Ela lhe contou sobre Mario, como ela se sentia no fundo, agora que tinha que enfrentá-lo. Pessoalmente.

Confessou ao pai quanto isso realmente a assustava. Tinha medo por causa da maldade que emanava do homem, e porque ela não achava que tivesse o poder necessário para enfrentá-lo e vencer.

Algumas vezes durante a conversa, ela podia jurar que sentia o pai perto dela, uma espécie de leve calafrio que ela conhecia bem — e que a aquecia por dentro. Um calafrio que lhe sussurrava que ela não estaria sozinha, nem ao enfrentar Mario, nem durante a visita dos avós. Então ela tornou a ouvir as palavras que ele lhe dissera não muito tempo atrás. *Mas logo. Em breve, vamos descobrir isso juntos.*

Seria seu destino enfrentar Mario e ser derrotada? Será que ela iria se juntar ao pai do outro lado?

Colocou as fotos de volta no envelope, o coração batendo um pouco mais rápido, e mais uma vez se lembrou de Holiday falando que ela não achava que era isso que o pai queria dizer. Meu Deus, Kylie esperava que não! Não estava pronta para deixar este mundo.

Quando parou de se preocupar com a mensagem de Daniel — preferindo acreditar em Holiday, ou pelo menos tentar acreditar — e com o encontro com os avós, ela começou a ficar obcecada com o que Fredericka lhe dissera. Era por causa de Kylie que Lucas provavelmente não iria entrar no Conselho dos lobisomens. Ela sabia que não era culpa dela — ele tinha se metido naquela confusão

—, mas a culpa ainda espicaçava a sua consciência. Era difícil sentir tanta raiva e culpa ao mesmo tempo pela mesma pessoa. Como iria lidar com aquilo? Ela não sabia.

Kylie também tinha que se entender com Derek. Cortar o mal pela raiz antes que as coisas ficassem fora de controle, se é que já não estavam. Lembrou-se do almoço do dia anterior, motivo pelo qual Kylie tinha ficado na cabana e pedido para Miranda lhe trazer algumas fatias de pizza para o jantar. Ah, seu velho truque para evitar as pessoas ainda estava em boas condições de funcionamento! Ela devia ficar orgulhosa... “Vai sonhando”, disse a si mesma...

Mas, honestamente, ela sabia que não deveria nem poderia continuar evitando Derek.

O garoto merecia saber a verdade. Agora, se ela pudesse descobrir qual era exatamente essa verdade, ela lhe diria. Espere aí! Ela sabia qual era, não sabia? Ou, pelo menos sabia parte dela. Ela não tinha admitido que amava Lucas? Ainda o amava, apesar do que ele tinha feito. Então por que tinha deixado que Derek a beijasse no sonho lúcido?

Seria porque no fundo ela ainda sentia alguma coisa por Derek? Ou será que só temia perder Lucas e não queria ficar sem ninguém? Ou talvez fosse porque estava com raiva de Lucas e de alguma forma se sentira vingada ao beijar Derek... Ou seria porque ela era simplesmente uma grande idiota?

Perguntas.

Nenhuma resposta.

— Nós vamos tomar café? — perguntou Della.

— Vamos — murmurou Kylie, olhando para a tela preta do computador. — Estou só verificando meus e-mails.

Della soltou uma risada sarcástica.

— Acho que seria bom ligar o computador primeiro. Ou será que seus poderes agora permitem que você leia seus e-mails com o computador desligado?

Kylie ligou o computador e olhou por cima do ombro para franzir a testa para Della.

— Você não se lembra da regra? Não pode bancar a sabichona antes do café da manhã. Eu preciso de energia para lidar com isso.

Miranda entrou na sala.

— Eu, pessoalmente, acho que ela devia esperar até depois do almoço. Isso nos dá duas refeições para lidar com suas piadinhas sem graça.

— Vocês duas se acham tão engraçadas... — contra-atacou Della.

— Somos engraçadas — respondeu Miranda.

— Uma verdadeira dupla de comediantes. — Kylie abriu sua caixa de e-mails para fazer uma verificação rápida. Um era de seu padrasto.

Iria responder mais tarde.

Um de... Sara.

Droga, ela não pensava na sua antiga melhor amiga havia quase duas semanas! Engraçado como uma pessoa podia ser tão importante na nossa vida e depois... passarmos um longo período de tempo

sem sequer pensar nela.

Não era culpa de ninguém. A vida leva as pessoas em direções diferentes.

Kylie tinha lido em alguma revista adolescente que normalmente acontecia isso depois da formatura no colegial. Ela achava que tinha seguido um caminho diferente na vida um pouco mais cedo do que o resto dos adolescentes. Mesmo assim era triste.

Um buraco pareceu se abrir em seu peito. Um lugar que antes costumava ser ocupado por Sara.

Ela clicou no e-mail de Sara, rezando para que não fossem más notícias, como, por exemplo: o câncer ter voltado ou ela achar que estava grávida novamente, ou ter decidido ir para um convento e tornar-se freira. Com Sara, tudo era possível.

Olá... Cortei o cabelo. Achei que você talvez quisesse ver. Não ria. Estou me sentindo corajosa agora que sobrevivi a um câncer. Aposto que a sua amiga Miranda vai aprovar. Me ligue quando tiver uma chance.

Sabendo que Della e Miranda estavam esperando, Kylie abriu a foto apenas para dar uma espiada. Quando a imagem de Sara, com o cabelo cor-de-rosa, curto e espetado, encheu a tela, um sorriso deslizou pelos lábios de Kylie.

Ela ouviu pés se arrastando atrás dela.

— Estou indo! — gritou, pensando que a qualquer minuto Della iria reclamar. Kylie pegou o telefone e a carteira, mas logo que se levantou, outro e-mail chegou. Era da mãe, que deveria ter retornado da Inglaterra pela manhã. Obviamente, ela já estava em casa.

— Sério? Eu não vejo você se movendo... — disse Della, com sarcasmo.

Ok, o e-mail da mãe teria que esperar, também.

Ao encontrá-las na porta, Kylie olhou para suas duas melhores amigas e sentiu uma onda de tristeza. Não pelo presente, mas pelo que poderia acontecer no futuro.

— Prometem uma coisa? — disse Kylie.

— O quê? — elas perguntaram ao mesmo tempo.

— Quando a gente se formar, não vamos perder contato. Precisamos ir as três para a mesma faculdade. Estou falando sério. Holiday estava falando sobre pegarmos o formulário de algumas faculdades, e precisamos preencher os das mesmas faculdades. E poderíamos alugar um apartamento juntas.

— Poderíamos nos tornar lésbicas e formar um triângulo amoroso — disse Della, rindo.

— Lamento muito — disse Miranda, rindo também. — Eu já vi você pelada e não senti nenhuma atração.

— Por causa dos meus peitinhos minúsculos, não é? — Della perguntou, sorrindo.

Riram ao longo de todo o caminho para o refeitório.

Derek e Lucas não apareceram para o café da manhã, o que Kylie achou ótimo. O fato de haver menos tensão no ar devia abrir o apetite, porque ela comeu seus ovos mexidos com bacon em tempo recorde. Seu celular tocou justamente quando ela estava prestes a empurrar a bandeja. Quando viu o número do padraço, decidiu retornar a ligação um pouco mais tarde. Ela não achava que ele conseguiria amenizar tão cedo a dor que sentia em relação à mãe dela. Então o telefone apitou, alertando para a chegada de uma mensagem. Não poderia ser o padraço dela, pois ele não mandava mensagens. Kylie esperou um segundo antes de verificar quem era. Duas palavras apareceram.

Saudade. Lucas.

Sinto saudade, também, ela pensou, mas não mandou nenhuma mensagem de volta. A emoção sussurrava em seu peito.

O som de outra bandeja sendo colocada sobre a mesa fez Kylie levantar o olhar.

Steve, o metamorfo gostosão, que tinha deixado um chupão logo abaixo da clavícula esquerda de Della, sentou-se ao lado da vampirinha.

Della ficou completamente imóvel, paralisada, e fulminou com o olhar o seu café da manhã intocado. Se olhares pudessem matar, aquele café da manhã já estaria carbonizado.

— Bom dia! — cumprimentou Steve.

— Você tem que ir embora — disse Della sem olhar para ele.

— Por quê? — ele perguntou.

Della hesitou.

— Porque eu sou a sombra de Kylie e não posso me distrair.

Essa era a desculpa mais esfarrapada que Kylie já tinha ouvido e, pela expressão de Steve, ele achava o mesmo.

— Então, eu sou uma distração para você, hein? — disse ele, inclinando-se na direção dela, com um meio sorriso nos lábios.

— Vá embora! — Ela olhou para cima, com os olhos esverdeados de pura raiva.

O meio sorriso desapareceu dos olhos do metamorfo e ele se levantou, pegou sua bandeja e foi se sentar à mesa dos membros da sua espécie.

— Isso não foi nem um pouco educado — disse Kylie.

— Eu sei — disse Della. — Não sei por que ele age dessa forma.

— Eu estava falando de você! — Kylie inclinou-se e fez uma cara feia para Della.

— Sim, e disse uma mentira também — acrescentou Perry, sentado duas cadeiras mais adiante. — Eu sou a sombra de Kylie agora.

Della fez uma careta e se levantou.

— Você já acabou de comer?

Poucos minutos depois, eles caminharam do lado de fora, para o local onde seria anunciada a Hora do Encontro — Della de um lado de Kylie e Miranda e Perry do outro. Kylie de repente se pegou olhando em volta, à procura de Derek ou Lucas. Nenhum dos dois tinha aparecido ainda. Mas então ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Olhando para trás, viu Derek em pé a alguns metros,

às suas costas. Seus olhos verdes se encontraram com os dela e Kylie se lembrou novamente do beijo no sonho.

— Ok — disse Chris, chamando a atenção de Kylie para a frente. — O primeiro par de hoje... — Ele puxou um pedaço de papel de sua cartola, que sempre pareceu uma idiotice para Kylie, mas Chris obviamente adorava.

Ela se perguntava se Chris por acaso queria ser mágico, quando criança. Lendo o papel, o vampiro chefe desviou os olhos para o grupo de alunos. O coração de Kylie acelerou quando o olhar dele chegou perto dela e começou a se mover mais devagar. *De novo não! Quem teria sido dessa vez?*

Então os olhos dele passaram por Kylie, por Miranda, e pararam. Por alguma razão maluca, Kylie teve um mau pressentimento. O sorriso furtivo nos lábios de Chris foi a prova de que ela estava certa.

— Perry, amigo velho — disse Chris. — Você vai ter o prazer de passar uma hora com Nikki.

Capítulo Vinte e Dois

O pressentimento ruim não só estava exato, como era um eufemismo.

Não era apenas ruim, era na verdade pavoroso!

O olhar de Kylie se desviou da expressão chocada de Perry e se fixou em Miranda.

A bruxinha ficou dura como uma pedra. A única coisa que se movia nela eram os olhos, enquanto examinava a multidão, obviamente à procura de Nikki.

E, quando os olhos de Miranda pararam de se mover — o que significava que tinham encontrado a culpada —, seu olhar se encheu de ciúmes. E de repente outra parte do corpo da bruxa começou a se mover: o dedo mindinho.

— Não! — Kylie deixou escapar, mas era tarde demais. A loira e bonita Nikki desapareceu e em pé, no mesmo lugar, surgiu um aturdido e furioso canguru.

Ah, mas Miranda não tinha terminado ainda. Seu mindinho continuou a se mexer.

Kylie engasgou quando espinhas começaram a aparecer no pobre marsupial de um metro e meio. Kylie podia ouvir a ameaça favorita de Miranda em sua mente.

Vou lhe causar o pior caso de acne que você já viu.

Miranda estava certa. Kylie nunca tinha visto espinhas tão inflamadas! Claro que ela também nunca tinha visto um canguru com espinhas...

Todos na multidão começaram a uivar de tanto rir. Embora Nikki fosse a causadora de tudo aquilo, Kylie sentiu pena dela. E, francamente, se Miranda não estivesse verde de ciúmes, ela acharia engraçado também.

Kylie agarrou o braço de Miranda, inclinou-se e sussurrou:

— Ela não devia ter feito isso, mas... transforme Nikki em gente outra vez. Traga a garota de volta agora, antes que você se esqueça de como quebrar o feitiço!

Miranda franziu a testa, mas Kylie viu a lógica prevalecer no cérebro da amiga. Ela mordeu o lábio, apontou o dedo mindinho, murmurou algumas coisas e *puf*, Nikki apareceu num passe de mágica, não na forma de canguru, mas de uma metamorfa morta de vergonha e de raiva.

O riso da multidão deve ter aumentado seu constrangimento. Em vez de se transformar em algo feroz e partir a bruxinha em duas, lágrimas encheram os olhos de Nikki e ela saiu correndo.

Perry olhou ao redor e encarou Miranda.

— Por que você fez isso?

Merda!, Kylie pensou, sabendo que Perry tinha dito a coisa errada.

Miranda, já com uma expressão de remorso, franziu a testa para ele.

— Você está do lado dela? Ela está tentando roubar você de mim e agora você está do lado dela!

— Não, eu não estou... Mas isso foi uma burrice e tanto! — disse ele.

Ah, merda!, Kylie pensou outra vez. Miranda não gostou nada da palavra que ele usou.

O rosto da bruxa ficou vermelho e lágrimas encheram seus olhos.

— Burrice? — perguntou rispidamente. — Tudo bem, se eu sou burra, por que você não corre atrás de Nikki e vai consolá-la? Porque ela pode ficar com você, se é o que você quer!

— O que está acontecendo? — Holiday veio correndo do refeitório.

Enquanto várias pessoas começavam a contar a Holiday o que estava acontecendo, Miranda saiu correndo.

Kylie virou-se para Perry, que ficou ali olhando Miranda se afastar, magoadíssima.

— Ei! — chamou Kylie. Quando Perry não respondeu, ela deu um bom puxão na manga dele. — Não fique aí parado. Vá atrás dela e diga que você sente muito.

— O que eu fiz? — ele perguntou.

— Primeiro você a chamou de burra. Como ela é disléxica, odeia essa palavra. Em segundo lugar, goste você ou não, parecia que você estava tomando o partido de Nikki.

— Não, eu disse que o que ela fez foi burrice. E foi mesmo. — Perry olhou para Holiday. — Ela vai levar a maior bronca de Holiday. Por que diabos Miranda tinha que fazer aquilo?

— Provavelmente, pela mesma razão que um metamorfo certa vez se transformou num grande urso e num leão gigante e tentou rasgar outro metamorfo ao meio por beijar alguém. Porque ela está com ciúmes. Você não se lembra de como é sentir ciúmes?

Perry fez uma careta.

— Sim, eu me lembro. — A culpa escureceu os olhos de Perry. — Merda. Eu arruinei tudo, não foi? — Ele passou a mão pelos cabelos loiros. — Mas eu não estava tomando o partido de Nikki. Eu só não queria que Miranda ficasse em apuros.

— Então vá dizer isso a ela. Explique o que você quis dizer. E aí faça a você mesmo e a Nikki um favor e diga a ela para desistir de você.

— Eu... não incentivei essa garota nem um pouco.

— Mas você disse a ela que está com Miranda e que simplesmente não vai rolar nada entre vocês dois? Porque, obviamente, ela ainda acha que vocês têm uma chance. E não é justo que Miranda tenha que aturar essa confusão, e não é justo que Nikki tenha esperança quando não deveria. Agora vá e conserte essa encrenca em que se meteu antes que seja tarde demais.

Logo em seguida o conselho de Kylie para Perry se virou contra ela. Porque esse era justamente o conselho que ela precisava ouvir também. Perry não era o único que tinha que consertar as coisas. Ela tinha que falar com Derek. Tinha que ser sincera com relação ao que sentia.

— Eu não posso ir — disse Perry. — Sim, você pode, ou vai se arrepender.

— Não, eu não posso. Sou sua sombra. Burnett vai me matar se eu largar você.

Kylie gemeu. Ela se virou e viu que Derek estava andando na direção deles. Ela o agarrou pelo braço e o puxou até que ele ficasse na frente de Perry.

— Você não é mais a minha sombra. Derek é que é.

— Ótimo! — Derek sorriu e ela sabia que ele estava interpretando mal a intenção dela.

Perry balançou a cabeça.

— Mas Burnett...

— Burnett não vai ficar bravo. Vou explicar tudo a ele. Agora vá antes que seja tarde demais e

Miranda decida não perdoá-lo. Vá! — Ela deu um empurrão no metamorfo.

Perry se transformou em pássaro e saiu voando. Kylie espanou algumas faíscas do seu braço, e em seguida olhou para Derek.

— Vamos — mandou Kylie.

— Aonde? — O olhar com que ele a fitou veio acompanhado de um sorriso sexy.

— Conversar — explicou ela. — Temos que conversar.

— E a Hora do Encontro? — ele perguntou.

Ela soltou um suspiro profundo.

— Esqueça a Hora do Encontro. Você vai vir comigo! — Ela o pegou pelo braço e começou a arrastá-lo.

E, é claro, foi nesse momento que Lucas se aproximou.

Seus olhos azuis encontraram os dela. Ela viu o jeito como ele a olhou. Kylie sentiu o estranho impulso de parar e explicar, mas, quando tentou pensar no que diria ou no motivo por que achava que ele merecia uma explicação, tudo pareceu muito difícil.

Então, ela simplesmente fitou os olhos dele como se pedisse desculpas e se voltou para Derek, que ela arrastava atrás de si. Mais tarde ela cuidaria de Lucas. Como iria fazer isso, não tinha a menor ideia.

— Você quer ir para a pedra? — perguntou Derek, agora andando ao seu lado.

— Não. — O olhar magoado nos olhos de Lucas continuou ecoando em seu coração.

Ele a magoara, mas magoá-lo, mesmo sem intenção, deixava o peito dela apertado de arrependimento.

— Por que não? — Derek perguntou.

— Porque nós temos que conversar, e eu acho que você sabe do que se trata.

Por um segundo, ela desejou que não fosse assim. Seria tão fácil se ela simplesmente escolhesse Derek. Ele não tinha uma alcateia que tentasse afastá-los. Ele não tinha desistido de sua busca e não iria culpá-la um dia por isso.

Mas, por mais que quisesse, ela não conseguia fazer seu coração tomar o rumo mais fácil.

Seu coração, obviamente, queria Lucas. Se ela daria ou não o que ele queria era outra história. Mas ela também não podia dar a Derek o que ele queria. Simplesmente não estava certo.

Ele suspirou, frustrado.

— Por que eu tenho um pressentimento de que isso não vai acabar bem?

Ela o fitou.

— Pode não acabar do jeito que você quer, mas é a coisa certa a fazer.

— Não tenho tanta certeza — disse ele.

Ela o levou para a cabana e, em seguida, lembrando-se de que Miranda e Perry poderiam estar lá dentro resolvendo os seus próprios problemas, ela se sentou no degrau da varanda e fez um gesto para que ele fizesse o mesmo.

Dando uma rápida olhada na porta, Kylie torceu para que Perry tivesse conseguido acalmar Miranda. Droga, talvez eles estivessem lá dentro numa sessão de amassos!

Respirando fundo, ela enfrentou Derek.

— Você sabe como eu me sinto. Por que você está tentando se convencer de que não é verdade?

— O que não é verdade? Admita, Kylie. Você me ama também — disse ele.

Ela puxou uma perna até o peito e abraçou-a.

— Tá, eu não vou mentir, mas não é o tipo de amor que eu sinto por Lucas. E eu sei que você sabe disso, porque você sente o que eu sinto.

— Mas, se reatarmos o namoro, poderíamos corrigir isso.

Ela balançou a cabeça.

— Você não merece isso.

— Não merece o quê? — perguntou ele. — Eu quero você de volta. Você acha que eu não seria feliz?

— Não, de verdade — disse ela. — Não poderia ser. Você merece alguém que seja tão louco por você quanto você é por essa pessoa. Você não merece alguém... que gosta de outra pessoa.

Ela mordeu o lábio e percebeu outra razão por que tinha sentimentos tão fortes com relação a isso.

— Foi isso que aconteceu com meu pai e minha mãe. Ela amava meu verdadeiro pai. Ela gostava do meu padrasto, mas sempre soube que amava mais meu pai. Até a minha mãe admite que essa é provavelmente parte da razão por que ele acabou traindo-a. Ela não consegue perdoá-lo, mas sabe que, em parte, a culpa é dela.

Derek ficou ali sentado em silêncio e então a olhou com uma expressão séria.

— Então você vai aceitar Lucas de volta. Vai perdoá-lo por sair daqui e ficar noivo de outra pessoa.

Ela apertou mais a própria perna.

— Ele não ficou noivo de fato. Voltou atrás antes de chegar a esse ponto.

A cara feia de Derek aumentou.

— Só porque você apareceu, porque descobriu o seu segredinho sujo.

— Sei disso. E não sei o que vou fazer. Ainda não o perdoei, mas também não deixei de amá-lo.

— Mas, se você me der uma chance, talvez volte a me amar também. Acho que você estava realmente apaixonada por mim um tempo atrás. A gente poderia voltar a sentir o mesmo que sentíamos naquele tempo.

— Nós? — Ela suspirou, percebendo o que ele disse. — Veja, nem você sente mais a mesma coisa também.

— Eu não quis dizer... — Ele balançou a cabeça.

— Sim, você quis — disse ela. — Derek, eu acho que nós *fomos* apaixonados um pelo outro — ela admitiu. — E eu não quero te magoar, Derek. Eu realmente me preocupo com você e eu ainda te amo, só que não... dessa maneira. E acho que acontece o mesmo com você.

Ele olhou para as árvores, e ela sentiu que ele precisava de alguns segundos para colocar os sentimentos em ordem. Ela o viu engolir e sentiu sua dor.

Ele inspirou.

— Mas o que tínhamos era tão incrível...

— Eu sei e sinto muito. — Ela sentiu a voz tremer de emoção. Magoá-lo era tão difícil!

Ele olhou para Kylie e ela viu honestidade, preocupação genuína em seu olhar. E Derek não era sempre assim? Ele era um grande cara! E só por isso, merecia alguém que o adorasse, que o amasse mais do que a qualquer outra pessoa.

— Você não fez nada para ter que se desculpar — disse ele. — Não mesmo. Se alguém teve culpa nisso, fui eu quando fiquei com medo e fiz o que fiz. Ou talvez seja apenas o destino. Como as coisas devem ser.

Ela concordou com a cabeça.

— Quero uma coisa de você — disse ele. — Uma promessa.

— O quê? — ela perguntou, sabendo que faria tudo por ele, se fosse possível.

— Não deixe de ser minha amiga. Não me evite, porque acha que o clima pode ficar estranho. Quando precisar de alguma coisa, não hesite em me procurar. Consigo aceitar que não podemos ser namorados, mas não quero perdê-la como amiga e não estou dizendo isso só por dizer. Estou falando sério.

Ela assentiu.

— Prometo. — As lágrimas encheram os olhos dela.

— E quando você voltar para Lucas, faça-o entender que eu ainda gostaria de fazer parte da sua vida, como amigo.

— Eu te disse, eu não sei se vamos voltar...

Ele estendeu a mão e secou uma lágrima que escorria pelo rosto dela.

— Sim, você vai. Porque, quando você ama alguém, você perdoa.

A respiração de Kylie tremeu.

— Como você está me perdendo agora? — E outra lágrima escorreu.

— Eu já disse, você não fez nada que eu tenha que perdoar. Mas se fizesse alguma coisa, sim, eu te perdoaria.

Ela inspirou e olhou para o próprio pé.

— Mesmo que fosse por minha causa que você não conseguisse realizar a única coisa que sempre quis na vida?

— Não estou entendendo — disse Derek.

— Desculpe. Só estou pensando em voz alta.

— Está falando de Lucas? — perguntou Derek.

Kylie acenou com a cabeça e percebeu quanto estava sendo insensível.

— Me desculpe — ela repetiu.

— Não se desculpe. — Ele soltou o ar dos pulmões. — Isso é o que eu estou falando para você *não* fazer. Eu quero que você converse comigo. — Ele entrelaçou as mãos. — Olhe, não me agrada ter que dizer isso, mas Lucas realmente ama você. Eu posso sentir. E ele está sofrendo como o diabo agora. Não importa o que seja, se você acha que ele não vai te perdoar, bem, você está errada.

Ela passou a mão pela perna antes de falar.

— Por minha causa ele não vai entrar no Conselho dos lobisomens. Não vai conseguir mudar todas as coisas que queria mudar no seu próprio povo. Sua própria alcateia provavelmente vai destituí-lo. Mais cedo ou mais tarde...

— Mas ele te escolheu, Kylie. Ele fez essa escolha. Você não forçou a barra.

Kylie negou com a cabeça, mas olhou-o nos olhos.

— Talvez tenha sido a escolha errada.

Ele se inclinou e roçou o ombro dela com carinho.

— Aposto que ele não pensa assim.

Ela balançou a cabeça.

— Ser um lobisomem significa tudo para ele.

O telefone de Kylie apitou avisando da chegada de uma mensagem; um segundo depois, o celular de Derek fez o mesmo. Ela puxou o dela do bolso e viu o nome de Burnett na tela. Ela olhou para Derek, que olhou para ela ao mesmo tempo.

— Uma mensagem de Burnett — disse Derek.

— Ah, merda! — disse Kylie, apertando o botão para ler a mensagem.

Venha para o escritório agora!, dizia a mensagem de Burnett.

Santo Deus!, Kylie pensou. O que poderia estar acontecendo agora?

A mensagem de Burnett para Derek dizia quase a mesma coisa: *Traga Kylie ao escritório agora!* Então, Kylie e Derek correram para o escritório. Ela poderia ter corrido mais rápido se deixasse Derek para trás, mas se conteve. Que diferença fariam mais alguns segundos?

No entanto, no momento em que ela chegou na frente do escritório, seu coração estava martelando no peito. Do esforço ou de medo do que a aguardava, Kylie não sabia ao certo.

Ela ainda não tinha subido o degrau do escritório quando ouviu as vozes.

Droga!, pensou Kylie, o que será que seu padrasto estava fazendo ali?

— É meu padrasto — Kylie disse a Derek. — É melhor eu cuidar disso sozinha.

Ela correu para dentro e encontrou Burnett, Holiday, o padrasto e Jonathon na sala de Holiday. Que diabos Jonathon estaria fazendo ali? Tom Galen estava no meio da sala, de frente para a mesa de Holiday. A *fae* estava sentada na cadeira com um ar descontraído, como se fosse a própria personificação da calma, mas a postura do seu padrasto não expressava o mesmo estado de espírito. Os ombros dele estavam rígidos, as mãos crispadas.

E, assim como seu padrasto, Burnett parecia um pouco tenso, mas ela poderia dizer que ele estava tentando se conter. Mas Jonathon... o vampiro parecia apenas se sentir culpado. E Kylie teve um mau pressentimento.

O olhar de Holiday se desviou brevemente para Kylie, assim como o de Burnett, mas o padrasto não percebeu que ela estava lá.

— Que tipo de escola vocês têm aqui? — perguntou Tom Galen, num tom indignado.

— O mesmo tipo de escola que você vê em todo lugar — respondeu Holiday, com a voz tranquila. — Nós temos um portão de segurança por uma razão. Você passou por ele e disparou o alarme. Foi equivocadamente considerado uma ameaça.

— Eu não sou uma ameaça, droga! Eu sou o pai de uma aluna.

— Os pais não costumam tentar invadir a escola dos filhos — Burnett insistiu.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie.

O padrasto se virou e sua tensão diminuiu pelo menos um pouco ao vê-la.

— Eu pulei o portão, em vez de apertar a campainha, e por um instante pensei que estava entrando num quartel-general. Fui interceptado por esse moleque aqui.

Holiday levantou os olhos e Kylie pôde ver por sua expressão que ela estava tentando ser simpática.

— Jonathon viu seu pai e fez um mau julgamento. Em vez de fazer perguntas, como deveria ter feito, ele o deteve...

— Deteve? Ele me derrubou no chão! — O padrasto esfregou a lateral do corpo. — E preciso dizer que, para um garoto franzino, ele é um bocado forte!

— Sentimos muito — disse Holiday. — Não sentimos, Jonathon?

— Sim, muito, senhor — concordou Jonathon.

— Pai — disse Kylie. — A namorada do Jonathon foi atacada na semana passada. Você pode entender que ele se sente um pouco superprotetor agora.

Jonathon concordou com a cabeça. Holiday olhou para Kylie, como se dissesse, boa jogada.

Burnett pareceu concordar.

O padrasto suspirou.

— Sinto muito que a sua namorada tenha sido atacada. Ela está bem? — ele perguntou a Jonathon.

— Está — disse Jonathon, e então se encolheu como se tivesse se lembrado de demonstrar boas maneiras. — Ah, quero dizer, sim, senhor, e muito obrigado.

Com a maior parte da tensão se dissipando, Kylie olhou para o padrasto.

— O que você está fazendo aqui, pai?

Ele franziu a testa.

— Vim vê-la. Eu lhe escrevi um e-mail ontem à noite e liguei esta manhã. Você saberia que eu estava chegando, se tivesse atendido à minha ligação ou lido o meu e-mail.

— Sinto muito — disse ela. — Foi uma manhã muito agitada.

— Ela estava assistindo aula — Burnett acrescentou.

O padrasto pareceu querer pedir desculpas.

— Minha empresa me enviou a Shadow Falls para uma reunião numa filial. Mas só vai começar às duas da tarde, e eu pensei que talvez pudesse te roubar um pouquinho, para que tomássemos o café da manhã juntos.

Atrás de Tom Galen, Kylie viu a carranca de Burnett. O vampiro havia deixado claro que ela não deixaria a escola sem ele até que tivessem certeza de que Mario não estava mais nas proximidades. Burnett olhou diretamente para Kylie e sacudiu a cabeça com determinação. Ele não estava simplesmente dizendo não, ele estava dizendo “Nem por cima do meu cadáver!”.

— Hã... eu já tomei café — disse Kylie.

— Bem, a gente pode simplesmente ir beber alguma coisa — disse o padrasto.

Kylie deu outra olhada rápida em Burnett. O homem ainda estava dizendo firmemente que não com a cabeça.

— Eu... tenho aula — disse Kylie.

A decepção encheu os olhos do padrasto. Ela odiava magoá-lo.

Aquela manhã ela já tinha magoado Lucas, depois Derek e agora o padrasto. Mas que dia...

— Mas, Kylie — contestou ele —, tenho certeza de que você tem uns minutinhos para conversar comigo.

Ela sentiu a tensão aumentar dentro dela e dentro da sala. O padrasto não ia desistir e, aparentemente, Burnett também não.

Aquele encontro não ia acabar bem...

Capítulo Vinte e Três

Kylie concentrou o olhar no padrasto, tentando não prestar muita atenção à cena que se desenrolava atrás dele — ou seja, a discussão não verbal entre Holiday e Burnett. Uma discussão que rivalizava com os antigos filmes mudos, incluindo alguns movimentos de mão muito irritados e algumas expressões faciais muito infelizes e efusivas.

— Hã... — disse Kylie, uma simples tática de adiamento porque, precisava admitir, não tinha a menor ideia do que dizer.

— Claro que você deve passar algum tempo com seu pai — Holiday finalmente disse.

Burnett cerrou o maxilar com tanta força que Kylie poderia apostar que os dentes do vampiro tinham se achatado alguns milímetros.

Holiday se levantou.

— No entanto, Kylie tem uma prova na próxima aula. Que tal voltar em cerca de uma hora ou uma hora e meia e vocês dois podem ir almoçar em algum lugar? Acho que Kylie estava me dizendo outro dia que há uma lanchonete no centro de Shadow Falls aonde ela queria ir. Como se chamava? Burgers R Us?

Kylie acenou com a cabeça, mesmo sem saber a que restaurante Holiday estava se referindo.

A expressão de Burnett ficou menos tensa; ou ele estava sendo mais razoável ou já estava a par do plano de Holiday. Kylie só queria estar a par desse plano também, porque ela não fazia ideia do que estava acontecendo.

O padrasto se virou para Kylie.

— Acho que eu poderia dar uma volta de carro e voltar ali pelas onze horas. Há lugares muito bonitos por aqui.

— Seria ótimo! — disse Kylie.

— Ok! — concordou o padrasto, estendendo a mão e puxando-a para um abraço apertado. O calor de seu abraço infiltrou-se no peito de Kylie e deveria ter feito desaparecer seu pânico. E ele provavelmente teria se dissipado se, sobre o ombro dele, ela não estivesse vendo uma espada a ponto de cair de algum lugar mais acima. A arma bateu com força no chão e causou um barulho metálico ao se fincar na madeira, de pé, bem no meio da mesa de Holiday.

O coração de Kylie deu um salto e ela sentiu o padrasto se encolher ao ouvir o barulho. Um pensamento surgiu em sua cabeça. Como iria explicar isso a ele?

Burnett voou para a mesa na velocidade de vampiro. Pegou a espada, derrubando a xícara de chá de Holiday, e escondeu a arma atrás das costas num movimento rápido.

Apenas uma fração de segundo depois, o pai dela se afastou e se virou para verificar a fonte do barulho.

— Que mer... porcaria é essa? — Jonathon murmurou, e então corou quando percebeu o que quase disse.

Burnett fez uma careta para Jonathon. Holiday sorriu, merecendo ganhar um Oscar pela sua atuação.

— Caramba, juro que essa é a segunda xícara de chá que eu derrubo hoje!

O padrasto apenas olhou para Kylie, que não tinha respirado desde a aparição milagrosa da espada.

— Então eu vejo você em uma hora e meia.

Ela assentiu com a cabeça e inspirou.

— Combinado? — ele perguntou.

Ela encheu os pulmões de oxigênio e, com sorte, o cérebro também.

— Você vai me acompanhar até lá fora? — ele perguntou.

Sentindo-se um pouco como um daqueles bonequinhos com a cabeça de mola, ela balançou a cabeça novamente e acrescentou um sorriso, esperando parecer mais convincente.

O padrasto deu um passo e parou, olhando para ela.

— Você está bem? Parece que viu um fantasma.

Um fantasma que poderia ter que enfrentar, ela pensou.

— Estou bem. — As palavras saíram estridentes. Infelizmente, ela simplesmente não era uma atriz digna de um Oscar como Holiday.

— Acho que dá pra ir — disse Kylie ao padrasto, erguendo os olhos do folheto sobre uma excursão com guia através do Grand Canyon — uma viagem que ele estava planejando para os dois no verão. — Parece ótimo! — Não era realmente uma mentira, mas ela apostaria que Chris, o vampiro sentado a uma mesa de distância dela e do pai, no restaurante, já devia ter ouvido seu coração falar algo diferente.

Ela sentiu Lucas, sentado em frente a Chris, olhar para ela e seu coração deu um pequeno salto. Burnett tinha escolhido duas pessoas — duas que ele achava que o padrasto dela provavelmente não iria reconhecer — para bancarem os guarda-costas disfarçados durante o almoço. Quando ele lhe dissera que colocaria duas pessoas para protegê-la no restaurante, ela não tinha considerado que ele escolheria Lucas.

Mal sabia Burnett que Kylie temia que o padrasto reconhecesse Lucas da época em que ele era apenas um garoto e morava numa casa vizinha à deles. O garoto que Kylie tinha acusado de matar seu gato.

Felizmente, o padrasto não tinha prestado muita atenção em Lucas até aquele momento. Nem notara o falcão seguindo o carro por todo o trajeto até a cidade. Ela apostava seu melhor sutiã que o falcão respondia pelo nome de Perry.

Kylie tinha tido tempo, antes do retorno do padrasto, para encontrar Miranda e certificar-se de que ela estava bem. A bruxinha ainda estava abalada. Ela havia feito as pazes com Perry, mas tinha

um horário marcado com Holiday, para uma conversa séria. Sem dúvida, suas atitudes teriam algumas consequências. Embora Miranda não estivesse ansiosa para saber que consequências eram essas, ela concordava que tinha agido mal.

— Eu achei que você ia gostar — disse o padrasto, fazendo-a voltar a atenção para o presente. — É mais ou menos como o que fizemos em Taos, no Novo México. Haverá um trecho que teremos que percorrer de caiaque, mas nada muito perigoso.

Os olhos do pai se iluminaram com entusiasmo. Kylie se sentiu mal por não sentir a mesma emoção. Ela praticamente tinha passado os últimos 45 minutos ali rezando para que a espada não aparecesse e matasse algum cliente do restaurante. Mas agora, vendo os olhos do padrasto assumirem uma expressão de preocupação, ela se esforçou mais para fazer uma cara melhor.

— Lembra do filhote de cervo que vimos naquela viagem? — perguntou Kylie. — E aquele líder de acampamento que perdeu feio todos os jogos?

— Ah, sim. — O sorriso dele se alargou. — Fizemos algumas viagens muito legais.

— É mesmo! — Ela colocou a mão em cima da dele e ele virou a palma para cima e apertou a dela. Ela sentiu o amor irradiando da palma do padrasto.

— Você sabe o quanto eu sinto sua falta? Eu realmente gostaria que você pensasse em voltar a morar comigo.

Ela mordeu o lábio, lembrando de que isso era tudo o que ela queria quando ele saíra de casa. Sua vida naqueles três meses tinha mudado tanto!

Dando outro aperto na mão do padrasto, ela disse:

— Eu realmente gosto de Shadow Falls. Mas a gente vai fazer essa viagem no verão! — Deus!, ela esperava que Mario já tivesse sido pego até então, e ela não estivesse mentindo.

Ele assentiu.

— Eu entendo. Minha menininha está crescendo. — A emoção encheu os olhos dele e ele olhou em volta. O coração de Kylie quase parou com medo que ele reconhecesse Lucas.

— Você gostou do hambúrguer? — ela deixou escapar, para chamar a atenção dele para ela.

— Adorei. Você estava certa ao sugerir que viéssemos aqui. Mas você mal tocou na comida. — Ele apontou para o prato de Kylie, com o hambúrguer e as batatas fritas esfriando.

— Eu tomei um bom café da manhã — Kylie mentiu. — Mas estava bom. — Kylie olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. Burnett tinha atrasado um pouco o padrasto para que chegassem ao restaurante depois da hora de maior movimento. Seu peito apertou um pouco quando ela percebeu que, em menos de uma hora, ela teria que enfrentar os Brightens, os pais adotivos de seu verdadeiro pai. Ah, droga, ela ainda não tinha um plano de como abordá-los.

Ela voltou a olhar para o padrasto.

— Você sabe, está ficando tarde.

— Eu sei, você vai se transformar em abóbora se eu não te levar de volta. — Ele assinou a fatura do cartão de crédito que Kylie já pedira para a garçonete trazer.

De repente, ela sentiu que as três cocas que bebera por puro nervosismo a tinham deixado com a

bexiga estourando.

— Vou dar um pulinho ao toalete primeiro, antes de irmos embora.

— Vá, eu preciso fazer uma ligação para o trabalho, de qualquer maneira.

Quando ela começou a andar até o banheiro, Lucas fez uma cara de preocupação. Ah, pelo amor de Deus!, Kylie pensou, o que poderia acontecer a ela no banheiro?

Ok, muita coisa podia acontecer. Mario poderia acontecer. Mas ela tinha que fazer xixi.

Chris e Lucas sussurraram um para o outro sobre a mesa e, em seguida, Chris se levantou e disparou na frente de Kylie, em direção aos banheiros. Ela esperava que ele soubesse que ele não iria entrar no banheiro com ela. Ela nunca conseguiria fazer xixi com ele dentro do banheiro.

Kylie o encontrou esperando ao lado da porta do banheiro masculino. Como se ele planejasse apenas ficar ali de guarda e ouvir. E só de saber que provavelmente ele poderia ouvir o que ela estava fazendo dentro do banheiro, concluiu que fazer xixi seria impossível.

— Faça o que tem que fazer e saia — disse Chris, sério como um agente secreto.

— Tudo bem — Kylie empurrou a porta por dentro.

No momento em que a porta se fechou atrás dela, alguém dentro de um dos reservados pôs pra tocar uma estranha música *cajun*. Gosto não se discute, ela pensou, ao entrar no outro reservado.

Ela não estava lá nem há um minuto, finalmente começando a apreciar o ritmo frenético da música, quando ouviu um barulho mais acima. Ergueu os olhos e viu um par de mãos segurando a parte superior da porta. Em seguida, um pé apareceu enquanto alguém escalava a porta.

Merda.

Não poderia haver nada pior do que enfrentar um intruso enquanto se está fazendo xixi, ao mesmo tempo em que se tenta se equilibrar acima do assento sanitário.

Kylie ficou de pé, preparando-se para enfrentar quem quer que já estivesse prestes a entrar no reservado.

Por azar, ela não tinha conseguido parar o fluxo de xixi por completo.

Imediatamente percebeu que tinha errado a pontaria. Não poderia haver coisa pior. Ser pega em flagrante no banheiro, meio agachada, com xixi escorrendo pela perna, enquanto se enfrenta a cara da quase noiva do sujeito que você ainda ama.

— O que você está fazendo aqui?! — Kylie retrucou, sabendo que mostrar medo de um lobisomem podia ser perigoso.

— Não é óbvio? Eu estava curiosa?

— Para ver meus hábitos no banheiro? — Kylie perguntou, num tom irritado.

Ela sorriu.

— Para ver você.

Não achando que a garota iria pular na sua garganta — e ei, se ela fizesse isso, Kylie não queria morrer com xixi escorrendo pela perna! —, ela arrancou alguns pedaços de papel higiênico e secou o líquido escorrendo pela coxa.

Calcinha no lugar, calça jeans abotoada, ela enfrentou Monique e decidiu apenas se livrar dela.

— Você deve saber que a qualquer segundo um vampiro vai entrar correndo aqui. Se eu fosse você, sairia correndo.

Monique arqueou uma sobrancelha.

— Então Lucas não te ensinou o truque secreto para lidar com vampiros curiosos, hein? Apenas um pouco de música da Louisiana e a superaudição deles vai para o brejo.

Kylie fez uma careta. Não, ela não conhecia esse truque, e estava um pouco ofendida por Lucas não ter lhe ensinado. Mas por que ele faria isso? Guardar segredos dela era a especialidade dele.

— O que é que você quer realmente, Monique? — perguntou Kylie.

Monique deu de ombros.

— Eu já disse. Estava curiosa. Você sabe quantos pretendentes pediram a minha mão ao meu pai? E, então... o sortudo que ele finalmente escolheu para viver comigo a vida inteira nem quer mais ouvir falar de mim.

Kylie ouviu o ressentimento na voz de Monique. Mas estranhamente ele pareceu estar mais relacionado ao fato de ser forçada a aceitar um casamento arranjado do que à falta de disposição de Lucas para levar adiante o noivado. Não que Kylie não tivesse reparado na parte sobre Lucas não querer mais nem ouvir falar de Monique. Ele tinha dito isso a Kylie, Fredericka tinha dito a mesma coisa, mas ouvir isso da outra garota fez muito bem ao seu ego.

— Então, agora, você quer descarregar toda a sua raiva em cima de mim, não é?

— Não. — Ela franziu a testa e começou a verificar o padrão de Kylie.

Kylie virou a cabeça e tentou mudar seu padrão, mas obviamente não foi rápida o suficiente.

— Uau, isso é estranho! O que exatamente você é?

— Simplesmente um mistério — disse Kylie, começando a ficar desconfiada com o fato de estar num reservado com Monique — desconfiada, porque isso era o que todos os camaleões temiam: ser notados, chamar a atenção para a sua raça.

— Você se importa de se retirar? — perguntou Kylie.

Monique retrocedeu alguns passos e estendeu o braço para trás para destrancar a porta do reservado, sem tirar os olhos de Kylie.

— Tem certeza de que você não tem um tumor no cérebro?

— Provavelmente é isso. — Kylie fez sinal para ela sair do caminho.

A menina deu um passo e depois parou.

— Mas dizem que você é uma protetora também. E, na cerimônia, me disseram que tinha um padrão de lobisomem. Como você consegue...

Kylie espremeu-se contra a parede para sair do reservado e foi lavar as mãos. E por mais que não quisesse pensar nisso, na sua mente surgiu novamente a imagem do beijo que ela tinha visto Lucas dar em Monique.

— Você ainda está brava com ele? — perguntou Monique. — Aposto que está furiosa.

Kylie bombeou a saboneteira com mais força do que o necessário. Quando ela olhou o reflexo da loba no espelho, percebeu novamente o quanto Monique era bonita. Os olhos dela eram castanhos

escuros, com longos cílios que combinavam com seu cabelo preto. Os lábios eram carnudos e voluptuosos como os de algumas atrizes famosas. Sim, ela tinha um rosto lindo, acompanhado por um corpo curvilíneo e perfeito.

Esfregando as mãos, Kylie disse:

— Se você não se importa, não acho que isso seja algo que eu queira discutir com você.

— Se fosse você, eu me bombardearia de perguntas. — Ela inclinou a cabeça para o lado e observou o reflexo de Kylie como se estivesse tentando entendê-la. — Já que você não é curiosa, isso significa que acredita quando ele diz que não estávamos realmente juntos. Ou pelo menos quer acreditar — completou Monique. — Você não quer me perguntar?

Uma dor profunda envolveu o coração de Kylie.

— Você já disse que ele não quer mais ver você.

— Eu quis dizer que ele não queria se casar, mas você sabe como são os homens, eles sempre querem outras coisas.

Kylie colocou as mãos embaixo da torneira e enxaguou-as. Então olhou para o reflexo de Monique novamente.

— Você estava certa da primeira vez. Eu acredito nele. — E as palavras deslizaram de sua boca e não afetaram nem um pouco o seu batimento cardíaco. Até ela ficou um pouco surpresa.

— Então por que ainda está brava com ele? Clara me disse que você mal o cumprimenta. Que ele vive andando por aí como um filhotinho abandonado.

Kylie pegou algumas toalhas de papel.

— Deixe-me repetir: eu realmente não tenho intenção de discutir isso com você.

Monique balançou a cabeça como se estivesse confusa com o comportamento de Kylie.

— É preciso coragem para fazer o que ele fez. Para romper um noivado. Para arriscar tudo. — Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou Kylie mais uma vez. — Você sabe tudo o que ele arriscou, não sabe?

Kylie não respondeu. Fechou os olhos por um segundo e desejou que não precisasse ouvir isso.

— A própria alcateia está pensando em bani-lo — continuou Monique. — Se ele não conseguir entrar naquele Conselho, terá perdido tudo. O pai praticamente o denunciou. Eu soube que os anciãos pediram uma reunião para discutir as atitudes dele. Meu pai ainda está pensando em contratar alguém para matá-lo!

Kylie se virou e olhou para Monique.

— E você vai deixar?

— Deixar?! Eu disse a ele que estou muito feliz por ter me livrado desse compromisso, mas o que eu digo não tem nenhuma importância para o meu pai. Como acontece com Lucas, esperam que eu siga as regras. Ainda bem que o noivado foi cancelado antes de eu começar a gostar do cara. — Monique se aproximou um pouco. — Pode me chamar de romântica, mas acho que é um pouco triste que, depois de tudo o que ele fez, você não o aceite de volta. Não que você fosse ficar com ele por muito tempo. A expectativa de vida de um lobo solitário é muito curta. Ou você pertence a uma

alcateia ou é visto como uma presa por qualquer um que esteja com fome durante uma caçada.

A porta do banheiro se abriu. O lobo solitário então invadiu o banheiro parecendo preparado para matar. Quando seus olhos cruzaram com os de Monique, seus instintos assassinos diminuíram, mas sua cara feia se intensificou.

— Que diabos você está fazendo aqui?!

Monique deu de ombros.

— Se uma garota quer mijar, ela tem que entrar aqui! — Monique passou por ele sem nenhuma vergonha e saiu pela porta. — Passe bem, Lucas.

Lucas nem sequer olhou-a sair. Ele fitou Kylie, seu olhar quase uma carícia.

— Sinto muito. Ela não tinha o direito de...

— Ela não fez nada. — Kylie torceu com força as toalhas de papel, rasgou-as em duas, rasgou-as mais uma vez e, em seguida, jogou-as no lixo. Depois engoliu o nó que se formava em sua garganta. — Você deveria ir com ela. Cumprir o compromisso que assumiu.

— O quê? — Ele olhou para Kylie como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Você me ouviu — ela insistiu.

Ele balançou a cabeça.

— Você não está falando sério.

— Sim, estou! — disse ela. E estava sendo absolutamente sincera. Como poderia não fazer nada e vê-lo perder tudo? Assistir à sua própria alcateia bani-lo, sabendo que era por causa dela?

— Você só está com raiva de mim.

— É isso aí! Pode ter certeza de que ainda estou com raiva de você. — As lágrimas encheram seus olhos, quando a honestidade ecoou em sua voz. — Você me traiu. Dói pra caramba saber que você me deixou todas aquelas vezes e foi vê-la. Mas você quer saber com quem eu estou mais furiosa? Comigo mesma. Eu sabia há muito tempo como isso iria acabar. Sabia que o fato de eu não ser um lobisomem acabaria destruindo qualquer chance que tínhamos.

— Eu não me importo com o que você é! — ele rosnou.

— Você deveria se importar. Porque o preço que tem que pagar é alto demais.

Ela viu a dor cintilando nos olhos dele.

— Mesmo que você não tivesse me traído, eu não iria deixá-lo pagar esse preço. Acabou, Lucas, aceite isso e não estrague a sua vida por minha causa.

Com a cabeça erguida, ela saiu. Infelizmente, seu coração se parecia com as toalhas que ela tinha acabado de jogar na lixeira: retorcido e esfarrapado.

* * *

Kylie observava Perry — ainda na forma de um falcão — seguir o carro do padrasto enquanto eles voltavam a Shadow Falls. Ao volante, ele falava sobre a possível viagem ao Grand Canyon. Quando diminuiu a velocidade para entrar no estacionamento de Shadow Falls, Kylie notou um Cadillac prata na frente deles, com o pisca-pisca ligado, também entrando no estacionamento. As janelas escuras do

carro a impediram de ver quem dirigia, mas ela não pôde deixar de se perguntar se não seriam os Brightens — os pais adotivos do seu verdadeiro pai.

O estômago de Kylie começou a se contrair. Ela ainda não sabia o que dizer e o que não dizer. Seu coração continuava ecoando a dor que sentira ao falar com Lucas, mas precisava deixar isso de lado. Infelizmente, tinha problemas demais para poder se entregar a um só.

Ela olhou para o relógio. Eram vinte para as duas. Poderiam realmente ser eles caso gostassem de chegar mais cedo aos compromissos.

Olhando para o pai, agora falando sobre o equipamento de camping de que iriam precisar, ela percebeu o quanto seria estranho se ele tivesse que encontrar os Brightens. Isso provavelmente a obrigaria a explicar um monte de coisas que ela não sabia como explicar. E, provavelmente, acabaria magoando o padrasto, algo que ela não queria fazer.

O carro prata cruzou os portões e estacionou numa vaga de visitantes. O padrasto estacionou duas vagas mais adiante. Soltando o cinto de segurança antes que o padrasto tivesse tempo para desligar o carro, ela se inclinou e lhe deu um beijo na bochecha.

— Obrigado pelo almoço. Eu preciso entrar.

— Ei, não vá embora tão rápido, eu tenho tempo para entrar com você. Preciso aproveitar cada segundo que temos juntos.

Capítulo Vinte e Quatro

— Ok — disse Kylie, um pouco em pânico. — Bem, vai ter que ser um passeio rápido, porque eu... eu tenho que fazer xixi.

— Você foi ao banheiro no restaurante — o pai disse, como se os hábitos dela no banheiro o preocupassem.

— Devo ter uma bexiga pequena. — Ela saiu do carro. Desviou os olhos brevemente para o outro carro e, pelo vão da porta do lado do passageiro, ela viu...

— Ah, merda! — Não *eram* os Brightens. E agora ela realmente desejava que fossem eles.

Era a mãe e... Ela observou com puro horror a cabeça de John aparecer do outro lado do carro.

— Kylie? — a mãe gritou com voz severa.

Ela se virou para o pai.

— Você tem que ir antes... antes que as coisas se compliquem...

— Tudo bem. — O pai dela parecia envergonhado. — Não é por causa do que aconteceu da última vez que não podemos ser civilizados um com o outro.

A postura e a expressão da mãe enquanto se aproximava do carro pisando duro não pareciam estar de acordo com a declaração “civilizada” de seu padrasto. Ah, pelo amor de Deus!, Kylie não estava com ânimo para lidar com o drama dos pais agora.

Mas, à medida que ela se aproximava, Kylie notou que a mãe, com o cabelo despenteado, a roupa amassada, os olhos vermelhos, não fulminava seu pai, mas Kylie!

Ok... qual era o drama agora? Era entre os pais? Ou...

— É verdade?! — vociferou a mãe.

Kylie se lembrou imediatamente de que a mãe tinha acabado de voltar da Inglaterra, o que explicava sua aparência, mas não explicava a sua fúria.

Kylie olhou para o pai para ver, pela sua expressão, se ele fazia ideia do que a mãe estava falando. Mas ele parecia igualmente surpreso.

— O que é verdade? — perguntou Kylie, notando John se aproximar até parar ao lado da mãe. Ele não parecia abatido ou sob o efeito da mudança de fuso horário. Mas só a visão do homem já lhe dava um mau pressentimento.

— Você ligou para seu pai por causa disso, mas não para mim? — a mãe perguntou. Kylie viu Holiday e Burnett saindo às pressas do escritório, pensando provavelmente que outra troca de socos em público estava prestes a acontecer.

Voltando a olhar para a mãe, Kylie rezou para que aquilo — o que quer que fosse — não se transformasse num caos.

— Eu não liguei para ele por causa de nada. Do que você está falando?

— Você usou o cartão de crédito que eu lhe dei?

Kylie concordou com a cabeça, a mente dando voltas e logo se dando conta da possível resposta para aquilo tudo. Mas Kylie *realmente* esperava estar errada.

— Você está grávida?! — a mãe deixou escapar.

Ok, então Kylie não estava errada. Ela abriu a boca, mas nada saiu.

— Ela está grávida?! — O pai olhou para Kylie com um olhar severo. — Nós não vamos poder fazer aquela caminhada agora!

— Não dá pra acreditar! — sibilou a mãe, fervendo de raiva. — Você ouve que a sua filha está grávida e fica preocupado com uma caminhada.

— Não, eu estava... Estou só em estado de choque.

Ele não era o único chocado.

— Parem! — gritou Kylie.

— Só me responda, mocinha! — mandou a mãe.

— Não, eu não estou... grávida. — Kylie sacudia a cabeça para os lados, imitando o movimento que Burnett fazia quando estava indignado. — Eu ainda nem... Eu sou... — *Eu ainda sou virgem!* As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não podia dizê-las.

— Então por que você comprou três testes de gravidez?

— Você comprou três testes de gravidez? — o pai repetiu.

Kylie de repente percebeu outro carro estacionando ao lado do Cadillac de John. Ele não tinha vidros escuros, mas isso não importava, porque as janelas estavam abertas e o casal de idosos no banco da frente, ambos com o rosto voltado para eles, ouviam o tumulto em curso.

De repente Kylie percebeu quem eram aquelas pessoas.

Os Brightens!

Tinha que ser, não é? Com a sorte de Kylie, sim, tinha que ser os avós.

Que maravilha!

Simplesmente maravilhoso!

Os joelhos de Kylie começaram a formigar, sinalizando seu desejo de desaparecer.

Agora não! Agora não!

Respire fundo e relaxe. A voz veio com um certo calafrio familiar.

Kylie olhou em volta e não o viu, mas podia ouvi-lo. *Papai?*

Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Seus pais vão pensar que eu sou uma vadia.

Não. Eles vão te adorar. Você vai ver. Vão ficar impressionados com você. E logo, logo estaremos juntos.

Kylie arquejou. *Eu vou morrer?*

Papai? Daniel? Ele e seu frio familiar tinham desaparecido.

Kylie sorveu uma lufada de ar. Agora, além de se preocupar com sua possível morte próxima e convencer a todos de que não estava grávida, ela tinha que se preocupar se os Brightens iriam gostar

dela. Porque, se não gostassem, isso iria, sem dúvida, magoar o pai.

Ah, mas que inferno! Talvez ela *devesse* simplesmente desaparecer.

* * *

Daniel estava certo, pelo menos quando disse que tudo ia ficar bem. Ela ainda tinha que enfrentar os Brightens. Mas, em dois minutos, Holiday já os levava pelo braço e os escoltava até o escritório.

Para grande alívio de Kylie, seus pais não tinham a menor ideia de quem eles eram.

E, em cinco minutos, o padrasto já estava a caminho da sua reunião e a mãe tinha se acalmado. Não completamente, mas um pouco mais.

Holiday explicou toda a confusão com os testes de gravidez de um modo muito mais racional do que realmente havia acontecido. Alegou que os testes eram para ela e que ela tinha esquecido a bolsa e Kylie tinha feito a gentileza de lhe oferecer o cartão de crédito, e ela já tinha enviado um cheque para a mãe... E assim por diante. Sim, Holiday simplesmente mentiu, mas a mentira soou muito bem.

A mãe explicou que, após o voo, descobrira que a empresa do cartão de crédito tinha ligado e achado que o cartão poderia ter sido roubado, porque ele nunca tinha sido usado e a compra havia sido feita em Shadow Falls, não em Houston. A mãe queria ter certeza de que o cartão não havia sido roubado e ligou para a farmácia para verificar a compra.

Foi quando ela foi informada de que o cartão tinha sido usado para pagar três testes de gravidez e o comprador tinha sido uma tal de Kylie Galen.

Depois que a mãe tinha se acalmado, Holiday voltou para o escritório. Kylie passou cerca de cinco minutos conversando com a mãe, fingindo estar interessada em suas divagações tolas sobre a Inglaterra.

Finalmente, a mãe confessou que estava cansada demais até para pensar, quanto mais para falar.

Beijou a testa de Kylie, disse que estava orgulhosa por ela não estar grávida e pediu a John para levá-la para casa.

John tinha dito apenas duas palavras durante todo o tempo que estivera ali, mas Kylie o pegara olhando para ela de uma forma que a deixou irritada.

Porém, quando o homem colocou o braço em torno da mãe dela e gentilmente beijou sua testa, dizendo que ela poderia dormir enquanto ele dirigia, Kylie sentiu uma pontada de culpa por não gostar dele.

Talvez Kylie precisasse mudar de atitude com relação a John. Porque, se ele fazia a sua mãe feliz, Kylie ficava feliz também.

“Mentirosa”, seu coração parecia dizer ao pular duas batidas. Ela não estava nem um pouco feliz com John. Mas talvez Kylie precisasse refletir sobre isso. Tentar gostar do homem. Parecia impossível. No entanto, tanta coisa em sua vida ultimamente parecia impossível — como a possibilidade da sua morte iminente, como romper com Lucas... — que talvez ela só precisasse se esforçar um pouco mais.

Despedindo-se da mãe, Kylie voltou ao escritório para enfrentar os Brightens. E sentiu mais uma

vez o estômago se contraindo. E por uma boa razão. A primeira conversa com seus avós recentemente descobertos não deveria ser sobre gravidez. Mesmo quando a conversa era sobre *não* estar grávida.

Parando na porta do escritório, mentalmente exausta, ela pensou sobre como seu dia tinha começado em uma espiral descendente, desde que Miranda havia transformado Nikki num canguru cheio de espinhas.

Aquele, definitivamente, ia ser lembrado como um dos dias mais bizarros da sua vida.

Endireitando os ombros, determinada a enfrentar aquele encontro com os pais adotivos de Daniel, com a esperança de que a espada não aparecesse novamente, Kylie decidiu que, após a visita, ela iria para a sua cabana chorar ou comer um quilo de chocolate.

Talvez as duas coisas.

Ela se lembrou da promessa do pai de que os Brightens a adorariam e, embora confiasse no pai com todo o seu coração, não podia deixar de se preocupar. Mas talvez eles ficassem tão felizes por ter uma neta que não se importassem com a possibilidade de ela estar dormindo com rapazes e possivelmente grávida.

Um pouco antes de estender a mão para girar a maçaneta, Kylie teve uma leve sensação de *déjà-vu*. Ela já tinha estado ali antes — a ponto de entrar naquele escritório, pensando que encontraria os Brightens. Claro que acabou descobrindo que eram seu verdadeiro avô e sua tia. Mas o mais importante era que ela se recordava com clareza do medo e da ansiedade que sentira na ocasião.

Um sentimento inexplicável de realização invadiu seu coração. Embora tivesse acabado de admitir que estava preocupada e só queria um quilo de chocolate ou um boa sessão de choro, o que ela sentia agora era muito mais administrável.

Não importava o que acontecesse lá dentro, Kylie seria capaz de lidar com aquilo. Ela quase podia ouvir Nana, mãe de sua mãe, sussurrando lá do céu: *Minha pequena Kylie está crescendo*.

De repente, sentindo-se um pouco mais confiante e decidida a pensar que talvez tudo de que ela precisasse, aquela tarde, fosse de um bom chocolate, Kylie entrou no escritório.

Holiday veio correndo até ela.

— Burnett levou os Brightens para a sala de reuniões; estão tomando chá. Ele levou a espada para a minha casa e trancou-a num armário, assim... talvez aquilo não vá acontecer novamente. Expliquei toda a situação da gravidez para os Brightens, também. — Holiday mordeu o lábio de preocupação. — Oh, Kylie, eu sinto muito. Foi tudo culpa minha. Coloquei você nessa encrenca.

— Está tudo bem — disse Kylie.

Holiday lhe deu um abraço rápido e reconfortante.

— Você está realmente bem?

Kylie suspirou.

— Um pouco nervosa, mas, sim, estou bem.

— Você quer que eu vá com você?

Kylie refletiu e em seguida, disse:

— Não, eu... eu acho que posso lidar com isso.

Holiday suspirou.

— Você está crescendo.

Kylie olhou para a *fae*.

— Eu poderia jurar que acabei de ouvir a minha avó dizendo isso.

— Ela disse — falou Holiday. — Ela estava aqui.

Kylie sorriu.

— Sério?

Holiday assentiu.

— Ela aparece nos momentos mais estranhos.

Kylie sentiu o amor da sua Nana se agitar dentro dela.

— Diga a ela que eu a amo — disse Kylie, e foi ao encontro das pessoas que tinham criado seu pai e provavelmente contribuíram para que ele se tornasse o grande homem, e espírito, que era.

* * *

Quando Kylie entrou, Burnett já estava de pé, pronto a pedir licença para sair.

— Vou deixar vocês três à vontade.

Enquanto passava, ele descansou a mão no ombro dela e lhe deu um aperto. Foi um toque frio, mas que expressou carinho e um incentivo, do tipo, “Você consegue, garota”. Ela se deu conta novamente da sorte que tinha por poder contar com as pessoas de Shadow Falls em sua vida.

No momento em que Burnett saiu e ela sentiu o olhar do senhor e da senhora Brighten sobre si, a contração no estômago voltou com força total.

Ela ficou um segundo apenas observando-os. O senhor Brighten era careca, tinha olhos cinzentos acastanhados e um rosto bonachão. A senhora Brighten tinha cabelos grisalhos abundantes e olhos castanhos. Ela tinha um olhar suave e amável. Seu rosto era um pouco rechonchudo e simpático. Como alguém que você escolheria numa multidão para fazer o papel de avó amorosa.

— Olá. — Kylie forçou um sorriso, mas não demais. Ela deu um passo para dentro da sala e decidiu esclarecer as coisas primeiro.

— Primeiro quero ter certeza de que vocês sabem que não estou grávida.

Capítulo Vinte e Cinco

— O diretor explicou. — A senhora Brighten continuou a olhar para ela.

— Eu também quero dizer que... que eu sei que vocês podem estar pensando que minha mãe e meu padrasto são meio malucos, depois de assistir a toda aquela cena no estacionamento, mas... — Ela se lembrou de respirar. — Mas... bem, às vezes eles são um pouco malucos mesmo, mas na maior parte do tempo, são gente boa. — A emoção provocou um nó na sua garganta e ela engoliu em seco. — Os dois me amam.

O senhor e a senhora Brighten balançaram a cabeça novamente. Um estranho tipo de constrangimento encheu a sala. Um constrangimento que Kylie esperava dispersar. Ela realmente queria que aquela visita desse certo. E não apenas pelo pai dela, percebeu, mas por si própria.

— Nos desculpe por olhá-la desse jeito — disse finalmente o senhor Brighten. — É que... você parece muito com o seu pai. É incrível.

Kylie sorriu novamente, desta vez de verdade. Ela se aproximou e se sentou em frente a eles à mesa.

— Eu sei.

— Você já viu fotos dele? — a senhora Brighten perguntou.

Sim, o verdadeiro pai dele e a tia trouxeram para mim quando estavam fingindo que eram vocês. Sim, ela tinha que mentir.

— Minha mãe tinha algumas fotos dele. — Então Kylie se lembrou de que sua mãe havia guardado o recorte do obituário com a imagem de Daniel.

Quase uma carranca apareceu na expressão da senhora Brighten.

— Eu não entendo por que ela não nos contou sobre você. Poderíamos ter... teríamos adorado acompanhar o seu crescimento. — Ela fez uma pausa. — Teria nos ajudado... a superar a perda do seu pai.

Kylie se lembrou de sua mãe dizendo que os Brightens deveriam odiá-la por isso.

— Ela sabe que foi um erro — Kylie disse, lembrando-se da mãe dizendo quase isso. — Mas ela era jovem, estava grávida e com medo. Meu padrasto, ele foi alguém que ela conheceu e que amava. Ele concordou em se casar com ela, mas ele queria... que eu fosse registrada como filha dele. — Ela fez uma pausa. — Ele estava errado também, mas ambos estavam apenas tentando fazer o melhor que podiam.

A senhora Brighten assentiu.

— Eu imagino que deve ter sido difícil.

A preocupação de Kylie diminuiu.

— Espero que vocês possam perdoá-la. Porque... ela tem sido uma mãe incrível.

— Eu gostaria de poder conversar com ela.

Kylie ficou tensa.

— Tenho certeza de que isso é possível. Se não se importam, eu posso falar com ela... e depois dar um retorno a vocês. — Kylie fez uma oração para que a mãe fosse acessível. Mas ah, Deus, aquela ia ser uma conversa difícil.

Lágrimas encheram os olhos da senhora Brighten.

— Eu trouxe mais algumas fotos comigo, se você quiser ver.

— Eu adoraria — disse Kylie. — Obrigada.

A senhora Brighten pegou um pequeno álbum de fotos de uma grande bolsa bege. Enquanto Kylie folheava o álbum, ela reconheceu algumas das mesmas fotos que ela tinha. Seu verdadeiro avô tinha entrado escondido na casa dos Brightens e feito cópias para trazer a ela para que pudessem se passar pelos verdadeiros Brightens. Mas havia muitas que Kylie não tinha visto. E vendo as imagens do pai, ela sentiu a emoção crescer dentro dela.

— Se você quiser, pode ficar com elas — disse a senhora Brighten. — Eu fiz estas cópias para você.

Kylie sorriu.

— Muito obrigada! Eu vou guardar muito bem, eu prometo.

O senhor Brighten se sentou.

— Você até age como seu pai. Ele era tão... educado...

— É verdade — confirmou a senhora Brighten. — Ele era um menino tão bom! Sempre bondoso. Manso de espírito. Um pouco tímido, às vezes, mas...

— Acho que sou tímida também — disse Kylie. — Detesto quando sou obrigada a me levantar e falar em público ou fazer um seminário na escola. — *Ou quando todo mundo está olhando para o meu padrão estranho. Ou pensam que estou grávida.*

A senhora Brighten sorriu.

— Ele não gostava muito da escola. Sempre dizia que se sentia como se não se encaixasse bem em lugar nenhum.

— Ah, nossa, eu sei o que é isso! — comentou Kylie.

— Não que ele tivesse problemas. Bem, houve uma vez no último ano do ensino médio. Havia um garoto na escola, Timmy. Ele era meio lento e, um dia, quando ia a pé da escola para casa, Daniel encontrou um grupo de meninos mais velhos mexendo com ele — realmente maltratando o garoto. Havia talvez seis deles e Daniel perdeu a paciência. Ainda não sabemos como ele fez isso, mas todos saíram com narizes sangrando e olhos roxos. E não havia um arranhão no nosso menino.

Kylie ouviu a história com o coração aflito — uma filha ansiosa para saber sobre um pai que conhecia tão pouco.

— A escola suspendeu-o — a senhora Brighten continuou —, mas quando os pais de Timmy descobriram, foram até uma emissora de rádio local. Eles entrevistaram Timmy sobre o que tinha acontecido e a emissora homenageou Daniel como um herói. E os meninos ficaram em apuros. A

escola foi forçada a cancelar a suspensão de Daniel. Claro, Daniel ficou constrangido com a atenção. A emissora deu a ele um troféu e, no dia seguinte, ele foi à casa de Timmy e deu o troféu a ele. Disse que Timmy era o verdadeiro herói por ter que lidar com valentões durante toda a vida.

O orgulho pelo pai inchou o peito de Kylie. Ele tinha sido um protetor assim como ela e, como ela, não queria o crédito por isso. Ela desejou mais uma vez não ter perdido o homem com quem se parecia tanto. Claro, ela ainda tinha uma parte dele, em forma de espírito, mas queria muito mais.

— Mas, sabe, depois que se formou no colegial, Daniel se encontrou. Na verdade, um dia chegou em casa de uma viagem e me disse que tinha finalmente descoberto quem era.

Kylie se lembrou do pai lhe dizendo que havia encontrado um homem mais velho que lhe contara que ele não era humano. Ela se perguntou se seria a mesma viagem.

— Eu disse a ele — continuou a senhora Brighten — que já sabia quem ele era. Que ele era uma alma gentil e bondosa. — Ela olhou para Kylie. — E eu vejo a mesma coisa em você. Como se... como se você tivesse uma magia que poucas pessoas têm. — Ela esticou o braço sobre a mesa e pousou a mão sobre a de Kylie.

A mão enrugada lembrou Kylie de como a tia-avó a tocara quando se fazia passar pela senhora Brighten. Não havia nenhum calor extra no toque da verdadeira senhora Brighten como havia no toque de sua tia-avó. No entanto, isso não fazia a verdadeira senhora Brighten parecer menos especial. E foi assim que Kylie soube o quanto seria fácil amar aquelas pessoas, e quanta sorte o seu pai tinha tido de ser criado por elas.

Eram quase cinco da tarde quando Burnett e Holiday, de mãos dadas como dois pombinhos, levaram Kylie para a cabana. Della esperava lá dentro para assumir suas funções de sombra.

— Tem certeza de que você vai ficar bem? — perguntou Holiday.

— Tenho. — E, surpreendentemente, Kylie acreditava nisso. Sim, ela ainda estava desejando um pouco de chocolate para neutralizar o dia frenético, e, sim, o seu coração ficaria partido para sempre por causa de Lucas, mas ela ia ficar bem.

Pensando em sua outra companheira de quarto, Kylie perguntou:

— Você falou com Miranda sobre o episódio da Nikki?

— Sim — Holiday disse, estreitando os olhos. — Embora eu ainda não tenha pensado em outra punição.

Kylie não poderia deixar de dar sua opinião.

— Eu não estou dizendo que Miranda não esteja errada, mas Nikki estava sendo óbvia demais em sua paixão por Perry. Eu até a avisei sobre isso. Mas ela não me deu ouvidos.

— Eu sei — disse Holiday. — Nikki estava errada, mas Miranda não pode sair por aí transformando as pessoas em cangurus.

— Sério? Você pareceu gostar quando ela fez isso comigo! — Burnett disse sarcasticamente. Holiday soluçou.

— Aquilo foi engraçado. — Holiday lhe lançou um sorriso diabólico.

Kylie observou-os irem embora antes de entrar na cabana. Encontrou Della sentada à mesa da cozinha, bebendo um copo de sangue, com livros escolares à sua frente. A vampirinha levava a sério o seu dever de casa.

Della ergueu o olhar.

— Concordo com Holiday. Foi engraçado quando Miranda transformou Burnett em canguru.

Kylie desabou numa cadeira.

— Onde está Miranda?

Della revirou os olhos.

— Ela e Perry saíram para fazer “quase sexo” — palavras dela, não minhas. Pessoalmente, eu não precisava saber disso. Embora tenha que admitir que me pergunto o que é exatamente “quase sexo”. — Ela franziu a testa. — Provavelmente envolve Perry chupando os lóbulos das orelhas dela, e eu realmente não estou disposta a ouvir sobre isso. Mais uma vez.

Kylie riu.

— Quando a gente pensa sobre isso, todas as coisas sexuais parecem mais ou menos... Quero dizer, até o beijo francês... ter a língua de outra pessoa na sua boca. É nojento.

— A menos que seja você beijando... — As palavras de Della vieram num tom de devaneio. Kylie tinha certeza de que a amiga estava pensando em Steve. — Aí não é nojento. É quase mágico.

Kylie lembrou-se das vezes em que beijara Lucas assim e fizera até mais do que isso na noite em que estavam voltando do cemitério. *Tinha* sido mágico. Mas toda essa magia acabara agora. Não havia mais Lucas.

— Sim, aí não é tão nojento.

Levantando-se, ela foi dar uma olhada no que havia dentro da pequena despensa.

— Não temos nada de chocolate na cozinha? Qualquer coisa?

— Acho que tem um pouco de calda de chocolate na geladeira. Mas não temos leite. Não que eu tenha bebido. Deve ter sido a bruxa. — Della olhou para Kylie.

Kylie se aproximou da geladeira e encontrou a calda de chocolate.

Ah, droga, quem estava esmolando não poderia ser exigente. Ela apertou a bisnaga até que uma linha de chocolate caiu no seu dedo indicador; então colocou o dedo na boca.

— Então o encontro com os Brightens não foi muito bem? — perguntou Della.

— Não, foi muito bem, sim — murmurou Kylie, enquanto chupava o dedo coberto de chocolate. Quando o gosto doce desapareceu, ela virou o frasco de calda de cabeça para baixo e deu outro esguicho no dedo.

— Então por que você está chupando calda de chocolate do dedo como se fosse uísque? Espere! Eu sei por que, eu ouvi sobre o tumulto com o seu pai e a sua mãe, a coisa toda da gravidez. Hilário! — Della colocou os cotovelos na mesa e riu.

— Não foi hilário. — Kylie fez uma careta. — Como você ficou sabendo disso?

Della deu de ombros, parecendo se sentir um pouco culpada por trazer o assunto à tona.

— Alguém ouviu. Todo mundo estava falando disso. Sinto muito. — Ela fez uma cara de quem

pedia desculpas.

Kylie gemeu.

— Quando será que vou deixar de ser a fonte de fofocas por aqui? — Ela colocou a cabeça para trás e esguichou o chocolate diretamente na boca.

— Agora, isso é nojento! — Della riu.

Kylie baixou o frasco e lambeu os lábios.

— Eu não encostei nos lábios. Só derramei na boca.

— E no queixo.

Fazendo uma cara feia, Kylie limpou o queixo com as costas da mão.

— Desculpe, mas estou desesperada. — Ela pegou uma tigela e uma colher e voltou para a mesa, onde esvaziou a metade do frasco de calda na tigela.

— Nossa! — disse Della. — Você está mesmo desesperada.

Kylie meteu uma colher de chocolate na boca, lambeu a colher limpa e disse:

— Monique entrou no reservado do banheiro comigo.

— Quem? Que reservado?

— Monique. A Monique do Lucas. Ela entrou comigo no reservado do banheiro do restaurante.

— Ah, merda! Vocês duas brigaram ou coisa assim?

— Não. — Kylie lambeu a colher. — Eu só fiquei toda molhada de xixi. — Ela pôs outra colherada de chocolate na boca.

Della suspirou.

— Você está bem?

— Vou estar depois que acabar com esta tigela de calda — respondeu Kylie.

Della deu um meio sorriso.

— Se eu fosse sua amiga de verdade, faria você parar de comer isso.

Kylie balançou a cabeça.

— Se você fosse minha amiga de verdade, me ajudaria a acabar com ela.

— Ah, por que não? — Ela empurrou o copo de sangue para o lado. — Me dê um pouco.

— Sério? — perguntou Kylie, arqueando uma sobrancelha.

— Sério. — Della então empurrou os livros escolares para o lado. — Que se dane a lição de casa, vamos acabar com essa calda de chocolate. Também estou precisando de um estimulante.

Kylie viu no rosto da amiga que ela também estava sofrendo. Então deu uma boa esguichada de calda no copo da vampira.

— O que realmente aconteceu enquanto você estava fora, Della?

Capítulo Vinte e Seis

A vampira fitou seu copo de sangue misturado com chocolate. Ela girou o copo e pareceu observar os dois ingredientes se misturando.

— Eu fugi de Steve na primeira noite e fui ver Lee.

Isso não surpreendeu Kylie, ela sabia que Della ainda gostava de Lee, mas não explicava como ela acabara com chupões de Steve. A menos que não fosse Steve o autor do chupão, mas Kylie não achava que ela mentiria sobre isso. E algo dizia a Kylie que Lee não era o único problema ali. O problema era um metamorfo com um traseiro bonito.

— E...? — perguntou Kylie, voltando a mergulhar a colher no próprio chocolate.

— Ele saiu para encontrar sua nova noiva. — Ela aproximou o copo dos lábios e bebeu. — Ei, essa merda é muito boa!

— É mesmo. — Kylie esperou Della continuar. Não teve que esperar muito tempo.

— Ele a levou a um restaurante chinês. Eu os segui. — Lágrimas encheram os olhos de Della.

Sentindo a dor da amiga, Kylie colocou a mão sobre a de Della. Della a puxou.

— Então eles me viram e eu percebi que estava parecendo uma idiota. Fiquei morta de vergonha. — Ela tomou outro gole de sangue com chocolate e ergueu os olhos. — Então, como um cavaleiro numa maldita armadura brilhante, Steve apareceu. Ele tinha me seguido. E me salvou de parecer uma completa idiota. Fingiu que tínhamos marcado um encontro. Ele me beijou na frente deles. Como se fôssemos uma casal apaixonado.

Kylie colocou outra colherada cheia de chocolate na boca.

— E o beijo foi muito bom, por isso vocês deram uns amassos mais tarde?

— Não. Quer dizer, sim.

Kylie apontou sua colher para Della.

— Qual é? Sim ou não?

— Sim, foi bom, mas isso só aconteceu no dia seguinte. — Della inclinou-se e fez uma careta. — A missão foi uma bosta. Eu fui esfaqueada — confessou.

Kylie olhou para a amiga, chocada.

— Mas Burnett disse...

— Eu fiz Steve prometer que não ia dizer a ele. Eu o ameacei de morte.

Kylie gemeu.

— A única coisa ruim é que Steve salvou a minha pele. Não apenas no restaurante, na frente de Lee, mas, novamente, com os bandidos e, em seguida, quando topamos com alguns lobisomens desagradáveis. Eu estava muito mal, não poderia lutar. Odiei aquilo. — Ela fez uma pausa. — Ele nos levou para um hotel e ficou cuidando de mim. Eu não sei como isso aconteceu, num minuto ele

estava me medicando e no outro estávamos brincando de médico.

— Ah, meu Deus! — exclamou Kylie. — Então, vocês realmente...

— Não, não fizemos nada. Chegamos perto. Felizmente bolas azuis realmente não matam um cara.

— Bolas azuis? — perguntou Kylie.

Della revirou os olhos.

— Você não sabe o que são bolas azuis?

— Não. Devia saber?

Della sorriu.

— Pelo menos você devia saber que, se um cara um dia te disser que ele pode morrer por causa disso, vai estar mentindo. E, acredite em mim, alguns caras vão realmente dizer isso para a garota se sentir culpada e transar com eles. Eu passei por isso com um cara uma vez, antes de Lee. Eu disse que iria ao funeral dele e nunca mais nos vimos.

— Mas o que é isso, realmente? — Kylie fez uma careta. — Ou é nojento demais? Deve ser nojento, porque nunca mencionaram isso em nenhum dos panfletos que a minha mãe me deu.

Della riu novamente.

— É quando um cara fica com muito tesão e pronto para ir adiante e, então, a ação é abortada.

Kylie se inclinou para a frente.

— E as bolas ficam realmente azuis?

Della soltou uma gargalhada.

— Não sei, nunca olhei lá embaixo pra checar.

Kylie corou, mas ela não se importava de enrubescer na frente de Della, então apenas riu.

— Então você acha que Steve ficou com as bolas azuis?

Della revirou os olhos.

— Ele parecia muito desconfortável. Eu não deveria ter deixado a coisa chegar ao ponto que chegou. Eu estava... meio confusa.

— Ou talvez você realmente goste de Steve. — Kylie apontou a colher para Della. — Não estou dizendo que vocês deviam ter transado, mas o cara é louco por você e você obviamente é louca por ele, também. Então por que tratá-lo agora como se ele tivesse uma doença contagiosa?

Della tomou um grande gole do seu sangue achocolatado.

— Porque... quando eu percebi o que estava acontecendo, tudo em que consegui pensar foi que, daqui mais ou menos um ano, vou estar de pé em outro restaurante, assistindo Steve com sua noiva. Eu não posso fazer isso de novo. — Seus olhos encheram de lágrimas.

— Mas você não sabe o que vai acontecer.

— Eu não sei o que não vai acontecer, também. — Della pegou o frasco de calda e acrescentou mais um esguicho no seu copo. — Então, agora que eu abri meu coração, me diga como vão as coisas com Lucas.

Kylie mexeu a calda de chocolate em sua tigela.

— Acabou.

Os olhos de Della se arregalaram.

— Por quê? Monique disse que eles estão se vendo? Será que a gente deve falar para a Miranda provocar um caso de sarna nas bolas dele?

— Não, Monique praticamente disse que não.

Della pegou seu copo.

— Então, por que acabou?

Kylie bateu a colher contra a sua tigela. *Porque se não acabar, ele vai perder tudo.*

Della analisou o rosto da amiga.

— Mas ele não enganou você...

A raiva se agitou no peito de Kylie.

— Mesmo que ele não tenha feito nada, é como se tivesse. Quero dizer, ele estava assumindo um compromisso pelas minhas costas. — Ela balançou a cabeça. — Primeiro Trey. Depois meu padrasto engana a minha mãe. Então Derek e agora Lucas. Por que os homens fazem isso?

Della encolheu os ombros.

— Pelo menos Lucas não fez sexo.

Mesmo assim é uma traição. E das bem grandes.

— O que é absolutamente irritante é que eu ainda o amo. — Amava-o tanto que ela não suportaria vê-lo perder tudo por causa dela. — Mas ainda estou tão brava com ele que poderia...

— Dar-lhe um par de bolas azuis? — Della riu.

— Não, socá-lo!

— Então talvez você devesse fazer isso. — Della olhou para seu copo.

— Fazer o quê? — perguntou Kylie.

— Socá-lo. Então talvez você não ficasse tão brava e pudesse seguir em frente.

Kylie balançou a cabeça.

— Eu queria que fosse assim tão simples.

— Talvez seja. Você só saberá se tentar. É só procurá-lo como se não quisesse nada e, então, ir com tudo pra cima dele. Sério, então talvez você consiga superar isso e esquecer.

— Como você está tentando fazer com Steve? — Kylie apontou a colher para ela novamente.

— Ei, eu sou como um bom pai. Não quero que você faça o que eu faço, mas que faça o que eu digo! — Ela riu.

Kylie balançou a cabeça.

— E, além disso, agora é... — Ela fechou a boca, sem saber se queria falar sobre isso.

— É o quê? — perguntou Della.

Ela poderia muito bem colocar aquilo para fora.

— Não é apenas o que ele fez. — Se fosse, Kylie suspeitava que estaria a meio caminho de perdôá-lo. — Ele desistiu de tudo quando se recusou a assinar o papel do noivado. Ele não vai entrar para o Conselho, a própria alcateia está chateada com ele. O pai de Monique está ameaçando matá-

lo. Mais cedo ou mais tarde ele vai me odiar por isso.

— Acho que você está pensando demais.

Kylie passou a colher em torno da tigela para aproveitar os últimos resquícios de chocolate.

— E eu acho que nós temos que mudar de assunto — disse ela.

Della cedeu e pegou o copo. Elas não falaram durante alguns minutos, e depois finalmente Della falou.

— Antes de eu ir para a casa de Lee aquela noite, fui dar uma espiada na minha casa.

— Como estavam as coisas? — perguntou Kylie, sentindo que não iam bem.

— Bem. Tão bem que isso me deixou muito irritada. Eles estavam jogando jogos de tabuleiro como uma família feliz. Papai contava piadas e todos estavam rindo. Acho que eles nem sentem a minha falta. — Ela olhou para a mesa por alguns minutos.

— Eles sentem, Della. Estão apenas tentando sobreviver.

Della assentiu.

— Você já pensou em contar para a sua mãe e seu padrasto? Cheguei tão perto de entrar lá em casa e despejar tudo... “Olha, pai, eu não estou sendo difícil ou preguiçosa. Eu não estou consumindo drogas. Eu sou apenas uma vampira.” — Ela balançou a cabeça.

Kylie mordeu o lábio, sem saber o que dizer, então não disse nada.

— Talvez seja medo de que eles achem a verdade pior do que a ilusão em que já acreditam.

Kylie desejou poder dizer a Della que não era bem assim, mas ela não tinha certeza.

— Pensei em contar à minha mãe, também. Só não sei se ela iria lidar bem com isso.

Della assentiu.

— Então, nós apenas nos escondemos das pessoas que amamos. Que coisa triste, não é?

— É. — Kylie passou a colher em torno da tigela. — Pelo menos você não se esconde do mundo sobrenatural.

— Você não se esconde também — disse Della.

— Tem razão, eu me escondo. Estou basicamente me escondendo da UPF. Quero dizer, todos aqui viram o meu padrão, por isso é um pouco tarde para me preocupar com isso, mas sei que a maioria das pessoas aqui acha que a qualquer momento o meu tumor cerebral vai aparecer.

Della ofereceu à amiga um olhar triste.

— Eles estão realmente apostando nisso.

— Ótimo. — Kylie fez uma pausa. — Quando Monique entrou no banheiro, tentei mudar o meu padrão. Só não fui rápida o suficiente. Ela mesma disse algo sobre eu ter um tumor no cérebro. E eu tenho certeza de que é o que parece. — Kylie deixou cair a colher na tigela e escutou o barulho que ela fez. — A maior parte do mundo sobrenatural nem sequer sabe que a minha espécie existe. — Até Hayden esconde o que ele é, pensou Kylie.

— Então, talvez seja hora de você mudar isso. — Della recostou-se na cadeira.

— Mudar o quê? — perguntou Kylie.

— Sair do armário. Você sabe, como... “Sou gay e sempre serei”. Você precisaria de um slogan

diferente. Que tal: “Sou um lagarta amarela e, se você não gostar, vou comer sua moela”. — Della riu. — Tudo bem, talvez seja preciso um slogan melhor, mas você entende o que eu quero dizer.

— Estou falando sério — disse Kylie.

— Eu sei, e eu também. Apesar do slogan bobo, quero dizer. Você não pode fazer isso com os humanos, mas pode fazer com os seres sobrenaturais.

Kylie correu o dedo ao redor da borda da tigela para recolher os últimos restos de chocolate e refletiu sobre o que Della dissera.

Ela está certa, disse a voz em sua cabeça. A mesma voz de antes. A que aparecia dentro da sua cabeça nos momentos mais estranhos.

— Quem é você, afinal? — Kylie murmurou.

Della voltou a se reclinar na cadeira.

— Ok, talvez eu devesse levar mais a sério a ideia do tumor cerebral...

— Não estava falando com você.

— Ah, merda. — Os olhos de Della se arregalaram. — Temos um fantasma aqui?

— Não, não é um fantasma — Kylie murmurou. — Apenas uma voz.

Della inclinou a cabeça para o lado.

— Eu não ouvi nada.

— Aqui. — Kylie apontou para a própria cabeça.

— Você já ouviu falar em esquizofrenia? — Della perguntou em uma voz sarcástica que significava que ela estava brincando, mas Kylie não achou muito engraçado.

— Não sou louca — disse Kylie.

Della sorriu.

— Mesmo que você fosse, ainda assim eu ia gostar de você. Se por nenhuma outra razão, por me mostrar o quanto é bom tomar sangue com chocolate. — Ela esvaziou o copo.

Kylie olhou a tigela vazia, enquanto seu cérebro se esforçava para descobrir como ela poderia sair do armário. Ela tinha estabelecido como sua missão salvar outros adolescentes camaleões de viver uma vida de reclusão, mas talvez, antes que ela pudesse fazer isso, precisasse ter certeza de que era seguro para eles sair. Talvez Della e aquela voz irritante estivessem certas. Se ela pudesse forçar o mundo sobrenatural a aceitá-la pelo que ela realmente era, então os outros camaleões poderiam imitá-la e fazer o mesmo.

Mais ou menos como Rosa Parks no ônibus, nos anos cinquenta. Alguém, algum camaleão, precisava sair da toca para que eles pudessem ser considerados como parte do mundo sobrenatural. Eles deviam ter orgulho de quem eram, em vez de ter de esconder os seus verdadeiros eus.

Instantaneamente, seu peito se encheu de emoção, ao mesmo tempo aquecendo-o e incentivando-o. Essa era sua missão. Sua nova missão ou talvez apenas parte da antiga. E parecia a coisa certa a ser feita.

Sim, tudo o que ela tinha a fazer era descobrir como sair do armário.

Naquela noite, a cabeça enterrada no travesseiro, a sensação de formigamento sinalizando outra presença manteve-a acordada. Não era uma presença fria, o que significava que quem estava ali não estava morto. Abrindo os olhos, o aroma floral doce fez cócegas em seus sentidos. Ela viu a rosa vermelha em sua mesa de cabeceira.

Apenas uma pessoa deixaria rosas.

Lucas? Seu coração sussurrou seu nome e a mágoa a atingiu em cheio.

Na noite anterior, ela ficara deitada na cama e aceitara o que tinha que ser. Deixá-lo ir. Por mais que doesse, ela não podia deixá-lo destruir a própria vida por causa dela.

Ela inspirou e escutou. Será que ele ainda estava ali? Ou tinha vindo e ido embora? Ela notou a cortina branca tremulando com a brisa suave da noite que entrava pela janela. Se ele tivesse ido embora, teria fechado a janela.

Ela cerrou os olhos novamente, perguntando-se se teria que fingir não ter acordado até que ele fosse embora.

— Sei que você está acordada — uma voz profunda falou na escuridão.

— E eu sei que você não deveria estar aqui. — Ela engoliu em seco e lutou contra a onda de emoção subindo pela garganta. Ela se virou e puxou até o peito os joelhos cobertos pelo pijama. Levou mais alguns segundos para reunir coragem e olhar para ele, sabendo que vê-lo iria magoá-la.

Ela estava certa. O cabelo dele estava despenteado pelo vento como se ele tivesse saído para correr um pouco. Os olhos expressavam dor. A mesma dor que transpassava o peito dela. Ele doía de solidão.

— Eu não consegui dormir — disse ele. O silêncio encheu o quarto. Ele se aproximou um pouco mais. Seus joelhos tocaram a cama. Ele se sentou. O colchão afundou com o peso dele. O coração de Kylie disparou, lembrando-se das vezes em que ela tinha se aconchegado a ele ali naquela cama. Ela tinha até dormido ao lado dele e ele a abraçara, fazendo-a se sentir segura, protegida. Amada.

— Isso não pode terminar, Kylie. Você é a única coisa que importa para mim.

Ela balançou a cabeça.

— Não é verdade. — Assim como ela, ele tinha outras pessoas em sua vida. Ele tinha coisas que eram importantes para ele. Ele tinha missões. — A alcateia é importante. Foi o tempo todo. Sua avó. E você pode dizer que não gosta do seu pai, mas você o tolera, então ele tem que ter importância para você. E tem também a sua irmã. — *E você vai perder a todos, se me escolher.*

— Tudo bem, eu me preocupo com eles, com todos, menos com o meu pai. Nesse momento, eu não me importo se ele apodrecer no inferno. Estou cansado de vê-lo manipulando a minha vida. Mas os outros, sim, eu admito, eu me importo com eles. Mas eles não são você — disse ele, num rosnado.

— O pai de Monique está pensando em colocar um matador atrás de você — ela deixou escapar.

— Aquele asno rico e pomposo está sempre falando demais. Ele late, mas não morde. Sabe o que meu pai faria com ele se ele me ferisse. — Lucas parou de falar e apenas olhou para ela. — Mas isso só comprova. Você se importa comigo. Se você não se importasse, não ligaria para o fato de ele estar planejando me matar. Você ainda pode estar com raiva, e eu mereço isso, mas você me ama e é

por isso que não podemos continuar assim.

Ela balançou a cabeça.

— O amor não basta! — Lágrimas nublavam a sua visão. Foi justamente aquilo que ela finalmente percebera na noite anterior. — Você não vê, Lucas? Somos Romeu e Julieta. Somos a pior história de amor que já existiu. Somos pessoas que só vão ferir a si mesmas e aos outros, se egoisticamente deixarmos nossas emoções nos guiarem em vez da lógica.

— Isso é besteira — ele rosnou e tentou alcançá-la.

— Não! — Ela fugiu para longe do toque de Lucas. — Você quer saber o que é besteira? Eu continuar vendo você beijando Monique na minha cabeça. Eu continuar ouvindo você prometer a sua alma a ela, e eu ficar tão magoada e com tanta raiva que me dá vontade de gritar. Mas, ao mesmo tempo, entendo completamente por que você fez aquilo. E se eu estivesse no seu lugar, teria feito a mesma coisa. Tenho minhas próprias missões, os fantasmas, descobrir como ajudar outros camaleões, e vou cumprir essas missões, não importa o que aconteça.

Ela engoliu em seco e ofereceu a ele o último fragmento de verdade, o último argumento que provava que eles não podiam ficar juntos.

— Eu vou fazer isso, mesmo que te machuque. É assim que eu sei, Lucas. É assim que eu sei que isso não é certo. Se fazer a coisa certa para mim pode machucar alguém que eu amo tanto, isso não pode estar certo! Nós não *somos* certos um para o outro. Então, por favor, não vamos nos ferir mais do que já nos ferimos. Por favor, vá embora.

Ela nunca tinha visto ninguém parecer tão ferido. Foi preciso toda a sua força de vontade para não chamá-lo de volta quando ele saiu pela janela.

Capítulo Vinte e Sete

No dia seguinte, durante a aula de ciências, Kylie ficou sentada em sua carteira mal ouvindo Hayden Yates falar sobre as leis do movimento de Newton e o $E = MC^2$.

Não que ela não respeitasse a ciência, mas como essa ciência poderia explicar uma espada que podia se mover por conta própria? E Hayden não tinha dito que tanto Einstein quanto Newton eram seres sobrenaturais? Será que isso significava que eles não tinham espadas mágicas seguindo-os?

Não que ela estivesse completamente consumida com a preocupação sobre a espada agora. Sua manhã tinha sido uma droga. Começando com a conversa de dez minutos com a mãe, em que as duas ficaram se desculpando. A mãe pela sua reação exagerada à notícia dos testes de gravidez e por fazer uma cena, e Kylie por não avisá-la de que havia usado o cartão para comprá-los. Não tinha sido um telefonema ruim, mas não tinha sido bom, também, especialmente quando a mãe se pôs a falar sobre a grande possibilidade de John ser sua alma gêmea.

De algum modo, ela conseguiu fazer com que a mãe deixasse de lado suas preocupações. Seus problemas com Lucas não eram assim tão fáceis de se deixar de lado. Além de sofrer por causa dele, ela também tentava encontrar uma maneira de sair do armário.

Ela chegou até a faltar à Hora do Encontro e não tomou café da manhã para tentar formular um plano. E acabou... de mãos vazias.

Claro, ela não estava no seu melhor dia. Depois que Lucas saíra, o espírito, como se estivesse com ciúmes por Kylie não estar concentrando sua atenção nele, decidiu aparecer de hora em hora, na noite anterior. Ela não tinha trazido a cabeça decepada nem a espada, e Kylie ficou extremamente grata por isso. Mas em sua última visita, o espírito trouxe algo ainda mais perturbador. Seu sofrimento. Ela soluçou enquanto cobria o rosto com as mãos e murmurou algo sobre o filho ter sido morto.

Depois de perder tantas pessoas na vida, Kylie sabia a dor que o espírito estava sentindo e disse isso a ele, mas o espírito estava deprimido demais até para responder.

Kylie se perguntou se o fantasma queria dizer que seu filho fora morto no presente, ou se estava revendo algo do seu passado. Os espíritos não apenas são indiferentes ao tempo, como podem ser extremamente confusos aos olhos dos vivos que estejam tentando ajudá-los.

Pensando bem, nada parecia fazer muito sentido com esse espírito. Ele não iria responder a qualquer das perguntas diretas de Kylie. Como por exemplo, *Quem exatamente você quer que eu mate?* Ou, *Por que eu?* *Por que você me escolheu para cometer esse assassinato?*

Quando Holiday tinha passado na cabana na noite anterior, ela lembrou Kylie de que o espírito geralmente tem uma ligação com a pessoa que ele está visitando.

— Encontre essa ligação e você pode começar a entender o que ele realmente quer — Holiday a

tinha aconselhado.

Mas era mais fácil falar do que fazer.

Até o momento, o espírito não tinha dito nada que tivesse levado Kylie a acreditar que ele a conhecia, ou que conhecia alguém em comum.

Ela tinha se deparado pela primeira vez com o espírito quando estava a caminho da cerimônia de noivado de Lucas. Kylie achou que talvez ele tivesse sido morto naqueles bosques e eles tivessem se encontrado por acaso. Ela ainda tinha esperança de que fosse esse o caso. Podiam chamá-la de puritana, mas ela não queria ter ligação com ninguém que cortava a cabeça das pessoas e que as levava consigo como troféus. E se Kylie tivesse conhecido alguém assim, essa pessoa não se destacaria na sua memória?

Claro, Kylie estava quase certa de que o fantasma havia trazido a cabeça apenas para chamar a atenção, mas algo um pouco menos dramático teria funcionado muito bem. Holiday também dissera para ela considerar como pista tudo o que o espírito fizesse ou trouxesse consigo. Como a espada que se parecia com a que tinha surgido na cachoeira.

A cabeça seria uma dica ou um sinal? Mas as pistas não deveriam ser sutis? Não havia absolutamente nada de sutil numa cabeça decepada. Esse último pensamento levou Kylie de volta à ideia de que se tratava apenas de um truque para chamar a atenção, principalmente porque o estratagema estava funcionando. Naquele instante, Kylie estava preocupada com o fantasma e não com a sua busca.

Não que ela não precisasse compreender ambos; ela precisava. Mas sua busca tinha prioridade no momento. Ou teria, se o fantasma não parasse de monopolizar seus pensamentos.

Hayden estava parado diante do quadro-negro e apontava para o dever de casa.

Ela tinha começado a anotá-lo quando algo caiu no seu colo com um baque. Um baque bem pesado.

Assustada, Kylie deu um pulo, fazendo seu traseiro descolar alguns centímetros da cadeira. Mas sua aversão a ser apontada na classe como uma aberração a fez reprimir o grito que subia pela sua garganta e a colar o traseiro de volta na cadeira.

Considerando que o tampo da carteira estava cobrindo o seu colo, não era possível que alguma coisa caísse sobre ele.

Mas, como das outras vezes, aquilo não precisava necessariamente fazer sentido, porque nada em sua maldita vida fazia!

Kylie hesitantemente esticou o braço sob a carteira para sentir o objeto de metal frio. Assim como ela suspeitava, ele era longo e terminava com uma alça.

A espada estava de volta.

Kylie ouviu alguém limpar a garganta a alguns assentos de distância. Ela olhou para Derek, que era sua sombra no momento, e ele perguntou sem emitir nenhum som: *Tudo bem?*

Obviamente Derek sentira seu dilema emocional, mas não tinha visto a espada, ou ele teria pelo menos olhado para a maldita coisa. Ela assentiu com a cabeça.

Depois de apenas um minuto, Hayden dispensou a classe. Kylie fingiu estar lendo suas anotações e não se mexeu. Burnett não queria que ninguém soubesse da espada, e brandir de repente uma arma no meio da classe pareceria uma cena saída de um jogo de videogame e chamaria um pouco de atenção...

— Kylie, você vem? — Derek perguntou da porta.

— Hã, não, eu preciso conversar algo com o senhor Yates. Daqui a pouco eu vou. — Ela olhou para Hayden, que a examinava com preocupação.

— Espere do lado de fora — disse Hayden, preocupado, para Derek.

Quando Kylie olhou para Derek, ela viu Lucas de pé do lado de fora da porta. Seus olhos azuis encontraram os dela, mas que droga, ela já tinha muito em sua mente, sem mencionar uma espada em seu colo, para começar a se preocupar em perdê-lo ou em quanto isso a fazia sofrer. No entanto, quando ela viu a preocupação em seus olhos, a completa afeição com que ele a olhava, seu coração pareceu cair em queda livre de qualquer maneira. Por mais que não quisesse, ela não podia negar que havia uma parte dela que queria ficar com ele, compreender o que eles sentiam. Mas isso seria uma tolice, não seria?

— Fechem a porta — Hayden disse a eles, indo até a carteira de Kylie.

Fechem a porta. As palavras de Hayden ecoaram na cabeça dela. Ela tinha que fechar a porta aos seus sentimentos por Lucas. Mas como?

— Tem alguma coisa errada? — perguntou Hayden.

Toda a minha droga de vida está errada. Kylie encontrou os olhos do professor, afastando sua dor com relação a Lucas.

— Sim, há uma espada no meu colo.

— *Aquela espada?* — ele perguntou.

Ela fez uma careta.

— Bem, não olhei para ela, mas estou supondo que eu só tenha uma espada que aparece num passe de mágica e quebra todas as regras e teorias que você acabou de abordar na aula.

Hayden sorriu e se abaixou, para ver a espada. Quando ele se levantou, disse:

— É, essas teorias não valem nada às vezes, quando se trata de magia.

— A mesma espada, presumo? — perguntou Kylie.

Ele anuiu.

— Ótimo. — Então ela percebeu algo que ele acabara de dizer.

— Você acha que é algum tipo de magia que está causando isso? Como magia wiccana?

— Ou outra coisa igualmente desconcertante — disse ele.

— Então você realmente não acha que sejam alguns poderes camaleônicos?

Ele torceu a boca.

— Poderes camaleônicos são, em parte, poderes wiccanos.

— Sim — disse Kylie, e sua mente voltou para a sua mais recente missão.

— O que me confunde é a razão por que é tão ruim ser um camaleão.

Ele pareceu confuso.

— Não é ruim ser um camaleão — disse ele, e então: — Deixe-me pegar meu casaco; vou embrulhar a espada e podemos levá-la para o escritório.

Ele foi até o armário atrás da mesa e tirou dali um moletom; depois voltou com ele aberto nas mãos.

— Quer levantá-la?

Não. Ela não gostava de tocar a coisa, não gostava de ficar sentada com ela no colo, mas fez isso de qualquer maneira.

Ela estendeu a mão, pegou o cabo cuidadosamente e tirou-a do colo. Antes que a levantasse por completo, a espada começou a brilhar novamente. Ela deixou a arma cair sobre o moletom, em seguida ergueu os olhos.

— Se não é ruim ser um de nós, então por que você esconde o seu padrão? Você até usa um capuz para que ninguém possa vê-lo! E por que os mais velhos acham que precisam esconder todas as crianças?

— Eu escondo o meu padrão porque as pessoas não iriam entender, porque no passado, isso nos levou a ser perseguidos, mas não porque seja ruim ser camaleão.

— Mas não seria melhor se você não tivesse que escondê-lo? Se pudéssemos ostentá-lo com orgulho, como os outros fazem?

Ele olhou para a espada como se não tivesse prestando muita atenção ao que ela dizia.

— Algum dia isso vai acontecer.

— Não, não vai — Kylie insistiu. — Não se todo mundo continuar se escondendo.

Ele olhou para ela.

— Você não entende o quanto as coisas foram ruins para os nossos pais.

— Você está certo, eu não entendo. E talvez seja por isso que eu vejo as coisas com mais clareza. As mudanças precisam acontecer. Mas alguém tem que fazê-las acontecer. Isso não vai acontecer naturalmente, ou por acidente.

— Ok, parece que você de fato andou pensando bastante a respeito. Como podemos mudar isso? — ele perguntou.

— Não sei ainda, mas vou descobrir. — Ela se levantou.

Ele suspirou como se não tivesse gostado do que ela disse.

— Quando você descobrir alguma coisa, fale comigo primeiro. Sei que você não gostaria de colocar ninguém em perigo.

— Eu só quero ajudar. E vou falar com você se eu puder. — Ela desviou o olhar para a espada.

— O que quer dizer com isso... “Se eu puder”? Por que não poderia falar comigo? — ele perguntou.

Ela o fitou.

— Estou apenas tomando cuidado para não fazer promessas que não sei se posso cumprir.

Ele franziu a testa.

— Não faça nada idiota, Kylie.

— Agora, isso eu posso prometer — disse ela. — Vou evitar fazer coisas idiotas a todo custo.

Ele não pareceu contente com a resposta dela, mas olhou novamente para a espada.

— Seu avô me ligou na hora do almoço e queria saber com certeza se a espada tinha alguma marca. — Hayden virou a arma na mão. — Eu não vejo nada nela.

— Nem eu — disse Kylie.

— Você sente algum incômodo quando a segura? — ele perguntou e a fitou.

— Incômodo? Não. Se ela me assusta? Sim. Por quê?

— Você poderia segurá-la para mim de novo? Por alguns segundos, e vamos ver se alguma coisa aparece. Sabemos que começa a brilhar. Talvez algo mais apareça nela.

Kylie franziu a testa.

— Tudo bem, mas se ela ou eu sairmos do controle e matarmos você ou coisa assim, não é culpa minha. Quero dizer, a última vez que Holiday me fez tentar algo, Burnett quase ficou estéril.

Hayden fez uma careta.

— Talvez devêssemos esperar para experimentar isso quando chegarmos ao escritório e Burnett e Holiday estiverem por perto.

— Boa ideia! — disse Kylie.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou Kylie. — E se for como o acidente com o peso de papel? — Ela olhou de Hayden para Burnett, que tinha sido atingido com toda a força pelo peso de papel.

Não era nenhuma surpresa que o vampiro fosse o único com um ar de preocupação, mas ele também foi o único a falar.

— Você já segurou a espada antes e a única coisa que ela fez foi brilhar.

— Mas eu nunca a segurei por mais de alguns segundos.

— Se você não quer fazer isso, então não precisa fazer — disse Holiday, e Derek, de pé ao lado dela, concordou com a cabeça. Burnett, lembrando-se dos conhecimentos de informática de Derek, tinha lhe pedido para estar presente e pesquisar qualquer informação sobre a espada.

Kylie olhou para Holiday.

— Eu só não quero que ela enlouqueça e comece a matar pessoas.

— Por que você acha que ela faria isso? — perguntou Holiday.

— Eu... Eu não sei, talvez por causa da espada do fantasma — disse Kylie. — E do fato de que ela carrega por aí uma cabeça, junto com a espada.

— Você realmente acha que o fantasma e essa espada têm alguma ligação? — perguntou a *fae*. — Porque eu ainda não consigo entender como um fantasma poderia ter mandado uma espada para cá.

— Não sei o que pensar — disse Kylie. — Mas eu acho que as duas espadas são parecidas.

— Mas é uma espada muito comum, se levarmos em conta o que ela é — disse Burnett.

— E eu não acho que você vá fazer mal a alguém — disse Derek. — Você é uma protetora; se a

espada está reagindo a você, então acho que ela está se conectando a essa parte sua. Não acho que seja algo maléfico.

— Eu concordo — disse Hayden.

— Tudo bem, é a vida de vocês que está em risco. — Kylie esticou o braço para pegar a arma.

— Mas apenas por precaução — Holiday disse, detendo Kylie. — Vamos todos ficar preparados para nos abaixar e correr se for necessário.

Kylie fez uma careta.

Holiday encolheu os ombros.

— Só por precaução.

Kylie pegou a espada. Burnett empurrou Holiday para trás e, em seguida, todo mundo deu outro passo para trás.

Capítulo Vinte e Oito

No momento em que a palma da mão de Kylie envolveu a espada, a arma começou a brilhar novamente. O calor dela se transmitiu para a mão de Kylie e começou a subir pelo braço.

— Você está bem? — Holiday perguntou, como se sentisse o desconforto de Kylie.

Kylie lutou contra a vontade de soltar a arma e deu um suspiro. Em vez disso, ela agarrou o cabo com mais força, tentando não deixar que o peso fizesse seu braço balançar. Não era tão pesada, provavelmente pesava apenas uns dois quilos, mas causava uma sensação estranha. Kylie se sentia esquisita ao segurá-la.

— Sim, eu estou bem — disse ela. — É apenas quente.

— Não deixe que ela queime você — avisou Holiday.

— Não é tão quente assim. Apenas morna — disse Kylie. A espada continuou a ficar cada vez mais brilhante, mas não a ponto de ofuscar os olhos. Era como uma luz filtrada. Ela inspirou mais uma vez desde que pegara a arma e de repente não estava mais com medo. Não era nem mesmo um pouquinho assustador. Era como... pegar algo conhecido. Um cristal ou uma foto emoldurada que ela tinha segurado e observado por um longo período. E, no entanto, até poucos dias atrás ela nunca havia tocado a espada. Como a arma podia parecer tão confortável na sua mão?

Como se o seu sentimento de calma tivesse se irradiado pelo ambiente, Burnett e Hayden deram um passo para mais perto. Derek seguiu-os e depois Holiday.

— Não vejo nenhuma marcação nova sobre ela — disse Hayden.

— Nem eu — disse Burnett.

Kylie olhou para a espada e percebeu que ela nem sequer parecia pesada. A sensação estranha tinha desaparecido. Seu controle sobre a espada era sólido, o objeto em sua mão tornou-se quase uma parte de si mesma. Ela virou o pulso e viu uma inscrição na parte superior da alça.

— Aqui. Há uma inscrição. — Kylie acenou com a cabeça, depois apontou com a mão esquerda.

Todos os quatro se aproximaram.

— É latim — disse Holiday. — Diz *guerreiro santo*.

— Sabe, eu posso verificar na Internet e ver o que posso encontrar, mas... — Derek olhou para ela como se estivesse pedindo desculpas, como se soubesse que o que estava prestes a dizer ia contrariá-la. — Mas existe alguém aqui que sabe muito sobre espadas.

Burnett assentiu.

— Só agora me lembrei disso. — O vampiro olhou para Kylie com o mesmo olhar de desculpas de Derek.

Ah, merda! Ela sabia quem era, sem que precisassem dizer nada.

Burnett pegou o telefone.

— Vou ligar para Lucas.

Kylie balançou a cabeça.

— Como assim? O que um lobisomem pode saber sobre espadas?

Burnett arqueou uma sobrancelha.

— A ascendência de Lucas remonta aos escandinavos.

História não era o forte de Kylie.

— E o que isso quer dizer?

— A luta com espadas é algo presente em sua família há mil anos. Ele foi treinado quando criança.

Um gemido escapou da boca de Kylie. Ela tivera a esperança de manter a maior distância possível de Lucas.

— Tudo bem, ligue para Lucas. Mostre a ele a espada. Mas posso ir agora? — Kylie começou a baixar a espada.

Burnett fez uma careta.

— Na verdade, eu gostaria que ele a visse brilhando.

— Lucas — disse Burnett no celular. — Você pode vir até o escritório? Tem algo aqui que eu quero que você veja. — Burnett olhou para Kylie. — Sim. — Pausa. — Sim. Não, ela está bem. — Pausa. — Você vai ver quando chegar aqui. — Pausa. — Ótimo.

Burnett desligou.

— Na verdade, ele está aqui no refeitório — disse Burnett.

Kylie sabia que ele provavelmente os seguira até o escritório e estava esperando para ver se havia algo errado. O fato de ele se importar com ela fez seu coração bater mais forte outra vez. Ela fechou os olhos por um segundo e se preparou para vê-lo.

O som de passos apressados na varanda do escritório encheu o silêncio. A porta do escritório se abriu. Uma batida soou na porta de Holiday.

— Entre — Burnett e Holiday disseram ao mesmo tempo.

Lucas entrou apressado, o olhar fixando-se nela. Seus olhos, cheios de preocupação, encontraram os dela com um toque de pânico. Ela sentiu que o olhar de preocupação dele mexia com seus nervos. Nervos já a flor da pele.

Uma dor física real se agitou no peito de Kylie.

— O que há de... errado? — Seu olhar desviou-se para a espada brilhante, que Kylie agora segurava ao seu lado, e ele segurou o fôlego.

— Caramba!

— Você sabe alguma coisa sobre este tipo de espada? — perguntou Burnett.

Lucas se aproximou. Estendeu a mão para o pulso dela, suavemente, mas seu toque provocou minúsculos pontinhos de dor dentro dela. Sua atenção desviou-se da espada e se dirigiu ao toque do lobisomem.

Ele levantou a mão dela e a espada. Ela o ouviu respirar rapidamente, como se estivesse

emocionado. Sentiu que a mente dele não estava apenas na espada também. Ela mordeu o lábio para impedir que um suspiro deixasse seus lábios.

— E então? — perguntou Burnett.

Lucas respirou fundo.

— É do século XII. — Ele virou a mão dela um pouco para dar uma boa olhada em ambos os lados. — É mais do que provável que seja a espada de um cruzado.

— Eu sabia — exclamou Burnett. — Você saberia explicar por que ela está brilhante?

Lucas olhou para ela.

— Tem que ser por causa de Kylie.

O polegar de Lucas roçou na parte inferior do pulso dela. Seu toque era doce e amargo ao mesmo tempo. Ela queria chorar. Engoliu em seco novamente, rezando para conter as lágrimas. Mas que droga! Mesmo com raiva dele, mesmo tendo certeza de que sua relação estava condenada, ela o amava muito. O desejo de se aconchegar a ele, de pedir que ele a abraçasse, era forte, mas ela se obrigou a não ceder.

— Sim, nós sabemos disso, também — disse Burnett. — Mas por quê?

O olhar de Lucas continuou a acariciá-la.

— Isso eu não sei. Quer dizer, eu posso imaginar.

— Então, diga — disse Burnett, sem paciência.

Lucas olhou para Burnett.

— Ela é uma guerreira santa.

— Não, eu sou apenas uma protetora. — Kylie afastou os problemas com Lucas para se concentrar na questão da espada novamente. — Eu não sou uma guerreira. Nem gosto de guerra!

— Mas isso é exatamente o que a espada revela — disse Burnett. — Guerreiro santo.

Lucas olhou para ela.

— Onde? — Ele olhou para a espada novamente.

Kylie virou o pulso e mostrou a inscrição.

— Santo Deus! Você realmente é uma guerreira santa. — Ele parecia admirado. Impressionado.

Houve um tempo em que ela ficaria emocionada ao ver aquele olhar. Mas não agora. E sim, ela não estava tão impressionada assim. Ela não queria pensar em si mesma como Joana d’Arc ou algum tipo de guerreira.

— Você não pode acreditar em tudo o que lê — disse ela.

Lucas pareceu intrigado com a reação dela.

— É quase a mesma coisa que ser uma protetora, mas, para mim, é ainda mais surpreendente. Há lendas escritas sobre isso. Não me lembro de todas elas, mas a minha avó tem um livro sobre o assunto.

— Mas você realmente nunca encontrou uma guerreira santa, não é? — perguntou Kylie.

— Você — ele disse, com um sentimento de orgulho.

— Antes de mim — ela retrucou.

— Não — Lucas admitiu.

Kylie se virou para os outros na sala.

— Algum de vocês já conheceu um guerreiro santo?

Todos eles negaram com a cabeça.

— Então, essa é a prova — disse ela, inflexível. — Eles são apenas lendas. Na verdade não existem. — Era preciso admitir, ela não queria pensar em si mesma como uma guerreira. Ela ainda estava lutando com a ideia de ser uma protetora.

Holiday se aproximou e descansou a mão no braço de Kylie.

— Nós não sabíamos que camaleões existiam até algumas semanas atrás.

— Ela tem razão — Derek disse a Kylie.

Bem, diabos, isso fazia sentido, Kylie pensou, tentando não entrar em pânico.

Lucas, que ainda segurava o pulso dela, apertou sua mão de leve.

— Não é... uma coisa ruim. Ser um protetor é praticamente a mesma coisa. Você tem que lutar para proteger alguém.

Ela olhou para a espada brilhante e percebeu que o toque de Lucas era mais quente do que a espada.

— Ok, então estamos supondo que ela seja uma guerreira santa, mas o que isso de fato significa? — perguntou Burnett. — Por que a espada apareceu só agora? Seria um tipo de rito de passagem? Seria agora o momento certo? Ou... será outra coisa?

A maneira como ele disse “outra coisa” soou estranha. E Kylie podia adivinhar a que ele se referia. E não gostou.

Nem um pouco.

Lucas olhou para ela com simpatia.

— Acho que ela está sendo apresentada a uma arma com um objetivo. Sim, pode ser que ela não esteja preparada para recebê-la ainda. Mas eu acho que é mais que isso... — Um olhar protetor atravessou o rosto dele. Ela sabia que eles estavam pensando a mesma coisa.

— Mais o quê? — Burnett e Holiday perguntaram ao mesmo tempo.

— Pode ser que ela vá precisar. A espada aparece quando é hora de se preparar para a batalha.

— Isso é exatamente o que os anciãos disseram — Hayden falou. — Se ela recebeu uma espada, é porque vai precisar dela.

— Existe uma maneira de ter certeza disso? — perguntou Burnett.

Lucas balançou a cabeça.

— Eu não sei. Mas... — Ele respirou fundo e encontrou o olhar de Kylie. — Você sabe como usar uma espada dessas?

— Por que eu saberia como usar isso? Eu não sei usar nem um descascador de batatas. E é por isso que essa coisa toda não faz sentido. Eu *não* sou uma guerreira.

— Eu vi você lutar — disse Derek. — Você é incrível.

— Ele tem razão — disse Lucas. — Você também tem um coração de guerreiro santo. — Ele

olhou para Burnett. — Mas ela precisa aprender a usar uma espada.

E, obviamente, Kylie não ia ter direito de opinar sobre o assunto. Ela franziu a testa.

— Você pode ensiná-la? — perguntou Burnett.

O olhar de Lucas encontrou o dela novamente.

Não, Kylie pensou, e ela finalmente retirou a mão da dele.

Essa não era uma boa ideia.

— Se ela permitir — disse Lucas.

— Kylie? — perguntou Burnett.

Será que ela tinha escolha? Poderia dizer não e a espada desapareceria?

Ela achava que não. Não poderia escapar dessa.

Ela sabia disso. Sabia com certeza — se não por outro motivo, pelo modo como a espada se encaixava na sua mão — que a arma lhe pertencia.

Ela assentiu, sabendo que era a coisa certa a fazer, mas detestou a ideia do mesmo jeito.

— Ótimo! — disse Burnett. — Primeiro, eu quero que você me traga aqueles livros de lendas da sua avó e, então, a sua tarefa é ensinar Kylie a usar a espada.

Lucas se virou e olhou para Kylie.

— Estou ansioso para começar.

E eu não, pensou ela, mas manteve as palavras para si mesma.

Dez minutos depois, Kylie voltava para sua cabana com Derek, sua sombra oficial até Della voltar do encontro com suas irmãs vampiras. Lucas estava providenciando o necessário e as aulas começariam no dia seguinte.

— Eu sei que você não está feliz com isso — disse Derek.

— Você é minha sombra, eu não estou chateada.

— Não me refiro a isso. Quero dizer as aulas com o Lucas.

Kylie suspirou.

— Não tive muita escolha.

— Você poderia ter insistido com Burnett para encontrar outro professor.

— Não pensei nisso. — *Mas por que não pensei? Estou querendo ficar com ele?*

Derek olhou para ela.

— Acho que provavelmente é melhor assim.

— Por quê? — perguntou Kylie, sentindo que havia algo que ele não estava dizendo.

Ele sorriu, mas o sorriso veio com um pequeno toque de tristeza.

— Você o ama. Senti isso com toda clareza ali. E também senti a sua raiva.

— Eu tenho o direito de estar com raiva — ela murmurou, mesmo sabendo que a raiva não era o maior problema. Embora tampouco fosse um problema insignificante.

— Sim, você tem — concordou Derek; então ele parou de andar e olhou para ela. — Mas o que você estava sentindo era maior do que isso.

Ela pensou que ele se referia ao fato de ela saber que Lucas acabaria ressentido com ela, mas então Derek continuou.

Ele fez uma cara de quem estava envergonhado.

— Eu senti. A mesma angústia que você costumava sentir quando nos conhecemos. Quando você foi magoada por aquele seu namorado. Depois, a dor que sentiu em relação ao seu padrasto, você sabe, por enganar a sua mãe. Então, veio o sentimento de que eu a trai.

Ela queria negar, mas não conseguiu.

— Então, eu acho que isso apenas significa que nenhum homem presta! — O coração dela se contraiu e ela engoliu em seco para conter as lágrimas.

Ele suspirou, estendeu a mão e tocou o ombro dela como se quisesse consolá-la.

— O que Lucas fez foi errado, Kylie. Droga, o que todos nós fizemos foi errado. E eu não estou dizendo que Lucas não mereça a sua raiva, mas ele não merece pagar pelos erros de todo mundo.

Apesar dos seus esforços, as lágrimas turvaram seus olhos. Droga! Derek estava certo! A raiva que sentia por ter sido traída pelos outros se misturava com a raiva de Lucas.

O toque quente de Derek acalmou suas emoções, mas não consertou as coisas.

Porque aquilo não era algo que se pudesse consertar.

— Mesmo que eu conseguisse superar essa raiva, o nosso relacionamento não iria funcionar.

— Por que não? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Eu já disse. Ele vai perder tudo. A família. A alcateia. E algo ainda mais importante, os seus sonhos. Eu me recuso a ser a razão de ele perder tudo isso. — Ela voltou a andar novamente. Rápido. Desejando que pudesse correr, fugir de tudo o que sentia. De tudo o que tinha perdido.

Ele emparelhou com ela, e ela desacelerou o passo enquanto cortavam caminho de volta para a cabana. O sol parecia vir de um ângulo diferente, em comparação há algumas semanas. Havia uma sensação de outono no ar e de que a vida estava mudando.

Mudanças eram difíceis.

Ele limpou a garganta e falou, a voz ecoando no silêncio frágil.

— Então você acabou de encontrar uma maneira de contornar isso.

Ela olhou para ele, sem saber exatamente o que ele queria dizer.

— Contornar o quê?

— Contornar a possibilidade de ele perder tudo.

— Não acho que isso seja possível — disse ela.

— Qualquer coisa é possível. Você é Kylie Galen. — Ele lhe ofereceu um sorriso sincero.

Ela balançou a cabeça.

— Você sabe, as pessoas me dão muito mais crédito do que eu mereço.

Ele sorriu.

— Você simplesmente não se vê como nós a vemos.

Ela soltou um suspiro de frustração e os fatos ocorridos mais cedo apertaram seu peito.

— Eu não sou talhada para ser uma guerreira, Derek.

— Você vai se sair muito bem — disse ele. — Além disso, lembra-se do que você me disse, quando chegamos aqui, sobre eu aceitar meus dons?

— Foi provavelmente um mau conselho — disse ela.

— Não, não foi. Você me disse que eu precisava me abrir para os meus dons. Você estava certa. Mal posso me imaginar sem eles agora. São uma parte de mim. E toda essa coisa de espada e ser uma guerreira faz parte de quem você é.

Ela negou com a cabeça.

— Já tenho tanta coisa em que pensar; não preciso de mais.

— Em que você tem que pensar? — ele perguntou.

— No meu fantasma mais recente. — Eu preciso fazer com que ele faça sua passagem antes que me deixe louca. E nas minhas missões — disse ela.

— Mas você não acha que toda essa coisa de espada faz parte das suas missões? Acho que o fato de ela brilhar quando você a toca é um sinal de que ela tem a ver com você.

— Bem, não é a parte da minha busca a que eu gostaria de me dedicar agora — ela retrucou.

Depois de um segundo, ele perguntou:

— Posso ajudá-la de alguma forma?

Ela pensou um pouco.

— Acho que não.

— Conte-me sobre o seu fantasma — incentivou ele.

Ela lhe contou sobre o espírito. Sobre a cabeça e a espada.

— Uau! Isso é bizarro! — exclamou Derek. — Elas têm que estar ligadas de alguma forma. Ela tem uma espada e uma espada vive aparecendo. — Ele fez uma pausa. — Sei que Lucas vai trazer os livros da avó, mas ainda assim vou fazer algumas pesquisas na Internet. Talvez eu encontre alguma coisa.

— Obrigada — disse ela, e, em seguida, olhou para ele. — Por tudo.

— Tudo? — ele perguntou.

— Eu não mereço a sua amizade.

— Ah, você merece, sim! — Eles andaram alguns minutos em silêncio. O som de seus passos na trilha pedregosa juntou-se à melodia da natureza. Alguns pássaros piavam, insetos zumbiam.

— Quer saber de uma coisa? — ele disse.

— O quê? — ela perguntou.

— Você fez a coisa certa... com a gente. Eu precisava que você me dissesse aquilo. Por mais louco que pareça, eu de fato me sinto melhor.

— Você está apenas tentando garantir que eu não me sinta culpada? — ela perguntou.

— Não. Estou falando sério. Foi a coisa certa.

Ela olhou para Derek e percebeu que ele estava sendo totalmente sincero.

— Nós vamos ficar bem, não é? — ela perguntou.

— Sim, eu acho que vamos. Mas eu também estou falando sério sobre ser seu amigo.

— Eu também — disse ela.

Eles caminharam um pouco em silêncio novamente.

— Quais são as suas outras missões? — ele perguntou.

Ela não quis explicar tudo sobre sair do armário para Derek, então explicou a outra metade.

— Quero ajudar os outros camaleões adolescentes. Os anciãos os mantêm isolados de tudo. Essa não é uma boa maneira de crescer.

— Como aquela menina, a Jenny? — ele perguntou. — Ela me pareceu... bem normal.

— Sim, estou falando dela e ela é normal, ela é só... muito isolada do mundo. — Kylie contou a Derek que eles não tinham telefones celulares ou amigos fora do complexo.

— Isso é triste. Jenny me pareceu... bem simpática.

— Sim, ela é — Kylie disse, e se lembrou de ter visto Jenny agarrada às costas de Derek enquanto ele corria em círculos tentando se livrar dela. Kylie quase sorriu.

— Eu sei no que você está pensando — disse ele.

— Foi engraçado — ela admitiu.

— Não foi. Eu poderia tê-la machucado.

— Você não teria feito isso — disse Kylie.

— Não de propósito, mas ela pulou em mim de repente. Eu não tinha ideia de que era uma garota bonita agarrada a mim.

— Então. — Kylie apontou o dedo para ele. — Você a achou bonita. Eu sabia. Vi a maneira como vocês dois se olharam.

Ele deu de ombros.

— Eu não olhei para ela de um jeito especial.

— Olhou, sim. Você a estava analisando. E ela estava analisando você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ela estava mesmo?

Kylie riu.

— Sim, ela estava.

— Então vou ter que procurá-la, porque parece que tenho uma queda por garotas camaleões.

— Vai precisar de muita sorte — disse Kylie. — Ouvi dizer que essa espécie pode ser difícil.

— Isso é verdade! — ele disse, rindo. Andaram alguns metros em silêncio.

— A vida dos camaleões adolescentes é muito ruim? — perguntou Derek.

— Eles basicamente não têm permissão para aparecer em público até que sejam capazes de alterar seus padrões. E isso só acontece no final da adolescência ou com vinte e poucos anos.

— Você consegue mudar o seu padrão.

— Sim, eu sou diferente por algum motivo. — Ela fez uma careta. — Parece que essa é a história da minha vida.

— Isso deve ser um saco para eles — comentou Derek. — Por que você não tenta trazê-los para

cá? Aposto que Holiday iria deixar.

— Acredite ou não, eu pensei nisso, mas não vai ser assim tão fácil. — Primeiro Kylie tinha que descobrir como convencer os camaleões a sair do armário.

— Bem, se eu puder ajudar, você sabe que estou à disposição.

— Vou me lembrar disso.

Quando chegaram à cabana, Della já estava lá. Assim como Miranda. Estavam sentadas à mesa da cozinha, cada uma com um refrigerante na mão e expressões de preocupação no rosto.

— Que bom que você chegou! — disse Miranda, como se estivessem esperando por ela para realizar uma mesa redonda importante. Então, as duas companheiras de alojamento olharam para Derek como se aquilo fosse uma festa e ele não tivesse sido convidado.

Derek olhou para Kylie e riu.

— A última vez que eu vi esse olhar de uma garota, havia um aviso escrito à mão na casa na árvore da minha vizinha que dizia “Meninos não entram”. Vejo você depois. E se conseguir qualquer coisa nas minhas pesquisas na internet, eu aviso.

Kylie observou-o se afastar. Então virou-se para Miranda e Della e convocou sua própria mesa redonda, para discutir a questão.

— Por que o meu coração não podia ter escolhido Derek? A vida teria sido muito mais fácil.

— Porque os corações são pestinhas sorrateiras e irracionais, feitas para causar sofrimento. Eles querem o que querem, e não dão a mínima para o que tornaria a vida da gente mais fácil ou mais difícil — Della concluiu. — Mas que tormento! — ela gritou, batendo na mesa com tanta força que Kylie não ficaria surpresa se ela a tivesse rachado ao meio. — Acho que devemos começar a beber chocolate novamente. Você acha que conseguiria outro frasco de calda de chocolate com Holiday?

Kylie olhou para Miranda com uma pergunta nos olhos: *O que diabos está acontecendo?*

Miranda deu de ombros e, obviamente, captou a pergunta silenciosa de Kylie, porque respondeu.

— Steve está ligando para ela de meia em meia hora e ela nem sequer atende ao telefone.

Capítulo Vinte e Nove

No dia seguinte, depois da aula, Kylie ainda estava com ressaca de chocolate. Sim, isso existia. Ela era uma prova viva, pulsante e nauseada disso. Holiday, alegando que todas as três mereciam afogar suas mágoas em cacau, não só tinha arranjado calda de chocolate, como fez Burnett comprar um litro de sorvete de chocolate e um pacote de biscoitos recheados de chocolate.

Claro, mais da metade dos biscoitos já tinha desaparecido no momento em que Burnett e Holiday desceram do carro, e Holiday ainda tinha migalhas no queixo.

— Estou comendo por dois — disse ela, desculpando-se.

Della tinha se contentado apenas com seus Bloody Marys de Chocolate, mas Kylie e Miranda tinham se empanturrado de sorvete, biscoitos e calda de chocolate. Kylie não ficaria surpresa se nunca mais fosse capaz de comer aquilo novo. Ela não podia negar que o chocolate tinha conseguido aliviar temporariamente todos os seus problemas. Mas aliviar, não resolve.

Della tinha ficado reclamando por Steve não aceitar que o relacionamento entre os dois havia acabado. Miranda choramimara sobre ter que se desculpar com Nikki. Kylie quase tinha caído no choro enquanto se perguntava por que todos os homens eram tão cafajestes. Mas quando as palavras estavam prestes a deixar seus lábios, ela se lembrou do que Derek tinha dito sobre ela ter despejado toda sua raiva do passado em cima de Lucas. Ao constatar novamente toda a verdade daquela declaração, ela mudou um pouco o seu discurso e falou sobre o quanto estava chateada por ser uma guerreira santa.

Claro que, depois de levantar a questão de ser uma guerreira, ela foi obrigada a contar tudo o que tinha acontecido com a espada, fazendo as amigas jurarem que não iriam contar a ninguém. Miranda, é claro, achava toda a coisa de ser uma guerreira santa muito legal, e Della ficou com inveja. Kylie ainda estava tão chateada que deu conta de mais uma tigela de sorvete para conseguir lidar com isso. Ah, mas, antes que a noite terminasse, as três estavam rindo feito tontas de todo tipo de bobagem. Entre os temas que abordaram incluíam-se sexo, garotos e o que ficava melhor neles, sungas ou boxers.

As boxers ganharam.

— Ok, talvez chocolate e sangue não combinem tão bem assim — disse Della, parecendo muito triste naquela tarde também. Mas era Kylie quem estava no pior humor. Estava prestes a se encontrar com Lucas para ter sua primeira aula de esgrima. E, ainda por cima, a aula seria à beira do lago.

Por que ele tinha escolhido aquele local para o treino?

Ah, droga, ela sabia por quê — porque aquele era o lugar em que eles costumavam ir para uma sessão de amassos. Mas o que ela não sabia era se ele achava que havia alguma chance de aquilo acontecer nesse dia. Se ele achava, estava redondamente enganado. Ela iria lá para lutar, não para

dar beijo de língua!

Ela viu Lucas esperando, apoiado casualmente contra uma árvore. Ela não o via desde o dia anterior no escritório, mas por alguma razão era como se houvesse se passado muito tempo. Ele tinha faltado à aula. Quando a senhorita Cane questionou a ausência dele, Fredericka ergueu o braço e disse que ele tinha ido pegar algo na casa da avó. Kylie sabia que eram os livros que Burnett queria.

Enquanto se aproximava, Kylie não conseguia desviar o olhar de Lucas, parado ali tão natural e vigoroso quanto a floresta atrás dele. Por alguma razão, ele parecia mais lobisomem do que humano, e ela supôs que o período da Lua cheia estava se aproximando. Cerca de duas semanas antes dessa fase da Lua, ela começava a perceber que ele parecia mais viril. Quanto mais perto ela chegava do ponto onde Lucas estava, mais ela percebia o quanto aquela aula seria difícil.

O cabelo preto dele precisava de uma tesoura e algumas mechas se encaracolavam. Esses pequenos cachos agitavam-se com a brisa e lhe davam vontade de correr os dedos através deles. Ele usava uma calça jeans apertada o suficiente para mostrar a parte inferior do corpo de um homem, não de um menino. A camiseta azul-clara estava justa nos ombros largos, definindo os peitorais sob o algodão fino. A bainha das mangas curtas delineava perfeitamente os braços, chamando a atenção para os bíceps. E a cor da camiseta só fazia seus olhos azuis parecerem mais indomáveis. Ele parecia saído de um anúncio de revista para vender algum produto supermasculino.

Lucas se afastou da árvore e começou a andar na direção de Kylie e Della, mas ela sentiu que ele se movia na direção dela, como se ela fosse o único destino dele. Não que ele se apressasse; sua marcha era lenta, mas confiante. O estômago de Kylie vibrou e ela sentiu que suas mãos começavam a suar.

Della inclinou a cabeça para baixo e sussurrou:

— Você sabe que os lobisomens podem farejar feromônios, não sabe?

Ah, que maravilha, ela pensou, mas então percebeu que, embora não conseguisse controlar o fato de se sentir atraída por ele, aquilo não queria dizer que teria que agir com base nesse sentimento.

— Se isso faz você se sentir melhor, saiba que não é a única poluindo o ar neste momento.

Kylie não tinha se vestido com a intenção de chamar a atenção dele. Ou tinha?

A camiseta rosa de decote canoa só revelava levemente a fenda entre os seios. Claro que estava um pouco justa, mas a maioria de suas roupas era assim desde que seu sutiã tinha aumentado um número no tamanho. A cor era feminina, mas o que ela podia fazer se gostava de rosa? Os shorts eram calças jeans que ela havia cortado, mas nada muito curto, e os tênis brancos eram simples e gastos sobre as meias cor-de-rosa, que combinavam com a camiseta. E a única maquiagem que ela usava era rímel e gloss.

Lucas parou à sua frente. Era incrível como ele cheirava a ar livre; um aroma fresco, de terra, com uma pitada de hortelã.

— Estou aqui. — Ela tentou parecer indiferente à presença dele.

— Que bom! — disse ele, e havia suavidade em sua voz.

Seus olhares se encontraram e se mantiveram assim por um segundo. O coração dela acelerou.

Della acenou com a mão para a amiga, como se dissesse que se sentia sobrando ali.

— Você quer que eu fique?

O “sim” de Kylie e o “não” de Lucas soaram ao mesmo tempo.

— Desculpe — disse Lucas, não parecendo lamentar tanto assim ao olhar para Della. — É que eu preciso de toda a atenção de Kylie para ensiná-la, e você iria apenas distraí-la.

— Certo — Della disse, num tom de descrença total.

Lucas franziu o cenho para a vampira.

— Tudo bem — disse Della. — Eu só vou dar uma volta por aí. — Ela olhou fixamente para Kylie. — Me ligue quando quiser ir embora e eu volto quando tiverem terminado.

— Eu a levo até a cabana — disse Lucas.

— Eu te ligo quando terminar — disse Kylie.

Della foi embora, deixando os dois sozinhos. Kylie olhou para a água por um segundo e tentou encontrar forças para resistir à próxima hora.

Nenhum dos dois falou durante vários minutos. Ela continuou a olhar para a água e ela pôde senti-lo olhando para ela. As borboletas, brincando de carrinhos de bater em seu estômago, aceleraram os motores e saíram em alta velocidade. Respirando fundo, e dizendo a si mesma que estava sendo tola, ela o encarou.

— Quando é que vamos começar?

— Vou pegar as coisas.

Lucas voltou a caminhar até a árvore onde havia um saco grande de pano ao lado do tronco. Ele pegou uma toalha do saco e, em seguida, estendeu-a no chão. Pegou o saco de novo e dali tirou uma espada. Ela a reconheceu imediatamente como a espada que a perseguia. Algo como um tremor em espiral percorreu a sua espinha. Mas não era medo, era outra coisa. Era como um sentimento inexplicável de reconhecimento.

Lucas pousou a espada sobre a toalha. Só o jeito como ele carregava a arma já expressava respeito, reverência. Ela não tinha a menor ideia de que ele sabia como manejar uma espada. Talvez o assunto de lutas e espadas nunca tivesse surgido nas conversas entre eles.

Kylie se aproximou e viu quando ele tirou do saco outra espada, um pouco diferente, mas parecida com a primeira. O tamanho e a forma pareciam quase os mesmos, e ambas tinham a mesma aparência de antiguidade.

Será que a outra tinha surgido de forma mágica também?

— De onde que veio essa espada? — ela perguntou.

Ele ergueu o olhar.

— Essa é a minha. Quando fui pegar os livros para Burnett, trouxe a espada também.

— Onde você arranjou uma espada? — perguntou Kylie.

— É uma relíquia de família. Está na minha família há muito tempo. Meu avô na verdade me deu antes de morrer.

Ela percebeu mais uma vez que as duas espadas pareciam ser do mesmo tipo.

— Eles eram cruzados ou guerreiros santos?

Ele sorriu para ela, um de seus sensuais sorrisos de *bad boy*. E os dedos de Kylie se remexeram dentro do tênis com aquele sorriso. Ela se lembrou de sentir aquele sorriso em seus lábios. Prová-lo. Adorá-lo.

— Na verdade, eram *vikings*. Me contaram que eles eram uma espécie de Robin Hoods, não piratas assassinos, mas não posso jurar que isso seja verdade.

Ela passou as palmas das mãos suadas nos bolsos traseiros.

— Burnett já teve chance de olhar os livros? Será que ele descobriu alguma coisa útil?

Ele voltou a pegar o saco e tirou dali duas espadas de madeira.

— Eu o vi logo depois do almoço e ele me disse que ainda estava dando uma olhada neles.

— Você já leu esses livros? — perguntou Kylie.

— Já. Quando meu avô me dava aulas, eu os devorei. Eu costumava fazer de conta que era um guerreiro santo. — Seu sorriso se iluminou. — Salvando donzelas em perigo.

Ela podia quase vê-lo representando esse papel. Lembrou-se de quando eles eram pequenos e ele pegou a pedra que os valentões tinham atirado nela.

Aos 6 anos, ela o considerava um herói.

Aos 16 anos, ela o considerava um destruidor de corações.

— Tudo bem — disse ele. — Eis o meu plano. Primeiro vou ensiná-la a segurar a espada e, em seguida, a fazer alguns movimentos defensivos muito simples. Então vamos realmente treinar por um tempo.

Ele pegou a espada de Kylie e se moveu atrás dela. Ela imediatamente se virou.

— Fique olhando para a frente, quero te orientar sobre como segurá-la.

— Por que você não pode simplesmente me mostrar?

Ele franziu a testa.

— Foi assim que o meu avô me ensinou. Por favor, vire-se.

Ela franziu a testa para ele, mas se virou. Em seguida, ela prendeu a respiração e esperou pelo toque de Lucas. Esperou para sentir seu corpo contra o dela.

Esperou a dor que acompanharia o toque dele — a dor emocional, que era ao mesmo tempo doce e amarga.

Ela sentiu o peito de Lucas, quente e sólido, contra as omoplatas. A mão direita dele se estendeu para a frente e ele pressionou dois dedos um pouco abaixo do cotovelo de Kylie. Então ele deslizou lentamente a mão até o pulso dela. A sensação de seu toque era tanto desejada quanto indesejada. Ela engoliu em seco e o barulho que isso fez foi quase alto demais.

— Pegue a espada. — A voz profunda e rouca de Lucas sussurrou em seu ouvido.

Só então ela percebeu que tinha fechado os olhos.

Quando os abriu novamente, ela viu que ele tinha esticado o braço em torno dela e segurado a espada com a mão esquerda. Segurando a espada, ela fechou a mão em torno da arma.

— Agora, mova o pulso só um pouco para... — Ele fez uma pausa e nesse instante a espada começou a brilhar.

O jeito como ele inspirou o ar revelou que isso ainda o deixava impressionado.

Kylie ainda estava muito concentrada na sensação do corpo dele pressionado contra o seu para se preocupar com a espada.

— Assim — disse ele, girando ligeiramente o pulso dela para a direita. A cabeça de Lucas se virou também, e ela sentiu o rosto dele na parte de trás da cabeça.

Ela achava que o ouvira suspirar, mas não tinha certeza.

— Você sente como o peso da espada está nivelado na sua mão?

Ela assentiu com a cabeça, não confiando na própria voz. O aroma dele a rodeava. As ondas mais fortes de dor cessaram, mas ela ainda sentia uma dor incômoda. Ela também sentia... a maravilha que era o toque de Lucas. Sentia a pele dele onde quer que ele pressionasse o corpo contra o dela.

— Você está indo bem. É assim que precisa segurá-la.

Ficaram assim por alguns longos segundos. A forma firme do corpo dele pressionada contra ela, seu braço circundando-a, a espada na mão.

Por um segundo, ela pensou que tinha ouvido o zumbido, o som hipnotizante e poderoso feito para enfraquecer as parceiras.

— E agora? — ela conseguiu dizer, lutando contra a sensação de atração, de se sentir seduzida.

Ele respirou fundo e deu um passo para trás.

— Agora eu vou pegar a minha espada e te mostrar alguns movimentos. — A voz dele soou um pouco mais baixa.

Ele se moveu rapidamente para pegar a espada. Então voltou e ficou bem ao lado dela. Seu olhar azul-escuro desviou-se da espada e olhou para ela. Ela viu o ardor nos olhos dele, ela viu o desejo.

— Sinto muito. Eu não queria que isso acontecesse.

Ela desviou o olhar rapidamente e, embora parte dela quisesse se aproximar dele, ela simplesmente ficou ali e esperou que ele lhe mostrasse o movimento seguinte. Esperando que ele envolvesse apenas uma luta de espadas e não, sedução.

Capítulo Trinta

Ela passou os trinta minutos seguintes seguindo os movimentos de Lucas. De novo e de novo. Golpeando com a espada de uma certa forma e, depois, de outra. Ele gritava os comandos. Na verdade, não de uma maneira rude, mas como se fosse do jeito como ele tinha sido ensinado. Ela não podia deixar de imaginar Lucas, bem mais jovem, recebendo as instruções severas do avô.

— Não é assim — disse ele. — Mantenha a espada apontada para o lugar onde o adversário vai estar. E não olhe para baixo. Agora veja onde você está apoiando seu peso. Coloque o seu peso nos seus movimentos.

Kylie perdeu a conta de quantas vezes fizeram isso.

Foi realmente extenuante. O sol aquecia sua pele, o ar estava espesso. Os músculos das pernas de Kylie queimavam depois de todos os agachamentos parciais e estocadas. Ela não reclamou. Nem uma vez. Ela aguentava tudo para sentir o toque dele.

— Assim está ótimo! — exclamou ele, fazendo os mesmos movimentos ao lado dela. — Você está pegando o jeito.

— *Ah, meu Deus. Você tem um talento nato!*

A céu aberto, ela realmente ouviu a voz antes de sentir o frio do espírito. O espírito ficou à esquerda de Kylie, segurando sua própria espada, seguindo as orientações de Lucas com precisão.

— O que você está fazendo? — perguntou Lucas. — Desloque o peso do corpo para trás e depois para a frente.

Kylie ignorou Lucas, mas continuou a se mover — a atenção dela agora estava na arma do espírito e não em seguir as instruções de Lucas.

Comparando as espadas, ela percebeu que a espada do espírito na verdade não era como a que brilhava nas mãos dela. A lâmina do fantasma era mais fina e cônica. E o punho, como Lucas chamava o cabo, era maior.

Que tipo de espada você tem? Kylie perguntou mentalmente ao espírito, pensando que talvez ela conseguisse levá-la a se abrir, talvez dando a Kylie algo que a ajudasse a mandá-la embora.

— *Uma espada bastarda. Eu a roubei de um bastardo.* — Ela riu, mas não perdeu o ritmo dos movimentos. Parecia já ter prática.

Quem quer que fosse, as suas habilidades com a espada comparavam-se, se não superavam, as de Lucas.

Estou falando sério. Kylie perdeu um passo.

— Você está bem? — Lucas perguntou, e ela sentiu que ele a observava.

— Sim — Kylie respondeu, mas continuou a se concentrar no espírito. Ela precisava descobrir isso. Quanto mais cedo o fantasma desaparecesse, mais cedo ela poderia se dedicar às suas outras

missões.

Quem você quer que eu mate?, perguntou Kylie mentalmente, continuando a se mover, mas obviamente não tão bem quanto antes, porque Lucas tinha parado de treinar e agora estava apenas olhando para ela.

— Você quer fazer uma pausa? — ele perguntou.

Quem é?, Kylie exigiu, e parou de se mover.

O espírito parou seus movimentos e olhou para Lucas.

— *Ouça esse cara. Ele é um bom professor. Com um pouco de prática, você estará pronta.*

Você vai matar o meu inimigo, e então vou deixar você em paz e assumir o meu lugar no inferno.

Inferno? A respiração de Kylie parou. Ela nunca tinha lidado com um espírito que ia para o inferno. Ela só esperava que o fantasma estivesse errado. Mas sabendo o que sabia, todas as pessoas que o espírito dizia ter matado, ele poderia muito bem estar destinado a ir para o inferno.

O espírito desapareceu.

Kylie soltou um suspiro frustrado e, em seguida, limpou o suor da testa com as costas da mão esquerda. Mais uma vez ela teve a nítida sensação de que esse espírito estava de alguma forma ligado ao fato de ela receber a espada. Mas o que aquilo significava? Kylie realmente deveria obedecer às ordens do fantasma e matar alguém por ela?

A ideia de tirar a vida de uma pessoa causou um arrepio na espinha de Kylie. Mais uma razão para ela questionar sua capacidade como guerreira santa.

— Quer um pouco de água? — perguntou Lucas.

Ela olhou para ele. Sua pele bronzeada brilhava com o calor. A frente da camiseta dele agora estava agarrada ao tronco, delineando ainda mais seu peitoral. O suor sempre caía bem em Lucas.

Ela olhou para a espada.

— Existe algo como uma espada bastarda? — ela perguntou, com o foco no fantasma e sem querer pensar em como Lucas estava atraente.

— Sim, por quê? — Ele andou até o saco de pano e tirou dali duas garrafas de água. Então entregou uma a ela. A mão dele roçou na dela. Ela puxou a mão para trás, e ele deve ter notado sua rapidez, porque franziu a testa.

— Nada — disse ela, sabendo que ele não iria querer saber. Ele não gostava de fantasmas. *Mas ele foi até o cemitério por mim, para me ajudar. Mesmo que na época eu fosse um vampiro.*

Ela baixou a espada e a observou enquanto ela perdia o tom dourado.

— Isso é muito estranho — disse ele.

— Pode apostar. — A garrafa que ele lhe entregou gelou a palma da mão dela. Ela tirou a tampa e tomou um longo gole.

Eles beberam sem falar; a mente dela no fantasma e, um segundo depois, em quanto Lucas estava bonito.

— Está pronta para lutar? — ele perguntou.

Kylie olhou para sua espada e para a outra pousada sobre a toalha. Armas reais que poderiam

matar. Uma escorregadela do pulso e alguém poderia ficar gravemente ferido.

— Eu acho que não.

— Não com estas. Você não está pronta para isso. — Ele apontou para a toalha e as espadas de madeira. — Com aquelas.

Ela queria dizer que não, mas então percebeu que, quanto mais cedo aprendesse a lutar, mais cedo deixaria de se encontrar com Lucas e de se lembrar de tudo que perdera. Recolocando a tampa no lugar, ela deixou a garrafa d'água no chão, ao lado da sua espada, e depois pegou uma das espadas de madeira.

— Vamos nessa.

Vinte minutos depois, eles tinham finalmente conseguido. Estavam lutando. Kylie por fim começou a entender como fazer aquilo. Usando os movimentos que ele tinha lhe ensinado, ela conseguiu bloquear a maioria dos ataques. A maioria, mas não todos.

Por três vezes ele conseguiu se desviar da espada dela e tocá-la no peito com a espada de madeira.

— Dois pontos para o professor — ele disse a cada uma das vezes. Então eles continuaram se movendo para os lados, atacando, recuando, avançando e às vezes se movendo em círculos. O som das lâminas de madeira se chocando ecoava em seus ouvidos. O suor recomeçou a escorrer da sua testa, mas ela o ignorou, determinada a ganhar alguns pontos na disputa.

Observando-o, analisando-o, Kylie começou a reparar nos padrões dos movimentos dele. Usando contra ele o que tinha aprendido, ela esperou por uma oportunidade e então atacou. Ela tocou no peito dele com sua própria lâmina de madeira. Ofegando pesadamente, sentiu o suor escorrendo por entre os seios.

— Dois pontos para a aluna — disse, animada com seu momento de sucesso. Por mais incrível que parecesse, ela estava gostando daquilo.

Ele parou e baixou a espada. Os olhos azuis fixos nos dela. Ele respirou fundo.

— Você não sabe o quanto eu senti falta desse sorriso.

Voltando à razão, percebendo o que ela tinha oferecido a ele, ela bateu a lâmina de madeira na de Lucas.

— Nós viemos aqui para lutar.

Ele ergueu a espada e, em seguida, voltou à disputa.

— Eu sinto sua falta — disse ele, logo depois de conter a lâmina dela.

Ela se afastou e brandiu a espada com mais força para a esquerda. A lâmina de madeira de Lucas a bloqueou. Ela se afastou e voltou a avançar.

— Você é minha alma gêmea — disse ele, bloqueando-a em cada golpe.

A emoção encheu o peito dela. Um pouco por causa da lembrança de ouvi-lo dizer aquelas mesmas palavras para Monique, mas principalmente por saber tudo o que ele tinha a perder. Ela arremeteu com mais força, e sua espada bateu na dele com um baque forte. O impacto fez a espada

voar da mão dele e a dela se partir ao meio.

— Você deve fazer o que seu pai quer. Voltar para Monique, concordar em se casar com ela. Entrar para o Conselho como o planejado.

— Eu não estou concordando em me casar com Monique! — disse ele numa voz severa. — Eu nunca deveria ter concordado com isso!

— Eu acho que já acabamos — disse ela, com o coração disparado e um mundo de dor se instalando no peito.

Uma expressão de tristeza encheu os olhos dele.

— A aula de hoje, acabamos. Mas não o que existe entre nós. — Ele pegou a espada e, em seguida, começou a guardar suas coisas, enquanto ela ficou ali parada, tentando controlar a respiração. Ele encontrou a outra metade da espada de Kylie e a pegou.

Ela se perguntou se essas não seriam as mesmas espadas que ele e o avô usavam. E se fossem, provavelmente significavam algo para ele. A culpa encheu o peito dela.

— Não tive a intenção de quebrá-la.

— Eu sei. Tudo bem. Isso acontece muito. — Ele fez uma pausa e, pelo jeito como a fitou, ele estava prestes a dizer algo que ela não queria ouvir.

O telefone de Kylie tocou. Ela o puxou para fora do bolso.

Lucas fez uma careta.

— Se for Della diga que eu falei que ia acompanhá-la até a sua cabana.

— É minha mãe — disse Kylie, enquanto se afastava alguns metros de Lucas. Ela colocou o telefone na orelha, um pouco preocupada ao ver que a mãe estava ligando durante o expediente de trabalho.

— Oi, mãe — cumprimentou Kylie, ouvindo ainda o coração bater nos ouvidos por causa do esforço da luta. Ou por causa do que Lucas havia dito.

— Oi? É só isso que você vai me dizer? — perguntou a mãe, com rispidez.

— O que mais eu devo dizer a você? — perguntou Kylie.

— Como você se atreve a fazer isso comigo, Kylie Galen? — O tom da mãe a fez recordar da época em que elas não se davam bem — dos dias em que Kylie chamava a mãe de “Princesa de Gelo”.

Ela respirou fundo e disse a si mesma para não entrar em pânico, mas não era justamente com isso que ela estava preocupada? Que, agora, com John se intrometendo entre as duas, a frágil relação que tinham passasse a correr perigo?

— Mãe, o que foi que eu fiz? — Kylie se afastou mais alguns metros, sem querer que Lucas ouvisse a discussão.

— Você sabe o que você fez, não banque a inocente comigo.

— Eu não estou bancando nada — disse Kylie, ficando um pouco mais preocupada e, quando ela olhou para a frente, viu Lucas observando-a com um ar solidário.

— Você se encontrou com os Brightens, não foi? — A mãe falou tão alto que feriu seus ouvidos e

ela teve certeza de que Lucas também pôde ouvir.

Kylie se afastou mais alguns metros. Ela tinha planejado contar à mãe, logo que ela tinha voltado de viagem, mas, depois do mal-entendido da gravidez, simplesmente não achou que fosse uma boa hora. E na manhã do dia anterior, com todos os pedidos de desculpas e elogios a John, ela também não achou que fosse o momento certo. Além disso, aquilo era algo que ela precisava contar pessoalmente.

— Sim, e eu ia te dizer.

— Você *ia*? *Ia* me dizer? Você não acha que era algo que você deveria me contar antes de fazer?

— Eu te disse. Quer dizer, eu disse que queria encontrá-los. Falamos sobre isso há alguns meses, lembra?

— Você deveria ter discutido isso comigo primeiro.

E você deveria ter discutido isso comigo anos atrás. Kylie encontrou algum alívio na sua própria raiva, mas sabia que não podia extravasá-la agora. A mãe nunca era razoável quando estava chateada e, naquela situação, pôr mais lenha na fogueira não seria uma atitude inteligente.

— Eles ligaram para você? Estavam aborrecidos? — Kylie tinha pensado que os Brightens haviam concordado em esperar e se encontrar com a mãe dela mais tarde. Por que tinham se precipitado e ligado para ela? Mas, mesmo contrariada com a atitude deles, ela não podia imaginar os Brightens sendo rudes com a mãe.

— Sim, eles me ligaram! E você faz ideia do quanto essa conversa foi estranha?

— Sinto muito. Mas você estava na Inglaterra — Kylie acrescentou.

— Há quanto tempo isso está agendado, mocinha?

— Eles estavam fora do país e eu nem achei que tivessem ouvido a minha mensagem. Eles ligaram e quiseram vir aqui logo que chegaram.

— Você deveria ter me contado primeiro, senhorita Galen.

Ah, que inferno, sempre que a mãe se referia a ela como senhorita Galen, Kylie sabia que lá vinha bronca. E, como tantas vezes no passado, ela não achava que a merecesse.

— Eu deveria ter tido tempo para me preparar antes de falar com eles. Em vez disso, recebo esse telefonema de repente.

— Sinto muito — disse Kylie.

— John estava comigo quando eles telefonaram. Você faz alguma ideia de como isso foi estranho?

Lágrimas encheram os olhos de Kylie e ela não conseguiu mais segurar a raiva.

— É por isso que você está chateada? Por causa de John?

— Eu não tinha dito a ele que Tom não era seu pai. Foi totalmente constrangedor.

— Você tem vergonha de mim? — perguntou Kylie, e balançou a cabeça.

— Não vire esse jogo — disse a mãe.

— Virar o jogo? — Ela balançou a cabeça. — Sinto muito, mãe, mas você está totalmente errada.

— Eu não fiquei envergonhada por causa de você. Eu fiquei... Fiquei envergonhada por ter

engravado de alguém que eu mal conhecia!

Kylie enxugou as lágrimas.

— Você disse que o amava.

A mãe suspirou.

— É claro que eu amava, mas...

— Mas o quê? — perguntou Kylie. — Mas você estava com medo de que o seu precioso John visse a sua omissão da verdade como uma mentira?

— Kylie, não seja...

— E isso não seria bom, não é? — ela continuou. — Espere, você não precisa responder a essa pergunta, porque eu posso dizer como é. Como é quando alguém que você achava que conhecia esconde algo de você, algo que poderia ser muito importante! Eu não posso acreditar que você esteja com raiva de mim por não ter contado que entrei em contato com os Brighthens quando você não me disse uma palavra sobre o meu próprio pai ou sobre os meus avós durante todos esses anos!

O jeito como a mãe engoliu o ar já revelava muita coisa.

— Eu... Eu pensei que já tinha explicado isso.

— Sim, você explicou que estava perdidamente apaixonada pelo meu pai, e agora diz que mal o conhecia.

— Eu... Eu não acho que isso seja algo que devamos discutir pelo telefone.

— Sério? Pois foi mais ou menos assim que eu me senti quanto a te contar sobre os Brightens. — Mais lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Ela desligou tão zangada que quase quis jogar o telefone longe. Ela não fez isso, mas desligou o aparelho só para o caso de a mãe tentar ligar de volta.

— Sinto muito. — As palavras de Lucas soaram atrás dela.

Ela enxugou as lágrimas novamente e se virou. Ela não sabia que ele estava tão perto e sem querer correu direto para ele. Seu rosto pousou no peito mais que perfeito de Lucas. Seus braços quentes e suaves a envolveram e a abraçaram por dois, talvez três segundos antes de ela se afastar. Tempo suficiente para ela se lembrar de como era bom se aconchegar a ele, para recordar o quanto era bom poder contar com ele. Apenas por tempo suficiente para ela recuperar o bom senso e lembrar-se de que ela não devia se aconchegar a ele ou contar com ele novamente.

Na sexta-feira seguinte, quase meia-noite, Kylie estava deitada na cama olhando para o teto, remoendo seus problemas. Eles davam voltas e mais voltas na sua cabeça e com qual deles se preocupar mais, nem ela nem ninguém sabia.

Sua mãe, com quem Kylie estivera falando, embora a raiva ainda não tivesse passado, e sua missão aparentemente impossível de salvar os camaleões adolescentes.

Seu fantasma completamente impossível e o impossível e irritante Lucas.

E uma vontade incontável de falar com Daniel mais uma vez, de quem ela não tivera mais notícias desde a visita dos Brightens.

E por último, mas certamente não menos importante, um patife impossível, cuja ameaça ainda ressoava nos ouvidos de Kylie. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína.*

Nesse exato momento, a fraqueza de Kylie parecia ser sua incapacidade de descobrir alguma coisa. Tudo em sua vida estava como num limbo.

A única questão que lhe parecera produtiva naquela última semana fora a sua habilidade ao usar a espada. Às vezes ela se perguntava se a sensação boa que tinha com relação a isso não era apenas por causa de Lucas. Estar com ele por uma hora ou duas por dia.

Ah, e ela não tinha sucumbido a nenhum dos seus avanços. Coisas sutis, como andar tão perto que seu ombro roçava no dela, sua tática de lhe mostrar um movimento ficando de pé atrás dela e conduzindo-a para que ficasse numa certa posição ou fizesse um movimento. E então havia os avanços não tão sutis. Enquanto brigavam com as espadas de madeira, ele às vezes vinha com um “Eu ainda te amo” ou “Você sabe que é linda?” ou “Você se lembra daquela noite em que estávamos voltando do cemitério e quase fizemos amor?”

Ela havia quebrado mais três espadas de madeira por causa daquelas coisas que ele dizia. Alguém poderia pensar que isso serviria para fazê-lo ficar de boca fechada. Mas não. Lucas tinha até rido da segunda vez em que ela fizera isso. Ele não parecia se importar que seus comentários acabassem obrigando-o a arranjar outra espada. E ela teve certeza disso quando, no dia seguinte, ele disse algo que a fez quebrar a terceira espada. Não que ela estivesse fazendo aquilo de propósito; era simplesmente difícil para ela não extravasar a emoção com seus golpes.

Naquele dia, quando eles foram embora, ela chamou o que estavam fazendo de “esgrima”, e Lucas a corrigiu. Ele disse que ela não estava aprendendo a esgrimir. Pois aquilo envolvia um conjunto completamente diferente de habilidades. Ela estava aprendendo a lutar. Ele não disse isso, mas ela leu os pensamentos dele. Ela estava treinando para matar.

Mas quem?

E como? Ah, ela sabia que aquilo iria acontecer com uma espada, só não sabia como seria capaz de matar. De realmente tirar uma vida.

Soltando um profundo suspiro, Kylie rolou na cama, deu um soco no travesseiro e lembrou-se de Collin Warren, quando ela o atirou através do cômodo. A intenção dela não tinha sido matar, mas proteger. Ela não o matara, mas poderia ter feito isso.

E talvez fosse desse jeito que a “coisa” toda ia acontecer, fosse lá o que fosse. Talvez se seu instinto de proteção estivesse ativado, ela fosse capaz de fazer isso e não pensar. Mas quando pensou a respeito depois, se perguntou se seria capaz de conviver com isso.

Talvez se fosse para salvar alguém que ela amava.

— *Ou matar alguém que você detesta.*

O frio tomou conta dela. Kylie se sentou e o fantasma se sentou nos pés da cama, segurando sua espada. Kylie o tinha visto todos os dias durante os treinos com Lucas. Ela aparecia e fazia os

exercícios com eles, mas, não importava o quanto Kylie tivesse tentado, o fantasma não tinha falado uma única vez.

— Quem é que eu detesto tanto assim? — Kylie perguntou.

— *Você sabe* — disse o fantasma.

— Diga, droga! Estou cansada dos seus jogos!

Della, como se estivesse meio dormindo, invadiu o quarto de Kylie.

— Está tudo bem?

— Sim! — respondeu Kylie. — Vá embora! — Ao ver que a amiga ainda estava parada ali,

Kylie completou — É um problema com um fantasma.

Della disparou para fora. Mas, quando Kylie olhou em volta, o fantasma tinha sumido.

— Quem é que eu detesto tanto assim? — ela repetiu. O fantasma não voltou, mas de repente

Kylie percebeu. Percebeu com clareza.

Mario.

Ela deveria matar Mario.

No fundo, Kylie sabia que isso ia acontecer. Sabia que eles se enfrentariam novamente. O que ela não sabia era como, pelo amor de Deus, iria vencê-lo. Ele tivera anos para acumular seus poderes. Como ela poderia estar à altura dele?

Em seguida, outra pergunta lhe ocorreu. Será que isso significava que Mario era a pessoa que o fantasma queria que ela matasse? Mas qual seria a ligação entre ele e o fantasma?

Capítulo Trinta e Um

Sábado pela manhã, de pé no refeitório, Kylie esperou que sua mãe aparecesse no dia dos pais. Ela não tinha dito nada sobre a vinda de John, mas Kylie não sabia se isso significava que ele não viria, ou se ela não sentia necessidade de perguntar se Kylie concordava. Mas Kylie realmente rezava para ele não aparecer. Agora que o relacionamento com a mãe parecia entrar num terreno movediço, ela não precisava de John por perto.

Por outro lado, o padrasto de Kylie tinha deixado a cidade por causa de uma viagem de negócios e não ia aparecer, o que era bom para Kylie. Sem ele, o nível da combustão diminuiria, no mínimo, um grau. Ela não tinha deixado de amar Tom Galen, mas nesse momento o pai que Kylie ansiava por ver era seu pai verdadeiro. Desde a visita dos Brighthens, Kylie sentia saudades de passar algum tempo com Daniel. Quase todas as noites antes de dormir, ela pegava o álbum de fotos que os Brightens haviam lhe dado, e quase sempre acabava chorando. Sentindo como se a vida a tivesse enganado.

Enganado-o, também.

Kylie observou alguns pais passarem pela porta do refeitório. Os pais de Miranda entraram e a encontraram à espera deles, toda comportada, sentada a uma mesa. Ver Miranda daquele jeito era muito estranho, como usar um sapato no pé errado.

A mãe de Miranda tirava toda a confiança e personalidade da bruxa. Isso era revoltante!

A mãe de Derek caminhava com exuberância, como se estivesse ansiosa para ver o filho. Era assim que os pais deveriam ser, Kylie pensou. O olhar da mulher vasculhou o salão, obviamente à procura de Derek. Quando seu olhar encontrou o de Kylie, ela sorriu e acenou e começou a se mover em direção a ela. Felizmente, Derek a chamou do outro lado do refeitório e poupou Kylie de uma conversa estranha. O que dizer à mãe do garoto cujo coração você acabou de partir?

Os pais de Helen entraram com um olhar de preocupação no rosto, embora houvessem trazido a filha para Shadow Falls alguns dias antes.

Jonathon não parara de sorrir desde que Helen tinha voltado. Kylie se sentava com eles quase todos os dias na hora do almoço, deixando Della e Miranda com suas próprias espécies. No dia anterior, durante o almoço, Kylie tinha observado as mesas de todas as diferentes espécies e se perguntado se algum dia haveria uma mesa de camaleões em Shadow Falls.

Em seguida, os pais e a irmã de Della entraram. O pai parecia, como sempre, contrariado e aborrecido por estar ali. Ele tinha até dito à filha uma vez que só vinha porque a mãe dela fazia questão. Parte de Kylie teria gostado de bater naquele homem até colocar alguma razão na cabeça dele.

Como ele poderia ignorar o quanto aquelas palavras machucavam a filha?

Do outro lado da sala, Della franziu o cenho para sua família que cruzava a porta. O coração de Kylie doeu pela amiga. Como se fosse possível, a vida familiar de Della era ainda pior do que a de Kylie.

— Você está bem? — perguntou Holiday aproximando-se para ficar ao lado dela.

— Sim. Só queria saber por que as famílias têm que ser tão difíceis. Por que as pessoas não podem simplesmente se amar?

Holiday roçou o ombro contra o de Kylie, oferecendo um pouco de conforto.

— Elas se amam. Dramas familiares são a consequência de se ter uma família. O que você vê nesta sala agora é provavelmente a pior fase.

— O que você quer dizer? — perguntou Kylie.

— O momento mais difícil em qualquer relacionamento é a mudança. E nada traz mais mudança na dinâmica de uma família do que o momento em que um adolescente começa a se firmar como uma pessoa independente. Isso vale tanto para os seres humanos, quanto para os sobrenaturais.

Holiday devia ter visto Kylie olhar para Miranda e Della, pois disse:

— Em poucos anos, Miranda já não vai se importar se sua mãe aprova suas escolhas. E a mãe vai gradualmente aceitar que Miranda é como é. Della vai crescer e fazer grandes coisas, porque não vai aceitar menos de si mesma. Seu pai vai ter que admitir que, embora ele não entendesse as mudanças na vida da filha, ela cresceu para ser um sucesso.

— E você não acha que esses ressentimentos vão prejudicar o relacionamento?

Holiday suspirou.

— Ah, haverá cicatrizes e algumas coisas para se consertar e, sim, existem casos que não terminam bem. — Ela fez uma pausa. — Mas, para a maior parte, os problemas que você vê aqui são coisas das quais as famílias podem e provavelmente irão se recuperar.

— Isso me dá esperança — disse Kylie.

— Você retornou a ligação dos Brightens? — perguntou Holiday.

Kylie havia recebido no dia anterior a mensagem de que eles tinham ligado.

— Sim, eu falei com eles. Queriam vir no dia dos pais e conhecer a minha mãe.

Holiday ficou tensa.

— Você não me disse que eles viriam.

— Eles não vêm. Não achei que a minha mãe estivesse preparada para se encontrar com eles. Depois da discussão que teve comigo porque eu os vi, nós mal falamos sobre eles. Ela pediu desculpas, mas agora nós duas estamos fingindo que nada aconteceu. Estou com um pouco de receio de trazer o assunto à tona.

— Vai dar tudo certo. Sua mãe não parece ser do tipo irracional.

— Obviamente, você não a conhece muito bem. — Embora Kylie tivesse dito aquilo meio brincando, em parte era verdade.

Kylie olhou para Holiday e se lembrou da visita do fantasma.

— Tive um visitante na noite passada.

— E ela falou com você dessa vez? — perguntou Holiday, sabendo exatamente o que Kylie queria dizer.

— Um pouco. — Ela mordeu o lábio. — Eu acho que está tudo ligado. A espada, o fantasma e Mario.

Holiday franziu a testa.

— Por que você acha isso?

Kylie se inclinou mais para perto.

— Algo que ela disse, e... só um pressentimento.

— Senhorita Brandon? — alguém chamou do outro lado do salão.

Holiday apertou o braço de Kylie e franziu a testa.

— A gente se fala depois.

Kylie acenou com a cabeça e, quando a líder do acampamento se afastou, ela viu Lucas entrando no refeitório. Ele cruzou o salão para se sentar com um grupo de lobisomens. Um deles disse alguma coisa e, em seguida, todos eles se levantaram e deixaram Lucas sozinho na mesa.

Estava começando, ela percebeu. Eles estavam deixando Lucas de lado. A dor que ela sentiu por ele calou fundo em seu coração.

— Triste, não é? — disse uma voz atrás dela. — E a culpa é sua. — Kylie reconheceu a voz de Clara. Kylie virou-se para encarar a irmã de Lucas, mas ela já se afastara. Com a respiração presa, Kylie olhou para Lucas. Ela queria ir até ele, confortá-lo, mas isso só iria piorar a situação.

Cinco minutos depois, a avó de Lucas entrou no refeitório, caminhando de modo dolorosamente lento. Kylie olhou ao redor. Lucas ainda estava sentado sozinho numa mesa dos fundos. O olhar da anciã percorreu o ambiente e encontrou o de Kylie.

Quando ela começou a se aproximar, o coração da garota quase parou. *Ah, droga!* Ela não estava com vontade nenhuma de ouvir a avó de Lucas repreendê-la por arruinar os objetivos e missões do neto.

Kylie estava prestes a disparar para fora do refeitório pela porta lateral quando ouviu a voz da mãe. Ao se virar para trás, ela viu... a mãe com John a tiracolo. *Ah, meu Deus, ele veio...* No entanto, ela preferia enfrentar John à avó de Lucas — especialmente se a mãe não resolvesse apalpar em público o traseiro do namorado.

Kylie saiu correndo em direção aos recém-chegados com falso entusiasmo, rezando para que isso impedisse a avó de Lucas de se aproximar.

Depois de abraçar a mãe, e ignorar John, Kylie levou-os para uma mesa vazia, tão longe de Lucas quando possível. Seu coração não voltou ao ritmo normal até que ela viu a avó de Lucas se dirigir para a mesa dele.

— Graças a Deus! — ela murmurou, fazendo um sinal para que os dois se sentassem.

— Graças a Deus, por quê? — a mãe perguntou, ainda de pé.

Kylie abriu a boca, rezando para que algo inteligente lhe ocorresse, mesmo que fosse uma mentira. Ultimamente, as orações de Kylie andavam ficando sem resposta e dessa vez não foi

diferente. Os lábios dela se abriram, mas nada, coisa alguma saiu. Pior ainda, seu cérebro parecia desligado.

— Graças a Deus, por quê? — a mãe perguntou de novo.

— Porque a minha dor de estômago passou. — Kylie colocou a mão na barriga.

— Você anda com dores de estômago? — perguntou a mãe com a voz alarmada.

— Não é nada.

— Você não sabe se não é nada — ela insistiu.

— Eu sei, sim. — A voz de Kylie soou estridente, denunciando seu medo de que a mãe a arrastasse dali para um pronto-socorro. Meu Deus, ela poderia acusá-la novamente de estar grávida!

— Como você sabe que não é nada? — perguntou a mãe.

— Porque são só... gases. Só estou com um pouco de gases.

A mãe, corando, olhou para John. Kylie podia sentir seu próprio rosto tão vermelho quanto uma maçã do amor. De todas as coisas que poderia ter dito, por que escolhera dizer “gases”?

A mãe se inclinou um pouco na direção dela.

— Você quer ir ao banheiro?

— Não. Já passou.

A mãe se inclinou para mais perto ainda.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Kylie desabou numa cadeira e rezou para que um início tão desastroso não fosse uma premonição de como seria aquele encontro.

Quarenta e cinco minutos depois, Kylie, John e a mãe ainda estavam sentados à mesa, conversando. Bem, Kylie tinha contribuído muito pouco para a conversa, mas a mãe e John não pararam de falar um minuto. Eles falaram sobre o novo trabalho da mãe, que ela iniciaria em duas semanas, e contaram sobre a Inglaterra.

— Ah, eu te trouxe uma coisa! — A mãe tirou um saco de papel da bolsa. — Eu sei como você gosta de camisetas.

Kylie não pôde deixar de pensar, *Minha mãe foi para a Inglaterra e tudo o que eu ganhei foi uma camiseta!*, mas ela sorriu, tirou o presente da embalagem e, em seguida, riu ao ler os dizeres na frente: *Minha mãe foi para a Inglaterra e tudo o que eu ganhei foi esta camiseta.*

— Perfeito! — disse Kylie, satisfeita ao ver que a camiseta era rosa.

— Eu também trouxe isso. — A mãe tirou da bolsa uma caixinha branca.

Uma pulseira cheia de pingentes refletiu as luzes do refeitório e brilhou, de modo quase mágico, quando Kylie abriu a caixa. Seu coração deu um salto quando ela viu os pingentes. Uma espada muito semelhante à espada de um cruzado, uma cruz terrivelmente semelhante à que havia na espada e um emblema de Joana d’Arc.

— Comprei-a num dos castelos e eles não tinham uma coleção muito grande de pingentes, mas... por algum motivo estranho senti o impulso de escolher estes. Espero que você não os ache muito

esquisitos.

Defina “algum motivo estranho”, Kylie queria perguntar, mas ficou calada.

— Não! Eu gostei deles. Obrigada. — Um frio familiar caiu sobre ela como uma chuva fina.

Daniel estaria ali? Será que seu pai levava a mãe a comprar aqueles pingentes?

Kylie olhou ao redor na esperança de vê-lo, mas seu desejo não se concretizou.

Logo, Kylie. Em breve. As palavras ecoaram em sua cabeça, o medo encheu seu coração.

Eu sinto sua falta, Kylie disse mentalmente. Não sei se estou pronta para morrer, mas sinto sua falta.

Passos ecoaram pela sala, e Kylie notou que os outros pais estavam indo embora.

A mãe dela olhou ao redor.

— Estas visitas passam tão rápido! Preciso dar uma corrida até o toalete, antes de ir embora. —

A mãe se levantou e se dirigiu ao banheiro apressada.

Kylie estava prestes a se levantar também para acompanhar a mãe quando John colocou a mão sobre a dela. A sensação da palma dele provocou um arrepio na sua espinha. Não era frio nem quente. Apenas emocionalmente estranho. Ela retirou a mão.

— Eu estava esperando uma chance de falar com você — disse ele.

E eu estava esperando que você não tivesse essa chance. Ela olhou para o banheiro.

— Eu acho que vou...

— Existe uma razão para você não gostar de mim, Kylie?

Ela olhou para ele. Decisões, decisões. Ela ia ser diplomática ou sincera?

Quem disse que a honestidade era a melhor política? Ela não conseguia se lembrar, mas concluiu que deveria ser alguém brilhante!

Capítulo Trinta e Dois

— Vamos ver... — disse Kylie, sem perder tempo. — Começemos pelo fato de você ter começado uma briga com o meu padrasto na frente de toda a minha escola.

John endireitou os ombros, quase defensivamente.

— Foi ele quem me bateu.

— Depois que você me insultou e o acusou. E você também enfiou a língua na boca da minha mãe na frente de todos os alunos e seus pais. Quer que eu continue? Acho que eu poderia me lembrar de mais alguma coisa rapidinho.

A raiva encheu os olhos do homem, mas ele pareceu estar lutando para contê-la.

— Você não consegue se conter, não é?

Ela abriu para ele seu sorriso mais falso.

— Mas eu *estou* me contendo!

— Não é nada fácil conversar com você — reclamou ele. — No entanto, o problema é que a sua mãe realmente gosta de mim e eu dela. E não acho que estaria falando bobagem se dissesse que seria muito melhor se pudéssemos nos dar bem.

Kylie se inclinou mais para perto.

— Eu não acho que estaria falando bobagem se dissesse que você nem conhece minha mãe direito para estar me dizendo isso.

Kylie poderia jurar que os olhos dele faiscaram. Com uma espécie de brilho não humano. Ela apertou as sobrancelhas para verificar o padrão do homem.

O que era esse homem?

Seu padrão humano aparecia claramente. Não que ele não pudesse ser um camaleão, mas...

A raiva encheu os olhos cinzentos de John.

— Isso pode acabar *ferindo* a sua mãe.

As palavras dele saíram tão frias, tão... ameaçadoras, que o instinto protetor de Kylie entrou imediatamente em ação.

— O que você quer dizer com isso? — Ela fechou as mãos em punhos.

Ele desviou o olhar, como se para se acalmar. Quando voltou a olhar para ela, seus olhos tinham voltado ao normal.

— Apenas que os problemas entre nós podem magoar a sua mãe.

Ela o fitou bem dentro dos olhos. E que Deus a ajudasse, porque ela sentiu que ele estava mentindo, que as palavras dele *tinham* de fato sido uma ameaça. Ela tentou acalmar o sangue que borbulhava em suas veias, mas não conseguiu. Sobre o ombro de John, viu a mãe saindo do banheiro.

Ela se inclinou sobre a mesa e sussurrou para John:

— Se alguém ousar encostar um dedo em minha mãe, essa pessoa vai morrer se arrependendo do que fez.

Nesse mesmo instante, Kylie se deu conta de duas coisas: ela de fato era capaz de se tornar uma guerreira santa. Porque, se John fizesse algum mal à mãe dela, ela poderia, e iria, matá-lo sem nenhum arrependimento. E, em segundo lugar, ela simplesmente não podia morrer, não naquele momento. Não se isso significasse deixar a mãe com aquele crápula.

— Está tudo bem? — A mãe se aproximou da mesa, obviamente percebendo a tensão.

Kylie esperou para ver como John ia se sair.

— Está tudo bem — disse ele. — Estávamos apenas conversando. — Ele se levantou. — Acho que está na hora de irmos embora. — Eles começaram a caminhar, mas o medo pela mãe ficava maior a cada passo. Kylie não poderia deixar que ela fosse embora com aquele homem, não sem avisá-la.

Ela pegou o braço da mãe.

— Quero que você conheça uma pessoa.

John se virou.

— Você pode nos dar um minuto? — Kylie enviou a John um olhar que o desafiava a se opor.

Ele hesitou, mas depois cedeu:

— Vou esperar no carro.

Kylie observou-o sair, desejando que ele continuasse andando, se afastando também da vida delas.

A mãe olhou ao redor.

— Quem você quer que eu conheça?

— Mãe, eu sei que você não vai gostar do que tenho a dizer, mas John me assusta. Estou preocupada com a sua segurança.

— Assusta? — perguntou a mãe. — Não estou entendendo. O que ele fez?

— Eu não confio nele. Ele me dá arrepios. E eu sou muito boa em julgar o caráter das pessoas.

O ressentimento brilhou nos olhos da mãe.

— E eu também, mocinha. Lamento que você não goste dele, mas eu gosto.

A mágoa nos olhos da mãe vibrou no peito de Kylie.

— Eu só quero que você seja cuidadosa e não deixe esse relacionamento evoluir muito rápido.

A mãe fez uma careta.

— Isso é porque você quer que eu e seu pai voltemos a ficar juntos.

— Em primeiro lugar — Kylie disse, agora se sentindo incomodada — Tom é meu padrasto. Em segundo lugar, sim, eu quero que vocês voltem a ficar juntos, mas isso não tem nada a ver com esta história.

— Tem sim, mocinha, porque John é o homem mais carinhoso que eu já conheci. — Ela se inclinou e beijou Kylie no rosto. — Agora, por favor, aceite o fato de que seu padrasto e eu não vamos voltar a ficar juntos. — Ela se virou para ir embora. Kylie ficou ali, temendo o que ela

poderia dizer a John se tivesse que enfrentá-lo novamente no carro.

— Você está bem? — A voz masculina soou perto da orelha dela.

A princípio ela pensou que fosse Derek. Ele sempre sabia quando ela estava passando por algum trauma emocional. Mas ela rapidamente reconheceu a voz profunda e sexy. A voz da pessoa com quem tinha passado a última semana tentando quebrar em pedacinhos uma espada de madeira.

Ela se virou.

— Sim. — Então a raiva reprimida transbordou em seu peito e ela soube o que poderia fazer para extravasá-la.

— Que tal treinarmos um pouco?

— Agora? — perguntou Lucas.

— Preciso descarregar a raiva.

— Em mim? — Ele deu um sorriso com o canto da boca.

— Não... Quer treinar ou não? — ela retrucou, com pouca disposição para tiradas de humor. Precisava admitir, alguém tinha lhe enviado uma espada para que ela aprendesse a lutar e, se esperavam que ela lutasse, então obviamente isso significava que era para se manter viva. E ela planejava permanecer viva para proteger a mãe de aberrações como John.

Sim, manter-se viva parecia uma boa ideia.

— Claro! — Os olhos azuis de Lucas se encheram de preocupação. — Vou falar com Burnett. O olhar dele não se desviou do rosto dela. — O que aconteceu?

— Eu não quero falar — disse ela. — Quero lutar.

Trinta minutos depois, Kylie já havia quebrado uma espada sem que Lucas tivesse dito nada sobre amá-la, sobre como ela era bonita ou sobre eles se beijando na grama.

Ele insistiu para que ela fizesse alguns exercícios de alongamento, dizendo que podia ver a tensão irradiando dela. Ela não estava irradiando nada, estava fervendo por dentro. O medo pela segurança da mãe estava tirando sua sanidade mental, o medo por Lucas e pelo que aconteceria se toda a alcateia se voltasse contra ele acabava com a sua paz de espírito.

— Você ainda não quer falar? — ele perguntou, enquanto duelavam.

Sim, mas simplesmente não sei o que dizer.

— Não — ela mentiu, mudando de posição e conseguindo que sua espada passasse pela dele e, em seguida, espetasse o peito do rapaz.

— Você está ficando muito boa. — Ele olhou para a espada na altura do coração.

Kylie se afastou para deixá-lo recuperar o equilíbrio. Em poucos segundos, estavam lutando novamente, quando ela sentiu o frio se derramando sobre ela.

— Bom demais! A discípula está superando o mestre. Você precisa de um novo professor.

Kylie olhou para o fantasma parado ali com sua própria espada em punho.

Quem mais poderia me ensinar?, Kylie pensou.

— *Eu, é claro! Mas nada dessa história de lutar com espadas de madeira. Você precisa*

aprender a lutar com uma arma de verdade.

O coração de Kylie acelerou, quando ela se lembrou do seu principal medo.

Eu vou morrer?

O fantasma soltou um suspiro.

— *Isso depende de você.*

Como ela podia confiar mais na palavra de um espírito assassino do que na de seu pai? Mas o fato é que ela queria viver.

— Preparada? — perguntou Lucas.

Kylie olhou para ele.

— Um segundo. — Ela olhou de volta para o espírito. *Você conhece o meu pai?*

Ela fez mentalmente a pergunta ao mesmo tempo em que o espírito se desvaneceu no ar.

Olhando Lucas novamente, Kylie ergueu a espada e a disputa recomeçou.

— Eu preciso dar uma lição nele? — Lucas perguntou enquanto suas espadas se enfrentavam novamente.

— Em quem? — ela perguntou.

— No namorado da sua mãe. — disse Lucas, bloqueando a espada dela.

— Não, eu preciso detê-lo — disse ela. Se ela não morresse primeiro.

Então, ela sentiu um fogo queimar em seu estômago. Ela não ia morrer. Iria lutar e vencer. E Lucas tinha que fazer o mesmo, ela percebeu.

— Você está ficando corajosa! — elogiou Lucas, mas de repente ela perdeu o foco e a espada dele contornou a dela e tocou seu ombro.

Kylie olhou para a ponta da espada.

— Esse não foi um golpe fatal. Não pode contar isso como uma vitória.

— Não, mas você estaria sangrando tanto que não iria durar muito tempo.

— Tudo bem. Conte, então. — Ela deu um passo para trás e se preparou para começar de novo.

Desta vez, ela foi mais cuidadosa, bloqueando golpe a golpe. O suor escorria da sua testa. Seus músculos doíam, seu coração também. Ela abriu a boca para falar alguma coisa sobre os novos movimentos dele, mas acabou dizendo algo totalmente diferente.

— Você devia ter me contado sobre Monique — ela disse, sem saber com que intenção. O barulho de madeira batendo contra madeira enchia o ar com estrondo. — Se eu soubesse... — O que ela teria feito? Haveria alguma chance de ela ter dito que não se importava? Provavelmente não, mas talvez não estivesse agora se sentindo tão traída. Talvez ela não tivesse vinculado esse fato a todas as outras traições que sofrera no passado.

— ...você não teria aceitado — ele terminou por ela. Era verdade. Ele começou os movimentos complicados dos pés ao redor dela novamente. — E você teria todo o direito de não aceitar. Foi um mau julgamento da minha parte.

— Mau para nós, é verdade. Mas talvez fosse a escolha certa para você — disse ela. — Você tem muito a perder, Lucas.

— Eu tenho você a perder! — As espadas batiam forte uma na outra, o ruído alto estalando no ar. Eles se afastaram um do outro.

— Eu já disse que nós dois terminamos. Fale com Monique, diga que vai se casar com ela.

— Eu não vou me casar com ela! Nunca planejei isso.

— Então volte para o seu plano original, diga que vai se casar, entre para o Conselho e depois volte atrás.

— Não. Foi um plano ruim na época e seria um plano ruim agora.

Kylie respirou, enchendo os pulmões.

— Todo mundo me culpa por arruinar seus sonhos — disse ela. *E um dia você vai me culpar também, se eu viver.* E aquilo era o que mais doía agora. Não, morrer. Mas o fato de que perdoá-lo parecia fácil em comparação a aceitar que ele um dia ficaria ressentido com ela. Ressentido com a escolha que fizera.

Ele levantou a espada para começar a lutar novamente. Ela continuou porque só de olhar para ele já sentia seu peito apertar.

Lucas começou a falar enquanto se movia.

— Qualquer um que culpar você é um idiota. Fui eu que optei por não levar adiante o noivado. Não você. — As espadas se entrechocaram novamente.

— Sua irmã acredita que fui eu. Até a sua avó acredita. Vi nos olhos dela hoje, quando ela pensou em vir falar comigo.

— Minha irmã é uma sonsa. Eu amo minha avó — disse ele, e o som da espada dele cortando o ar provocou um calafrio nas costas de Kylie. — Mas isso não quer dizer que ela esteja certa. Ela segue muitas crenças dos mais velhos.

— A alcateia está se afastando de você. Eu vi isso. — Ela sentiu um nó na garganta novamente. — Você não pode perdê-los, Lucas. Você me disse mil vezes como eles são importantes pra você.

— Mas você é mais importante pra mim. Eu não posso te perder.

— Você já me perdeu! — ela sibilou, bloqueando a espada dele novamente. Ela não podia deixá-lo fazer aquilo. Não podia deixá-lo sacrificar tudo o que queria. Ela não suportaria vê-lo começar a odiá-la algum dia.

Lucas se afastou. Ela esperava que viesse pela esquerda, mas ele veio pela direita, e ela não conseguiu bloqueá-lo. Ele apontou a espada diretamente para o coração dela.

Esse era um golpe fatal.

— Não. — Ele deliberadamente encostou a espada no peito dela. — Seu coração pertence a mim. Nunca se esqueça disso.

Ela cambaleou para trás, a raiva vibrando através dela. Raiva, não tanto dele, mas por saber o quanto ele poderia perder. Ela baixou a espada, se virou e olhou para o lago, a garganta apertada, a visão se toldando com as lágrimas.

Ele veio por trás, sem tocá-la, como se soubesse que ela não permitiria.

Em vez disso, chegou tão perto que suas palavras roçaram no rosto dela, provocando arrepios de

remorsos em sua espinha.

— Fiquei cego com o que achei que precisasse fazer. Eu estava errado. Fui burro! Mas nem por um minuto deixei de te amar. E é por isso que mereço seu perdão.

De repente, ela sentiu o aperto que sentia no peito diminuir. Ele estava perdoado. Mas, como ela sabia há algum tempo, perdoá-lo não era o maior problema. Uma lágrima caiu dos seus olhos. Ela se afastou alguns metros dele.

— Já chega pra mim — ela disse. — Quero voltar para a cabana.

— Ok — ele concordou, mas parecia se sentir rejeitado e ela sentia a mesma emoção ecoando dentro dela.

Quando ele foi recolher as espadas, ela se virou para vê-lo.

Ele ergueu os olhos. E ela viu tantos sentimentos nos olhos dele... — mágoa, arrependimento, a expectativa de que ela dissesse que o perdoava.

Mas, se ela desse o que Lucas queria, ele só iria insistir mais para que ela voltasse para ele. E como ela poderia fazer isso, se sabia que um dia ele iria ficar ressentido com ela?

Depois de alguns segundos, ele disse:

— Acho que você está pronta para começar a treinar com espadas de verdade.

Ela pensou em quantas vezes sua espada havia tocado o corpo dele acidentalmente, mas depois se lembrou do que o fantasma dissera. Morrer era escolha dela. E ela escolhia viver. Ela precisava estar pronta — pronta para lutar pela vida.

— Tudo bem — ela disse, e tentou não deixar o medo transparecer em sua voz.

— Está pronta?

Kylie tinha acabado de pegar no sono aquela noite, depois de se preocupar por algumas boas horas, quando a voz e o frio a despertaram.

— Pronta pra quê? — perguntou, sem abrir os olhos.

— *Para o treino. Eu te disse. Você precisa de um professor melhor.*

— Ele é um ótimo professor! — disse ela, defendendo Lucas antes mesmo de se dar conta disso.

— *Ele é um ótimo colírio para os olhos. E eu admito que tem algumas habilidades, mas você precisa de mais. Então saia desta cama.*

Kylie abriu um olho e viu o espírito, com o rosto a centímetros de distância.

— Você sabia que os vivos precisam de oito horas de sono?

— *Essa regra só vale para seres humanos. Sobrenaturais podem sobreviver com muito menos. Agora se levante e vamos começar.*

— Não estou com a minha espada aqui.

— *Ah, mas, se você se levantasse, veria que ela já está aqui!*

Kylie se lembrou de Holiday dizendo que aquilo não era possível.

— Fantasmas não podem mover objetos.

— *Eu não disse que eu a trouxe. Eu disse que ela estava aqui.*

— Então quem a trouxe? — perguntou Kylie.

— *Não finja que não sabe. Os mesmos que entregaram a espada a você. Os anjos da morte.*

Kylie prendeu a respiração.

— Então eles querem que eu mate Mario?

— *Bem, eu não falei diretamente com eles.* — Ela se inclinou para mais perto. — *Para ser sincera, eles me deixam meio nervosa, mas, quando se trata de matar Mario, parece que estão dando uma mãozinha agora, não parece?*

— E você? — perguntou Kylie. — O que você quer? A mesma coisa?

— *Sabe, eu tentei descobrir isso por mim mesma. Mas toda vez que chego perto da resposta, é como se ela se afastasse mais um pouco. Por que será?* — Ela parecia realmente perplexa e vulnerável.

Kylie se lembrou dela de luto pelo filho. Talvez não fosse de todo ruim. Sentou-se e consultou o relógio.

— São duas da manhã. Você realmente quer que eu me levante?

— *Não acho que você vá conseguir lutar deitada na cama. Eu mataria você antes mesmo que levantasse a espada.*

Ok, o espírito era de fato cruel, no final das contas. No entanto, suas palavras fizeram Kylie rastejar para fora das cobertas. Ela viu a espada aos pés da cama. E também viu Socks, sua carinha de gato mal aparecendo por baixo da colcha.

— Ok... por onde começamos? — Kylie pegou sua espada.

— *Coloque um vestido branco. Ou algo branco* — disse o espírito.

Kylie olhou para a camisola preta que vestia.

— Por quê?

— *Você não prefere morrer de branco?*

O coração de Kylie quase parou.

O espírito riu.

— *É tão fácil te enganar! Coloque branco porque do contrário como vai saber que foi cortada e está sangrando?*

Kylie voltou a baixar a espada.

— Eu não tenho certeza se quero treinar.

O espírito riu novamente.

— *Não se preocupe. Eu só vou marcar seu vestido. Não posso cortá-la de verdade. Embora a segunda opção seja um instrumento de ensino muito melhor.*

Kylie cedeu e pegou uma camiseta branca e um short. Elas foram para a sala de estar. A espada de Kylie emitia um brilho amarelado e vivo.

Elas mal tinham começado a treinar quando Della saiu do quarto às pressas, olhos brilhando, e viu Kylie empunhando a espada.

— Só vou treinar um pouco — explicou Kylie.

— Mas no meio da noite?! Com uma droga de espada brilhante?

Kylie assentiu.

— Você bebe sangue, eu treino com espadas brilhantes.

Della colocou os braços em volta de si, como se estivesse com frio.

— Você tem companhia, não tem?

Sem poder mentir, Kylie assentiu.

— Ah, mas que inferno! — A vampira voltou para o quarto, batendo a porta atrás dela.

— *Essa garota não regula bem!*

Kylie fez uma careta.

— Não tanto quanto outras pessoas que eu conheço — disse Kylie para si mesma. — Agora vamos começar e acabar logo com isso.

Os quinze minutos seguintes foram os mais difíceis para Kylie. Ela usou todas as técnicas que tinha aprendido com Lucas, mas aquela mulher não seguia as técnicas comuns. Ela não seguia nenhuma regra ao lutar. E se orgulhava disso.

Toda vez que a espada do espírito entrava em contato com o corpo de Kylie, uma marca vermelha aparecia em sua camisa branca ou no short. Cada vez que a espada de Kylie entrava em contato com o corpo da mulher, ela exibia uma ferida aberta e sangrenta. Claro que o fantasma só tinha um arranhão no braço esquerdo. Não era muito, considerando que as roupas de Kylie estavam cobertas de marcas vermelhas.

Isso só fazia Kylie se sentir mais vulnerável e menos capaz de enfrentar uma batalha real. A batalha para a qual Kylie parecia predestinada. A batalha contra Mario. A batalha que ela podia muito bem perder.

Depois de alguns minutos, o espírito começou a despejar ordens, como Lucas fazia. Mova-se desta forma! Mantenha a espada em riste! Avance mais rápido! Nunca perca de vista sua espada!

Kylie finalmente pegou o jeito e por fim bloqueou algumas investidas do espírito. Mas o treino foi interrompido quando a porta da frente da cabana se escancarou de repente e foi arrancada das dobradiças.

O painel de madeira caiu com um grande baque no chão.

Antes que Kylie conseguisse dar uma boa olhada no intruso, a porta de Della bateu no chão com o mesmo estrondo.

A vampira correu para fora do quarto, com os olhos faiscando num tom verde brilhante e as presas totalmente à mostra.

Capítulo Trinta e Três

O frio intenso se dissipou junto com o espírito. Kylie ficou ali de pé, com as pernas afastadas, o corpo tenso, a espada preparada para lutar. Ela olhou de relance para Della com presas à mostra e a fúria estampada no rosto, e voltou-se novamente para a entrada da frente.

A perplexidade fez Kylie se manter na mesma posição. Burnett estava em pé sobre a porta caída, com os olhos mais brilhantes do que os de Della. Atrás dele, um exército de campistas: Lucas, Derek, Chris e Jonathon. Todos eles hipnotizados pela arma brilhante.

— Caramba! — A exclamação partiu de Chris e Jonathon. Embora Jonathon já tivesse visto a espada, ele não a vira brilhando.

— Você não vai abrir a boca pra contar nada do que viu aqui! — exigiu Burnett, autoritário.

Kylie baixou a espada e respirou, esperando que o oxigênio diminuísse o fluxo de adrenalina.

Que diabos estava acontecendo agora?

Ela encontrou o olhar de Burnett.

— O que há de errado?

Ele olhou em volta.

— Quem está aqui?

— Só o espírito — disse ela.

Chris e Jonathon recuaram.

Derek, acostumado com a história do fantasma, não se moveu. Lucas tampouco. Ela notou os olhos alaranjados do lobisomem, como se ele estivesse preparado para lutar. Seu olhar estava fixo nela.

A postura de Burnett perdeu um pouco da sua ferocidade. Mas não o suficiente para deixar Kylie à vontade.

Outros passos soaram no alpendre. Hayden entrou, dando uma olhada rápida na porta caída no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou Kylie.

— Eu também quero saber — disse Della com hostilidade, afastando a cortina de cabelos pretos e lisos do rosto. Seus olhos já não brilhavam, mas a tonalidade verde permanecia, ainda mais perceptível em contraste com a camisola preta um pouco acima dos joelhos.

— Alguém pulou a cerca. Invadiram o acampamento. — Burnett deu mais um passo para dentro.

— Quem? — Miranda saiu do quarto bocejando, vestida com seu pijama dos Smurfs e segurando seu urso de pelúcia.

A mão de Kylie apertou um pouco mais o punho da espada quando uma única pessoa lhe ocorreu. Ela estaria pronta para enfrentar Mario?

Provavelmente não, era a resposta. Mas nada iria impedi-la de tentar. Não quando tantas pessoas que ela amava estavam ali em volta à mercê do malfeitor.

— Eu ouvi o alarme. — disse Burnett. — Então ouvi você lutar e achei que estava sendo atacada.

— Eu disse que treinar no meio da noite não era uma boa ideia... — Della murmurou.

— Cadê o Perry? — Miranda perguntou, como se suspeitasse de que ele estava envolvido na busca.

— Percorrendo a propriedade para ver se vê alguém. — Burnett virou-se para Hayden e balançou a cabeça como se estivesse lhe dando uma ordem em silêncio. O camaleão se virou e saiu para a varanda. A princípio Kylie ficou confusa, então entendeu. Burnett havia instruído Hayden para ficar invisível e ver se ouvia outros camaleões. Ela pensou em verificar isso ela mesma, mas com os olhos de todos sobre ela, com certeza iria assustar todo mundo se ficasse invisível.

Em poucos minutos, Hayden reapareceu atrás dos outros.

— Tudo limpo.

Mas Kylie sabia que, se um intruso invisível ficasse em completo silêncio, não poderia ser detectado.

Burnett desviou o olhar para Della.

— Fique e proteja Kylie. Vamos dar uma olhada por aí.

— Se não se importa, eu gostaria de ficar aqui também — pediu Lucas.

As palavras dele causaram um aperto no estômago de Kylie. Esquecer tudo seria difícil. Esquecer tudo, com ele sempre por perto, parecia impossível.

Burnett assentiu. Em seguida, ela ouviu passos descendo os degraus da varanda enquanto todos se afastavam.

Kylie olhou para Lucas, Della e Miranda.

A bruxa ainda estava agarrada ao ursinho de pelúcia.

— Quem eles acham que está no acampamento? — perguntou Miranda.

Ninguém respondeu. O olhar de Miranda disparou para Kylie.

— Ah, ele.

Della suspirou.

— Parece que vai ser uma noite longa e insana...

Lucas sentou-se numa cadeira da sala de estar. Kylie, tentando ignorá-lo, colocou a espada em cima da mesa de centro. Observou a arma perder o brilho e, em seguida, olhou para Miranda.

— Está sentindo alguma coisa?

A bruxa fechou os olhos. Depois de longos instantes, abriu os olhos e olhou para Kylie.

— Sim.

O coração de Kylie apertou. Ah, droga. Mario estaria ali? Ela quase pegou a espada outra vez.

— Mas não é ruim desta vez. — Miranda olhou para a arma em cima da mesa de centro. — Talvez seja isso que estou sentindo.

— Você não a sentiu aquela outra noite, não é?

— Não. Mas essa espada tem uma aura, por isso eu posso senti-la.

Kylie soltou um suspiro profundo. Ela esperava que Miranda estivesse certa, que quem estivesse ali não fosse ruim.

O som repentino de passos na varanda deixou todos em alerta novamente. Lucas pulou da cadeira. Della atravessou a sala.

Kylie, porém, foi mais rápida e se aproximou da porta. Se fosse Mario, nem por cima do seu cadáver ele iria machucá-los.

Steve entrou. Seu olhar disparou de Kylie para Della.

Della franziu a testa.

— O que você está fazendo aqui?

— Só vim saber se você está bem.

Della olhou para ele carrancuda.

— Eu não preciso de você para me proteger.

Ele saiu ao mesmo tempo em que Kylie ouviu um rugido. Não um rugido humano. Ela apostaria qualquer coisa que o metamorfo tinha acabado de se transformar num enorme felino furioso. Kylie pensou em ir atrás dele para ajudar a acalmar o seu ego, mas, como quase se tornara o jantar de um leão irritado ao chegar a Shadow Falls, decidiu deixar Steve lidar com o seu próprio ego.

Miranda fez um gesto de desaprovação.

— Isso não é maneira de tratar o cara que te deu um chupão.

Della rosnou.

— Por que não? Viu como ele foi embora rápido? Se estivesse realmente preocupado, teria ficado.

Kylie revirou os olhos para a lógica de Della.

Lucas ergueu as sobrancelhas — provavelmente ao comentário do chupão. Em seguida seus olhos se desviaram para Kylie com um olhar de proteção. Mas, em menos de um segundo, algo mais suave brilhou em seus olhos, algo mais terno. *Amo você*, aqueles olhos azuis pareciam dizer.

O leão rugiu novamente em algum lugar na frente da cabana, e, então, um enorme pássaro pré-histórico aterrissou com um baque na soleira da porta aberta.

Miranda soltou um gritinho, deixou cair o urso de pelúcia e foi abraçar o pássaro.

Kylie se sentou no braço do sofá. A vampira tinha acertado em cheio quando disse que seria uma noite muito longa e insana.

— Para que a fita adesiva? — Kylie perguntou a Lucas, no dia seguinte, quando ele esvaziou o saco novamente e preparou-se para o treino. Kylie havia dormido demais e perdido as aulas da manhã, e Lucas tinha ligado um pouco depois das onze, perguntando se ela queria cancelar o treino, visto que tinham ficado acordados a maior parte da noite.

Ela queria dizer que sim, queria muito ficar dormindo, mas atendendo ao seu coração, bem como ao aviso do fantasma de que precisava aprender a lutar, ela concordou em treinar.

— Para proteger. Vamos enrolar na ponta da lâmina. — Ele olhou para as árvores, como se tivesse ouvido alguma coisa. Ou alguém.

O pensamento de Kylie saltou da luta com espadas de verdade para a vigilância cautelosa de Lucas.

— Quem está aí?

— Chris e Will — ele respondeu.

Como o invasor não tinha sido encontrado na noite passada e eles não tinham ouvido outro alarme de segurança avisando que alguém tinha saído, todo o acampamento estava em alerta vermelho. No momento ela não tinha só uma sombra, mas três.

Que adorável!

Simplesmente adorável!

Enquanto ela observava Lucas pegar as espadas, uma lufada de ar frio arrepiou os pelos da sua nuca. O que fazia o número de sombras subir para quatro.

— *Isso é coisa de maricas! Diga a ele para não enrolar a fita nas lâminas. Você precisa aprender a lutar de verdade! O tempo está se esgotando.*

Olhando por cima do ombro, Kylie viu o espírito usando o vestido sujo de sangue novamente.

O que aconteceu com você? Quem a matou?, perguntou Kylie.

O espírito olhou para o vestido e franziu a testa.

— *Eu não sou importante. Você é.*

De repente desesperada para obter respostas, Kylie continuou:

Como você me conhece? Qual a ligação entre nós? Eu preciso de respostas.

— *Você precisa aprender a lutar. Ou logo vai estar tão morta quanto eu.*

O aviso cravou um punhal de pavor no coração de Kylie. Ela observou Lucas ficar de cócoras e começar a enrolar a ponta das lâminas.

— Será que a fita é realmente necessária?

Ele olhou para ela com surpresa nos olhos.

— Está falando sério?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você precisa me ensinar a lutar de verdade.

Ele se levantou, a preocupação estampada no rosto.

— Por quê? O que você sabe que eu não sei?

— É apenas um pressentimento — ela mentiu.

— Eu não gosto dessa sensação — disse ele.

— Você não é o único. — Ela piscou. — Só me ensine a lutar, Lucas.

Com ar resignado, ele pegou as duas espadas. A arma de Kylie começou a brilhar no instante em que ela a segurou. Talvez fosse sua imaginação, mas a arma parecia estar ainda mais brilhante. O que isso significava? Será que a espada, como o fantasma, sabia que a hora da batalha se aproximava?

Lucas, ao lado dela, começou a fazer as posições de aquecimento. Ela imediatamente o imitou.

O telefone de Kylie, no bolso, tocou avisando da chegada de uma mensagem. Ela esperou até a pausa seguinte para tirá-lo dali. Era Derek.

Ligue para mim!

Será que ele ia tentar convencê-la a reatar o namoro? Lembrou-se de vê-lo contrariado na noite anterior, quando Lucas insistiu em ficar na cabana para protegê-la.

— Quem é? — perguntou Lucas.

Ela hesitou, depois não fez mais segredo.

— Derek.

Lucas fechou a cara, mas permaneceu em silêncio. Eles voltaram para os exercícios básicos.

— Quando vamos começar a lutar? — ela perguntou enquanto imitava os movimentos dele.

— Quando é que você vai dizer para aquela “fada” que está tudo acabado entre vocês dois?

— Eu já fiz isso — respondeu ela, antes de perceber seu deslize.

Lucas parou. Sua espada, apontando para cima, desceu com um assobio. Ele olhou para ela.

— Você já fez isso?

Era tarde demais para voltar atrás.

— Sim.

Ele sorriu.

— Obrigado.

Ela franziu a testa.

— Eu não fiz isso por você. Fiz isso por ele.

Ainda sorrindo, ele arqueou uma sobrancelha.

— Mas eu sou o motivo que a levou a fazer isso.

Não era uma pergunta, mas ela poderia negar. No entanto, hesitou demais. Ia parecer uma mentira. Teria sido uma mentira.

Um sorriso ainda maior apareceu nos olhos dele. Um sorriso de confiança. De esperança.

— Eu te amo — ele disse, a voz quase musical com a felicidade.

Ela lhe lançou um olhar de desaprovação.

— Dizer isso não é um pouco perigoso, considerando que estas espadas não são de madeira e nem sequer estão protegidas com fita?

Ele riu. Uma risada de verdade, e o som caiu sobre ela como uma suave chuva de verão num dia sufocante de calor. Então ela se lembrou do olhar no rosto dele quando os lobisomens o haviam deixado sozinho no dia dos pais. Então ela se lembrou também que Will e Chris estavam ali, provavelmente ouvindo cada palavra que diziam. Will supostamente era amigo de Lucas, mas será que ele também tinha virado as costas para ele?

Ela desviou os olhos para a floresta e cochichou:

— Nós não estamos sozinhos, lembra-se?

— Eu não me importo com quem possa ouvir. Eu te amo! — Sua voz se elevou mais alto dessa vez.

Ela franziu a testa.

— Nada mudou.

— Tudo mudou! — exclamou ele.

Não, não tinha mudado. Ele poderia pensar que abriria mão de tudo que mais importava para ele, mas ela não estava disposta a deixá-lo fazer isso. Ela o amava demais.

— Vamos começar o treino? Se não, eu vou embora.

— Então vamos ao treino — disse ele.

Eles continuaram com os exercícios por mais dez minutos. Por fim, ele ficou de frente para ela.

— Vamos começar, mas lembre-se de que esta espada não é de madeira. Vamos começar devagar.

Ele não estava brincando sobre ir devagar. Começaram a se mover no ritmo de uma tartaruga e continuaram assim durante os quinze minutos seguintes.

— Com quem você estava lutando ontem à noite? — A pergunta dele quebrou o silêncio tenso que pairava no ar desde que, finalmente, tinham começado a acelerar um pouco mais.

— Com o fantasma da mulher.

— Ela luta bem? — ele perguntou.

O fato de ele perguntar sobre um fantasma a surpreendeu.

— Ela diz que é melhor do que você.

— Eu sabia que não gostava dela — disse ele, com um meio sorriso. Depois de uma pausa, ele perguntou: — Quem é esse fantasma? — O olhar dele não se desviava das espadas.

— Eu não sei — respondeu ela com sinceridade. E de repente Kylie sentiu que precisava descobrir isso o quanto antes.

Kylie não se lembrou de ligar para Derek. Ela e Lucas tiveram um bom treino. Eles não se soltaram de fato nem lutaram como faziam com as espadas de madeira, mas quase chegaram a isso.

Quando ela checkou o telefone, encontrou outra mensagem de Derek — *Me ligue agora!* — e viu que era quase meia-noite, ela se sentiu culpada.

Ela o viu no jantar — e isso tinha sido depois da mensagem — e ele não tinha dito nada. Não tinha sequer se sentado com ela; só pegou o jantar e saiu.

Ainda um pouco preocupada, mas sem saber se ele ainda estaria acordado, ela mandou uma mensagem de volta. *O que foi?*

Ela esperou por uns bons 45 minutos para ver se ele respondia. Nada.

Frustrada, deixou-se cair sobre o travesseiro. O frio fantasmagórico envolveu o quarto pela terceira vez desde que ela fora para a cama, mas o espírito não apareceu.

A conversa de Kylie com Holiday aquela tarde tinha reforçado seus sentimentos. Se ela conseguisse descobrir a identidade do espírito, isso podia ajudar a responder um monte de perguntas.

Embora o espírito não tivesse confirmado, Kylie estava quase certa de que ele tinha alguma ligação com Mario.

— Quem é você? — Kylie perguntou para o vento frio que se movia como uma sombra fugidia pelo quarto. — Me diga. Ou pelo menos me mostre alguma coisa.

Nenhuma resposta. Aceitando que nenhum espírito falava antes que estivesse pronto para isso, Kylie se virou na cama e tentou dormir. Tentou pensar em outra coisa que não fosse o espírito.

Outra coisa que não fosse matar alguém.

Outra coisa que não fosse morrer.

Qualquer coisa diferente de Lucas e da esperança que ela tinha visto nos olhos dele.

Kylie tinha acabado de cair no sono quando ouviu um leve ruído.

Passos no piso de madeira. Ela abriu os olhos e estendeu o braço debaixo do travesseiro para pegar a espada.

Debaixo do travesseiro? Ela não dormia com a espada!

Instintivamente, ela sabia que tinham vindo atrás dela.

Quem tinha vindo atrás ela?

Algo não estava certo. No entanto, Kylie puxou a arma e pulou para fora da cama. Seus pés pousaram no tapete. Ela olhou para o tapete oriental. De lã. Caro.

Onde ela estava?

Ou seria melhor perguntar: Quem ela era?

Com o coração batendo ao som dos passos que se aproximavam, ela olhou ao redor da sala. Um quarto. Não o quarto de Kylie.

Móveis de madeira pesados e de aparência cara brilhavam à fraca luz do luar que entrava através de uma grande janela, de onde se viam palmeiras.

O gosto de medo e fúria permanecia em sua língua. Ela levantou a espada. Só para descobrir que não era a espada que tinha sido entregue a ela, mas a espada do...

Tudo fazia sentido agora. Ela era o espírito e estava em meio a uma visão. Avistou um pesado espelho emoldurado sobre uma cômoda. Por um segundo, ela olhou para a imagem. Seu cabelo escuro estava solto, despenteado.

Mas o que causou o primeiro arrepio de pânico em Kylie foi o vestido. O mesmo que o espírito, obviamente, estava usando quando fora assassinado.

E Kylie iria reviver a cena. Seu primeiro impulso foi gritar “Pelo amor de Deus, não!” O segundo foi ficar alerta, para encontrar as respostas de que precisava.

O barulho de passos se aproximou, batendo forte no chão, como se subissem antigos degraus de madeira. Instintivamente, Kylie sabia que o espírito aguardava seus agressores. Ela sabia que a noite traria a morte. Ela tinha escolhido usar branco, mas indagado se o sinal de pureza adiantaria alguma coisa.

Agora, enquanto esperava o fim se aproximar, uma onda de arrependimento, de remorso pela vida que vivera, cruzou sua mente. Mas, no fundo, ela aceitou que era tarde demais. Tarde demais para mudar o modo como tinha vivido. Mas ela podia e iria mudar a forma como iria morrer.

Quem é você? A pergunta sussurrou na mente de Kylie. Ela rezou para que a resposta viesse logo

para que ela pudesse deixar a visão antes que tivesse de reviver a morte daquela mulher.

O espírito olhou para a janela como se considerasse a possibilidade de fugir.

Saia daí, Kylie disse a ela. *Você não tem que morrer.*

Mesmo antes de o pensamento se completar, Kylie sabia que as ações do espírito nesta véspera de sua morte já faziam parte do seu destino. Kylie não tinha sido levada ao interior de seu corpo, ou de sua memória, para mudar o que já tinha acontecido. Ela tinha sido levada até ali para viver isso.

Para saber a verdade.

Que verdade? Por que o espírito não tinha ido embora? Kylie sentiu que ir embora tinha sido uma opção. O espírito tinha escolhido morrer. Por que motivo?

— Mamãe. — O menininho correu para a porta. — Ele achou a gente! — Em seus olhos arregalados, medo e lágrimas. — Ele achou a gente! Agora o que vamos fazer?

Ela segurou o menino pelos ombros. A mãe queria abraçá-lo, enterrar o rosto em seu cabelo para poder morrer com o cheiro de seu único filho ainda preenchendo os seus sentidos. Mas o tempo tinha acabado. Ela o empurrou para dentro do armário.

— Use o alçapão, como eu mostrei. Corra e não olhe para trás. — Ela fechou a porta do armário ao mesmo tempo em que a porta do quarto se abria com um estrondo.

Capítulo Trinta e Quatro

A mulher, com Kylie vendo a cena através dos olhos dela, virou-se para lutar. Não porque pensava que poderia ganhar, mas pelo pouco tempo que o filho precisava para escapar. Ela sabia que morreria, mas lutava pelo seu filho.

Eles entraram. Havia três deles. Usavam preto, sem máscaras, e ela os reconheceu.

Conhecia-os bem.

Ela tinha comido em suas mesas.

Rido de suas piadas.

Ela também reconheceu o olhar nos olhos deles, o ímpeto para cumprir sua tarefa. Matá-la era a incumbência que eles tinham.

Ela levantou a espada e lutou. Lutou pelo filho dela. Por alguns segundos, ela realmente superou-os, bloqueou as tentativas de derramar seu sangue. Ninguém poderia dizer que ela tinha se entregado facilmente.

A primeira dor penetrante atravessou suas costelas. Kylie gritou para que ela parasse. Tentou dizer a si mesma que não era real, que não era ela quem sofria os golpes, mas parecia real. Ela sentiu a dor que o espírito sentira naqueles últimos momentos terríveis da sua vida.

Sentiu as lâminas perfurando sua pele, atingindo os ossos.

Seu corpo ficou flácido, a dor era excruciante. Ela caiu de joelhos e depois para a frente, tombando no chão. Seu sangue escorria. O fluxo espesso do líquido aqueceu o frio repentino. Ela não o conteve. Queria que o sangue fluísse mais rápido. Quanto mais rápido fluísse, menos ela sofreria.

O cheiro acobreado do sangue encheu seus sentidos. A viscosidade dele escoou sob sua bochecha pressionada no chão frio. A última coisa que ela viu foi a porta do armário aberta e seu filho assistindo com horror enquanto ela dava seu último suspiro.

Ele não tinha fugido. A fúria encheu sua alma.

Será que ele sabia? Será que ele sabia que a morte dela era para mantê-lo seguro e protegê-lo do tipo de vida que ela e o pai dele tinham vivido?

Um segundo antes de a morte levá-la, ela jurou vingança. Não vingança sobre aqueles que a mataram, eles nada mais eram do que peões a serviço de um demônio. Ela sabia disso, porque tinha sido um deles.

A vingança que ela buscava era para quem os enviara, o próprio demônio. Bem como para aquele que tinha permitido, o filho do demônio.

— Não fique muito perto. Ela pode te degolar com essa coisa.

A voz estridente de Miranda ficou registrada na mente de Kylie, mas soava a certa distância.

— Ela não vai me matar — Della respondeu.

— Eu não estou dizendo que ela queira. — A voz de Miranda voltou. — Mas, que droga, você viu como ela estava manejando essa espada.

Sua consciência lutou contra o vazio da escuridão. Ela queria mergulhar no vazio. Ele não guardava nenhuma lembrança. Oferecia uma fuga do que ela tinha acabado de viver. A maldita voz, a que ela não conseguia de fato identificar falou novamente.

— *Você precisa se lembrar.*

Tomando fôlego, ela abriu os olhos.

Os olhos pretos e ligeiramente amendoados de Della entraram em foco.

— Ela voltou! — disse numa voz alarmada, como saída de um filme de horror.

Kylie tentou se erguer, mas se sentia muito fraca.

Della ajudou-a a se sentar. Kylie olhou em volta. Estava na cozinha da cabana. Ainda segurava a espada na mão. A visão devia tê-la feito buscar a arma. Lembrando-se de partes da visão, largou a espada e passou a mão sobre a barriga para verificar se havia algum corte.

Nenhum. Apenas a lembrança da dor permanecia. Tinha acabado. Tudo, menos o choro. Lágrimas brotaram nos olhos dela. Como a vida podia ser tão brutal? Tão cruel?

— Você não vai nos matar, não é? — perguntou Miranda. Kylie balançou a cabeça. Por mais doloroso que fosse se lembrar dos detalhes, ela precisava se lembrar; precisava de respostas.

A imagem do menino no armário encheu sua mente, algo conhecido despontou na sua memória. Sim, *ele* era conhecido. Mais do que isso: fragmentos da história voltaram num *déjà vu* à sua mente. Alguém tinha lhe contado essa história. Mas quem? De repente, ela se lembrou.

Kylie se levantou, mas seus joelhos se dobraram. Della a segurou.

— Temos que ir — disse Kylie.

— Vai ser meio difícil se você não consegue nem se levantar — provocou Della.

— Eu consigo. — Kylie se forçou a ficar de pé sozinha e empurrou a mão de Della.

— Ok, você está de pé — disse Della. — O segundo passo é conseguir andar.

Kylie deu alguns passos e olhou para a vampira novamente.

— O terceiro passo é fazer sentido. E não faz sentido para mim sair desta cabana antes de eu saber para onde estamos indo.

Kylie inspirou.

— Ver Derek. Eu preciso de Derek.

— Derek? — perguntou Miranda. — E eu que pensei que ela tinha desistido dele e estava quase voltando com Lucas.

Kylie lançou para a bruxinha um olhar suplicante, pedindo que ela lhe desse um tempo.

— Estou falando sério.

— Posso pôr meu sutiã primeiro? — pediu Della.

— Você não precisa dele... — Miranda riu.

Della fez uma cara feia.

— Você é a bruxa mais babaca que eu conheço.

Kylie, perturbada demais para enfrentar uma discussão, foi para a porta. Ela tinha que saber. Della deve ter decidido que Miranda estava certa sobre não precisar do sutiã, porque seguiu Kylie até a porta. De pijama e tudo.

— Você sabe que Burnett vai me esganar se eu deixá-la fazer isso sem ligar para ele.

Kylie começou a correr, sua necessidade de respostas impulsionando-a. Ela sentiu o vento no cabelo e as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Em menos de dois minutos, Kylie parou ao lado da cabana de Derek.

— Ok, sabichona, não vai bater na porta? — Della olhou para ela, a expressão sarcástica substituída pela de preocupação ao ver as lágrimas de Kylie. — Sinto muito — disse ela. — Deve ter sido bem ruim.

Kylie assentiu.

— Vou tentar a janela. — Ela correu para o lado da cabana. As janelas eram muito mais altas do que ela. Dando um salto, ela agarrou com os dedos a parte superior do parapeito e suspendeu o corpo para olhar lá dentro.

E o que ela viu deixou-a... deixou-a... confusa.

Perplexa.

Chocada.

Ela piscou, como se isso pudesse mudar o que estava vendo.

Mas depois de piscar uma, duas, três vezes, ela ainda podia ver não uma, mas duas pessoas na cama de Derek. Uma delas era Derek. Ela podia ver claramente sua forma masculina. Mas a outra era... Kylie não podia ver o rosto.

Mas era definitivamente um corpo *feminino*. Tinha longos cabelos negros e um bumbum muito feminino e saliente, coberto com um pijama e projetado para fora da manta. E Kylie conseguiu reconhecer aquelas calças de pijama como sendo de Derek.

A garota se mexeu. Kylie prendeu a respiração, esperando que ela se virasse para que pudesse ver quem estava aquecendo a cama de Derek.

Kylie levou um segundo para se perguntar se estava com ciúme. Em algum lugar lá no fundo, dentro do seu peito, ela sentiu uma pontada de ciúme. Mas com ele veio o sentimento de que estava tudo certo. Derek precisava seguir em frente.

Mas ele tinha que seguir em frente tão rápido assim?!

A menina se virou.

Kylie viu seu rosto e...

— Merda! — Seus dedos acidentalmente escorregaram da janela e ela caiu, se esborrachando com tudo no chão.

Como? Como era possível?!

Capítulo Trinta e Cinco

— O que foi? — perguntou Della, aparecendo atrás dela.

— Nada — Kylie mentiu, ainda no chão, onde tinha caído.

— Tente outra vez — disse Della, obviamente ouvindo a mentira no coração da amiga.

— Deixa pra lá. E, por favor... me dê um pouco de privacidade para conversar com... ele.

— Eu sou a sua sombra — disse, observando Kylie se levantar.

— Eu sei. Mas estou te implorando. Por favor. Preciso de um pouco de privacidade.

— Para fazer o quê? Está a fim de uma sessão de amassos com Derek?

Kylie nem se deu ao trabalho de responder.

Della virou-se e saiu pisando duro.

Kylie içou-se ao parapeito da janela, pendurou-se ali com uma mão e bateu na vidraça com a outra. As duas pessoas na cama pularam de susto.

O olhar sonolento de Derek voou em direção à janela. Kylie não sabia ao certo como Jenny — pois era de fato a irmã de Hayden, Jenny — tinha reagido ao susto. Ela havia desaparecido!

Passando a mão no rosto, Derek foi até a janela. Kylie saltou para o chão quando ele levantou a vidraça. Ele a olhou com um olhar de interrogação enquanto oferecia a mão para alçá-la para cima.

— Mas que hora para aparecer! — ele murmurou enquanto a puxava. — Por que, afinal, demorou tanto?

Com os pés no chão do quarto, Kylie fez uma careta.

— Você me viu no jantar e não disse nada.

— O que eu podia dizer num lugar cheio de vampiros?

Droga, ele estava certo.

— O que está acontecendo? — Ela olhou ao redor. — E, Jenny, você pode ficar visível. Eu já te vi.

Jenny apareceu e seu rosto enrubesceu.

— Não é o que você está pensando. Nós não... — Ela apontou para o chão, onde um cobertor e um travesseiro estavam jogados.

— Você devia estar dormindo no chão! — disse Jenny, olhando para Derek.

— Eu não consegui dormir, então eu só... — Ele olhou para Jenny. — Eu nem encostei em você.

Kylie balançou a cabeça.

— Eu não me importo com isso.

— Eu me importo! — disse Jenny, olhando para Derek.

— Eu nem toquei em você! — repetiu ele.

Kylie gemeu.

— Jenny? O que você está fazendo aqui? — Nesse momento Kylie lembrou-se do alarme. — Foi você quem pulou a cerca!

Jenny fez uma careta.

— Eu não sabia que o lugar tinha um alarme. Nem o complexo tem um.

Mas os camaleões não estavam à espera que um psicopata delinquente os atacasse!

Kylie balançou a cabeça, lembrando-se de se concentrar num assunto por vez. E esse era um grande problema, também.

— Mas que droga... — ela murmurou. — Hayden sabe que você está aqui?

Derek e Jenny negaram com a cabeça.

Kylie olhou para Jenny.

— Você fugiu, não é?

Jenny assentiu e apertou as mãos.

— Por favor, não... não fique brava.

Derek olhou para Jenny com pena e, em seguida, fitou Kylie como se estivesse frustrado.

— Por que está tão contrariada? Você não disse que queria ajudá-la?

Kylie olhou para ele, séria.

— Eu quero, mas... fugir não resolve o problema.

— Ah, qual é, Kylie? — Derek contestou. — Para alguém que fugiu algumas semanas atrás, não acho que você esteja em condições de julgar.

— Eu não fugi! Eu disse a todos que estava indo embora. E não estou julgando ninguém. — Frustrada e um pouco surpresa ao ver Derek defendendo Jenny, Kylie suspirou e olhou de Jenny para Derek.

— Se um camaleão foge antes de estar maduro é expulso da família.

Derek desviou os olhos para Jenny, e examinou-a de cima a baixo.

— Ela parece bem madura pra mim.

Kylie revirou os olhos.

— Eu não estou falando do corpo dela. Estou falando da capacidade de mudar de padrão. — Desviando o olhar para Jenny, Kylie percebeu uma coisa. — Você é capaz de ficar invisível. Isso não acontece só mais tarde?

— Normalmente, sim. Treinei muito por conta própria nos últimos anos para conseguir ir embora mais cedo. Mas ainda não consigo controlar meu padrão. — A tristeza era visível nos olhos da garota.

— Você está mesmo preparada para deixar sua família?

Jenny se sentou na cama e alisou o pijama folgado de Derek com as mãos.

— É muito difícil pra mim, mas aquela família está tentando me forçar a casar com alguém que eu não amo. E o cara não me ama, também. Eu não quero viver assim.

A mente de Kylie disparou. Ela havia dito a Holiday: o que os camaleões anciãos faziam era quase tão ruim quanto o que faziam os lobisomens. Agora ela percebia que estava certa. Os mais

velhos estavam fazendo a Jenny o mesmo que o pai de Lucas fazia ao filho.

Isso significava que Lucas estava certo ao enfrentar a alcateia e o pai? Tudo parecia tão confuso! Percebendo Derek e Jenny olhando para ela, ela concluiu que aquele não era o momento de pensar em Lucas. Um problema de cada vez.

Problema no 1 : o avô e toda a comunidade de camaleões iriam culpar Kylie, porque ela era a razão de Hayden estar ali. Como, pelo amor de Deus, ela ia consertar aquilo? Ela olhou para Jenny novamente.

— Ok, então agora me explique por que você não procurou Hayden.

— Porque toda vez que eu falava com ele sobre ir embora, ele me dizia que era errado. Que eu devia ficar lá até amadurecer. Mas todo mundo sabia que no dia em que eu amadurecesse, cairia fora de lá, então os anciãos estavam tentando encontrar outra maneira de me deter. Eles iam me obrigar a casar com Brandon na semana que vem. — A expressão da garota ficou mais solene. — Além disso, eu não vim aqui por causa de Hayden. Eu vim aqui por sua causa. Achei que você ia entender. Mas acho que eu estava errada.

A culpa encheu o peito de Kylie.

— Você não está errada, eu só... Eu não sei bem o que fazer... — Kylie olhou em volta. — Como você acabou aqui com Derek?

— Você estava sempre rodeada de pessoas. Eu vi Derek e achei que, se você confiava nele, então eu poderia confiar também.

Kylie suspirou.

— Você está realmente preparada para perder o direito de ver a sua família?

Lucas estaria?

Lágrimas encheram os olhos da garota e Kylie sentiu a mesma emoção se agitar dentro dela.

— Não — respondeu Jenny. — Mas eu não estava pronta para me casar com Brandon, também.

— Eu sei — disse Kylie. — Nós só temos que descobrir um modo de resolver isso. — O mesmo valia para Lucas. Mas que Deus a ajudasse, porque ela não fazia ideia de como fazer essas duas coisas.

Ela olhou para Derek e se lembrou do motivo que a levava até ali.

— Nós temos um bocado de coisas para conversar — ela murmurou.

— Que coisas? — perguntou Derek.

Kylie não tinha percebido que falara em voz alta. Em seguida, partes da visão surgiram na cabeça dela como um filme de horror.

— Você se lembra de quando me contou sobre Roberto, o neto de Mario? Você não disse que ele testemunhou o assassinato da mãe?

— Disse.

— Você se lembra de como ela foi assassinada?

Ele passou a mão pelo cabelo castanho.

— Acho que um artigo dizia que ela foi esfaqueada.

Kylie franziu a testa.

— Eu temia isso.

— Por quê?

— Ela é o meu fantasma.

Derek pareceu preocupado.

— A mãe de Roberto é o seu fantasma?

— Por favor, não me diga que ela está aqui agora. — Jenny puxou os joelhos até o peito e os abraçou.

— Está tudo bem. — Derek se aproximou da garota. Ele descansou a mão no ombro da garota para aliviar o medo dela.

— Tire a mão daí! — Jenny deu um tapa na mão dele. — Eu não gosto que você me toque. Você... me faz sentir coisas que... eu não sinto.

Derek franziu a testa.

— Eu estava tentando fazer você se sentir melhor.

— Talvez eu não queira me sentir melhor — ela retrucou, e eles se entreolharam.

Por alguma razão, as brigas dos dois faziam Kylie se lembrar de Burnett e Holiday, ou mesmo de Kylie e Derek no começo, e ela sabia por quê. A tensão sexual. Se Kylie fosse um vampiro, ela apostava que conseguiria sentir o cheiro dos feromônios.

Derek olhou para Kylie.

— Está vendo o que eu tive que aguentar nas últimas 24 horas?

A única coisa que impedia Kylie de sorrir eram os fragmentos da visão e a constatação de que ela não tinha a menor ideia do que fazer com Jenny. Se fosse procurar Holiday, ela não tinha certeza se a líder do acampamento permitiria ou até mesmo poderia permitir que a menina ficasse. Mas por quanto tempo eles poderiam escondê-la?

De repente, a vidraça de Derek se abriu e Della pulou para dentro.

— Ok, vejam só! Acabei de receber um telefonema de Burnett. Ele estava fazendo uma ronda pelas cabanas e percebeu que não estávamos. Está a caminho daqui. Você tem um segundo para esconder a Mulher-Maravilha aí, ou ele vai saber que ela está aqui.

Jenny desapareceu. Della, vendo pela primeira vez alguém desaparecer daquele jeito, ficou atordoada. Burnett entrou com tudo pela janela aberta.

— Que diabos está acontecendo agora?

— Eu tive uma visão. — Kylie contou uma parte da verdade. — Eu quis perguntar a Derek sobre isso.

— E você não poderia ter me ligado primeiro?

— Você sabe como eu fico depois de uma visão... Eu estava fora de mim; tudo em que eu consegui pensar foi em descobrir a verdade.

— Que verdade?

— Eu sei quem é o fantasma da mulher agora. Ela tem... uma ligação com Mario. Ela era nora

dele, mãe de Roberto. Mario mandou matá-la. — O coração de Kylie se contraiu quando ela se lembrou dos últimos minutos da vida da mulher. Quando se lembrou de como Roberto tinha testemunhado a morte horrível da mãe.

Burnett suspirou.

— E a espada? É dela, também?

— Não, ela diz que é dos... anjos da morte.

Uma longa pausa encheu o quarto, como se todos precisassem de alguns segundos para acreditar.

— Você sabe por que eles a enviaram? — Burnett finalmente perguntou.

Kylie franziu a testa. Ela suspeitava que era porque ela teria de enfrentar Mario. E, no fundo, sabia que Burnett suspeitava disso também. Mas ninguém queria dizer.

— Não, na verdade, não. — Não chegava a ser uma mentira. Havia uma diferença entre saber de algo e suspeitar disso.

— Vamos lá, vamos falar com Holiday sobre essa visão — disse Burnett.

Kylie deixou a cabana de Derek para enfrentar um problema, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, teria que lidar com o outro que estava deixando ali. Jenny.

Por quanto tempo eles conseguiriam esconder um camaleão em fuga? Ela esperava que por tempo suficiente para Kylie conseguir pensar num plano.

Burnett e Holiday levaram Kylie de volta para a cabana depois da conversa. Ela conseguiu enfrentar a conversa sem mentir não deixando que o tema se desviasse da visão. Kylie não lhes disse nada sobre Jenny ou sobre o pai ter tornado a dizer que eles estariam juntos em breve. Para ser franca, ela estava tentando não pensar na mensagem do pai. Holiday não tinha falado que uma pessoa que começa a se preparar para a morte engana a si mesma convencendo-se de que sua vida não vai durar muito? E... em algum lugar no fundo do seu coração, ela se agarrava ao fato de que o pai poderia estar confuso. Que sua definição de “logo” poderia significar algo em torno de 80 ou 90 anos.

A primeira coisa que Kylie fez depois que Burnett e Holiday foram embora foi pegar o telefone.

Derek atendeu no primeiro toque.

— Sobreviveu?

— Mais ou menos — disse Kylie.

— Como é que você mentiu para Burnett?

— Evitando falar a verdade.

Ele suspirou.

— Falando em verdade, reli os artigos sobre a mãe de Roberto. As causas da morte foram vários ferimentos provocados por um objeto perfurante. Ah, e o nome dela era Lucinda Esparza.

— Obrigada. — Kylie repetiu o nome da mulher mentalmente.

— Então, qual é o plano com relação ao *meu* problema? — ele perguntou.

Então ele considerava Jenny problema dele, hein?

— Eu não sei, mas você se importaria em continuar a escondê-la até que eu pense num plano? Já

que você não tem um vampiro dividindo o quarto com você nem Burnett vigiando a sua cabana. Ela tem menos chance de ser encontrada se ficar aí.

— Meu plano era que ela ficasse aqui — Derek disse, soando quase insistente.

Foi então que Kylie soube com certeza. Sua antiga paixão tinha conseguido esquecê-la e estava a caminho de se apaixonar por outra... Kylie sentira a ligação entre eles, assim como captara a que havia entre Burnett e Holiday, Perry e Miranda, e Jonathon e Helen.

Ela quase podia ouvir Derek e Jenny contando aos filhos como eles se conheceram.

“A mãe de vocês simplesmente pulou nas minhas costas de repente, esperando que eu lhe desse uma carona de cavalinho!”

Jenny tinha sorte. E Derek merecia ser feliz.

E eu também! E a felicidade dela dependia de Lucas. Era como se algo tivesse mudado dentro da sua cabeça e ela tivesse percebido o quanto estava equivocada. Ela não deveria ter tentado afastá-lo. Deveria ter insistido para que ele encontrasse uma maneira de fazer a coisa da maneira certa.

— Ei..., hã, eu acabei de perceber que preciso fazer uma coisa. Podemos conversar amanhã?

— Fazer o quê? — perguntou Derek, obviamente captando os sentimentos dela.

Convencer alguém de que vale a pena lutar por mim.

— Tchau. — Ela desligou, e depois discou o número de Lucas. Um instante antes de digitar o último número, ela mudou de ideia. Havia outro jeito. Um jeito melhor.

* * *

Levou dez minutos para ela cair no sono, e mais alguns para adquirir controle e ter um sonho lúcido que a levasse até a cabana de Lucas e ao quarto dele. Ele parecia adorável dormindo em sua cama. O lençol estava abaixo da linha da cintura e ela não pôde deixar de se perguntar se ele estava usando alguma coisa por baixo. Ela achava que não.

Mentalmente, ela o vestiu com uma bermuda e entrou na mente e depois nos sonhos dele.

— Lucas — ela sussurrou o nome dele. Embora ela pudesse levá-lo para qualquer lugar, não fez isso. Eles permaneceram no quarto dele. Ela olhou para o peito nu do lobisomem novamente e se perguntou por que não tinha sonhado com ele vestindo uma camisa. Provavelmente porque gostava de ver seu peito nu.

Então Kylie olhou para a cama e a mente dela foi se juntar a ele ali. Foi quando ela decidiu que eles precisavam sair do quarto.

Lucas sentou-se.

— Oi! — Sua voz estava grave e sonolenta.

— Vem, vamos sair daqui — disse ela.

— Sair para onde? — ele perguntou.

— Para um lugar onde a gente possa conversar — ela respondeu.

Ele deu um tapinha na cama e olhou para ela com um sorriso sexy. Será que ele tinha lido os pensamentos dela?, ela se perguntou.

— Poderíamos conversar aqui — ele disse com voz rouca.

Ela revirou os olhos.

— Boa tentativa.

Ele riu. Então puxou o lençol e olhou para baixo.

— Pelo menos a bermuda não tem carinhas sorridentes — disse ele, referindo-se ao dia em que ela o vestira em outro sonho lúcido.

Ela se concentrou e transferiu o sonho para a clareira atrás do escritório, onde muitas vezes eles tinham ido conversar.

Ele olhou em volta e depois voltou a olhar para ela. A noite estava escura, apenas algumas estrelas brilhavam no céu.

— Eu acho que gostei mais do sonho no lago — ele disse, referindo-se ao sonho lúcido em que eles tinham nadado nus.

Estendendo as mãos, ele a segurou pelos ombros e a puxou de encontro a ele.

O peito dele estava tão quente... Tão convidativo... Ela teria gostado de ficar ali. Para explorar todas as coisas que queria explorar entre eles. *Mas ainda não.*

— Comporte-se! — disse ela, e se soltou.

O sorriso dele desapareceu.

— Tem alguma coisa errada?

— Não. Bem, sim, tem algo errado. Tudo está errado. — Ela suspirou. — Você tem que entrar para aquele Conselho, Lucas.

— Eu não vou me casar com Monique — ele disse com rispidez.

— Não se casando com Monique. Você tem que encontrar outra maneira.

— Eu preciso do meu pai para interceder por mim, Kylie. Ele não vai fazer isso agora.

Ela rangeu os dentes.

— Fale com ele. Você disse que ele é protetor com você. Ele obviamente se importa. Talvez se você...

— Você não conhece meu pai — disse ele.

A fúria inflou o peito de Kylie.

— Então encontre outra maneira! Encontre alguém para interceder por você. Ou fale você mesmo com o Conselho. Você me contou sobre tudo o que os jovens querem mudar. Faça os anciãos verem isso. Eles foram jovens um dia. Você não pode fazê-los se lembrar de como era? Quer dizer... quem foi que disse que, se a porta está trancada, encontre uma janela? Se a janela está fechada, também... quebre-a. Se ela não quebrar, então ache uma marreta e faça uma nova.

Ele balançou a cabeça.

— Você não sabe como eles são.

— Sim, eu sei! Os anciãos dos camaleões são como os seus anciãos. Eles querem arranjar casamentos e dizer a todos os jovens camaleões o que fazer. Não sei como vou mudar as coisas, mas pode apostar que não vou deixar de tentar.

— Não é a mesma coisa! — disse ele, como se estivesse ofendido com a acusação.

— Talvez não seja exatamente a mesma coisa. Mas você está desistindo.

— Eu não vou desistir de nós — insistiu ele. — Isso é o que importa.

Ela balançou a cabeça.

— Mas você *está* desistindo de nós. Se não conseguir entrar no Conselho, Lucas, não existirá nenhum “nós”.

— Você não está falando sério! — disse ele, a raiva engrossando sua voz.

— Não pense que eu quero — disse ela. — Mas eu sei que, se você abrir mão de quem você é e de tudo o que sempre quis, você vai me culpar por isso. Talvez não agora, mas um dia vai. E eu não posso entrar nessa sabendo que você vai me odiar um dia. Eu não posso.

Num piscar de olhos, Kylie pôs um ponto final no sonho lúcido e atirou-se na cama. Então dormiu chorando. Mas um pouco antes disso, ela ouviu o pai mais uma vez.

— *Em breve. Em breve estaremos juntos.*

Ela não pôde deixar de se perguntar se, quando estivesse morta, ela ainda ia sofrer por Lucas.

Na manhã seguinte, depois de apenas uma hora de sono, Kylie estava em meio aos outros campistas, à espera de Chris fazer seu showzinho no início da Hora do Encontro. Perry, sua sombra oficial naquela manhã, estava ao lado dela, com Miranda apoiada nele. Della estava numa reunião de vampiros e não ia participar do Encontro.

Lucas não estava ali. Mas ele tinha enviado uma mensagem para ela do celular que dizia: *Acho que encontrei uma janela*. A esperança lhe deu energia. Energia para relembrar o quanto tinha sido bom observar Lucas na cama na noite anterior e como ela tinha ficado tentada a se enroscar nele e deixar que as coisas simplesmente acontecessem. Afastando o lobisomem sexy da sua mente, ela procurou outra coisa em que pensar — como descobrir como proceder com Lucinda, que estava de pé no meio da multidão, como se pertencesse a Shadow Falls, mas não estava falando com Kylie. Será que de fato tudo de que o espírito precisava para seguir em frente era que Kylie lutasse contra Mario? Para que ele pudesse seguir para o inferno?

Uma coisa era encorajar as almas destinadas a cruzar os portões do céu a deixar a sua existência solitária na terra e seguir em frente. Mas como ela poderia encorajar alguém a ir para o inferno?!

Kylie estremeceu com o pensamento.

— Você está quieta — comentou Miranda. — Está tudo bem?

Kylie acenou com a cabeça e localizou Derek andando no meio da multidão. Os pensamentos dela saltaram para Jenny e como iria resolver aquilo. Sua intuição lhe dizia que a coisa certa a fazer era confrontar Hayden.

Ela sabia que Jenny estava com medo que ele insistisse para ela voltar para casa, mas Kylie não tinha tanta certeza se Hayden faria isso.

A conversa no grupo de estudantes se acalmou. Kylie olhou para a frente.

Chris tinha se posicionado na frente da multidão, desviando a atenção de Kylie de suas próprias

desgraças.

— Hoje nós temos... — Ele olhou para baixo, na direção do chapéu e, em seguida, para cima. Diretamente para Kylie.

Ah, mas que inferno, pensou Kylie, quem seria dessa vez?

— Kylie Galen. — Chris sorriu. — A garota que rendeu mais sangue do que qualquer outra campista em Shadow Falls!

Ele hesitou.

— Você, minha cara, vai ter o prazer... — ele fez uma pausa para causar um efeito dramático — de passar uma hora na companhia de Steve!

Kylie viu Steve, o metamorfo de traseiro bonito, o mesmo que tinha dado um chupão em Della, começar a andar na direção dela. Nem por um minuto Kylie pensou na hipótese de que Steve tivesse algum interesse nela. Ela sabia que ele só queria alguns conselhos no campo do amor.

Conselhos que Kylie não tinha. Que diabos ela poderia dizer a ele? A resposta normal que ela daria a alguém que está tentando chamar a atenção de outra pessoa era “tenha paciência”. Mas Della era a pessoa mais inflexível e teimosa que Kylie conhecia e seria preciso a paciência de um santo para dobrar a vampira.

— Ter paciência? Isso é tudo que você tem pra me dizer? — reclamou Steve dez minutos mais tarde.

Kylie olhou para Perry, voando em círculos enquanto eles conversavam sentados na clareira atrás do escritório, e então franziu o cenho para Steve.

— Não sei por que todo mundo pensa que sou o guru do amor.

— Vamos lá, me dê algo que possa me ajudar. Você conhece Della melhor do que ninguém.

Kylie sentou-se ao lado da árvore.

— O que eu posso dizer? Della é uma figurinha difícil. — Tão difícil que, se descobrisse que Kylie tinha oferecido conselhos a Steve, a vampira abriria mão do título de uma das melhores amigas de Kylie.

— Você acha que eu não sei disso?

Kylie fitou os olhos desesperados do metamorfo.

— Ela ficou muito machucada por causa de alguém.

— Eu sei disso, também. — Ele cruzou os braços sobre o peito largo. — Ela merece muito mais do que aquele sujeito.

— Ah, que se dane! — exclamou Kylie, e decidiu jogar a precaução no lixo. — Ok, isso é tudo o que eu posso te dizer. Della adora uma boa briga.

— Eu não quero lutar — disse Steve. — O que eu quero é... — Ele corou como se estivesse pensando sobre o que realmente queria.

Mas, caramba!, Kylie gostava de Steve.

— Olha, eu não estou dizendo para você brigar com Della. *Lute* por ela. Quando ela disser que você não pode se sentar com ela na hora do almoço, sente-se de qualquer maneira. Quando ela disser

para ir embora, não vá. Ela vai ficar irritada. Della é assim, mas eu acho que dessa maneira você vai conquistar alguns pontinhos com ela.

O metamorfo fez uma pausa, como se estivesse pensando.

— Quer saber? Você está certa. Quando estávamos na missão, ela tentou me afastar, mas eu não deixei. Eu não podia fazer isso porque Burnett me avisou que, se alguma coisa acontecesse com ela, ele arrancaria a minha cabeça. E foi aí que nós... Ei! Já sei o que tenho que fazer!

— O quê? — perguntou Kylie, com medo do que tinha desencadeado.

— Espere só pra ver. — Um sorriso se espalhou pelos lábios dele. Fagulhas começaram a surgir em torno do metamorfo. Ele se transformou num pássaro, não tão grande ou magnífico quanto aquele que circulava mais acima, mas ainda assim impressionante.

Batendo as asas duas vezes, ele voou para longe, gritando para Perry ao fazer isso.

Perry se preparou para uma aterragem rápida.

— Você é boa nisso! — disse ele, ainda em forma de pássaro. — Ela vai comer na mão dele agora. Claro que antes ela já terá rasgado o seu coração por traí-la.

— Não fale comigo enquanto não estiver na forma humana! — Ela deixou cair a cabeça sobre os joelhos.

Merda! Perry estava certo. Della ia matá-la. Mas, como o destino já podia tê-la marcado para morrer, ela não tinha certeza se isso realmente importava.

Capítulo Trinta e Seis

— Está aguardando uma ligação? — Kylie perguntou a Hayden Yates quando entrou em sua sala de aula, dez minutos depois, e viu que ele estava segurando o celular.

— Só estou na esperança de receber uma. — Ele franziu a testa e olhou em volta, como se para ter certeza de que estavam sozinhos. — É Jenny. Ela saiu de casa. Só Deus sabe onde está.

Kylie mordeu o lábio.

— Se você a encontrasse, o que faria?

— O que você quer dizer com isso? — A suspeita o fez estreitar os olhos.

— Você a levaria de volta para seus pais? Se ela fugiu, provavelmente é porque ela é como você quando jovem e não consegue mais suportar esse jeito de viver.

O ar de suspeita desapareceu da expressão dele.

— Ela não sabe o quanto é difícil viver completamente sozinho.

— Ela não estaria sozinha — disse Kylie. — Ela teria você.

Ele franziu a testa.

— Não sei lidar com uma adolescente.

Kylie revirou os olhos.

— Você é professor. Lida com adolescentes todos os dias.

— Eu ensino adolescentes, não sou pai deles. Há uma diferença. Mas discutir isso é bobagem. — Ele correu os dedos pelos cabelos. — Ela é jovem, ingênua.

— Ela não é tão ingênua. — Kylie se lembrou de Jenny enfrentando Derek e de quando ela os ajudou a fugir.

— E se eu soubesse onde ela está?

Hayden olhou para Kylie.

— Meu Deus! O alarme?

Kylie assentiu. Hayden fez uma careta.

— Burnett e Holiday sabem?

— Ainda não.

Ele soltou o ar por entre os dentes.

— Se os anciãos descobrirem que ela está aqui, vão esperar que Burnett e Holiday a levem de volta.

— Eu sei — disse Kylie. — Esse é o problema.

Hayden entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— E Holiday e Burnett terão que levá-la. Legalmente, eles não podem mantê-la aqui sem arcar com sérias consequências.

Kylie suspirou.

— Essa é a outra parte do problema.

Ele apertou a mão sobre a mesa.

— É uma encrenca e tanto.

A mente de Kylie disparou.

— Eu quero contar isso a Holiday e Burnett, mas se essa coisa toda de Mario se acalmasse, acho que teria uma chance melhor de convencê-los.

— Onde ela está agora? — ele perguntou, de repente.

— Ela está na cabana de Derek.

Ele pareceu não entender.

— De Derek? — A expressão de Hayden passou de professor para o de irmão mais velho e Kylie teve a sensação de que Derek poderia estar encrencado.

— É melhor do que na minha cabana, porque Burnett está me observando como um falcão. Quando Jenny pulou o portão, ela não conseguiu chegar perto de mim, porque eu tenho sombras. Jenny e Derek se conheceram na noite em que fugi e ela achou que podia confiar nele. E ela está certa. Derek é o melhor cara que eu conheço. Ele nunca faria nada... você sabe.

— É melhor que ele não se atreva... você sabe! — disse Hayden com rispidez.

— Eu acho que seria mais seguro transferi-la para a sua cabana. Não por causa de Derek. Mas...

Ele suspirou.

— Seria mais seguro se ela voltasse e...

— Não! — exclamou Kylie. — Apenas me dê um tempo. Acho que posso resolver isso.

— Como? Ela ainda não está madura.

Kylie apontou para seu próprio padrão.

— Eu não estou completamente madura e estou me saindo muito bem.

— Você pode realmente dizer isso com tanta certeza? — ele perguntou. — Você tem um assassino atrás de você. A UPF está fazendo tudo o que pode para pôr as mãos em você e testá-la. A meu ver, isso não significa que está se saindo muito bem.

— Apenas me dê alguns dias. Por favor.

— Você não pode dar um jeito nisso, Kylie — insistiu Hayden.

As palavras de Hayden ecoaram na cabeça dela. *A UPF está fazendo tudo o que pode para pôr as mãos em você e testá-la.*

Pela primeira vez, Kylie encarou isso. Uma janela!

— Posso tentar dar um jeito — disse Kylie. Talvez morresse tentando, Kylie pensou, mas talvez não. Além disso, talvez seu destino não fosse continuar viva mesmo.

Ela se levantou depressa, se afastando da mesa de Hayden e começou a andar para trás, em direção à porta.

— Tenho que ir. Depois das aulas de hoje vou dizer a Derek para trazer Jenny à sua cabana.

Durante o almoço, Kylie esperou para ver se Lucas aparecia. Ela se sentou ao lado de Della, que parecia estar com raiva e implicara com ela o tempo todo, porque tinha ouvido falar que Kylie passara a Hora do Encontro com Steve. Em frente a ela estava Miranda, olhando para ela com um ar de suspeita, pois seu metamorfo e sombra de Kylie a avisara de que ela estava agindo de forma estranha.

Perry estava errado. Ela não estava agindo de forma estranha, ela estava com medo.

No entanto, mesmo com medo, sabia que era a coisa certa a fazer. Seu instinto lhe dizia isso.

A mente de Kylie deixou instantaneamente seus medos de lado quando Lucas entrou no refeitório. Ele usava uma camiseta azul-marinho e seus jeans mais velhos, desbotados em todos os lugares em que o tecido delineava seu corpo. Seu cabelo parecia despenteado pelo vento, como se ele tivesse acabado de chegar de uma corrida. Em menos de uma semana, seria Lua cheia. Sem dúvida, ele tinha corrido para diminuir um pouco a ansiedade.

Ele olhou ao redor do salão.

Kylie encontrou seu olhar azul-escuro de cabeça erguida.

Ele começou a andar na direção dela, sem nem mesmo pegar uma bandeja de comida. Quando se sentou, o ombro dele roçou no dela. Ela pousou o garfo e olhou para ele.

— Você toparia matar aula para treinar?

As sobrancelhas dele se uniram.

— O que está acontecendo?

Ela era assim tão transparente?

— Eu já consegui a autorização de Holiday. — E a líder do acampamento tinha feito a mesma pergunta. *O que aconteceu, Kylie?*

Ela deu a Lucas a mesma resposta que tinha dado a Holiday.

— Estou a fim de treinar. — Ela precisava admitir, não podia dizer a verdade. Não ali. Mas estava planejando dizer quando eles estivessem sozinhos.

— Como está a sua janela? — ela perguntou.

— Ainda emperrada. Mas estou trabalhando nisso.

O otimismo na voz dele a fez sorrir. Ele pegou o pãozinho do prato dela.

Quando ela olhou para ele com um olhar confuso, ele disse:

— Vou precisar estar bem nutrido para levar isso adiante. Você parece mais mal-humorada hoje.

— Você está certo. É melhor comer o resto da minha salada também — ela brincou.

Ele inclinou a cabeça para baixo e sussurrou:

— Eu te amo.

Eu também te amo, Kylie pensou, mas não teve coragem de dizer ainda. Ela queria esperar até que todas as janelas deles estivessem abertas e a vida lhes desse uma esperança. E mais do que tudo, ela queria essa esperança.

Enquanto caminhavam até a cabana de Lucas para pegar as espadas, Kylie tentou descobrir como dizer a ele o que ela estava fazendo. Instintivamente, sabia que ele iria tentar fazê-la desistir. E neste

dia, mais do que em qualquer outro, ela não queria brigar.

— Então, esta janela que você mencionou, você tem um plano para abri-la? — perguntou ela.

Ele confirmou com a cabeça.

— Foi o que você disse sobre os anciãos terem sido jovens um dia. Lembrei-me de que, não muito tempo atrás, minha avó perguntou sobre um dos anciãos do Conselho. Ela disse que ele e a irmã gêmea dela tinham uma queda um pelo outro quando jovens, mas que a irmã já tinha sido prometida para outra pessoa. Eu nem sabia que a minha avó tinha uma irmã gêmea. Quando perguntei sobre essa irmã, ela disse que tinha morrido. Mas eu tive a sensação de que a história não acabava aí. Então fui vê-la esta manhã.

— E...? — perguntou Kylie.

— Ela confessou que a irmã gêmea se matou um dia antes de se casar com o outro cara.

— Então você vai falar com esse ancião?

— Não é assim tão fácil. Ele não concordaria em me ver. Mas pode concordar em ver minha avó, e talvez ela possa convencê-lo a me receber.

— Será que a sua avó concordaria em fazer isso? — perguntou Kylie.

— Não — ele disse, a frustração evidente em sua voz. — Ela é teimosa. Eu tenho que encontrá-la para o chá daqui a algumas horas. — Ele suspirou. — O chá sempre a deixa mais bem-humorada. Acho que vou conseguir convencê-la.

— Eu também acho.

Eles chegaram à beira do lago, e Kylie ainda não tinha encontrado uma maneira de contar a Lucas sobre seus planos. Então, por ora ela deixou tudo como estava. Eles se aqueceram por uns vinte minutos, praticando os mesmos movimentos que ele lhe ensinara. Kylie não precisava observá-lo para fazer os exercícios. Mas ela observou-o assim mesmo. Ela adorava ver como o corpo dele se movia, com força, controle; a maneira como seus músculos delineavam-se sob o jeans, e a camiseta nunca parecera tão atraente.

Ele interrompeu os exercícios de aquecimento e a encarou.

— Está pronta?

Ela assentiu com a cabeça. Eles ergueram as espadas e encostaram uma na outra. Ele puxou a dele para trás e investiu, a lâmina cortando o ar a uns bons quinze centímetros dela. Ela seguiu o comando dele e, depois de cinco minutos, sentiu como se estivessem realmente lutando pela primeira vez.

A sensação de perigo não a deteve; na verdade a deixava mais fascinada. Quem adivinharia que ela no fundo adorava uma emoção?

Ela sentiu o suor se espalhar pela testa. Com olhares rápidos ela o observava, via o brilho na pele dele e a camisa úmida colada ao peito. O algodão molhado parecia ainda melhor do que quando seco.

— Você é incrível quando luta! — disse ele, parecendo sem fôlego.

Ela olhou para ele e perdeu o foco, só percebendo o quanto aquele errinho bobo poderia ser fatal

quando sentiu a lâmina fazendo contato com a pele dele.

Capítulo Trinta e Sete

A respiração de Kylie ficou presa nos pulmões. Ela deixou cair a espada. A espada de Lucas escorregou da mão dele e caiu ao lado dela. Ele deu um passo para trás. A camiseta dele estava aberta, rasgada pela lâmina dela.

— Ah, meu Deus! Você...

— Está tudo bem. Foi só um arranhão. — Ele pressionou a palma da mão sobre o estômago.

— Quero ver. — Ela deu um passo na direção dele.

— Estou bem. — Ele deu outro passo para trás. — A culpa é minha. Eu te fiz perder a concentração.

— Quero ver! — ela insistiu.

— É só um arranhão — ele repetiu.

Ela deu os últimos passos que os separam e estendeu o braço para a camiseta dele. Seu coração se contraiu, com medo do que veria. Lágrimas encheram os olhos dela e o ar escapou de seus pulmões quando viu a marca vermelha sobre o umbigo de Lucas.

— Um arranhão, viu? — A voz dele saiu profunda.

Ele estava certo. Não era muito mais do que um arranhão, mas ainda assim parecia dolorido. Ela apertou dois dedos sobre a pele nua do estômago. Inspirando, concentrou-se na cura. As mãos dela ficaram quentes e, lentamente, ela moveu a mão em torno da ferida.

Kylie o ouvira gemer ou tinha sido um grunhido? Ela encontrou os olhos dele.

— Estou te machucando? — Então ela reconheceu o ardor nos olhos dele.

— Não — disse ele, o zumbido hipnótico vibrando, sinalizando que seu corpo procurava uma parceira em potencial.

Com audácia, ela passou a mão para cima e para baixo sobre o abdome dele.

As ondulações suaves e quentes do músculo e da pele provocavam uma sensação maravilhosa contra a palma da mão dela. Ela queria mais. Mais dele. Mais do seu toque. Ela queria ser tocada.

Como se lesse a mente dela, as mãos dele rodearam sua cintura, puxando-a contra si. Seus lábios encontraram os dela e o beijo foi ardente. Profundo e exigente desde o momento em que os seus lábios se encontraram. Ela não soube muito bem como acabaram no chão, mas de repente estavam ali.

A grama macia fazia cócegas no seu pescoço, mas ela sentia Lucas mais do que qualquer outra coisa. Sentiu a mão dele sob sua camiseta. Seu toque suave e carinhoso em seus seios. Sentiu parte do corpo dele pesando sobre ela, a perna dobrada entre as dela.

Em todos os lugares uma parte dele a tocava; o corpo dela ardia e ansiava por mais. O zumbido de Lucas enchia os seus ouvidos como música e ela se entregou. Entregou-se ao momento, aos

instintos. Entregou-se com um desejo ardente.

Kylie não tinha medo. Ela queria isso, queria Lucas. Ela deslizou a mão sob a parte de trás da camiseta dele.

Então o ouviu emitir um murmúrio, uma mistura de dor e prazer. Mas num instante o peso do corpo dele e todo o prazer se foram. Ao abrir os olhos, ela viu Lucas parado aos pés dela, com os olhos em chamas e olhando para ela com uma expressão quase selvagem. Suas mãos estavam cruzadas atrás do pescoço e ele respirava com dificuldade, como se precisasse de mais oxigênio.

— Nós não podemos... Não vim preparado... Não tenho...

Tão ofegante quanto ele, ela levou um segundo para entender o que ele estava tentando dizer. Ele não tinha uma camisinha.

Mesmo se tivesse, não deveria acontecer daquele jeito, por acidente.

— Nós precisamos... Não é assim que... — disse ele.

— Eu sei. — Ela se sentou e um sentimento incômodo tomou seu peito; ela sentiu o rosto arder.

Levantando-se, sentiu o nó na garganta.

— Desculpe, eu não deveria ter... — Ela desviou o olhar, sem saber como dizer. Ele diminuiu a distância entre eles e gentilmente virou o rosto dela para ele.

— Você não fez nada errado. Nós não fizemos nada errado. Só precisamos planejar...

Ela assentiu com a cabeça. Seu celular tocou. Ela ainda não tinha estendido a mão para pegá-lo quando o de Lucas também começou a tocar.

Ela suspirou, sabendo muito bem o que aquilo significava. A UPF estava ali. Antes da hora marcada. Ela tirou o telefone do bolso e viu que a ligação era de Burnett; ela estava certa.

— É Burnett — disse ela. — Tenho certeza de que Holiday está ligando pra você, também. Ela pegou as espadas. — Não atenda. Só precisamos ir para o escritório.

Ele olhou para ela atentamente. E ela sentiu um redemoinho de culpa no peito. Ela deveria ter contado. Agora era como se tivesse mentido para ele.

— Por que não devo atender? — Ele abriu o saco e tirou dali os panos para embrulhar as espadas.

— Eu ia te contar, mas... — *Eu sabia que você ia brigar comigo.*

— O que está acontecendo, Kylie? — ele perguntou enquanto guardava as espadas no saco e o colocava no ombro.

— É a minha janela — explicou ela.

— Qual é a sua janela?

— O motivo por que Burnett e Holiday estão ligando. É a UPF, eles estão aqui por minha causa.

— Por que diabos eles estariam aqui por sua causa?

Ela engoliu em seco e começou a andar. Ele a agarrou pelo cotovelo, com uma interrogação nos olhos.

— Concordei em fazer os testes.

Ele balançou a cabeça, os olhos passaram de azul para um abrasador tom de laranja em questão

de segundos.

— Não!

— Eu tenho que fazer isso, Lucas! É a minha missão. Assim como a sua é mudar as coisas da sua espécie. Eu tenho que fazer isso.

— Não, você não tem! — Ele se colocou na frente dela e impediu-a de dar mais um passo. — Esqueceu que eu vi uma parte da visão do que fizeram com a sua avó?

— Isso foi há mais de quarenta anos. As coisas são diferentes. — Era o que Kylie estava dizendo a si mesma, no que ela tinha que acreditar. Ela contornou Lucas e continuou seguindo em frente.

— Não! — Ele agarrou o braço dela.

Ela olhou para ele, pedindo compreensão.

— Eu tenho que fazer isso, Lucas. E você tem que me deixar.

— Burnett e Holiday não vão permitir — ele respondeu entredentes.

— Burnett não acredita que eles iriam me machucar — insistiu ela, sentindo uma brisa fresca roçar na pele. Ela sabia que não estava sozinha.

O pai dela estava ali. Ela rezou para que ele aprovasse o que ela estava fazendo.

— Ele acha que poderia haver riscos, ele mesmo me disse isso. Me disse que escondeu o corpo da sua avó por causa disso.

— Em tudo há um risco, Lucas. — Ela tocou o estômago dele. — Em aprender a lutar. Em não aprender a lutar. Eu estou fazendo a coisa certa. Eu sei.

— Nós não telefonamos para ela. — A voz masculina vinha do escritório de Holiday. — Ela entrou em contato conosco.

Kylie e Lucas entraram no escritório. Lucas continuava furioso. Ela podia dizer pela postura dele, o seu silêncio, mas ele não tentou detê-la. Ela sabia que ele tinha percebido o quanto ela levava aquilo a sério.

— Kylie não teria feito isso. Ela nem sequer sabe como entrar em contato com vocês — contestou Holiday.

Kylie parou na porta de Holiday.

— Eu liguei para minha mãe e ela tinha o número. Eu disse que precisava falar com eles sobre um trabalho que estava fazendo pra você, Holiday. — Kylie fitou o olhar preocupado da líder do acampamento. Burnett estava ao lado dela, os olhos mostrando sinais de raiva. Ela só esperava que toda aquela raiva não fosse direcionada a ela.

Holiday balançou a cabeça.

— Eu me recuso a deixar isso acontecer!

Kylie atravessou a sala, com Lucas atrás dela. Ela olhou para Burnett, esperando encontrar nele um aliado.

— Desde o começo, Burnett disse que eles não iriam me prejudicar intencionalmente.

Holiday se levantou.

— Ele também admitiu que poderia haver riscos, que foi por isso que ele... concordou que você não precisa fazer os testes.

— Ela está certa — disse Burnett. — Eu não quero arriscar...

— Os riscos são praticamente inexistentes — disse o agente grisalho da UPF. — É o que queríamos dizer desde o início. Mas você se recusou a ouvir.

Kylie ignorou o agente e falou para Holiday.

— É a minha missão. Você mesmo disse que era uma busca que valia a pena.

— Mas não significa que você deva colocar sua vida em perigo.

— Ela não está em perigo — disse o agente da UPF novamente.

— Então por que um médico comum não pode realizar os testes? — Holiday perguntou, o tom de voz parecendo o de um pai zangado. Sem dúvida, ela seria uma ótima mãe.

— Eu já disse isso a você quando nos falamos alguns meses atrás. Não é nada mais do que uma tomografia do cérebro e alguns exames de sangue. E esses testes só não podem ser feitos num hospital qualquer porque não foram projetados para seres humanos.

— Mas ela poderia fazer uma tomografia e exames de sangue num hospital qualquer — Holiday retrucou.

— É diferente — respondeu o homem. — A digitalização é definida para procurar coisas que uma tomografia comum não procuraria. O mesmo vale para o exame de sangue. Um laboratório comum não poderia fazê-los.

— E quantos desses testes já foram feitos? — perguntou Holiday.

— Milhares — respondeu ele. — Há vários anos a UPF os tem feito.

— Para quê?

Ele franziu a testa.

— Pesquisas.

— Em quem? Que tipo de pesquisas?

— Principalmente para estudar casos criminais. Mas...

— Vocês fazem esses testes em criminosos e acha que podem usá-los numa adolescente? — ela perguntou, com ar acusatório.

— São seguros.

— Vai me dizer que não houve nenhum efeito negativo?

— Não que saibamos.

— Então deve haver alguns que vocês não saibam! — Holiday disse com rispidez.

— Eu tenho que fazê-los, Holiday. É a coisa certa. Eu sei disso. Por favor, não tente me deter, porque eu não vou deixar.

Kylie viu lágrimas aparecem nos olhos de Holiday e ficou arrasada ao ver que estava fazendo a amiga sofrer, mas tudo dentro dela dizia que era a coisa certa a fazer.

Ela olhou para o agente.

— Você trouxe os papéis que eu pedi?

— Que papéis? — perguntou Burnett.

— Um documento da UPF com a promessa de que, se provarem que eu pertenço a uma raça especial, vocês vão fazer com que nossa espécie seja reconhecida pelo mundo sobrenatural.

— Mas e depois? — Hayden apareceu de repente, parando de pé num canto. — Vocês vão insistir para que todos se apresentem como voluntários para fazer esses testes?

O agente da UPF pareceu perplexo com a aparição de Hayden, mas não se deixou abalar.

— Vamos precisar confirmá-los com pelo menos outro membro da mesma espécie. Mas depois que tivermos Kylie e essa outra pessoa em nossos registros, tudo o que exigiremos será um exame de sangue para que a pessoa seja registrada.

Hayden olhou para Kylie e ela sabia no que ele estava pensando.

— Você não tem que fazer isso — disse ela. Colocar a sua própria vida em risco era uma coisa, pedir que alguém fizesse isso era outra.

— Sim, eu tenho. Você estava certa. É hora de mudar as coisas. — O olhar de Hayden se voltou para o agente. — Você já tem mais uma pessoa.

O agente apertou as sobrancelhas ao mesmo tempo em que Lucas olhou com admiração para o padrão de Hayden.

— Eu ainda não gosto disso. E se eles não mantiverem a palavra? — Lucas perguntou.

Kylie olhou para Lucas, depois para Burnett e implorou com o olhar para que ele falasse alguma coisa. Ele nunca tinha deixado de ser leal à UPF e ela confiava mais na opinião dele do que ele imaginava.

— Eles não fariam isso — disse Burnett.

* * *

O quarto estava frio e lembrava muito a visão que Kylie tivera com a avó. Mas ela procurou se apegar à certeza de que Lucas, Burnett e Holiday esperavam do lado de fora. Primeiro, ela teve que vestir uma camisola de hospital. Horrerosa.

A enfermeira se aproximou.

— Vou ter que aplicar algumas injeções para entorpecer você. É mais ou menos como a anestesia que você tomaria para tratar um dente. Precisamos tirar sangue de sua artéria radial para fazer esse teste, por isso é um pouco mais desconfortável do que um exame de sangue comum. Mas essas injeções devem ajudar.

A enfermeira estava certa, era mais desconfortável. Kylie não sabia se as injeções tinham ajudado, mas assim mesmo doeu muito. Ela fechou os olhos com força, esperando que o exame acabasse.

Em poucos minutos, tudo terminou. Antes de Kylie ser levada para outra sala, onde fariam a tomografia do cérebro, deixaram Lucas, Holiday e Burnett entrarem. Ela sabia que tinham feito o exame no cérebro de Hayden primeiro.

— Hayden está bem? — Foi a primeira coisa que ela quis saber quando eles entraram.

— Acabei de vê-lo — disse Burnett. — Está bem, disse que foi moleza.

Kylie assentiu. Holiday ainda não parecia feliz.

— Você ainda pode desistir.

— Holiday, eu vou fazer.

A *fae* suspirou como se estivesse exasperada e colocou a mão sobre a barriga.

— Espero que este bebê não seja tão teimoso quanto você.

Kylie olhou para Burnett e sorriu.

— Com o pai sendo quem é, eu diria que você não tem a menor chance de que ele *não* seja teimoso.

— Ei, eu não sou tão ruim assim! — Burnett sorriu, mas ela tinha certeza de que o sorriso era forçado. Ele estava tentando aliviar o clima, mas a preocupação brilhava em seus olhos também.

Em poucos segundos, Burnett e Holiday saíram da sala. Lucas ficou para trás e aproximou-se da cama. Ele pegou a mão dela em que havia um pequeno esparadrapo e roçou o polegar sobre o curativo. Ela podia apostar que ele estava pensando na cura que ela ministrara nele.

— Quando tudo isso acabar, precisamos conversar. Não me agrada que você não tenha me contado o que planejava fazer, ou que o outro professor fosse um camaleão. E, eu sei, eu não merecia que você me dissesse nada na época. Mas você estava certa quando você me disse naquele dia que não precisávamos ter segredos um com o outro. Eu não quero que mais nada se interponha entre nós.

Ela engoliu em seco.

— Eu também não.

De repente, Kylie se lembrou de algo.

— Você ia se encontrar com a sua avó para o chá!

Ele balançou a cabeça.

— Isso é mais importante.

— Não, não é, Lucas. Você tem que entrar para aquele Conselho.

Ele franziu a testa.

— Eu não desisti. Só adiei o momento de falar com ela. — Ele suspirou. — Mas não me importo com isso. Sobre entrar para o Conselho ou não. Eu não vou te perder.

— Tudo bem.

Uma enfermeira entrou

— Nós vamos levá-la agora.

Lucas fez uma expressão preocupada, mas soltou a mão dela.

Kylie se recusou a ser levada numa cadeira de rodas para o laboratório onde o exame seria feito. Ela não estava doente. Mas se certificou de que a camisola estava amarrada para não dar a chance de que todos vissem a sua calcinha cor-de-rosa.

Holiday apertou a mão dela antes que entrasse no laboratório. Burnett lhe apertou o ombro. Lucas, parecendo em parte contrariado, em parte muito preocupado, ficou para trás. A enfermeira

entrou na frente dela numa sala, Kylie virou-se para segui-la e foi puxada de volta.

Sentiu a boca de Lucas pressionada contra a dela por um instante. As palavras “eu te amo” estavam na ponta da língua, mas ela não as disse. Não queria que ele pensasse que o medo do que estava para acontecer fosse a única razão para que ela as dissesse. E depois havia aquela pequena dúvida de que, se ele soubesse disso agora, talvez não se esforçasse tanto para entrar no Conselho.

A porta se fechou atrás dela. Um arrepio percorreu sua espinha, mas não por causa da presença de um espírito; a sala estava simplesmente gelada. Kylie olhou ao redor, notando as paredes descoradas da sala. Não havia nem um pinga de cor ali. Tudo era branco ou cinza esbranquiçado.

— Me diga — disse a enfermeira —, alguma vez você já fez uma ressonância magnética?

Kylie assentiu.

— Quando tinha pesadelos.

— Bem, essa é muito parecida. A máquina faz um barulho um pouco alto e você pode sentir um certo desconforto, mas vai precisar permanecer completamente imóvel. Vai demorar cerca de dez minutos para acabar o teste. Você não tem claustrofobia, tem?

— Na verdade, não — disse Kylie, mas depois se lembrou de quando esteve no pequeno túmulo com as três garotas mortas. Mas, na realidade, tinham sido mais as garotas mortas do que o pequeno espaço que a assustara.

— Ótimo! — disse a enfermeira. — Aqui estão os tampões de ouvido. Agora suba aqui e vamos acabar logo com isso.

Kylie colocou os tampões de ouvido e engoliu uma súbita sensação de ansiedade.

Nos recônditos da sua mente, ela ouviu as palavras do pai. *Mas logo. Logo vamos descobrir isso juntos.*

O coração de Kylie disparou, batendo no compasso do medo, mas ela subiu na maca e se deitou, tentando lutar contra o frio, e mesmo assim desejando poder sentir um outro tipo de frio. O de seu pai. Ouvir uma palavrinha dele dizendo que ela não estava prestes a morrer seria muito bom.

Ela foi levada para dentro da máquina. Seu nariz estava a poucos centímetros do teto e seus braços tocavam as laterais. *Era uma* máquina, não um caixão, ela disse a si mesma. Mas foi para lá que a mente dela a levou: para um caixão fechado.

O barulho começou. Mesmo com fones de ouvido, o som ficou tão alto que ela mal conseguia ouvir os próprios pensamentos. Ela fechou os olhos. Tentou não ouvir.

Tentou não pensar. Ela não tinha certeza de quanto tempo estava lá quando sentiu uma leve cócega na cabeça. As cócegas aumentaram até que se tornaram uma dor. Uma dor aguda.

Ela abriu a boca para gritar, tentou se mexer, mas não conseguiu.

De repente, sentiu como se uma luz explodisse em sua cabeça e tudo o que pôde ver foi escuridão.

Logo, querida, logo vamos estar juntos.

Capítulo Trinta e Oito

Alguém estava segurando a mão dela. À distância, vozes raivosas se sobrepunham. Uma ela reconheceu. A de Burnett. Kylie abriu os olhos, sem saber onde estava. No momento em que viu o teto branco, lembrou-se da sala sem cor. A grande máquina branca.

A dor.

Não a sentia mais.

— Graças a Deus! — Kylie virou-se para o lado de onde vinha a voz de Holiday. Ah. Era Holiday quem segurava a mão dela. Com um ar de preocupação no rosto, a amiga apertou o botão de um controle remoto e chamou a enfermeira.

— Ela está acordada.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie.

— Você desmaiou. — Holiday tinha lágrimas nos olhos. — Assustou todo mundo! Você está bem?

— Consigo sentir os dedos das mãos e dos pés — disse Kylie.

A porta se abriu e Burnett, com uma expressão de grande irritação, irrompeu no quarto. Logo atrás dele estava um homem vestindo um jaleco branco. E atrás do médico estava o agente grisalho. Depois dele estava Lucas — parecendo muito preocupado. E por último, Hayden Yates, com uma aparência igualmente preocupada.

— Eu disse que ia ficar tudo bem. — O médico olhou para Kylie e depois para Holiday. — Ela está falando?

— Sim — disse Holiday.

— Está se mexendo? — ele perguntou a Holiday.

— Sim, e eu posso ouvi-lo também — adiantou-se Kylie.

Ele franziu o cenho para Kylie.

— Claro que pode.

— Espere aí — disse Kylie. — O teste já acabou?

O médico balançou a cabeça.

— Ele estava acabando quando você começou a sentir dor.

— Não sabemos nada ainda? — ela perguntou ao outro agente.

— Precisamos de outros especialistas para interpretá-lo — disse ele. — Mas parece que você tem as marcas de todos os seres sobrenaturais, assim como o senhor Yates.

Kylie sentou-se um pouco.

— Isso nos qualifica como uma nova espécie?

— Tenho a impressão de que sim, mas, como eu disse, o exame tem que ser analisado por

especialistas.

Kylie mordeu o lábio.

— Quanto dessas marcas vocês já conheciam graças aos testes no passado?

A sala ficou em silêncio. Kylie viu os ombros de Burnett ficarem tensos.

O agente fez uma pausa.

— Os resultados que tínhamos apontavam para a mesma coisa, mas noventa por cento das evidências foram destruídas pelos médicos e administradores responsáveis pelo estudo, para esconder os erros cometidos. Quanto às evidências que tínhamos, não sabemos se eram válidas.

— Se vocês suspeitavam do que foi feito, por que não tentaram fazer da forma certa até agora? — perguntou Hayden.

— Nós tentamos — explicou o agente. — Talvez não com empenho suficiente, mas em nossa defesa posso dizer que, se tem uma coisa em que a espécie de vocês é imbatível é em se esconder! Procuramos pelos familiares dos poucos que ainda tínhamos em nossos arquivos. Eles e as famílias haviam desaparecido. A certa altura, pensamos em colocar avisos pedindo às pessoas que entrassem em contato, mas, por mais que pensássemos, iria sempre parecer mais uma caça às bruxas. E considerando o que já tinha acontecido, simplesmente não parecia a coisa certa a fazer.

— E quanto tempo vai ser preciso para que essa informação seja divulgada no mundo sobrenatural? — perguntou Kylie.

— Provavelmente algumas semanas, no máximo. Também vamos anunciar a investigação interna sobre a UPF e nossos erros do passado. Qualquer pessoa afetada pelos estudos ou seus familiares vão receber uma indenização se eles se apresentarem.

Kylie pensou na avó.

— O dinheiro não vai trazer de volta a vida dessas pessoas.

— Não — concordou o agente. — Mas é a maneira humana de reconhecer as irregularidades da organização. E como vivemos num mundo humano, é o que de melhor podemos fazer.

— Por quê? — perguntou Kylie.

— Por que o quê? — O agente pareceu não entender.

— Vocês não iriam admitir suas irregularidades e oferecer indenizações se não houvesse uma boa razão. Alguém está ameaçando expor vocês. Quem é?

A reação do agente foi fria.

— O importante é que isso está sendo feito.

Kylie teve a sensação de que eles não conheciam a pessoa que os pressionava. Mas ela tinha a sensação de que conhecia. Poucos minutos depois, o médico e o agente saíram.

Kylie olhou para Burnett.

— Você não sabia nada sobre isso, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Nadinha. — Era mentira, ela podia ver. Ele estava tentando fazer a UPF agir direito com ela o tempo todo. Ela sabia que amava aquele homem.

Kylie olhou para Hayden e sorriu. Hayden retribuiu o sorriso. Eles tinham conseguido. Bem, com a ajuda de Burnett. Ela sabia que não tinham terminado completamente ainda; ainda tinham que convencer os anciãos a confiar que as coisas seriam diferentes, e ainda teriam que contar sobre Jenny, mas pelo menos agora os camaleões não teriam que se esconder.

Na manhã seguinte, Lucas apareceu às cinco horas da manhã. Kylie ainda estava dormindo quando ele pulou pela janela. Ele tinha remarcado a reunião com a avó para aquela manhã e só queria ver como Kylie estava antes de sair. Quando ele começou a se afastar, ela o puxou de volta para um beijo.

Quando o beijo terminou, ele estava emitindo o zumbido familiar.

— Você está tentando me convencer a ficar? — ele perguntou, com os olhos brilhantes de desejo e paixão.

— Não — ela disse, e riu. — Vá. Podemos fazer isso mais tarde.

— Promete? — ele perguntou.

— Prometo — disse ela, com sinceridade. Ela não disse a ele que a situação agora era outra, que ela tinha resolvido aceitá-lo de qualquer maneira. No Conselho ou fora dele. Se ele não entrasse e ficasse ressentido com ela mais tarde, ela teria que enfrentar o ressentimento dele. Mas ela o amava demais para afastá-lo.

Quando Kylie escolhia as roupas no armário, Della entrou no quarto de Kylie.

— Essa foi rápida! — disse Della, referindo-se à breve visita de Lucas.

— Ele só veio para me dizer que está indo se encontrar com a avó.

— Eu sei, eu ouvi — ela respondeu com um ar petulante.

Kylie fez uma careta.

— Você sempre pode cobrir os ouvidos e não ouvir, você sabe.

— E você poderia parar de bancar a amiga de Steve — ela sibilou.

Kylie apenas balançou a cabeça.

— Olha, eu preciso me vestir. Vou com Hayden contar a Burnett e Holiday sobre Jenny.

— Burnett vai ficar possesso!

— Eu sei. Mas normalmente, quando não está mais possesso, ele até que é razoável.

— Verdade — concordou Della. — Mas é quando está possesso que ele me assusta.

Kylie riu. Della olhou para ela.

— Por que você conversou com Steve pelas minhas costas?

De cara feia, Kylie perguntou:

— O que eu deveria fazer? Ele pagou aquela hora com sangue.

— Dizer pra ele que não ia. Acredite ou não, isso é geralmente suficiente para fazê-lo desistir.

Talvez isso tenha mudado, Kylie pensou.

— O que ele queria, afinal? — Della se jogou na cama de solteiro de Kylie.

Kylie revirou os olhos.

— Você sabe o que ele queria. Conselhos sobre como tratar você.

— E o que você disse a ele? E lembre-se que eu vou saber se você mentir.

Kylie pegou a escova e começou a pentear o cabelo.

— Eu disse para ele ter paciência. Para lutar por você, porque você vale a pena.

— Conselho idiota.

Kylie baixou a escova.

— Não é idiota. É verdade. Você vale a pena.

Aproximando-se da cama, ela abraçou a vampira.

— Por que tantos abraços ultimamente? — reclamou Della.

— Eu te amo — disse Kylie, e sorriu.

— Você já me disse. Não. Sério. O que aconteceu?

Ela não podia mentir para Della, então amenizou a verdade.

— Você diz às pessoas que as ama porque, se alguma coisa acontecer, elas vão saber o que você sentia. — Se ela ao menos conseguisse encontrar coragem para dizer isso a Lucas...

Della fez uma cara de suspeita.

— O que você acha que vai acontecer?

— Espero que nada — disse Kylie, pensando que tinha sobrevivido aos testes da UPF, que não tinham sido tão assustadores quanto ela imaginara, mas ainda tinha que enfrentar Mario, e isso podia não ser tão fácil assim.

— O que você quer dizer? — perguntou Della.

Uma leve batida soou na porta da cabana e salvou Kylie de dar qualquer explicação.

— Hayden chegou. Tenho que ir.

Quando Kylie saía, ouviu o comentário de Della.

— Perry está certo. Você tem segredos. Mas não pode escondê-los de nós!

Sim, ela poderia, pensou Kylie.

Em breve vamos estar juntos. As palavras do pai sussurraram na sua cabeça. Ela mordeu o lábio.

Se você não se importa, papai, eu gostaria de ficar por aqui por uns cem anos antes disso...

Hayden e Kylie entraram no escritório. Burnett os recebeu na porta. Holiday estava de pé atrás de sua mesa, parecendo preocupada.

— O que foi? — eles perguntaram ao mesmo tempo.

— Nada, na verdade — disse Kylie.

— Precisamos conversar — disse Hayden.

Com um olhar preocupado, Burnett fez sinal para que eles se sentassem. Tão logo Kylie e Hayden se sentaram, Burnett falou.

— Por acaso os anciãos não gostaram de saber que vocês dois foram testados?

— Não é isso — disse Hayden. — Supostamente eles entraram em contato com todos os anciãos

dos outros complexos e o consenso é que isso foi bom. É claro que eles ainda desconfiam muito da UPF. Isso não é algo que mude da noite para o dia. Existem muitas brechas ainda. Confiança a ser conquistada. — Ele olhou para Kylie. — Eu, pessoalmente, acho que alguns anciãos têm apenas vergonha de ter sido preciso uma jovem de 16 anos para nos forçar a enfrentar nossos medos.

— Eu não fiz isso sozinha — Kylie disse, dando a Hayden seu crédito.

— Não, mas eu não teria ido se você não tivesse me acompanhado. — Hayden olhou para Burnett e Holiday. — Mas não é por isso que estamos aqui.

— Por que eu acho que não vou gostar do que vou ouvir? — Burnett se sentou na borda da mesa de Holiday.

— Não comece a fazer conjecturas. — Holiday tocou a perna dele.

— Primeiro, quero dizer que assumo total responsabilidade por isto — disse Hayden.

— Não — contestou Kylie. — Se alguém é culpado aqui, sou eu.

— Ainda não estou gostando — Burnett disse com rispidez. — Mas gostaria de saber do que é que eu não estou gostando, então eu poderia fazer o que Holiday disse e parar de fazer conjecturas!

— Lembra quando eu disse que um dos camaleões ajudou Derek e eu a fugir?

— Sim — disse Burnett, e Holiday assentiu.

— Essa garota era a irmã de Hayden.

— E...? — disse Burnett.

— Ela fugiu.

— E...? — Burnett retrucou, acenando para Kylie acelerar.

— Ela correu para cá — disse Kylie.

— Para cá? — perguntou Burnett. — Ela está aqui agora?

Kylie e Hayden assentiram.

— Como ela poderia ter... — Ele fez uma careta. — A noite em que o alarme disparou?

Ambos assentiram mais uma vez.

Kylie viu um dos cristais da sala cintilar. Por alguma razão inexplicável, sentiu que Jenny tinha passado.

Kylie encontrou os olhos de Burnett.

— Por favor, não fique muito bravo nem comece a gritar. Não por minha causa ou de Hayden, mas por Jenny. Você vai deixá-la nervosa.

— Ela estava aqui este tempo todo e só agora é que vocês decidiram me contar? Vocês me deixaram vasculhar todo este maldito acampamento por quase 24 horas sabendo o tempo todo que era ela? — Ele se levantou da mesa e começou a andar para um lado e para o outro.

Holiday se levantou e, quando ele passou por ela, ela colocou uma mão apaziguadora no braço do vampiro, fazendo-o parar.

— Nós não soubemos imediatamente. Ela estava escondida, ela... — Kylie não via nenhuma razão para envolver Derek. — Eu só soube que ela estava aqui no dia seguinte, e Hayden não sabia até eu contar pra ele.

— Ela ainda está aqui? — perguntou Burnett num rosnado.

— Sim — disse Kylie. — E ela gostaria de ficar. Para terminar a escola.

— Será que os pais a matriculariam? — ele perguntou.

Hayden cerrou os dentes.

— Eu não sei como eles vão se sentir quando descobrirem que ela está aqui. Com a notícia da UPF, talvez permitam. Se não permitirem, vou tomar medidas legais para conseguir a custódia dela.

— Ela está aqui agora? Nesta sala? — perguntou Holiday.

Kylie assentiu.

— Jenny.

Jenny apareceu, de pé contra a parede mais distante de Burnett. Kylie não sabia se era apenas a expressão acalorada e indecifrável de Burnett, ou se era porque Jenny sabia que ele fazia parte da UPF, mas ela viu o mais puro pânico no olhar da garota.

Burnett deve ter reconhecido o olhar, porque imediatamente a sua postura se suavizou. Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Olá, Jenny. Bem-vinda a Shadow Falls.

Kylie viu Holiday sorrir com orgulho da transformação do seu futuro marido. Sem dúvida ela o estava ensinando a moderar sua abordagem. E estava funcionando.

Kylie só esperava que isso significasse que as chances de Jenny ficar em Shadow Falls eram boas.

Holiday e Hayden teriam uma videoconferência com o avô de Kylie para falar sobre a possibilidade de Jenny permanecer no local. Por ora, ela iria ficar com Holiday, que pretendia apresentar Jenny a todos na hora do almoço.

Kylie sugeriu que ela apresentasse Jenny aos seus próprios amigos primeiro. Talvez assim a garota não achasse que todos em Shadow Falls eram pessoa rudes que não paravam de encará-la.

Kylie fez alguns telefonemas e pediu a todos que a encontrassem no escritório às 10h45. Ela não contou a ninguém o que era, mas tinha fé de que todos iriam ao encontro.

Quando Kylie deixou o escritório, Della a encontrou lá fora e elas foram esperar pela Hora do Encontro. Miranda chegou correndo com Perry.

— Então, para que é essa reunião?

— Logo vão saber — Kylie disse, não querendo explicar com tantos ouvidos ao redor. Como Della já sabia sobre Jenny, ou sobre a Mulher-Maravilha como Della apelidara a moça, ela lhe disse a verdade.

— Eu sei! — disse Della, provocando Miranda.

Kylie franziu o cenho para Della.

— Por que você contou a ela e não a mim? — perguntou Miranda.

— Eu prometo que você vai entender mais tarde.

Miranda fechou a cara.

— Você não vai embora de novo, não é? Porque você me prometeu que não faria isso. — Lágrimas apareceram nos olhos da bruxa.

— Eu não vou embora — Kylie assegurou. Não por vontade própria, Kylie pensou, e então pensou novamente na espada e no que aquilo significava.

— Você vai abrir o jogo e contar que você e Hayden são amantes — disse Perry.

Kylie fez uma careta para ele.

— Ei, estou apenas supondo. Sei que há algo acontecendo entre vocês dois.

Lucas apareceu logo em seguida e rosnou para o metamorfo pelo comentário. Em seguida, Lucas se inclinou e a beijou.

— Como foi na casa da sua avó? — ela perguntou baixinho.

— A janela está aberta! — Ele a beijou novamente. — Ela vai falar com ele para convencê-lo a me receber. Ele pode dizer não, mas já é um começo.

— É um grande começo! — Kylie soltou um gritinho de felicidade e, por apenas alguns minutos, teve certeza de que tudo em sua louca vida ia dar certo.

Então Chris, apresentador do grande evento, tirou a cartola de trás das costas e seu olhar começou a varrer a multidão, parando em Kylie. Ela queria gritar, *Já chega!* Mas então o olhar dele se desviou um pouco mais para a direita.

Ele estava olhando para ela? Ou ele estava olhando...

— Ok — disse Chris. — Um dos nossos próprios vampiros contribuiu com um pouco de sangue. Já não era sem tempo.

Ah, inferno, Kylie pensou, e ela teve a sensação de que sabia quem tinha pago com sangue pela hora com Della. E ela não tinha certeza se isso era uma coisa boa.

— Della, minha cara, você vai ter a satisfação de passar uma hora com Steve, o incrível metamorfo!

O queixo da vampira caiu. Ela olhou ao redor, com os olhos brilhantes de fúria, em busca do culpado.

Steve atravessou a multidão e caminhou até a vampira contrariada com um andar confiante.

Kylie sabia que tinha dito a ele para lutar por Della, mas não esperava que ele fizesse isso na frente de todo mundo. Della, que estava detestando a exposição, provavelmente revidaria a afronta.

— Está pronta? — perguntou Steve.

Della fez uma careta.

— Não vou passar uma hora com você!

Steve nem se mexeu.

— Eu doeí sangue bom para ficar com você.

— Então você o desperdiçou!

— Não. — Steve olhou para Chris e depois para os quarenta e tantos estudantes que apreciavam o espetáculo.

— Quais são as regras, Chris? Se não me engano todos concordaram em honrar o pagamento com

sangue, não é verdade?

Chris parecia chocado ao ver que Steve se atrevia a discutir com Della. Mas ele balançou a cabeça.

— Sim, todos concordaram.

Steve virou-se para Della.

— Está pronta?

Della ergueu o queixo e seus olhos desferiram dois punhais na direção do rapaz.

Perry se inclinou e cochichou para Kylie:

— Se ela matá-lo, a culpa é sua.

Capítulo Trinta e Nove

Que inferno!, pensou Kylie, preparando-se para intervir.

— Eu não vou! — vociferou Della, colocando as mãos nos quadris.

— Vamos ver se não vai. — Steve deu de ombros e fez que ia embora, mas então ele se virou, pegou Della pelas pernas e jogou-a sobre o ombro, começando a andar.

Todo mundo começou a rir e a gritar.

Kylie não riu. Ela via uma vampira furiosa escorando as mãos no traseiro de Steve e olhando para cima. Seus olhos estavam verdes de fúria, mas havia algo mais, também. Algo que dizia a Kylie que o traseiro de Steve não estava prestes a ser mastigado.

A cada fração de segundo que passava, Kylie se sentia mais confiante de que Della não iria matar Steve; ela estava, na verdade, entrando na dele.

Caramba!, Kylie pensou. Talvez ela realmente fosse boa naquele negócio de dar conselhos para casais.

— Posso ficar invisível? — Jenny perguntou a Kylie enquanto estavam na porta do refeitório com Holiday.

— Eu não recomendo — disse Kylie. — Apenas sorria. Acredite ou não, você vai se acostumar com isso.

O encontro com Jenny e os amigos de Kylie tinha transcorrido sem problemas. Todo mundo realmente pareceu gostar dela. Derek, naturalmente, mostrou mais interesse.

Lucas chegou por trás dela e disse:

— Outro segredo.

Kylie ofereceu um rápido “desculpe” e nada mais. Tinha a sensação de que mantê-lo longe até que ele se reunisse com o Conselho ia ser difícil. Para ambos. Mas ela estava determinada.

— Eles não sabem que é falta de educação ficar encarando? — perguntou Jenny.

— Sim, mas simplesmente não conseguem se conter — respondeu Kylie.

Hayden se levantou da sua mesa e veio ao encontro de Jenny.

Ele não estava sorrindo e ela viu a atitude de irmão mais velho protetor na maneira como ele olhou para todos os alunos.

— Comam e parem de olhar para ela com essas caras de idiotas! — ele ordenou.

Holiday falou em seguida.

— O senhor Yates está certo. Isso não é maneira de acolher uma nova aluna.

Kylie e Jenny olharam para Holiday com um ar de interrogação e ela sorriu e acenou com a cabeça. Então ela se virou para a multidão de campistas.

— Pessoal, gostaria que vocês conhecessem Jenny Yates. Ela é a irmã caçula de Hayden. Então,

tratem-na mal e vão se arriscar a ter lição de casa extra.

— Ela é da mesma espécie que Kylie? — alguém perguntou.

Hayden deu um passo adiante.

— E da mesma espécie que eu.

Todos os olhos se estreitaram e suspiros de surpresa encheram a sala de jantar. Kylie foi se sentar com Hayden e Jenny, no que ela percebeu ser a mesa dos camaleões. Um sentimento de missão cumprida encheu seu peito. Essa era a parte da sua missão que ela tinha realizado.

Claro, todos os amigos de Kylie se juntaram a eles rapidamente. Lucas inclusive.

E isso foi excelente, porque, embora fosse bom ter alguém como ela por perto, o padrão de uma pessoa não devia ditar quem era bem-vindo em sua vida ou em sua mesa no almoço.

* * *

Depois, naquela tarde, eles foram até o lago para nadar porque, com a chegada do outono, a água logo estaria fria demais. Kylie quase recusou o convite, mas, quando viu que Della queria ir, mudou de ideia. Pôs seu biquíni e um vestidinho preto por cima. Enquanto todo mundo nadava, Kylie sentou-se na ponte de madeira e ligou para a mãe.

Ela não tinha conseguido se livrar da sensação de que John não era flor que se cheire. A conversa foi curta. A mãe e John estavam jantando fora num dos mais agradáveis restaurantes de Houston.

Ao desligar, Kylie ficou ali, contemplando o pôr do sol.

Só quando o sol sumiu, a noite veio e transformou o céu numa variedade de cores. Os pássaros voavam de uma árvore para outra, deleitando-se com os insetos. Kylie estava prestes a se juntar aos outros à beira da água quando o frio do espírito a envolveu. Kylie olhou ao redor e o espírito se sentou na beira da ponte, como se estivesse num estado de estupor, parecendo perdido, parecendo muito triste.

— Eu sei quem você é, Lucinda — disse Kylie. — Você era a nora de Mario.

— *Eu sei. Já descobri essa parte da história. As peças vieram uma de cada vez, como num quebra-cabeças. Eu quase podia ver como foi toda a minha vida, mas, quando essas últimas peças se encaixaram, vi a imagem toda.* — Sua voz soava tensa, como se ela estivesse a ponto de romper em lágrimas. — *Eu não gostei dela.*

Após uma longa pausa, ela olhou para Kylie.

— *Eu vivi uma vida terrível. Fiz coisas terríveis. Machuquei tantas pessoas! E o meu próprio filho pagou o preço. Eu deveria ter vivido para ser um bom exemplo para ele.*

Kylie olhou para o céu iluminado. Os tons de ouro e laranja haviam desaparecido e o céu estava colorido com dez diferentes tons de rosa. Ela observou os pássaros reunidos em torno da ponte. Será que eles podiam enxergar os mortos, como ela?

Vendo a tristeza nos olhos do espírito, Kylie disse:

— Ele está no céu.

O espírito sacudiu a cabeça.

— *Acho que não. Tenho certeza de que o avô ensinou a ele todas as suas maldades. Ele era tão jovem e impressionável! Depois o próprio avô o matou.*

O clima em torno do espírito — devastação, destruição — fez o coração de Kylie se contrair.

— Você foi um exemplo para ele. Ele morreu salvando outra pessoa, assim como você fez para salvá-lo. Você ensinou isso ao seu filho. E foi o que salvou a alma dele.

Os olhos do fantasma ficaram molhados de emoção.

— *Você tem certeza? Como sabe disso?*

Kylie hesitou, preocupada com a possibilidade de o espírito culpá-la.

— Ele morreu para me salvar.

O espírito ficou ali, como se perdido em pensamentos por um segundo.

— *Então é por isso que eles me enviaram para cá?*

— Quem te enviou para cá? — perguntou Kylie, quase certa de que já sabia, mas querendo ouvir assim mesmo.

— *Os anjos da morte.*

— É a voz deles que eu ouço de vez em quando?

— Só pode ser.

— Mas por que eu os ouço mais do que... Holiday e outras pessoas que veem ou falam com fantasmas?

— *Eles vigiam os protetores mais de perto. Têm que fazer isso porque só vocês podem lutar para proteger os outros.*

— Eles querem que eu mate Mario ou é só você quem quer isso? — Kylie esperava que ela estivesse errada em suas suposições.

— No começo eu pensei que fosse só eu, mas depois percebi que era o plano deles, também.

O coração de Kylie gelou.

— *Ele tem de ser detido. Você é a escolhida. Ninguém mais foi capaz de detê-lo.*

— Mas, se eu não posso me proteger, então... quem estarei protegendo quando lutar com ele?

— *Eu não posso ver esse futuro.*

— Mas e se eu não conseguir fazer isso? Não sou tão boa assim com a espada.

— *Então você vai morrer tentando. Às vezes isso é tudo o que podemos fazer.*

Kylie sabia que o espírito se referia a si mesma, também. Ela tinha morrido tentando salvar o filho. No entanto, por mais que Kylie lamentasse por ela, o medo a dominou.

— Não estou pronta para morrer.

— *Então você tem que praticar. Essa é outra razão da minha presença aqui. Para ajudar você a lutar, porque, se você falhar, coisas ruins vão acontecer para muitas pessoas. Pessoas de quem você gosta. Pessoas que confiam em você para protegê-las.*

Ela sentiu seu sangue de protetora correr mais rápido.

— Então eu vou ter que vencer — disse Kylie. Porque, de jeito nenhum, ela deixaria Mario ferir

ninguém que ela amava.

— O quê?

Kylie olhou por cima do ombro ao ouvir a voz de Lucas. Ela não pôde deixar de reparar que ele estava sem camisa. O cabelo ainda molhado. Algumas gotas de água espalhadas pelo peito. Ele estivera nadando, pouco antes. Devia ter vestido a calça jeans sobre a sunga. Ela podia ver a borda da sunga acima da cintura do jeans.

O olhar de Kylie ultrapassou esse ponto, na altura do umbigo, onde ela passara as mãos para curá-lo, e depois só para tocá-lo.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, mas era mentira. Seu coração estava pesado diante da possibilidade de morrer, de outros sofrerem por ela não conseguir enfrentar o desafio. E foi então que, ao vê-lo, ela percebeu o quanto queria viver.

Ela olhou para a água e ouviu os passos quase silenciosos na ponte, enquanto Lucas se aproximava.

— Tem companhia? — ele perguntou, agora de pé ao lado dela.

Ela olhou ao redor.

— Não, ela já se foi.

O telefone dele tocou e ele tirou o aparelho do bolso, como se estivesse à espera de uma chamada. Ele franziu o cenho para a pequena tela e depois desligou.

— Alguma coisa errada? — perguntou Kylie.

— Não, é só Will.

— Ele ainda liga pra você?

Lucas assentiu.

— Ele não segue as regras antigas.

— É um bom amigo — disse ela.

— É. — Lucas colocou o celular no bolso. — Eu estava esperando que fosse a minha avó.

Ela viu a preocupação nos olhos dele.

— Para falar do encontro com o ancião?

— Isso e também porque ela me disse que não estava se sentindo bem esta manhã. Liguei agora há pouco e ela não atendeu. Provavelmente saiu para jogar bingo. Ela é fanática por bingo. Bingo e jardinagem, sua maior paixão.

— Você realmente a ama, não é? — perguntou Kylie, ouvindo a devoção na voz dele quando falava sobre a avó.

Ele suspirou do jeito que uma pessoa suspira quando está preocupada que o que está prestes a dizer vai fazê-la parecer fraca.

— Ela ficou ao meu lado quando os meus pais decidiram que eu era um problema. Ela foi a melhor coisa que já me aconteceu, mas não percebi isso na época. Eu me sentia abandonado por eles. Fiz da vida dela um inferno por um tempo. Então, quando meus pais se separaram e meu pai veio me

buscar, minha avó fez de tudo para me manter com ela. Eu não seria quem sou hoje se ela não tivesse feito o que fez.

— Você tem sorte de tê-la. — Kylie se sentiu um pouco culpada por não gostar da avó dele e por tê-la evitado no domingo dos pais.

— É. Tenho sim — disse ele. Eles ficaram em silêncio. — Estou ensaiando o que vou dizer.

Ela olhou para ele.

— Dizer a quem?

— Ao ancião que espero conseguir encontrar.

Ela sorriu.

— Isso é bom.

— Eu vou ser aceito. Porque, se isso é o que preciso para ter você de volta, então é o que eu vou fazer.

Ela engoliu em seco.

— Não, você precisa fazer isso porque essa é a sua missão.

— Isso também — disse ele. Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Mas ultimamente, ando achando que você é a minha missão.

Ele se moveu e colocou as mãos em volta da cintura dela.

Ela colocou a mão no peito de Lucas, sentiu seu calor de lobo, as batidas do coração dele.

Ele se inclinou e beijou-a. Ela sabia que não deveria deixar que isso acontecesse, mas ela queria, precisava dele. O gosto dos lábios dele e o toque molhado da sua língua a fizeram se sentir no céu, mas o tipo de céu que se encontra em vida, não na morte.

E ela queria escolher a vida. Esperava que pudesse.

Ela ouviu o zumbido vindo dele instantaneamente, e seria tão fácil se deixar atrair por ele...

Ele terminou o beijo, sorriu para ela e suspirou.

— É melhor eu ir antes que seja tarde demais.

Ela o observou se afastar e depois olhou para o céu cor-de-rosa escuro, ansiando com todo o seu ser para que não fosse levada deste mundo antes de ter conhecido a vida. E ela realmente esperava que Lucas fosse parte dessa vida.

Naquela noite, depois de ouvir Della e Miranda brigando nas últimas duas horas, Kylie saiu do banheiro enrolada numa toalha, e foi para o quarto. Mal tinha dado dois passos quando Della parou na frente dela, impedindo-a de passar.

— Não. Resolvam isso sozinhas! — disse Kylie, certa do que Della queria. — Estou cansada de ser o juiz de vocês!

Della fez uma pausa, sorriu com malícia, e então disse:

— Tudo bem.

Contornando Della, Kylie fechou a porta do quarto com um pouco mais de força do que o normal. Jogou a toalha sobre a cômoda e se virou para a cama onde tinha deixado o pijama. Só que não era

apenas o pijama que estava sobre a cama.

Lucas, com os olhos arregalados, estava sentado aos pés da cama, a cerca de quatro metros de onde ela estava, completamente nua.

Ela gritou.

Ele riu.

Ela correu para a toalha.

Quando já estava enrolada nela, Kylie olhou para Lucas, ainda sorrindo, e dele para a porta.

— Eu vou matar Della!

Ele riu de novo.

— Acho que eu vou ter que protegê-la do seu ataque.

— Eu tentei te contar! — Della gritou, rindo, e Miranda riu com ela.

A fúria de Kylie desapareceu e se transformou em vergonha, quando ela viu o jeito sensual como Lucas olhava para ela, suas emoções se transformando em outra coisa.

Ele se levantou e começou a andar na direção dela.

— Você é linda demais!

Ela segurou com firmeza a toalha.

Ele parou na frente dela.

— Eu só vim aqui para dizer que recebi um telefonema da minha avó. O ancião concordou em me receber.

Kylie sorriu.

— Mas que ótimo!

O olhar mediu o corpo dela, enrolado na toalha.

— Você não vai me deixar dar outra olhada no que há por baixo desse pedaço de algodão, vai?

Ela desviou os olhos dele.

— Não quero ser muito presunçoso, mas você sabe que, mais cedo ou mais tarde, eu provavelmente vou conseguir ver tudo isso de qualquer maneira.

— Eu sei — disse ela, e estava realmente ansiosa por isso. — Só que não com as minhas duas companheiras de quarto escutando do lado de fora.

O sorriso dele se alargou.

— Ok, então me dê apenas um beijo de despedida.

Ela assentiu com a cabeça. Ele se aproximou e em menos de dois minutos já havia partido. O beijo foi quente, molhado e delicioso. Ele tinha passado a mão por dentro da toalha e tocado as costas nuas de Kylie.

Quinze minutos depois, ela ainda estava enrolada na toalha, olhando para o teto em meio a uma aura feliz, quando o telefone tocou.

Ela o pegou, pensando que fosse Lucas.

— Não sei por que você saiu com tanta pressa! — ela brincou. Mas ela sabia, ele a queria.

— Hã, eu não saí. É Sara quem está falando.

— Ah, eu pensei que você fosse...

— Você pensou que eu fosse quem? Ou devo dizer “qual dos dois”?

Kylie corou e decidiu ser franca.

— Eu pensei que você fosse Lucas.

A linha ficou muda por um segundo e, em seguida, Sara perguntou:

— Posso perguntar uma coisa?

Será que Sara ia querer saber se ela já tinha perdido a virgindade?

— Claro, pergunte. — Pelo menos desta vez, Kylie poderia dizer que isso provavelmente iria acontecer em breve.

— Você acha que você e Trey acabaram para sempre? Tipo... no ano passado? Ou será que existe uma chance de vocês dois voltarem?

— Acabou mesmo. — Kylie agarrou o telefone com mais força. — Olha, se ele está tentando falar comigo, não vai funcionar.

— Não. Não é... isso... É que... O que você pensa a respeito de amigas que namoram um antigo namorado de outra amiga?

Kylie olhou para o teto e tentou pensar no que dizer.

— Uau! Bem, eu diria a essa amiga para ter cuidado, porque Trey tem lá seus defeitos.

Sara suspirou.

— Eu sei, mas... Ele ficou do meu lado durante toda aquela história do câncer, e você sabe... algumas pessoas merecem uma segunda chance. Eu tive. Talvez Trey mereça ter também.

Kylie ouviu algo na voz de Sara de que ela gostou. Ela ouviu a velha Sara. Kylie sorriu.

— Tem razão. Todo mundo merece uma segunda chance. E quando eu penso nisso, lembro que, antes de ele começar a surtar por causa de sexo, era um cara legal.

— Então você realmente não se oporia? — perguntou Sara, parecendo insegura.

— Não, você tem a minha bênção. Posso até cantar no casamento de vocês.

— Pelo amor de Deus! — Sara riu. — Provavelmente sou uma das poucas pessoas que sabe que você não canta nada. Lembra na sexta série, quando nossas mães nos fizeram participar dos testes para aquela peça de teatro? E você tinha que cantar. Falou duas palavras e, em seguida, vomitou no palco.

As duas riram. E Kylie percebeu que, embora ela e Sara provavelmente nunca mais fossem tão próximas quanto tinham sido um dia, Sara era uma parte da sua vida que Kylie para sempre prezaria.

Quando o riso parou, Sara limpou a garganta.

— Então, quando você vai confessar que me curou?

Kylie tentou pensar em como diria aquilo.

— Sabe de uma coisa, Sara? Se você quer acreditar que eu te curei, então pode acreditar. Mas eu não diria isso para muitas pessoas. Elas achariam que você é louca.

Na quinta-feira, Kylie treinou com Lucinda. Os três dias anteriores tinham transcorrido sem nenhum

grande caos. Steve e Della estavam até se falando! Kylie não poria sua mão no fogo, mas ela apostava que a vampira e Steve estavam se encontrando às escondidas.

Jenny estava se adaptando, embora ainda se sentisse incomodada ao ver que todos a encaravam. Embora Hayden não gostasse, ela e Derek estavam andando muito juntos. Derek tinha até procurado Kylie e, basicamente, confessado que sentia alguma coisa pela garota camaleão.

A princípio, Kylie pensou que ele estava ali para ter certeza de que Kylie não queria uma segunda chance antes que ele comesse a se interessar por outra garota, mas depois ela percebeu por que ele viera procurá-la. Ele queria um conselho sobre Jenny. Ela não negou.

— Basta ser você mesmo, Derek. Você é incrível e ela só pode te adorar.

Holiday tinha ido ao médico e descoberto que a gravidez estava mais adiantada do que ela pensava. Por esse motivo, decidiram antecipar o casamento, que seria no fim de semana seguinte. Não ia ser um grande evento. Apenas a família de Holiday, os alunos e alguns colegas de trabalho de Burnett, da UPF.

Della, Kylie e Miranda ajudaram Holiday a escolher seu vestido de casamento pela Internet. Elas riram, ficaram acordadas até tarde conversando, comendo besteiras e tentando dar nomes para o bebê de Holiday. Ela realmente não queria que ele se chamasse Burnett Bankhead James Jr., e ninguém poderia culpá-la.

Kylie e Lucas se encontraram todas as manhãs, antes da data do encontro com o ancião. O homem não só tinha ouvido o que Lucas tinha a dizer, mas concordado em ajudá-lo a aperfeiçoar o discurso que faria para o Conselho, algo que ele deveria fazer na semana seguinte. Até o momento, o ancião mantinha Lucas ocupado todos os dias, debatendo e ouvindo todos os argumentos do garoto e ajudando-o com os seus conselhos sobre o que ele devia enfatizar. O que era ótimo, mas, com exceção dos breves períodos de treino, ela não tinha visto Lucas e sentia muita falta dele.

O que deixava tudo pior era que ele não a tinha tocado ou beijado desde a noite em que a virou nua. Ela sabia por quê. Quanto mais se aproximava a Lua cheia, menos força de vontade ele tinha. Ela notou a mudança nele, também, física e mentalmente. O corpo dele estava mais definido, os músculos dos braços mais pronunciados. Ela sentia a impaciência do namorado. Não que ele fosse rude com ela; ela só sentia isso, no modo como ele tinha que se conter, ao andar ou falar.

Os duelos entre os dois tinham ficado mais intensos. Não que isso a assustasse. Seus treinos noturnos com o espírito a deixaram preparada. As marcas vermelhas onde a espada do espírito tocava seu vestido tinham diminuído muitíssimo. As feridas abertas que a espada de Kylie deixava no espírito, por outro lado, tinham aumentado bastante.

— Eu acho que é só por hoje — disse Kylie, desviando o olhar do corte que acabara de abrir em Lucinda.

— *Você está melhorando!*

— Eu treinaria mais, se não tivesse que vê-la sangrando.

— *A coisa toda precisa parecer de verdade* — explicou Lucinda.

— Mas é — Kylie respondeu. Ela observou Lucinda examinar os ferimentos. — Você acha que

eu estou pronta para lutar contra Mario? Para ganhar?

— *Com a ajuda dos anjos da morte, talvez. Sem eles, você não tem chance.*

— Puxa, você sabe como aumentar a confiança de alguém! — comentou Kylie.

— *Eu só vi uma pessoa capaz de vencê-lo. O próprio filho.*

Kylie se lembrou da história que Derek tinha contado sobre o filho de Mario ter desaparecido.

— O que aconteceu com ele?

— *Não sei. Espero que esteja apodrecendo no inferno. Mas é mais provável que ainda esteja*

vivo. — O olhar dela encontrou o de Kylie. — *São sempre os bons que morrem jovens.*

— Então talvez eu devesse sair por aí e fazer alguma coisa ruim — Kylie disse, meio de brincadeira.

— *Você não pode fazer isso. O bem já está enraizado em você. Assim como a maldade do meu marido estava enraizada dentro dele. Só por causa de você meu filho foi salvo.*

— Não, foi por causa dele que eu fui salva.

— *Veja só, isso é parte da sua bondade. Você nem faz questão de levar o crédito.*

Kylie afastou o pensamento.

— Ele estava por trás do seu assassinato? O seu marido?

— *Não, mas ele o permitiu. E permitiu que o pai tomasse o nosso filho. Que ele o criasse para ser do mal. Que coisa mais louca! Meu marido odiava o pai, mas invejava tudo o que ele tinha.* — Ela olhou por cima do ombro como se tivesse ouvido algo ou alguém. Então desapareceu.

Kylie foi para seu quarto, pegou a camisola e seguiu para o chuveiro. O suor escorria pela parte de trás do pescoço e pelas costas.

Mesmo com o frio do espírito, ela sempre suave.

Quando a água ficou morna, ela deixou as roupas no chão e entrou no chuveiro. Fechando os olhos, o jato morno de água atingiu sua pele e ela esperou que ele aliviasse a tensão dos músculos que ela tinha sobrecarregado durante o treino.

A mudança brusca de temperatura fez com que ela abrisse os olhos. E perdesse o fôlego.

Ela olhou fixamente para a parede do chuveiro. O frio provocou calafrios no seu corpo nu. Um vapor espesso subia ao seu redor.

Ela não estava sozinha. Alguém estava no chuveiro com ela. E o frio era diferente. Um frio que ela nunca havia sentido antes.

— *Não pode me evitar desta vez, não é?* — A voz, uma voz que ela não reconheceu, veio de trás dela.

Capítulo Quarenta

Kylie virou-se, escondendo o que podia das suas partes mais íntimas com as mãos. O vapor era tão denso que ela mal conseguia distinguir a silhueta. Mas um vago esboço de um corpo era visível por trás da cortina de vapor.

Todas as músicas assustadoras de filmes de terror com cenas de chuveiro fatais surgiram na cabeça de Kylie, mas, mais do que apavorada, ela estava furiosa. Será que fantasmas não sabiam o que era privacidade?

— Eu estou no chuveiro! — Kylie retrucou, autoritária. — Isso não pode esperar?

— *Não, não pode* — disse a voz. — *Ele está prestes a me encontrar e isso vai magoá-lo muito. Ele não pode ficar sozinho.*

O tom característico da voz fez vir à tona uma lembrança. Kylie conhecia aquela pessoa, mas de onde?

Sem se preocupar mais com sua nudez, Kylie abanou a mão para dissipar o vapor que impedia a visão como a condensação num espelho. Quando ela viu quem estava no chuveiro com ela, seu coração se apertou. Não de medo, mas de tristeza. E não era pela mulher que estava à sua frente, mas pelo seu neto, Lucas.

— *Ele está a caminho da minha casa agora. Apresse-se. Ele não pode ficar sozinho.*

Kylie saltou para fora do chuveiro e correu para se vestir. Enquanto lutava para colocar a roupa no corpo molhado, seu coração doía por Lucas, ao pensar em como ele se sentiria ao encontrar o corpo da avó.

— Onde a senhora mora? Espere! Burnett sabe?

— *O vampiro? É a essa pessoa que você se refere?*

— Sim — confirmou Kylie, desejando que não demorasse muito para ela falar num tom adequado.

Ela assentiu com a cabeça.

— *Sim, ele já esteve lá.*

— Della! — Kylie chamou.

— *Há uma carta na gaveta da minha escrivaninha que ele precisa ler. Não deixe que ele saia de lá sem lê-la.*

Della veio correndo para a sala num flash.

— O que foi?

— *Ele estava certo, sabe?*

— Quem estava certo? — Kylie perguntou ao espírito, ignorando a vampirinha em pânico ainda usando seu pijama de Mickey Mouse.

— *Você é parte da missão dele, e ele parte da sua. Eu vejo as coisas com mais clareza daqui. Veja, vocês têm sido parte das missões um do outro desde que se conheceram, todos esses anos atrás. Você é a razão pela qual ele irá concluir a missão da vida dele e ele vai estar ao seu lado para salvá-la quando você precisar de ajuda para concluir a sua. Mas vá agora. Vá ajudá-lo.*

— É uma visão? — perguntou Della, olhando para Kylie com incerteza.

— Vamos embora! — Kylie disparou para fora da cabana. Ela estava quase na cabana de Holiday quando percebeu que estava voando e devia ter se transformado num vampiro.

— Espero que a gente esteja indo a alguma festa do pijama — disse Della com sua voz atrevida.

— Tenho que falar com Burnett — Kylie respondeu, enquanto lágrimas quentes escorriam pelo seu rosto.

Elas aterrissaram com estrondo na varanda de Holiday e não tinham dado nem um passo quando Burnett abriu a porta, ainda fechando a calça jeans.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Você sabe onde mora a avó de Lucas?

Ele parecia confuso, os olhos ainda atordoados de sono.

— Sim, Lucas me ligou há uns dez minutos, ele estava indo para lá, ver como ela está.

— Precisamos ir para lá.

— Por quê? — perguntou Burnett.

— Ela morreu — Kylie explicou, deixando mais lágrimas escaparem dos olhos. — Ele não precisa ser o primeiro a encontrá-la.

— Ah, mas que droga! — Burnett correu de volta para o quarto já com o telefone na orelha. Ele olhou para Kylie. — Ele não está atendendo.

— Você fica aqui — disse Burnett para Della, e então ele e Kylie partiram. Os pés dela só bateram no chão três vezes antes de alçar voo ao lado de Burnett.

Em menos de dez minutos, Burnett começou a sua descida. Eles pararam em frente a uma grande casa térrea de tijolos brancos, que dava uma impressão de riqueza e paixão pela jardinagem. O quintal parecia saído de uma revista.

Não que Kylie tenha passado muito tempo apreciando a paisagem. Seus pés mal haviam tocado o gramado bem cuidado quando ela ouviu um barulho dentro da casa.

Ela ouviu alguém ofegando de dor e tristeza.

— Ele já está aqui — disse ela a Burnett. — Eu vou entrar.

Burnett entrou na frente dela.

— Não. Eu vou entrar.

— Não! — Kylie exigiu, e começou a avançar, com o coração doendo por Lucas.

— Kylie — Burnett pegou o braço dela. — Quando um lobisomem está fora de si, especialmente tão perto da Lua cheia, ele às vezes ataca com raiva. Ele não pode controlar isso. Especialmente com um vampiro.

Ela secou as lágrimas dos olhos.

— Você não entende. Ele me ama. Não vai me machucar. Nunca faria isso.

Burnett hesitou.

— É exatamente como entre você e Holiday — disse Kylie.

Ele suspirou e se afastou da porta. Ela entrou na casa. O aroma de limão era o mesmo que Nana costumava usar. Tudo na casa, desde as antiguidades até as pinturas a óleo, demonstrava riqueza.

— Lucas! — ela chamou.

Ele não respondeu. Ela andou pelo corredor onde ouviu alguém soluçando de tristeza.

Lucas estava sentado na beirada da cama. O corpo sem vida da avó estava no meio da cama.

— Lucas — disse ela novamente, entrando no quarto.

Ele se virou. Seus olhos estavam do tom mais profundo e escuro de laranja que ela já vira.

— Vá embora! — ele rosnou.

— Não. Você precisa de mim agora. Sua avó me disse.

Ele atravessou o quarto e a prensou contra a parede. Não havia nada além de uma dor selvagem nos olhos dele. Ele rosnou, e pela primeira vez ela viu os dentes caninos dele projetados.

— Sou eu, Lucas — disse ela, sentindo os dedos dele enterrados nos seus braços.

Ela sentiu o instante em que ele caiu em si. Ele deixou cair as mãos, afastou-se dela e pressionou a cabeça contra a parede.

Ela foi até ele, colocou os braços ao redor da cintura dele, apertou o rosto entre as omoplatas de Lucas e abraçou-o.

— Ela se foi — disse ele, com a voz rouca de dor.

— Eu sei. — Ela o abraçou mais apertado.

Lucas se virou e puxou-a contra si. Eles ficaram lá por muito tempo, apenas abraçando um ao outro.

— Eu sinto tanto! — Kylie sussurrou, sentindo a dor do namorado e se lembrando com clareza de como ela se sentira quando soube que Nana tinha morrido.

Ele a soltou, e então encontrou os olhos dela. Seu olhar ainda estava brilhante, mas a selvageria tinha se dissipado. As lágrimas no rosto dele não eram um sinal de fraqueza, mas um sinal de devoção, do amor que sentia pela única mãe de verdade que ele tinha conhecido e depois perdido.

— Eu sabia que ela não tinha muito tempo, mas eu ainda não estava pronto. Pensei que tivesse mais um ano, talvez dois.

Kylie pegou a mão dele.

— Eu sinto muito. Sei como é isso.

Ele suspirou e olhou para a cama e para o corpo da avó. Ouvindo a respiração de Lucas mais curta, ela o puxou para fora do quarto.

Quando ela parou, ele encontrou o olhar de Kylie.

— Como você... como você soube?

— Ela veio me ver. Disse que você poderia precisar de mim.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mesmo na morte, ela estava cuidando de mim.

Ele encostou as costas contra a parede e soltou outro rosnado baixo.

— Eu vou sentir tanta falta dela... Ela era minha avó e minha mãe ao mesmo tempo. Era a única pessoa que se importava comigo quando eu era criança.

Kylie se aproximou. Ele cruzou os braços atrás das costas dela e a abraçou. Ela finalmente se afastou e olhou para ele.

— Ela disse que havia uma carta para você na gaveta da escrivaninha.

— Vou olhar. — Ele passou a mão na bochecha dela. — Deixei uma mensagem no telefone do meu tio. Ele e os outros membros da família podem estar aqui a qualquer momento. É preciso que você vá.

— Quero ficar aqui. Quero ficar aqui ao seu lado, Lucas.

— Eu sei e, se fosse por mim, você poderia ficar. Mas o costume dos lobisomens de preparar os membros da alcateia para a morte é apenas para parentes consanguíneos. Ele se abaixou e a beijou. — E mesmo se não fosse o costume, você é uma vampira nesse momento. Não posso correr o risco de que você se machuque. Por favor, entenda — disse ele. — Porque, se alguém tocar um dedo em você, eu vou matá-lo.

Ela assentiu com a cabeça. Não gostou de ter que ir, mas entendeu.

— Você vai ficar bem?

— Graças a você — disse ele.

— Eu não fiz nada. — Ela pousou a mão sobre o peito de Lucas, sabendo que o coração dele estava partido.

— Você veio. — Ele parou como se estivesse se lembrando de algo. — Deus, eu lamento! Eu te machuquei quando você entrou no quarto?

— Não — ela assegurou.

Ele levantou as mangas da camiseta dela e viu os hematomas em seus braços.

— Droga! Eu machuquei. — Ele fechou os olhos, mais angustiado ainda.

— Isso não é nada. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o suavemente, na esperança de aliviar sua dor. — Eu estou bem, Lucas. Olhe pra mim.

Ele abriu os olhos. Ela sorriu.

— Eu estou bem.

Ele soltou um suspiro trêmulo, então inclinou a cabeça para cima e cheirou o ar.

— É Burnett lá fora?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele franziu a testa.

— Ele não deveria ter deixado você entrar. Sabe que é perigoso.

— Ele tentou me deter. Eu insisti. Sabia que você não iria me machucar.

— Mas eu machuquei — ele disse com irritação, e olhou para os braços dela.

— Isso não é nada. Amanhã não terá mais nada.

Ele olhou no fundo dos olhos dela.

— Eu te amo, Kylie Galen. Ferir você é a última coisa que eu quero fazer.

Ela sorriu.

— Eu também te amo.

A sombra de dor nos olhos dele mudou por um segundo. Ele se inclinou e pressionou a testa na dela.

— Eu ouvi direito?

Ela olhou para ele.

— Sim, você ouviu. E você também precisa saber que, embora eu queira muito que você entre naquele Conselho, isso não vai mudar nada entre nós.

— Eu não ia deixar que mudasse. — Ele a beijou novamente e, em seguida, a fez recuar. — Gostaria de não ter que te mandar embora.

— Eu sei — disse ela.

Ele a acompanhou até a porta, a mão segurando a dela, e ela sentiu que Lucas realmente não queria deixá-la ir.

Tão logo abriram a porta, Burnett foi ao encontro deles.

— Sinto muito pela sua avó — disse Burnett.

— Obrigado. — A forma como Lucas falou, a maneira como ele se conteve na frente de Burnett, mostrava que ele estava escondendo sua dor. E ainda assim ele deixara que ela a visse. Ele não a tinha escondido dela. Ele confiava nela a esse ponto. Por alguma razão maluca, isso, mais do que qualquer outra coisa, fez com que ela o amasse mais ainda. As lágrimas causaram um nó na garganta de Kylie novamente. Ele precisava dela como ela precisava dele. O que significava que ela não poderia morrer.

Lucas olhou para Kylie.

— Amanhã é Lua cheia, então vai haver cerimônias. Provavelmente não vou vê-la por vários dias.

Ela aquiesceu, ainda sem gostar do que ouvia. Ela queria estar com ele em seu momento de dor. Mas aceitou que isso era algo que não podia mudar.

Burnett olhou por cima do ombro e, em seguida, de volta para Lucas.

— Alguém está vindo.

— É melhor vocês irem — disse Lucas.

— É só Lucas, ou algo mais? — Holiday perguntou na manhã seguinte.

Kylie olhou para a cachoeira. Ela tinha ido ao escritório de Holiday logo ao amanhecer e perguntado se elas poderiam visitar o lugar. Burnett, como de costume, esperou do lado de fora.

— Eu só precisava disso — disse Kylie. Ela tinha acordado pela manhã preocupada com Lucas e preocupada... com o que o fantasma tinha dito. Que se ela lutasse e perdesse, as pessoas que amava iriam sofrer.

Ela precisava sentir a energia quente da cachoeira dizendo a ela que ia ficar tudo bem. Ela não queria morrer, queria estar ao lado de Lucas ao longo de todos os altos e baixos da vida. Mas principalmente ela não queria morrer sabendo que iria deixar as pessoas que amava infelizes.

Holiday olhou para ela.

— Qual o problema, Kylie?

Kylie forçou um sorriso e lutou contra as lágrimas que subiam pela garganta. Ela sentia tudo aquilo ali. A paz, a aceitação de que tudo ficaria bem. Ela só não sabia se estaria viva para ver isso por si mesma.

— Você nunca sentiu que só precisava vir até aqui?

— Normalmente, quando isso acontece, alguma coisa está tirando a minha sanidade. Então, o que está te incomodando?

— Tudo! — respondeu Kylie. — Estou preocupada com Lucas. Ele está tão chateado, Holiday! Ele chorou. E eu não acho que ele possa fazer isso na frente do pai ou da família dele. Ele precisa de mim, mas eu não posso ficar ao lado dele por causa de uma regra idiota! E estou preocupada com a minha mãe, porque ainda não confio em John.

Estou preocupada em deixar todo mundo que eu amo, sem saber se eles ficarão bem sem mim.

O ambiente da cachoeira pareceu entrar em seu peito e acalmá-la. Juntamente com o toque de Holiday em seu braço.

— Vai ficar tudo bem. — disse Holiday, ainda com soluço. — E se você quiser, eu peço a Burnett para investigar John novamente.

Kylie suspirou.

— Não. Você está certa. Vai ficar tudo bem. — Ela tinha que acreditar. Ela precisava.

— Você já contou à sua mãe o que sente por ele? — Holiday perguntou.

— Conte, e ela acha que só estou chateada porque ela não vai voltar com o meu padrasto. — Kylie mergulhou os pés na água fria. — Eu até liguei para ela antes de procurar você. Tirei-a da cama e tudo mais. Ela está na casa de praia dele, aproveitando suas férias antes de pedir demissão para ir trabalhar pra ele. É como se ele estivesse monopolizando cada vez mais a minha mãe. Ela está praticamente morando com ele, e agora vai trabalhar pra ele.

Holiday apertou mais uma vez o braço de Kylie.

— Por mais que a gente queira fazer os nossos pais se comportarem, eles agem tão mal quanto nós em nossas crises de relacionamento. Minha mãe chegou até a sair com um *stripper* depois do divórcio.

Kylie olhou para Holiday e riu.

— Ok... Chega de coisas ruins. O que você quer que eu vista no seu casamento?

Holiday revirou os olhos com um ar afetado. Era o que acontecia cada vez que alguém mencionava o casamento.

— Por mim pode ir até de short. Você é a minha dama de honra. Pode usar o que quiser.

— Eu tenho um vestido estampado em tons pastel que eu acho que serviria.

— Parece perfeito! — disse Holiday. — Ah, eu contei que convidei Blake para o casamento?

— Você quer dizer, Blake, o seu ex-noivo?

— Ele mesmo — confirmou Holiday.

Kylie fez uma careta.

— E Burnett sabe? — Ela imaginou Burnett arrancando alguns membros de Blake por aparecer na cerimônia.

Ela sorriu.

— Foi ideia dele. Ele disse que queria que o homem viesse para saber que eu não sou mais solteira.

Kylie sorriu.

— É bem o estilo de Burnett.

— Claro que Blake recusou o convite. Acho que Burnett o assusta um pouco.

— O que prova que você só se apaixona por homens inteligentes — brincou Kylie com uma risadinha.

Elas se deitaram sobre as pedras e olharam para o teto da caverna.

— Eu sei que você é jovem, mas Burnett e eu estávamos pensando se você gostaria de ser madrinha do bebê. Afinal, é por sua causa que estamos juntos.

Kylie sorriu.

— Eu ficaria honrada.

Depois de alguns minutos de silêncio, Holiday falou novamente.

— Consegui os formulários das faculdades que você pediu. Burnett ou eu podemos ajudá-la a preenchê-los quando quiser.

Após um momento de silêncio pacífico, Holiday suspirou.

— Você consegue ver?

— Ver o quê? — perguntou Kylie.

— Acabei de ter um vislumbre do futuro. Você terminando a faculdade em cerca de cinco anos e voltando a Shadow Falls para trabalhar aqui.

— Você me contrataria? — perguntou Kylie.

— Num piscar de olhos — assegurou Holiday.

Kylie sorriu.

— Já que você tem tudo planejado, o que eu vou estudar na faculdade? Que tipo de trabalho vou fazer aqui?

— Psicologia, é claro. Você vai ser uma grande conselheira.

Kylie sorriu.

— Sabe, isso é exatamente o que eu estava pensando em fazer. — Kylie fez uma pausa. — Quando você olha o futuro, consegue ver se Miranda, Della e eu vamos entrar na mesma faculdade?

— Se vocês quiserem, vão, sim. Puxa, talvez a gente possa contratar vocês três. Miranda seria uma excelente professora. Com suas próprias deficiências, ela vai saber como trabalhar com outros

alunos com mais dificuldades. E Della, com certeza, vai trabalhar com Burnett na segurança.

— Gosto da sua ideia do futuro. — Kylie fez uma pausa, então, perguntou: — Será que Lucas estaria aqui?

— Pode apostar que sim. — Ela suspirou. — Ele estaria trabalhando com Burnett na UPF e aqui durante meio período.

— Eu o amo — disse Kylie.

— Eu sei.

— Uau! Não vai me dizer que eu sou muito jovem para me apaixonar?

Holiday suspirou.

— Você é jovem, mas fazer o quê? Você é uma alma antiga, e às vezes isso faz com que tenha mais sabedoria do que outras pessoas da sua idade.

Holiday estendeu a mão e acariciou a de Kylie.

— Com certeza vai ficar tudo bem.

Sim, Kylie pensou. Ela realmente gostava da visão de futuro de Holiday. Tudo o que tinha a fazer era continuar viva.

Capítulo Quarenta e Um

Naquela noite, Kylie estava sentada na cama olhando para o relógio e rolando no pulso a pulseira que sua mãe lhe dera. Era quase meia-noite. Lucas estaria se transformando em breve. Ela tinha falado com ele naquele dia duas vezes. Ele ligou da última vez apenas para ouvi-la dizer de novo. Ela sabia do que ele estava falando, então ela satisfez o desejo dele.

Eu te amo.

Ele não disse que viria esta noite, mas ela ainda assim o esperava.

O olhar de Kylie se desviou para a luz brilhante do outro lado do quarto. A espada não tinha parado de brilhar durante todo o dia e ela ainda nem a tocara. Era como se a arma estivesse tentando lhe dizer alguma coisa. Obviamente, Kylie não sabia interpretar a linguagem das espadas.

Não que ela não tivesse tentado. Depois do jantar, Kylie de fato se sentou e teve uma conversa com a arma. Perguntou se havia algo que ela precisasse saber. Contou a ela suas preocupações sobre continuar viva.

A espada não respondeu coisa alguma. Não que Kylie esperasse, mas, sério, ela não teria ficado muito chocada se ela tivesse falado. Era preciso admitir, coisas estranhas aconteciam em Shadow Falls.

Ao ver que era quase meia-noite, Kylie se levantou. Della saiu do quarto dela no momento em que Kylie saiu do seu.

— Aonde você está indo? — perguntou Della.

— Só quero me sentar na varanda. Sozinha.

— Você está esperando que ele venha, não é?

Kylie assentiu.

— Tudo bem — disse Della. — Mas, se amanhã você acordar toda feliz, eu vou saber...

Kylie deu uma risadinha e saiu. Ela olhou para a Lua e se perguntou se a mudança ajudaria Lucas a lidar com a dor de perder a avó. Ela esperava que sim.

A lembrança dele como lobo quando ele tinha impedido Fredericka de atacá-la ainda estava fresca em sua memória, e ela ansiava por vê-lo naquela forma novamente. Havia tantas coisas que ela queria saber sobre ele... Que aparência ele tinha quando acordava de manhã? Em que lado da cama normalmente dormia? Será que roncava?

Pegando o celular, ela checkou seus e-mails para ver se ele tinha enviado algum. Havia apenas um, de Derek. Ele tinha encaminhado todos os links que encontrara, relacionados com Lucinda Esparza.

Como o espírito de Lucinda não tinha feito sua transição ainda, Kylie suspeitava que ela não faria isso antes do confronto com Mario. Ou talvez ela simplesmente não estivesse ansiosa para ir para o

inferno.

O pensamento causou um arrepio na espinha de Kylie. Ia desligar o telefone, mas abriu acidentalmente um dos links. Ela o leu, embora na verdade não tivesse nada de novo. Então viu o último link da lista, um velho recorte de jornal anunciando o casamento de John Anthony Esparza e Lucinda Edwards.

Kylie abriu o link. Viu uma imagem de Lucinda em seu vestido de noiva. Ela era bonita, jovem e inocente, toda vestida de branco.

A foto ao lado era do casal cortando o bolo.

Kylie olhou para a foto. E seu coração parou. Completamente. Ela piscou, rezando para que seus olhos estivessem lhe pregando uma peça, mas não: *era ele*.

Não era à toa que ela não gostava dele. John, o John de sua mãe, era John Anthony, o filho de Mario.

Entrando imediatamente em modo de proteção, seu sangue começou a borbulhar, conforme a adrenalina se espalhava pelo seu corpo. A espada apareceu ao lado de Kylie — brilhando, chamando-a para a ação. Com clareza, Kylie se lembrou da ameaça de Mario. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína.*

Ele tinha esse plano o tempo todo.

Kylie pensou em chamar Della, ou ir atrás de Burnett, mas algo dentro dela sabia que essa luta era sua.

Para que saísse vitoriosa.

Ou derrotada.

Ela não tinha o endereço exato da casa de praia de John, mas a mãe dela tinha dito que ficava na mesma rua de uma das antigas casas de fazenda que tinham visitado um tempo atrás. A espada brilhou e Kylie sentiu que ela poderia saber exatamente aonde estavam indo.

Pegando a arma, Kylie pôde jurar que ouvira algo se mexer na floresta. Ela olhou para trás, não viu nada, então quis ficar invisível e decolou.

Ela voou por cima do portão sabendo que o alarme iria tocar, mas nem olhou para trás. Burnett ficaria furioso. No entanto, sua intuição lhe dizia que ela estava certa. Viver ou morrer não era importante. Salvar sua mãe, sim.

Nesse momento, ela soube exatamente o que Mario queria dizer quando se referiu à sua fraqueza. O amor.

Fraqueza ou não, era a única coisa pela qual valia a pena morrer.

Kylie seguiu pela costa, passou pela ilha de Galveston, e continuou até a próxima ilhota. A Lua pairava no céu escuro, redonda e brilhante. O som do mar mudou com o vento e levou Kylie mais para perto. Ela encontrou a rua onde devia ficar a casa de praia de John e, enquanto avançava o mais

próximo possível do chão, a espada ficou mais brilhante. Quando se aproximou de uma grande casa amarela sobre palafitas, com um muro de quase três metros de altura ao redor da propriedade, instintivamente soube que a tinha encontrado. Ela observou que a casa ficava de frente para a praia, mas só tinha um portãozinho que se abria para a areia e o mar. Quem compraria uma casa na praia para fechá-la daquele jeito? Só alguém com medo de intrusos.

A espada parecia puxá-la para mais perto da propriedade. Nossa! Talvez ela e a espada falassem a mesma língua, afinal!

Kylie pensou em aterrissar do lado de dentro do muro, mas percebeu que John poderia ter um sistema de alarme igual ao de Shadow Falls.

Com o coração acelerado e o sangue borbulhando nas veias, ela disse a si mesma para ir mais devagar e pensar antes de fazer alguma coisa que pudesse arriscar a sua vida ou a da mãe.

Sem sair do lugar, deu uma olhada nos arredores. A vegetação era escassa em comparação com Houston e a área rural montanhosa. Palmeiras e alguns grandes oleandros com flores cor de salmão forravam o muro. Ela ouviu vozes ao longe. Correu até a sombra negra do muro, longe do brilho da Lua, e seguiu o muro alto ao redor da propriedade, até chegar mais perto das vozes. No mesmo instante, a luz da espada desapareceu como se para evitar que ela fosse vista. Mas a mão que segurava a espada ainda sentia o poder da arma, sua energia.

Depois de fazer uma ligeira curva, ela avistou uma garagem lateral e um portão de ferro. Avançou em silêncio até que se aproximou de outro grande arbusto. Espiando através de galhos e folhas, viu dois homens conversando atrás do portão. Guardas.

De que tipo?

Ela precisava saber com quem estava lidando. Apertando os olhos, ela se concentrou na testa dos homens — camaleões. Mas os padrões eram sombrios, quase negros.

Gente ruim.

Ela prendeu a respiração por um segundo, consciente do que ia enfrentar e conformada com isso.

O zumbido de um motor chamou sua atenção. O motor do Cadillac prata que estava ao lado dos homens tinha sido ligado. Outro som de motor encheu a noite enluarada. O portão rangeu e começou a se abrir. Ela observou das sombras um dos guardas entrar num carro branco.

Era sua chance. Talvez sua única chance. Ela tinha que entrar por aquele portão. Tinha que salvar sua mãe.

Então lhe ocorreu que podia ser tarde demais. Afastou o pensamento para longe, incapaz de aceitá-lo.

Desejando ficar invisível, consciente de que havia ali outros camaleões, ela apurou os ouvidos para saber se havia mais alguém no reino invisível. Os ruídos produzidos por outros camaleões invisíveis sempre pareciam mais próximos do que os outros.

Mais altos.

Só o silêncio ecoava nesse mundo extraordinário, mas, como ela, eles podiam estar ali em silêncio.

Escutando.

Ciente de que seus passos poderiam ser ouvidos, Kylie esperou até que o barulho do portão se abrindo ficasse um pouco mais alto, oferecendo a ela um pouco mais de vantagem. Quando o portão se abrisse alguns centímetros a mais, ela poderia deslizar para dentro.

Com a respiração presa, tentando pisar o mais leve possível, ela se esgueirou para dentro. Logo depois de atravessar o portão, ouviu outro barulho — um passo. Ela não era a única pessoa invisível.

Outro guarda apareceu a poucos metros. Ele olhou ao redor.

— Temos companhia? — perguntou o primeiro guarda de pé junto à porta.

— Será? Desligue o maldito portão para que eu possa ter certeza.

Sabendo que essa era a sua única chance, antes que ele desaparecesse de novo, Kylie disparou numa corrida mortal. Agachada atrás de um arbusto espinhento, percebendo que a chance de ser vista no reino visível podia ser menor do que a de ser ouvida na esfera do invisível, ela desejou aparecer.

O seu modo de proteção ainda estava superativo e ela percebeu que precisava de mais oxigênio. Ainda segurando a espada, fechou os olhos por um segundo e foi então que ouviu: um grunhido nervoso e profundo.

Merda. Eles tinham cães de guarda.

Abrindo os olhos, ela olhou para um focinho com dentes arreganhados e olhos amarelos brilhantes. A coleira preta com cavilhas revelou que ela estava certa, era um cão de guarda, mas o brilho selvagem em seus olhos lhe dizia que o animal era, pelo menos em parte, um lobo.

Kylie engoliu seu medo e farejou a respiração do animal. Ele levantou o focinho, mostrando mais os dentes. Seu rosnado se tornou mais baixo, mais intenso. As plaquinhas penduradas em sua coleira tilintaram e o barulho pareceu muito alto.

Olhando o animal direto nos olhos, ela apertou o cabo da espada. *Não me faça matar você. Minha luta não é com você. Eu tenho até uma certa devoção pelos lobos.*

Instantaneamente o animal recuou. Seus olhos amarelos nem pestanejaram. Ele se sentou, desviando o olhar dela. Kylie se lembrou do lobo com que ela se deparara em Shadow Falls e como ele tinha lhe mostrado submissão.

Kylie não entendia, mas usaria qualquer vantagem que tivesse agora. Porque precisava admitir, ela tinha a sensação de que precisaria disso.

Ela olhou para trás, onde os homens estavam no portão. Apenas um permanecia ali.

O outro tinha ido dar uma volta pelo reino do invisível. Ele poderia estar em qualquer lugar.

Desejando ficar invisível novamente, ela apurou os ouvidos. Ouviu passos na frente do arbusto. Eles ficaram mais lentos. Seu coração batia tão alto que ela tinha certeza de que ele poderia ouvi-la.

O cão-lobo se virou e saiu correndo do arbusto.

— Ah, é você seu vira-lata! — a voz do guarda ecoou do vazio. — Pensei que fosse alguma coisa.

Através das folhas, Kylie viu o homem aparecer. Ele avançou sobre o animal e chutou a perna traseira do cão. Com força. O cão ganiu e o sangue de Kylie ferveu pelo animal indefeso. Quando o

homem ensaiou outro chute, Kylie se abaixou, pegou uma pedra e a jogou nos arbustos à sua direita.

O homem se virou de repente e foi vasculhar os arbustos ao lado dela. Quanto mais perto ele chegava, mais difícil era respirar.

— Achou alguma coisa? — O homem da porta gritou.

— Acho que não — ele murmurou, e encaminhou-se para o portão. — Só aquele cachorro feio como o diabo.

Aquele cachorro feio como o diabo acabou de salvar a minha vida, Kylie pensou, o coração ainda acelerado com o impulso de proteção.

Quando o homem permaneceu visível e começou a conversar com o outro guarda, ela soube que era a sua oportunidade de se afastar, talvez encontrar um lugar para entrar na casa.

Tornando-se invisível novamente, ela avançou silenciosamente ao redor da casa, procurando uma entrada. O cão-lobo veio mancando na direção dela, confirmando sua suspeita de que ele podia vê-la.

Desejando ficar visível, ela estendeu a mão e tocou a perna traseira do cão. Ela sentiu a mão ficar quente. *Me leve para dentro da casa, amiguinho*, disse para o animal mentalmente, sem saber se ia funcionar, ou se ela estava simplesmente sendo otimista. Derek podia se comunicar com os animais. Talvez ela tivesse se transformado em *fae*.

O cão se virou e começou a andar sob os pilares que sustentavam a casa de praia. Ela começou a seguir em frente, mas o cão parou e olhou para ela quase como se dissesse, *Por aqui*.

Arriscando, ela seguiu o cão. Depois de contornar várias vigas, ela questionou sua decisão, mas então o cão parou no que parecia ser uma rampa que levava a uma portinhola para entrada de animais pequenos. Ainda invisível, ela tentou andar no ritmo do seu amigo canino. Não era nada fácil, carregando uma espada.

Ela acidentalmente bateu a espada na beirada da porta. Se alguém estivesse espreitando de dentro dessa dimensão invisível, teria ouvido o barulho.

Dentro da casa, ela parou e escutou. Nenhum som ecoou na escuridão. Ela viu alguns sacos de dormir e tigelas vazias de cachorro. *Aposto que eles não te dão comida direito, hein, rapaz?* Mas se os animais eram alimentados ali, isso significava que deveria haver uma porta para a casa. Se estava trancada era outra questão.

Observando o cômodo escuro, ela viu a porta. Acariciou o animal novamente. *Obrigada*. Levantou-se e estendeu a mão para a maçaneta. Ela girou na sua mão. Uma virada quase silenciosa do pulso. Ela inspirou, sentindo-se bem-sucedida até agora. Mas não ia enganar a si mesma, pois a parte mais difícil seria encontrar a mãe e fazê-la sair dali.

Tirá-la dali e também sair com vida.

A espada parecia vibrar em sua mão, como se a lembrasse de que escapar dali aquela noite não seria tão simples assim. Essa noite ela iria usar a arma, só que desta vez não seria um treino. Seria pra valer.

A princípio, Kylie pensou que todos na casa estivessem dormindo. Ela andou até uma grande cozinha, em seguida entrou numa ampla sala de estar com uma enorme lareira de pedra. Esse cômodo parecia ser o centro da residência. Havia uma porta para ambos os lados da casa. Ela viu uma luz no final de um corredor. Ouviu vozes. Atravessando o corredor na ponta dos pés, ela apurou os ouvidos para ver se conseguia ouvir a mãe.

Uma voz era clara: a de John. Uma segunda voz provocou calafrios na sua espinha. Ela sentiu o gosto de medo na garganta: Mario.

Não havia vozes femininas na conversa. Debatendo sobre o que fazer, decidiu procurar a mãe. Naquela hora da noite, ela deveria estar dormindo. Kylie se virou para o outro corredor, onde parecia haver quartos.

O primeiro cômodo parecia um quarto de hóspedes. Esperando que a mãe estivesse dormindo ali, ela abriu a porta. O quarto estava vazio e sinistramente silencioso.

Ela viu outro quarto no final do corredor e percebeu que era a suíte principal. Nesse momento, de algum modo ela soube que era onde a mãe dormia.

Onde dormia com John.

Dormia com o inimigo.

Mas Kylie estava ali para corrigir isso. Ela segurou firme a espada enquanto girava silenciosamente a maçaneta.

No leito havia uma forma familiar. A luz noturna lançava um brilho sobre a mãe. Kylie se lembrou de todas as noites, quando criança, em que ela entrava no quarto dos pais depois de ter pesadelos ou por causa de um nariz entupido. A mãe nunca ficava brava. Ela podia não ser um exemplo de carinho, mas estava sempre disposta a recebê-la. A raiva que Kylie sentiu por causa de toda a situação dos Brightens de repente pareceu insignificante.

Aproximando-se, ela ficou ao lado da cama.

— Mãe? — sussurrou.

A mãe não se mexeu, e por um segundo Kylie entrou em pânico, mas em seguida ela se virou na cama e respirou.

Olhando para a cômoda, Kylie viu uma taça de vinho. A luz noturna brilhou no cristal e revelou pequenas manchas de alguma substância no fundo da taça.

Kylie pegou a taça e a segurou contra a luz. Então teve certeza de que havia algo diferente no vinho que a mãe bebera — algo como comprimidos esmagados. John teria drogado a mãe dela?

Voltando a colocar a taça sobre a cômoda e sentindo outra onda do seu instinto de proteção circulando nas veias, ela apertou o punho da espada e se inclinou.

— Mãe!

A mãe se mexeu um pouco, mas não acordou.

Tocando o ombro dela, Kylie sacudiu-a levemente.

— Mãe, eu preciso que você acorde!

Os olhos da mãe se abriram.

— Kylie? O que você está... — Ela olhou em volta, como se não conseguisse se concentrar. Seria porque ainda estava sonolenta ou porque estava drogada? — Onde está...

— ...John? — Kylie concluiu para a mãe.

Respirando fundo, Kylie percebeu que ela não tinha tido tempo para descobrir exatamente o que dizer à mãe. Sem tempo para inventar algo inteligente, percebeu que teria que dizer a verdade.

Mas seria hora de despejar tudo? Será que a mãe conseguiria aceitar a verdade? Ou pelo menos parte dela?

— John? — a mãe chamou.

Kylie colocou dois dedos sobre os lábios dela, rezando para que não tivesse chamado alto o suficiente para ele ouvir.

— Não, você não pode...

— Meu Deus, o que é isso? — A mãe deu uma guinada para trás, com os olhos fixos na espada, que agora brilhava intensamente. Então fez uma cara estranha. — Isso é um sonho, não é?

— Mãe — Kylie tentou falar com calma. — John não é o que você pensa. Ele não é um cara legal e nós precisamos ir embora daqui.

A mãe desviou os olhos da espada e voltou a encarar Kylie.

— Você precisa parar de pensar nisso. Eu sei que dói, que seu pai e eu...

— Mãe, eu realmente preciso que você fique quieta e apenas ouça o que eu digo, ok?

A mãe franziu a testa e Kylie teve certeza de que ela estava parcialmente drogada.

— Como você chegou aqui? — Ela sacudiu um pouco a cabeça, como se estivesse tentando acordar. Então, olhou para a espada novamente. — Tem que ser um sonho.

— Vamos! — Kylie puxou a mãe da cama.

A mãe levantou-se, mas depois caiu de volta na cama. Kylie puxou-a novamente e desta vez notou que ela usava uma camisola sexy. Mas não tinha tempo para se preocupar com isso. Tinha que tirá-la dali.

Kylie pegou a mão dela e começou a caminhar até a porta. Mas um segundo antes de chegar lá, a porta se escancarou.

John estava ali parado, olhando para Kylie. Então, como se saído de um pesadelo, Mario apareceu ao lado dele.

Kylie empurrou a mãe para que ficasse atrás dela e estendeu a espada.

— Fique fora do nosso caminho.

A resposta de Mario foi um sorriso diabólico, cheio de maldade.

— Eu disse que você viria até mim.

— Quem é você? — a mãe perguntou, tentando passar na frente de Kylie.

Kylie puxou a mãe pelo braço e segurou-a de volta.

— E olha o que você trouxe! — Mario apontou para a espada. — Um brinquedinho para a gente brincar.

Capítulo Quarenta e Dois

Kylie não sabia o que fazer. Então fez a primeira coisa que lhe ocorreu. Apertando um pouco mais o braço da mãe, ela desejou que ela e a mãe ficassem invisíveis. A mãe gritou, obviamente, quando não foi capaz de ver a si mesma ou Kylie.

Sem poder se entregar ao pânico como a mãe, Kylie não hesitou e correu para a porta, esquivando-se dos dois homens. Infelizmente, a mãe foi arrancada das mãos de Kylie. Fazendo meia-volta, Kylie não conseguiu ver onde ela estava, mas ouviu-a ofegando, e percebeu que Mario tinha ficado invisível e agora estava com ela.

— Solte-a! — ela sibilou, desejando ficar visível.

Mario apareceu segundos depois com a mãe. A mão dele agarrou a garganta dela com tanta força que o rosto dela adquiriu um tom azulado.

Kylie levantou a espada.

— *Chame-o de covarde!* — A voz do espírito ecoou nos ouvidos de Kylie no mesmo instante em que o frio lhe causou um calafrio na espinha.

— *Insista para que ele lute com você como um homem.*

— Seu covarde! Largue a minha mãe e lute comigo como um homem! — gritou Kylie, rezando para que aquilo funcionasse.

Mario, com a mão ainda em torno do pescoço da mãe de Kylie, olhou para a garota, estreitando os olhos.

— Tudo bem. — Ele jogou a mãe para John.

Ela caiu aos pés do homem, com falta de ar. Ele a levantou, sem muita gentileza. Tudo o que Kylie queria era atacar. Esquecer a espada e usar as próprias mãos para partir os dois homens ao meio. A única coisa que a detinha era o espírito, repetindo as mesmas palavras várias vezes.

— *O poder que você tem está na espada. O poder está na espada.*

No momento em que a mãe conseguiu encher os pulmões de ar, ela se desvencilhou de John e investiu contra Mario. A mãe podia não ser sobrenatural, mas o amor materno também era algo muito poderoso.

Só não tão poderoso quanto a magia daqueles dois homens. John agarrou-a pelo cabelo.

— Pare de lutar, sua idiota!

Os olhos da mãe se arregalaram e ela os desviou em direção a John. Pela expressão dela, Kylie deduziu que, pela primeira vez, a mãe tinha visto John como ele realmente era: uma pessoa cruel, que o tempo todo a usara.

O coração de Kylie sofria pela mãe e ela rezava para que esses não fossem os últimos momentos da vida dela. Porque ninguém deveria morrer pensando apenas nos próprios erros. Consumida pelo

arrependimento.

Mario fez um gesto com a mão e uma espada apareceu.

— Eu vou te matar lentamente, e sua mãe vai poder assistir. Não vai ser divertido?

— Não! — a mãe de Kylie gritou.

John prendeu os braços da mãe atrás das costas e segurou-os ali, tornando sua luta inútil.

— Não aqui! — exclamou John. — Eu paguei mais de cinquenta mil por este tapete.

A mãe gritou novamente e John puxou-a contra ele.

— Cale a boca ou ela vai morrer mais cedo.

Mario olhou para o filho.

— O sangue só aumentaria o valor do tapete!

A mãe olhou para Kylie com lágrimas nos olhos. O espírito olhou para John.

— *Você vai apodrecer no inferno por tudo o que fez.*

Kylie só podia rezar para que o espírito estivesse certo e sua viagem para o inferno acontecesse em breve.

— Mas um pouco mais de espaço para brincar seria bom.

Mario moveu-se para ficar na frente de John e colocou a ponta da espada no peito da mãe de Kylie, olhando para a garota.

— Vamos sair daqui. Se você preferir não me seguir ou tentar fazer qualquer coisa idiota, eu vou matá-la. E com prazer.

A mãe de Kylie soltou um som horrível, um grito de terror puro. Quando ela olhou para a frente, Kylie viu o pedido de perdão nos olhos da mãe. Ela achava que ambas estavam condenadas a morrer ali, e Kylie não tinha tanta certeza de que ela estivesse errada.

— Eu vou seguir você — assegurou ela.

E ela fez isso. Ela o seguiu pelo corredor e pela sala de estar.

Mario acenou com a mão e os móveis recuaram, dando-lhes o cômodo inteiro para lutar. Kylie não tinha ideia de onde Mario havia conseguido seus poderes, mas ela podia ver que eles eram malignos.

— Me dê um segundo, quero assistir ao espetáculo. — John, arrastando a mãe de Kylie consigo, abriu uma gaveta, tirou dali um rolo largo de fita adesiva e envolveu os pulsos dela. Então fez o mesmo com os tornozelos. Com brutalidade, ele a empurrou contra a parede enquanto ela lutava com ele e implorava para que ele parasse. A risada do homem ecoou cruelmente. Ele rasgou outro pedaço de fita e tampou-lhe a boca.

Kylie assistia com horror e fúria, mal conseguindo reprimir o impulso de avançar sobre aquele arremedo de homem e arrancar seu coração negro.

— *Agora não. Ainda não. Paciência, paciência!* — o espírito sussurrou na orelha de Kylie. — *Há um plano e você deve segui-lo se quiser enganar a morte.*

Kylie não entendia o que o espírito queria dizer, mas não tinha tempo para refletir. O grito do espírito avisou-a bem a tempo de se defender do ataque de Mario. Ela baixou a espada para conter a

dele. O barulho soou em seus ouvidos, mas ela quase não ouvia mais por causa do sangue que zumbia através do seu corpo.

Ele veio para cima dela de novo e Kylie bloqueou golpe por golpe. Suas espadas retiniam, entrechocavam-se. Lucas teria ficado orgulhoso. Mas, por melhor que ela fosse em bloquear os golpes dele, ela nunca tinha a chance de partir para a ofensiva, pois estava ocupada demais se defendendo.

Embora não tivesse tempo de olhar, ela podia imaginar a mãe assistindo a tudo com horror. E por mais que tentasse não ouvir, os gritos desesperados dela chegavam aos seus ouvidos abafados pela fita.

— *Nos ajude!* — Kylie gritou as palavras em seu coração, clamando pelos anjos da morte, por Deus, por quem pudesse ouvir. À distância, o uivo do cão-lobo rompeu o ar, como se ele orasse por ela também.

— Não perca de vista a espada. *Atenção! Ele vai avançar por baixo desta vez.*

As ordens do espírito vinham rápidas. Kylie tentava ouvir e se esquecer de que essa era uma luta de vida ou morte. Ela recebia ordens e ouvia o barulho de metal contra metal.

Por um breve segundo, Kylie viu de relance o rosto de Mario. Ele sorria, como se estivesse simplesmente brincando com ela. Por quanto tempo ela conseguiria lutar assim? Como ela poderia ganhar?

— *Não pare de acreditar nos seus dons!* — o espírito gritou.

Então Kylie viu John aparecer atrás do pai com sua própria espada.

Dois contra um? As lembranças da visão de Lucinda encheram a cabeça de Kylie. No entanto, apenas um fragmento de medo entrou no seu coração. Não havia tempo para ter medo.

Como Lucinda na noite em que perdeu a vida, Kylie não pensava na morte, simplesmente lutava. Lutava com todas as suas forças e uma oração nos lábios.

Ela observou com repulsa quando John levantou o braço para trás e cravou a espada nas costas do pai. A lâmina mergulhou no peito do homem até o cabo. A frente da camisa ficou escurecida de sangue. Os olhos de Mario ficaram verdes brilhantes, pouco antes de a vida se esvair deles. Um punhado de vapor negro subiu como um nevoeiro da boca do homem.

Kylie sabia que era a alma imunda de Mario e do mal de todos os seus pecados. Então o som mais hediondo que Kylie já ouvira rasgou o ar como ratos guinchando e baratas se alimentando. Vários seres sombrios, sequazes do inferno, varreram a sala e levaram a alma negra de Mario com eles.

John puxou a espada, o sangue esguichando do buraco no peito de Mario. Com a espada não mais segurando o corpo, ele se desintegrou no assoalho.

A morte não era bonita.

* * *

Kylie olhou para o corpo, sua própria espada imóvel diante dela. Por que John tinha feito aquilo?

Será que ela tinha se enganado sobre ele?

Quando olhou para o rosto do homem, o sorriso frio que ostentava revelou que ela não estava errada.

— *Isso veio bem a calhar!* — exclamou o espírito. — *Você matou o homem que matou o seu filho.* — Ela aproximou-se dele, olhando-o nos olhos. Então seu olhar se deslocou para Kylie. — Não confie nele.

— Por que você fez isso? — ela perguntou a John, mantendo a espada em riste.

— Eu só estava esperando ele morrer para tomar o lugar dele. Essa foi apenas a oportunidade que eu procurava.

Kylie sentiu a vilania em seus olhos cinzentos.

— E agora? — ela perguntou.

— É óbvio, não é? — Ele sorriu. — Você tem escolha. Aceitar que você e sua mãe me pertencem. Você faz o que eu digo, e a sua mãe vive. Se não fizer, ela morre. — Ele lançou um olhar para a mãe dela, que o fitou com ódio.

— Acho que nós duas preferíamos morrer — Kylie disse. — Mas não planejo morrer agora.

— Acha que pode me vencer? Você não passa de uma criança com poderes que não consegue nem controlar.

Ele avançou com uma rapidez feroz. A espada num movimento febril. Ela mal conseguiu contê-lo.

— *Vá para a esquerda. Agora!* — O espírito gritava instruções.

Kylie lutava para se defender. Sua espada desceu, mas a dele veio mais rápido. Ela sentiu a ponta afiada da lâmina em seu braço esquerdo.

A picada e o sangue vieram em seguida.

Ela não diminuiu o ritmo. Não podia. Se desacelerasse, se tirasse os olhos da espada dele por um segundo, isso significaria a morte.

Para ela.

Para a mãe.

Então, ela sentiu o frio, o frio familiar do seu pai. Ele estava ali.

Mas era para ajudá-la ou levá-la com ele?

Um estrondo soou em algum lugar nas proximidades. Ela se forçou a não pensar nem se concentrar em outra coisa que não fosse a luta.

Então, um rosnado baixo vibrou na sala. Ela viu um lobo saltar desde o outro lado da sala. A boca escancarada, os dentes expostos, como se estivesse pronto para rasgar a carne. Seu amigo tinha vindo lutar com ela.

O reconhecimento veio num flash.

Não era o meio-lobo lá fora.

O lobo voando no ar em direção a John era Lucas!

John apontou a espada na direção da nova ameaça, pronto para perfurar Lucas no peito.

Usando toda a força que tinha, sentindo o sangue quente com a necessidade de proteger, Kylie

baixou a espada, interceptando a dele e derrubando-as das mãos do homem. John gritou com fúria, se esquivou de Lucas e estendeu a mão para pegar novamente a espada.

Antes que ele a alcançasse, Kylie o atingiu. Enterrou a espada na lateral do seu corpo. Então puxou a arma e começou a avançar contra ele novamente.

John caiu.

Seu corpo tremia.

Ele ofegava, sem ar.

O sangue gotejava da ponta da espada de Kylie.

Kylie olhou para Lucas, com os olhos em chamas, os dentes ainda arreganhados. Então, assim como antes, sons horríveis encheram a sala quando o demônio enviou sua horda para recolher a alma imunda que escoava da boca de John.

Soltando a espada, Kylie sentiu-se suja também por tirar uma vida. Em seguida, virou-se para a mãe, que ainda assistia à cena. A constatação veio rapidamente. Ela não tinha tirado uma vida, tinha salvado uma.

Caindo de joelhos, ela se esforçou para tirar a fita adesiva da boca da mãe.

Lucas, em toda a sua beleza lupina, aproximou-se dela. A mãe se encolheu como se estivesse com medo do lobo. Lucas roçou no braço de Kylie, encontrou seu olhar brevemente, então se virou e saiu. Kylie lembrou-se novamente do que a avó de Lucas tinha dito. *Você faz parte da missão dele, e ele da sua.*

— Mãe — disse Kylie. — Vai ficar tudo bem. — Ela terminou de puxar a fita da boca da mãe.

O grito dela ricocheteou nas paredes.

— Está tudo bem — disse Kylie novamente. — Está tudo bem. Agora fique quieta, para que eu possa tirar o resto da fita que está prendendo você.

Assim que Kylie tirou a fita dos pulsos da mãe, ela agarrou a filha e a abraçou. Abraçou-a forte e por muito tempo.

— Este é o pior sonho que eu já tive.

Kylie recuou e ficou indecisa sobre o que dizer, mas, em seguida, só balançou a cabeça e arrancou a fita do tornozelo da mãe. A mãe enrodilhou-se como uma bola, balançando para a frente e para trás, como se estivesse apenas esperando para acordar.

Kylie olhou para os dois corpos. Ela precisava chamar a polícia, não é? Olhou para a mãe e se perguntou como faria aquilo com ela balbuciando coisas sobre sonhos e lobos.

Em seguida, se lembrou de que, embora tivesse vindo sozinha, ela tinha amigos. Pegou o celular e começou a digitar o número de Burnett. Antes que seu dedo apertasse o botão de chamada, outro ruído encheu a sala. Um som suave e reconfortante. O som de água gotejando. O som da cachoeira. Uma sensação de calor e um sentimento de retidão e justiça invadiram o peito de Kylie.

O momento de tranquilidade foi abalado quando a mãe gritou de novo, com os olhos focados em algo atrás de Kylie.

— Ele... O quê? Como? — A mãe começou a recuar.

Kylie se virou, agarrando a espada, e rezando para que fosse apenas o pânico da mãe. Ela estava errada.

Capítulo Quarenta e Três

De pé diante de Kylie, totalmente materializado, estava seu pai. Não apenas totalmente materializado, mas mais brilhante do que nunca. O barulho da cachoeira ficou mais alto. Um murmúrio pacífico de água.

— Pai? — ela sussurrou.

— *Oi, filhota.*

— Oi.

Ele olhou por cima do ombro dela e franziu a testa.

— *Sua mãe desmaiou.*

Kylie olhou para trás.

— Ela teve uma noite difícil.

— *Você também.* — Ele apontou para o sangue na camiseta dela.

— É só um machucado superficial — disse ela, ou seria mais do que isso? Ela olhou para baixo perguntando se só estaria imaginando que o ferimento era pequeno e se seu pai estava ali para levá-la com ele.

O sangue tinha encharcado sua camiseta; não chegava a ser uma hemorragia, mas era o suficiente para que a sensação de paz diminuísse e fosse substituída pelo medo. Estranhamente, ela não temia por si mesma, mas que a sua morte entristecesse outras pessoas. Ou será que sua vitória sobre John e Mario resolveria isso? Seria simplesmente a sua hora de ir?

Olhando para cima, ela contemplou o pai, a visão um pouco turva com as lágrimas.

— Eu vou morrer? Os outros vão sofrer porque...

— Não, Kylie. — Ele foi até ela. As mãos segurando seus ombros, o frio que o acompanhava proporcionando um conforto ao qual ela dava as boas-vindas. — *Você tem muito ainda que viver, filha. Não estou aqui para levá-la. Estou aqui para ajudá-la a explicar isso à sua mãe.*

Ela piscou.

— Os anjos da morte lhe deram um pouco mais de tempo na terra?

— *Só um pouco mais, mas o que eles me ofereceram foi melhor. Eu tenho um lugar ao lado deles agora.*

Levou um segundo para Kylie compreender.

— Você vai ser um anjo da morte?

— *Vou, assim que ajudar você agora, pela última vez. Mas o melhor é que, de agora em diante, vou estar sempre cuidando de você. A sabedoria que você ouve em seu coração vai vir de mim, filha.*

Lágrimas encheram os olhos dela novamente. Ela percebeu então que ele tinha dito algo sobre

ajudá-la a explicar aquilo à mãe. Kylie estivera tão empenhada em salvá-la, que ainda não tinha pensado em como ia explicar o que acontecera.

— Como é que eu vou conseguir fazer com que ela aceite isso?

— *É por isso que estou aqui. Vamos fazer isso juntos.*

Então Kylie se lembrou.

— Ela viu você... antes de desmaiar.

— *Sim. Ela sempre sentiu a minha presença, mas agora me concederam energia suficiente para que ela pudesse me ver.* — Ele olhou em volta, franzindo a testa para os corpos sem vida. — *Mas, por enquanto, ligue para Burnett.*

Kylie pegou o telefone e discou novamente o número do vampiro.

— *Ela está quase acordando.* — Daniel apareceu. Kylie, sentada numa cadeira ao lado da cama, no quarto extra da casa de John, olhou para o pai.

A mãe estava desacordada fazia quase quatro horas agora.

Burnett e Holiday tinham aparecido minutos depois que ela ligara. E ele imediatamente chamou uma equipe para dar um jeito naquela bagunça. A UPF ia fazer com que parecesse um código vermelho, um acidente de carro.

Como eles fariam para que os ferimentos com espadas parecessem um acidente de carro, ela não sabia.

Nem queria saber.

Depois de chorar um bom tempo no ombro de Holiday, Kylie explicou o que tinha acontecido. Ela também contou sobre Daniel. Holiday ficou impressionada ao saber que Kylie teria uma conexão pessoal com um anjo da morte. Kylie quase lhe disse que ela teria preferido que o pai estivesse vivo ao lado dela, mas aquilo não dependia da vontade dela e ela se lembrou de que tinha muito que agradecer.

Quando explicou que Daniel estava ali para ajudá-la a explicar algumas coisas para a mãe, Burnett expressou a preocupação de que a mãe de Kylie não conseguisse aceitar a verdade. Kylie estava preocupada com a mesma coisa.

No entanto, quando ele sugeriu que trouxessem Derek para apagar a memória da mãe, Daniel apareceu e discordou.

— *Ela precisa saber a verdade* — Daniel insistira. Ele não deu nenhuma explicação, nem precisava. Kylie tinha que confiar em seu pai, mesmo quando seu coração temia a reação da mãe à notícia.

Foi Holiday quem ressaltou que a mãe de Kylie não era um ser humano normal. Sendo descendente de uma tribo indígena americana, ela tinha uma certa intuição no que dizia respeito a poderes sobrenaturais.

Assim, com a ajuda de Daniel, um futuro anjo da morte, Kylie se preparou para contar tudo à mãe. Mas ela não estava ansiosa por isso.

A mãe abriu os olhos. Concentrou-se em Kylie e então as palavras jorraram dos lábios dela.

— Eu tive o pior sonho da minha vida! — Ela se sentou e olhou em volta.

Kylie olhou ao redor também, sem saber se Daniel ainda estava visível. Ele não estava. Ela supôs que ele iria aparecer quando ela precisasse dele. Mas se sentia muito carente no momento. Olhando novamente para a mãe, Kylie soube no mesmo instante que ela tinha percebido que estavam na casa de John. Ela prendeu o fôlego.

— O que você está fazendo aqui?

Kylie pegou a mão da mãe.

— Você estava em apuros.

A mãe piscou, balançou a cabeça e caiu para trás, contra os travesseiros.

— Eu ainda estou sonhando.

— Não, mãe. Não foi um sonho.

— Foi, sim! Foi horrível, Kylie! Pelo menos partes dele foram. Você estava lutando e...

— Foi horrível. Mas não foi um sonho. — Kylie sabia apenas uma maneira de provar isso. Ela puxou a gola da camiseta para baixo e mostrou à mãe o corte. Provavelmente teria que levar alguns pontos, mas estava muito ocupada para se preocupar com isso. Claro, Holiday tinha visto o sangue na camiseta de Kylie e não sossegou enquanto não procurou algo na casa para limpar a ferida.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Você está... bem?

“Bem” era um termo muito vago, Kylie pensou. Não chegava nem perto de expressar o que Kylie sentia. Mas, ao mesmo tempo, as palavras lhe faltavam.

Ela tinha visto a mãe quase morrer estrangulada. Tinha sido forçada a lutar pela sua vida com uma espada reluzente. Tinha visto seu sequestrador matar o próprio pai. Tinha sido ferida por uma espada. Então fora obrigada a matar um homem.

— Sim — Kylie assentiu. — Eu estou bem. — Ela respirou e tentou se lembrar de como planejara contar a verdade à mãe.

— É claro que está tudo bem — a mãe deixou escapar. — É apenas um sonho.

Kylie apertou novamente a mão da mãe. Daniel havia dito que ia tentar entrar nos sonhos da mãe e ajudar a tornar tudo mais fácil. Será que ele tinha conseguido?

— Mãe, você se lembra de me dizer que pensou que havia algo meio mágico em Daniel?

A mãe concordou.

— Sim, mas...

— Bem, você estava certa. Ele tinha poderes mágicos. E isso fez com que eu também tenha.

A mãe agarrou os lençóis quando algo lhe ocorreu.

— Eu sonhei com ele, também! Ah, meu Deus! Isso não está fazendo sentido... — Ela se reclinou na cama e cobriu os olhos com as mãos.

— Vai fazer, mas você vai ter que me ouvir, mãe. — Ou talvez não fosse fazer sentido. Kylie não tinha levado semanas para aceitar tudo isso?

Ela fez uma pausa. A expressão “fazer sentido” era outro termo vago.

— Se lembra do perseguidor que eu pensei que tinha? Sabe, quando você me levou naquela terapeuta?

A mãe concordou, mas fracamente, quase como se estivesse prestes a desmaiar de novo. Então Kylie percebeu por que ela poderia de fato desmaiar.

— Respire, mãe.

A mãe encheu os pulmões de ar e Kylie continuou.

— Lembra que eu disse que ele vestia roupas do exército?

A mãe balançou a cabeça novamente.

— Eu sei agora que isso provavelmente assustou você porque.... Bem, meu pai não morreu no exército? Não foi essa parte que assustou você?

— Ele disse que você ia me contar tudo isso. O que está acontecendo, Kylie?

— Só o que papai lhe falou — Kylie disse calmamente. — Eu sei que isso parece loucura e sei que o que você... o que nós passamos aqui foi difícil, mas você tem que tentar acreditar.

Os olhos da mãe, fixados no ombro de Kylie, de repente se arregalaram. O frio surgiu no exato momento em que a mãe ofegou e Kylie soube que Daniel tinha aparecido. E se a expressão dela fosse uma indicação, Kylie tinha certeza de que a mãe podia vê-lo, também.

— Respire, mãe. — Kylie sentiu lágrimas nos olhos ao ver o olhar de perda que passou pelo rosto da mãe quando ela olhou para o homem que amara tanto tempo antes.

— O sonho que eu tive... você... — A voz da mãe vacilou.

— *Eu disse que você iria me ver.* — Daniel aproximou-se da beirada da cama. — *Agora, eu quero que você ouça a nossa filha. Ela vai explicar tudo a você melhor do que eu. Eu tenho que ir agora, mas lembre-se do que eu disse. Você vai encontrar o amor novamente. Não lute contra isso.*

Daniel se inclinou e beijou a mãe suavemente nos lábios.

— *Vocês foram os amores da minha vida* — disse ele.

Lágrimas toldaram os olhos da mãe novamente, quando Daniel se afastou. Ele olhou para Kylie e, em seguida, deu um beijo suave na bochecha dela.

Daniel olhou para a mãe e apontou para Kylie.

— *Temos uma bela filha, não acha?*

A mãe dela concordou.

Daniel olhou para Kylie.

— *Eu sempre vou estar por perto quando vocês precisarem.* — Ele desapareceu e Kylie enxugou as próprias lágrimas.

A mãe olhou para Kylie.

— Eu tive um sonho, ele me disse que tem cuidado de nós duas o tempo todo.

Kylie assentiu.

— Ele tem feito isso, mãe. Eu só comecei a vê-lo recentemente, mas ele sabia de muitas coisas da minha vida.

Kylie deslizou pela cama e abraçou a mãe, enquanto ambas choravam. Choravam por alguém que havia morrido anos atrás, mas de quem sempre sentiriam falta. Depois de vários minutos de lágrimas, Kylie contou para a mãe que Shadow Falls era um lugar para adolescentes com poderes mágicos, e falou sobre Mario e Roberto, e que John era na verdade o filho de Mario. Num tom suave, ela contou que eles tinham poderes mágicos, mas Mario e John eram na verdade adeptos de um tipo maligno de magia.

A mãe suspirou.

— Acabei de me lembrar. John não matou uma pessoa? Um homem? Onde está a polícia?

— Foi Mario. E, bem, Burnett cuidou disso.

A mãe pegou a mão de Kylie.

— Burnett de... da sua escola?

Kylie confirmou com a cabeça e percebeu que a mãe tinha parado de respirar novamente.

— Respire, mãe.

Ela suspirou e, em seguida, perguntou:

— Ele, este Burnett, é mágico também?

— Sim. — Kylie decidiu esperar um pouco antes de explicar sobre todas as espécies diferentes para a mãe. Vampiros, lobisomens e coisas assim poderiam assustá-la. E certamente também assustaram Kylie, pelo menos até que ela se tornou amiga de um e se apaixonou por outro.

A mãe fechou os olhos como se estivesse tentando se esquecer de algo, ou talvez tentando se lembrar.

— Havia um lobo e depois você matou... John. Oh, Deus, querida, você teve que matá-lo. O que a polícia vai dizer? — Ela se sentou na cama. — Vamos dizer que fui eu que o matei. Você me ouviu? Eu o matei, não você.

O coração de Kylie se encolheu diante da disposição da mãe de confessar o assassinato por ela. Como, Kylie se perguntou, um dia ela podia ter duvidado de que a mãe a amava?

— A polícia não vai aparecer. Burnett trabalha para uma organização como o FBI. Ele está cuidando disso para nós. Isso significa que você não pode nunca falar sobre isso a ninguém.

A mãe assentiu e, em seguida, se inclinou mais para perto.

— Mas, Kylie, como Burnett vai explicar os corpos? As pessoas vão saber que eu estava namorando John.

— Burnett está cuidando disso também.

Ela afundou de volta nos travesseiros.

— Vai levar um longo tempo para eu acreditar nisso.

— Eu sei — disse Kylie. — Eu levei, também.

Na manhã seguinte, segunda-feira, era Dia do Trabalho. Kylie desceu cedo e começou a preparar o café da manhã para ela e a mãe. Kylie tinha ficado com ela, e teve que lembrá-la muitas vezes de respirar. Elas dormiram na mesma cama durante toda a noite. Conversaram até de madrugada.

A mãe fez um monte de perguntas. Algumas respostas difíceis foram necessárias.

Sim, Kylie entrou na questão das espécies. Vampiros e lobisomens foram os mais difíceis de explicar, por causa do medo instintivo que as pessoas têm devido a todo o folclore em torno deles. Kylie contou para a mãe que ela era um camaleão, e decidiu esperar até mais tarde para explicar que isso significava que ela na verdade tinha um pouco de todas as espécies.

No fim de semana, Kylie também tinha falado com Della e Miranda.

Della ficou furiosa por Kylie ter desaparecido durante o plantão dela novamente.

— Está começando a pegar muito mal para mim! — disse Della.

Kylie prometeu falar com Burnett e assumir toda a culpa.

Miranda lembrou Kylie da promessa dela de nunca ir embora de Shadow Falls, e Kylie assegurou-lhe de que ela já estava voltando. E aquele dia era o grande dia: o casamento de Burnett e Holiday.

Ela e a mãe iriam mais cedo para ajudar nos preparativos.

Lucas tinha ligado para Kylie três vezes. Ele estivera hospedado na casa do tio desde a Lua cheia. Pelo visto, um funeral era uma cerimônia de vários dias para os lobisomens. E hoje, antes do casamento, Lucas tinha seu encontro com o Conselho, como estava previsto. Ela tinha se oferecido para ir junto, mas ele disse que precisava fazer aquilo sozinho. Ela pediu a Deus que ele fosse aceito.

Não que isso fosse mudar alguma coisa entre eles. Como a avó dele dissera, eles faziam parte das missões um do outro — missões que estavam em curso desde que tinham se conhecido anos atrás. Algumas coisas simplesmente faziam parte do destino.

Kylie esperava que fosse verdade o que Daniel havia dito sobre a mãe encontrar um novo amor. Infelizmente, Kylie tinha a sensação de que não seria seu padrasto. Ela tinha na verdade falado com Tom Galen aquela manhã. Havia passado uns vinte minutos fazendo planos para a viagem de verão. Antes de desligar, ela lhe disse que o amava, e estava falando sério. Mesmo sabendo que ela teria Daniel como anjo da guarda, seu padrasto tinha um lugar cativo no seu coração e sempre teria. Ela sabia que Daniel não ia querer que fosse de outra maneira.

Kylie foi até a geladeira para pegar os ovos. O vapor subiu da embalagem de uma forma estranha.

— *Adivinhe o que aconteceu!*

Kylie reconheceu a voz do espírito.

— O quê?

— *Eles não vão me mandar para o inferno!*

Kylie olhou para o espírito sentado na bancada de sua mãe e sorriu. Ela usava um belo vestido, sem cortes e sem sangue, e tinha deixado a espada para trás, também.

— Você vai para o céu?

— *Não, bem, ainda não. Eles estão me dando uma segunda chance. Você sabe, vou ter que fazer um trabalho para eles para compensar todas as minhas transgressões. Então, se eu ganhar o direito, vou para lá. Eu vou ficar com o meu menino.* — Ela sorriu, radiante.

Kylie sorriu para ela.

— Eu gosto de segundas chances. — Ela fez uma pausa.

— *Você sabe por que eles estão me dando essa segunda chance?*

— Por quê? — perguntou Kylie.

— *Porque eu amava o meu filho.*

Kylie sorriu e se lembrou de que Mario tinha chamado aquilo de fraqueza, e, no entanto, fora exatamente isso que o levava à derrocada.

— É um sentimento poderoso — disse Kylie. E ela pensou em todos os amores que ela tinha em sua vida. Sua família. Seus amigos. Lucas.

— *Eu tenho que ir agora* — o espírito disse, sua imagem já desaparecendo.

— Foi bom te conhecer — disse Kylie.

— *Você também.* — A voz desvaneceu-se com o último resquício de frio. Kylie concentrava-se novamente no café da manhã, quando a mãe entrou na cozinha.

— Com quem você estava falando agora há pouco?

Kylie refletiu um instante se deveria falar a verdade e resolveu adiar.

— O telefone tocou a manhã toda.

— Quem ligou? — a mãe perguntou enquanto pegava uma xícara de café.

— Papai, Lucas e Sara — disse Kylie.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Seu pai?

— Tom — Kylie esclareceu.

A mãe assentiu.

— Eu acho... que seu pai não iria usar um telefone para falar com você.

Kylie sorriu.

— Acho que não.

A mãe se serviu de café e acrescentou uma colher de creme à sua xícara.

— Esse rapaz, Lucas... ele é... importante pra você?

Kylie assentiu.

— Sim, muito. Eu o amo.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Você dois já... você sabe...

A mãe ainda não conseguia dizer a palavra “sexo”.

— Ainda não — disse Kylie. — Mas vai acontecer em breve.

A mãe concordou com a cabeça.

— Você provavelmente vai consultar um ginecologista antes, para se informar sobre...

— ...métodos anticoncepcionais — Kylie terminou por ela.

A mãe assentiu.

— Vou — tranquilizou-a Kylie.

A mãe respirou fundo como se a conversa tivesse sido penosa, então perguntou:

— Sara vai vir te ver antes de você voltar?

— Não, ela está em Nova Orleans numa reunião de família. Foi para me dizer isso que ligou.

Para me dizer isso e que as tias estavam quase sufocando-a ao abraçá-la com seus peitos enormes.

A mãe riu e, em seguida, sua expressão ficou aérea. Ela só ficou ali, olhando para seu café, mexendo-o sem parar. O barulho da colher contra a lateral da xícara parecia o único ruído no cômodo. Ela finalmente olhou para Kylie, a preocupação estampada no rosto.

— Quando eu levei Sara para visitá-la em Shadow Falls, ela me disse que você a curou. Você não a curou de fato... curou?

Ok, Kylie não poderia esconder tudo da mãe.

— Sim.

Kylie continuou ocupada com a rabanada, fingindo que aquilo não era grande coisa.

— Existe alguma outra coisa que você pode fazer? — a mãe perguntou, com respiração presa, na expectativa.

— Não é melhor eu contar um pouquinho por vez? — disse Kylie.

A mãe soltou um suspiro profundo que pareceu de alívio.

— Boa ideia!

Capítulo Quarenta e Quatro

A caminho de Shadow Falls, Kylie levou na mão o celular, à espera de uma mensagem ou ligação de Lucas. Será que ele tinha convencido o Conselho? Será que não? Se não tinha, será que ele já ia começar a guardar rancor dela? Ah, ela sabia que ele tinha dito que isso não iria acontecer, mas ela também sabia como isso era importante para ele.

Era por volta das três da tarde quando elas estacionaram em frente à placa “Colégio Shadow Falls”. Holiday e Burnett receberam Kylie e a mãe no portão. Trocaram abraços, e a mãe dela até pareceu receptiva a eles. No entanto, quando ela começou a atravessar o portão, começou a andar mais devagar.

— Algo errado? — perguntou Burnett.

— Só estou um pouco nervosa — a mãe respondeu. — Quero dizer, não sei se estou pronta para encontrar vampiros ou lobisomens.

Burnett olhou para Kylie, que encolheu os ombros como que dizendo que ela não tinha contado à mãe quem era o quê. Ele olhou para a mãe dela e sorriu.

— Não se preocupe, eles não são tão intimidantes quanto imagina.

— Havia algum nas reuniões dos pais? — ela perguntou, parecendo hesitante.

— Alguns — disse Burnett.

Kylie revirou os olhos, sabendo que a mãe surtaria quando soubesse que Burnett era um vampiro.

— Então o que devemos começar a fazer? — a mãe perguntou, olhando para Holiday como se quisesse esquecer toda a questão sobrenatural. — Quero dizer, viemos mais cedo para ajudar nos preparativos.

Holiday levou-as até o lugar onde seria a cerimônia. Vários alunos já estavam ajudando a arrumar as cadeiras.

Na primeira oportunidade que teve para sair de perto da mãe, ela perguntou a Holiday:

— Você já teve notícias de Lucas?

— Não, ele ligou mais cedo e disse que a reunião com o Conselho ia atrasar um pouco. Ele estará aqui em cerca de uma hora. Mas não pode se atrasar — disse ela. — Ele é um dos padrinhos de Burnett. — Pela primeira vez, os olhos de Holiday se estreitaram de preocupação. Ela estendeu a mão por cima do ombro e torceu o cabelo. Em seguida, deu um soluço.

Holiday olhou para a mãe de Kylie.

— Como é que ela está se saindo?

Kylie viu a mãe conversando com Chris, sem noção de que estava conversando com outro vampiro.

— Melhor do que eu pensava. Naturalmente, quando descobrir que já conversou com dois

vampiros, vai ter um ataque.

Holiday sorriu e depois ficou séria.

— Como você está se saindo?

— Melhor do que eu pensava, também. — Kylie sorriu. — Mas vou ficar melhor quando Lucas chegar.

— Vou me sentir melhor, também — disse Holiday.

— Onde estão Della e Miranda? — perguntou Kylie, esperando vê-las por ali.

— Elas foram de carro até a cidade para pegar o bolo e as flores para a recepção. Se começarem uma discussão e derrubarem o bolo ou coisa assim, eu vou fazer uma cena. Juro, nunca vi duas meninas gostarem tanto de uma briga quanto elas.

Kylie sorriu.

— É, mas elas se adoram. Mas chega de falar dos outros. Você não deveria estar imersa numa banheira, relaxando para o grande momento?

Holiday sorriu.

— Acredite ou não, essa coisa toda com a sua mãe tem sido uma bênção. Fiquei mais preocupada com vocês duas do que com o casamento.

A próxima hora passou voando enquanto Kylie e a mãe acabavam de ajudar a colocar as cadeiras no lugar e a decorar o refeitório para a recepção.

Kylie tinha feito uma pausa e enviado uma mensagem a Lucas, mas ele não tinha respondido. Ela também não tinha visto Della e Miranda, e estava preocupada.

De repente ouviu gritos. Os gritinhos muito familiares de Della e Miranda. Kylie colocou os braços ao redor das suas duas melhores amigas e isso se transformou num abraço coletivo.

— Eu já disse o quanto amo vocês? — ela perguntou.

— Sim — disse Della. — E só vou deixar você ficar toda sentimental agora porque ouvi dizer que você arrasou ontem à noite.

Kylie deu um passo para trás e sorriu.

— Eu arrasei mesmo!

Kylie, Della, Miranda e a mãe tinha ido à cabana para se arrumarem para a cerimônia. Kylie estava animada por poder compartilhar a companhia de Della e Miranda com a mãe. Ou teria ficado se ainda não estivesse preocupada com Lucas. Onde ele estaria? O medo de que ele não tivesse conseguido e não quisesse enfrentá-la oprimiu seu coração. Kylie deixou o banheiro, onde todas estavam se maquiando, para verificar se havia alguma chamada perdida no celular.

— Você sabe que o telefone nunca toca quando a gente está olhando pra ele — Della comentou, enquanto seguia Kylie.

Kylie ergueu o olhar.

— Eu só estou...

— ...preocupada. Eu sei. Mas minha intuição diz que ele está bem.

Kylie olhou para a amiga vampira.

— Desde quando você é tão positiva?

— Desde que fui obrigada a dividir minha cabana com uma garota pra lá de otimista. — Ela sorriu.

Kylie riu e a abraçou. Poucos minutos depois, ela, a mãe e suas duas melhores amigas foram para o local da cerimônia. Elas tinham dito a Holiday que chegariam trinta minutos antes para ajudar a receber os convidados.

Kylie quase mandou uma mensagem para Holiday para perguntar se ela tinha recebido notícias de Lucas, mas decidiu não preocupar mais a noiva no dia do casamento.

As quatro tinham acabado de fazer a última curva quando Kylie o viu.

Ele caminhava lentamente em direção a elas. Seus olhos azuis, escuros e ardentes, estavam fixos nela. Obviamente vestido para o casamento, ele usava um paletó azul-marinho, calça da mesma cor e uma camisa branca. Não havia nada nele que não estivesse perfeito.

Kylie não tinha percebido que parara de andar até a mãe se inclinar e sussurrar:

— Respire, Kylie. — Havia um tom de provocação na voz dela. — Esse é o seu Lucas, não é? — ela perguntou.

Eu com certeza espero que ele seja meu! Lucas parou em frente a ela.

— Mãe, você se lembra de Lucas, não é? — perguntou Kylie, sem conseguir tirar os olhos dele.

— Por que não damos a estes dois um minutinho? — sugeriu Miranda.

A mãe de Kylie parecia nervosa.

— Claro, contanto que... não haja vampiros ou lobisomens por perto.

Della tossiu para encobrir a risada.

— Não se preocupe — Lucas disse. — Eu vou protegê-la.

E ele protegeria mesmo, Kylie pensou. Ele a tinha protegido. Salvara a vida dela.

— Ah, mas eu só estava preocupada comigo — a mãe esclareceu. — Kylie é amiga deles. E tenho certeza de que vou acabar me acostumando com eles também, mas o pensamento ainda me assusta.

— Eu entendo — disse Lucas, desviando os olhos para Kylie.

Quando sua mãe, Della e Miranda se afastaram, Kylie ouviu a mãe dizer:

— Será que eles só saem à noite?

Kylie revirou os olhos para Lucas e se aproximou dele:

— Eu não sei como ela acha que eles são.

— Não se preocupe — disse ele. — Ela vai se acostumar com a gente. A filha se acostumou.

Kylie sorriu.

— Por que você não respondeu a nenhuma das minhas mensagens? Eu estava morta de preocupação.

— Tive que desligar o celular e, quando saí de lá, já era tarde e... eu queria contar pessoalmente.

— Você entrou para o Conselho?

Os olhos azuis dele brilharam com um sorriso.

— Sim. — Ele olhou por cima do ombro, como se estivesse se certificando de que a mãe dela não estava olhando. Então a puxou contra si e a beijou. Um beijo suave.

— Eu tenho uma coisa pra você — ele sussurrou, seus lábios respirando as palavras contra os dela.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou dali um anel. Um anel de ouro com um grande diamante. Um belo diamante em forma de lágrima, que mais parecia um anel de noivado. Kylie perdeu o fôlego.

— Este anel era da minha avó. Na carta, ela escreveu que você devia ficar com ele. E antes de você começar a entrar em pânico, deixe-me dizer que eu sei que talvez sejamos jovens demais para assumir um compromisso. É por isso que eu trouxe isso também. — Ele tirou do bolso uma corrente de ouro. — Eu quero que você o use nessa corrente. Vamos chamar isso de promessa, uma promessa de que, quando você colocar um anel nesse dedo... — ele passou a mão pela mão esquerda dela — esse anel vai ser o meu.

A emoção provocou um nó na garganta de Kylie.

— Você não tem que me dar nada para que eu faça essa promessa.

— Talvez — ele disse enquanto colocava o anel na corrente e se aproximava dela para colocá-la em volta do seu pescoço.

— Mas esse é apenas um pequeno lembrete para todos os Dereks do mundo de que você está comprometida.

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou novamente. Desta vez, ele a puxou para a orla das árvores e aprofundou o beijo. Um beijo cheio de promessas. Promessas de mais beijos... e de um pouco mais. Ela deslizou a mão por dentro do paletó e envolveu a cintura quente do namorado. O zumbido vibrava através do corpo dele e ela ansiava por se entregar à tentação que esse som representava. Ela chegou perto de puxar a bainha da camisa de Lucas para fora e tocar suas costas nuas.

Ele se afastou, um pouco sem fôlego.

— É melhor eu levá-la agora para o casamento. Ou nós não vamos mais.

— Se eu não fosse a dama de honra, eu apoiaria essa ideia. — Ela arqueou uma sobrancelha em provocação.

Ele sorriu.

— Na próxima semana, vou fazer uma viagem a Dallas para começar a pôr em ordem os papéis da herança da minha avó. Você acha... Talvez você pudesse vir comigo... Podíamos ficar num belo hotel.

O coração de Kylie acelerou, sabendo o que ele estava pedindo, mas ela não hesitou.

— Parece perfeito.

Enquanto iam para a cerimônia, Burnett veio ao encontro deles. Ele parecia preocupado.

— Os Brightens estão aqui — disse ele.

— Para o casamento? — perguntou Kylie.

— Não, eles não sabiam do casamento; só vieram na esperança de vê-la. — Ele franziu a testa.

— E só para tornar as coisas mais difíceis, seu avô e sua tia também estão aqui. Eu posso simplesmente mandar todos embora ou convidá-los para o casamento. A decisão é sua.

Kylie olhou para a mãe conversando com os outros convidados, enquanto se acomodavam.

— Não, eu acho que já é hora.

Trinta minutos depois, Kylie estava em pé na frente de todos, à espera que Holiday caminhasse até o altar. Lucas estava do outro lado da fila, observando-a, acariciando-a com o olhar. Ela sabia que ele estava pensando na semana seguinte. Que Deus a ajudasse, mas ia ser difícil pensar em outra coisa.

Ao lado de Lucas, Burnett demonstrava agitação. Ela nunca tinha visto o vampiro daquele jeito. Ele parecia mais um garoto que precisava ir ao banheiro.

Quando Kylie lhe havia dito, um pouco antes, que ele parecia nervoso, ele respondeu:

— Claro! Estou morrendo de medo que ela perceba que pode se sair muito melhor do que eu.

A música teve início. Kylie olhou para a multidão. A mãe estava sentada ao lado dos Brightens. Ela tinha ficado nervosa diante da ideia de conhecê-los, mas Kylie assegurou-lhe de que eles iam gostar dela. Do lado oposto, estavam sentados o avô de Kylie e sua tia-avó, Francyne. Kylie tinha apresentado a mãe a eles, também. E poucos minutos depois, apresentou os Brightens a Malcolm Summers e à tia-avó.

Como ela não poderia dizer a eles que aqueles eram o verdadeiro pai de Daniel e sua tia, ela disse que eram amigos da família. O clima ficou estranho por apenas um segundo, mas então o avô apertou a mão do senhor Brighten e depois abraçou a senhora Brighten e lhes disse com sinceridade que era um prazer conhecê-los. Kylie tinha certeza de que seu avô verdadeiro era grato aos Brightens pelo amor que tinham dedicado ao filho.

Todos, naquela fileira, olhavam para Kylie e sorriam. Por mais estranho que fosse, eles pareciam uma grande família feliz. E eles eram a sua família. Kylie nunca tinha se sentido tão orgulhosa! E lá no fundo ela ouviu a voz do pai dizer, *Perfeito!*

Na fila atrás deles, Kylie viu Perry sentado ao lado de Miranda.

Kylie apostaria seu melhor sutiã que os dois já estavam planejando o seu próprio casamento. E ao lado de Miranda estava Della, que olhava para a fileira de cadeiras à esquerda. Olhava para Steve. Será que Della nunca iria aceitá-lo? *Sim, por alguns dias, Della tinha cedido um pouco, mas depois tinha voltado a rejeitar Steve novamente.*

Hayden, sentado ao lado de Jenny, sorriu para Kylie. À direita de Jenny estava Derek. Kylie não deixou de reparar no ombro dele pressionado contra o dela.

Aqueles dois tinham algo especial e mereciam isso.

O olhar de Kylie deslocou-se para a fileira dos fundos, onde estavam Fredericka e o novo professor. Kylie não tinha ouvido Holiday falar nada sobre a loba ter pedido para namorá-lo. Mas Kylie tinha a sensação de que algo de bom tinha acontecido a Fredericka.

Respirando fundo, Kylie sentiu o amor no ar. De repente, Holiday chegou e começou a percorrer o caminho entre as cadeiras. A “Marcha Nupcial” começara a tocar. Burnett olhou para ela, hipnotizado. Kylie não o culpava. Holiday, em toda sua glória *fae*, estava linda! Seus olhos verdes cintilavam. Sua pele praticamente brilhava.

Por alguma razão, Kylie se lembrou do dia em que seu padrasto saiu de casa, quando ela achou que aquele era o pior dia de sua vida e que tudo em seu mundo estava mudando, e nada mais seria igual.

Em parte ela tinha razão. Tudo havia mudado.

Tudo.

Algumas coisas tinham sido mais difíceis, mas a maior parte delas... Uau! Ela estendeu a mão e tocou o anel pendurado no pescoço e olhou para Lucas, que sorriu para ela. Depois articulou as palavras: “Eu te amo”.

Kylie sussurrou as mesmas palavras para ele e não conseguiu deixar de pensar que aquele podia ser simplesmente o melhor dia de sua vida.